"Um romance incrivelmente assustador e perspicaz."

– **Ray Bradbury**, vencedor do Prêmio Pulitzer e
escritor de clássicos de ficção científica, entre eles *Fahrenheit 451*



VISÕES DA MORTE

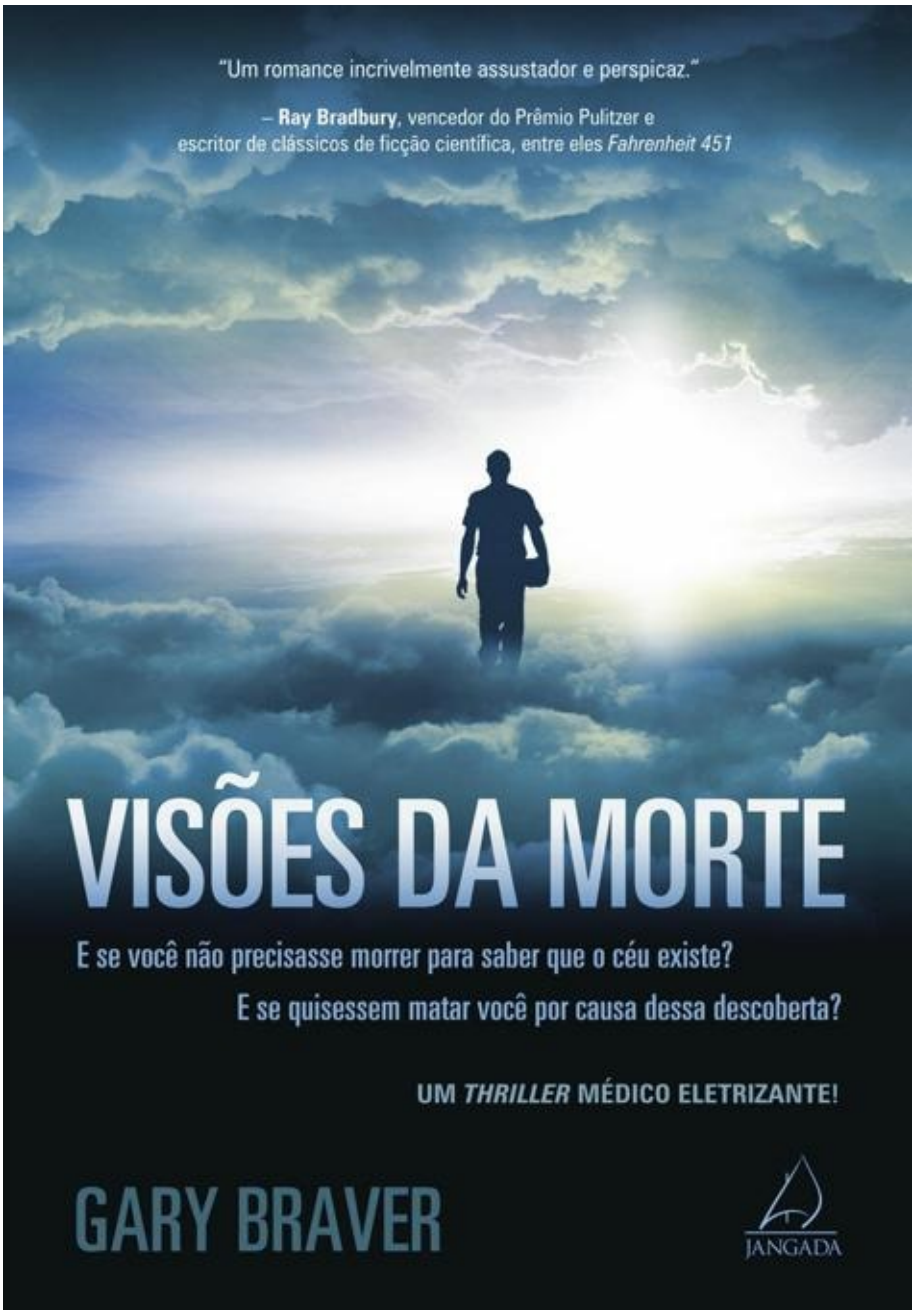
E se você não precisasse morrer para saber que o céu existe?

E se quisessem matar você por causa dessa descoberta?

UM *THRILLER* MÉDICO ELETRIZANTE!

GARY BRAVER

JANGADA



a

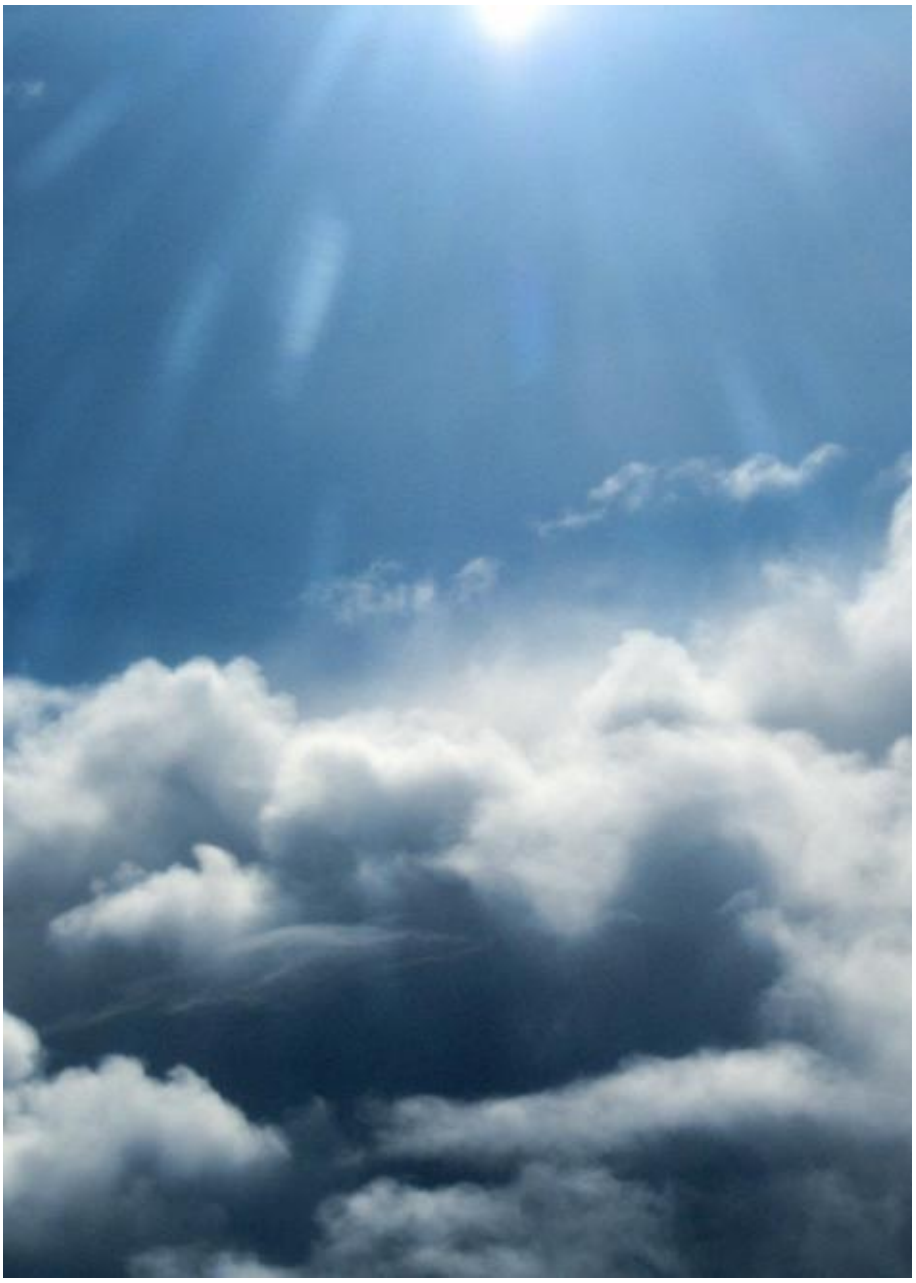
Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí

culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

VISÕES DA MORTE

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.



a

VISÕES DA MORTE

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e

possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.



a

PRIMEIRA PARTE

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

TRÊS ANOS ANTES

Karen Wells estava no computador atrás do balcão do pronto-socorro do

Jordan Hospital quando atendeu à chamada de uma ambulância. Eram

quase três horas da madrugada e os paramédicos estavam trazendo um

homem não identificado de cerca de 50 anos de idade, com sinais vitais

mínimos e possível parada cardíaca. Ela alertou as outras enfermeiras, o

médico de plantão, o doutor Brian Kennedy e dois residentes. Eles prepararam um cubículo vazio especialmente equipado para pacientes cardíacos.

Não fosse por isso, a noite até que estava tranquila – duas vítimas de acidentes não muito graves, uma overdose de drogas, um pé torcido, uma idosa sendo tratada de diarreia aguda –, atípico para uma noite de sábado na primavera. Apenas duas semanas antes, o lugar estava tumultuado, com a sala de espera lotada e pacientes de diversos graus de gravidade, de crianças a

idosos. A enfermaria estava muito quieta, quase

fantasmagórica. Então, a possível parada cardíaca receberia atenção imediata e completa.

Sete minutos depois da chamada, dois paramédicos invadiram o pronto-socorro com um homem inconsciente em uma maca, recebendo reanimação cardiorrespiratória. Levaram-no para o cubículo, e a equipe de reanimação transferiu-o para o leito, onde o entubaram em segundos e ligaram seu peito à máquina de eletrocardiograma.

– Vamos lá, cara. Aguenta firme! – disse o paramédico, ainda

executando a reanimação cardiorrespiratória.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Karen ajustou o manguito do medidor de pressão arterial em torno do braço do paciente, ao mesmo tempo que outra enfermeira inseria-lhe um cateter intravenoso.

– Merda! Pressão sistólica setenta.

– Não consigo sentir o pulso – disse Barbara, outra enfermeira.

O eletrocardiograma mostrava ritmo agonal – padrão lento e irregular, geralmente visto quando o coração está morrendo.

– Volte pra mim, amigo! – gritou o paramédico.

– Desfibrilador! – gritou o doutor Kennedy.

No mesmo instante, 4 mil volts foram descarregados no peito do paciente. Seu corpo arqueou para cima, mas sem recuperar o batimento cardíaco regular. Seguia sem pulso. Nada.

Continuaram a executar a massagem cardíaca e a aplicar choques no homem até que ficou claro que já não conseguiriam captar nele qualquer atividade eletromecânica. Então, o doutor Kennedy cravou-lhe uma agulha cardíaca com adrenalina entre a terceira e a quarta costela, diretamente no coração. Nenhuma resposta.

Prosseguiram com as manobras de reanimação, e o médico pediu outra injeção intercardíaca. Karen enfiou uma segunda agulha no ventrículo direito do coração do homem e comprimiu até o final o êmbolo da seringa, enviando-lhe outra dose de adrenalina.

De novo, nada. Nada de cristas e depressões na linha do ECG. Nada de pulso. O esfigmomanômetro já não conseguia medir a pressão arterial. Respiração insignificante. Temperatura corporal: 27,7 graus. A pele do paciente havia adquirido o tom irregular e azulado de um morto.

– Ele estava frio assim quando vocês o encontraram?

– Sim.

– Estava respirando?

– É difícil dizer. A pressão sistólica estava setenta, mas ele tinha pulso. Posso jurar.

– Bem, agora não tem mais – disse Karen.

– Viemos aplicando a reanimação cardiorrespiratória por todo o

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

trajeto.

– Onde vocês o encontraram?

– Uns jovens o avistaram no acostamento de uma estrada perto de White Cliffs e ligaram para o 911, e nós atendemos a chamada.

– Havia bebida ou drogas com ele?

– Não encontramos nada. Mas ele parece ser morador de rua.

Era um rosto como o de dezenas de outros pacientes que ela havia tratado ao longo dos anos, um mapa desgastado de uma vida desperdiçada: cinquenta e tantos anos, barba por fazer, pele manchada, pupilas dilatadas, olhos injetados. Um rosto parecido com o de drogados e alcoólatras crônicos. Vestia calças pretas que aparentavam ser relativamente novas. A camisa havia sido removida pelos paramédicos e permanecia sobre a sacola com os seus pertences. Seus pés estavam descalços e maltratados.

Ela não achou marcas de agulhas no braço. Entretanto, nas costas da mão direita havia uma picada na veia.

– Parece que ele injetou em si mesmo.

– Ou isso, ou vinha recebendo medicação intravenosa.

Não. Para Karen, o homem parecia usuário de heroína. Sua pele macilenta lembrava couro artificial, coberta de arranhões e cortes, como se insetos houvessem se banqueteado com ele enquanto estava ao relento.

– Está morto – disse Kennedy. – Hora da morte... 3h25.

Kennedy saiu, e os outros desligaram o homem dos monitores.

Enquanto Karen afastava o equipamento, mal se dava conta de como estava farta de ver gente morta. Em seus dezessete anos na emergência, vira todo tipo de causas de morte que podem ceifar seres humanos – parada cardíaca, afogamento, violência doméstica, tiroteio entre gangues, overdose de drogas, facada, incêndio, acidente de carro violento –, pessoas vivas, mas tão desfiguradas que era preciso procurar pelos membros para se ter certeza de que as carcaças eram humanas. Quando ainda estava na casa dos 20 anos, era muito mais difícil manter-se distanciada da chocante realidade da morte – ver os mortos não como seres humanos, mas como corpos, apenas cascas de quem haviam sido. Ela olhava para as vítimas e pensava que, pouco tempo antes, elas estavam vivas, respirando,

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

pensando, entidades animadas e insufladas por seja lá o que for que define a vida. E agora eram tecidos, órgãos e ossos em processo de decomposição. Como consolo, ela dizia a si mesma que as pessoas de verdade haviam partido, ido para um lugar melhor, onde o sofrimento havia terminado. Entretanto, mesmo depois de dezessete anos de enfermagem na

emergência, achava triste quando a vítima era jovem – até mesmo aquele cara, que morrera muito antes da expectativa média de vida. Mais triste ainda era o fato de ele não possuir uma identificação, nenhum nome para ela colocar na etiqueta no dedão do pé.

Ela e Barbara limparam o homem. Colocaram os sapatos e a camisa na sacola de pertences e depositaram-na sobre as pernas dele.

Desconectaram os monitores e deixaram o cateter arterial, o escalpe e a entubação para confirmação post mortem de que nada do que fizeram na emergência causara a morte do homem.

Como só um médico pode legalmente decretar a morte de um paciente, Karen saiu para verificar como estavam os outros pacientes.

Quando voltou, o doutor Kennedy já havia preenchido o atestado de óbito. A hora oficial foi registrada como ‚3h25'. Karen digitou os dados no computador. Mais tarde, o corpo seria levado para o necrotério, onde permaneceria até ser identificado e autopsiado.

Karen preparou a etiqueta para pôr no dedo do pé e dirigiu-se para o cubículo quatro, onde o desconhecido havia sido deixado na maca. A maca ainda estava lá, e os tubos e fios ainda estavam ligados ao soro e aos monitores, mas o corpo havia desaparecido.

Karen gritou para o balcão:

– Onde está o defunto da baia quatro?

Barbara ergueu os olhos da papelada. – Hein?

– O indigente. Não está mais lá. Alguém o removeu?

– Não. Do que você está falando?

Barbara juntou-se a Karen e ambas saíram pelo corredor procurando

as outras enfermeiras. Ninguém havia removido o homem. E o doutor

Kennedy disse que não havia tocado no corpo. Os serventes disseram a

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

mesma coisa.

– Quem o teria levado?

– Você acha que alguém o levou? – Barbara perguntou.

– Bem, ele não saiu andando sozinho. Alguém o levou.

Karen correu para o balcão da recepção no saguão do pronto-

socorro. A sala de espera estava vazia, e o atendente havia acabado de

voltar do banheiro e não tinha visto ninguém passar empurrando uma

maca com um cadáver.

Karen acionou a segurança, e em segundos um guarda apareceu.

– Demos por falta de um corpo – disse ela, explicando o que havia

acontecido.

– Quem diabo roubaria um cadáver? – perguntou o guarda.

– Isso é o que eu gostaria de saber.

Então, Karen foi até a sala da enfermagem, onde ficava o equipamento de vídeo de segurança. Ela digitou ,3h20' e apertou o botão de reprodução.

A imagem era de uma tomada distante das baias cardíacas. Às 3h27, o doutor Kennedy deixou o cubículo quatro. Dois minutos depois, Barbara e Karen também saíram para ver como estavam os pacientes nos cubículos contíguos. Então, Karen desceu o corredor até a ilha da enfermagem para inserir os dados do morto no computador. Não houve qualquer outra atividade até o relógio digital mostrar 3h43, quando um homem saiu do cubículo quatro.

Era o morto – o desconhecido atendido por Karen, cuja etiqueta de identificação ela trazia no bolso –, ainda nu da cintura para cima, ainda descalço, com os eletrodos do ECG ainda visíveis no peito – cambaleando pelo corredor vazio em direção à saída, sem pulso, sem batimentos cardíacos, sem pressão arterial, sem funções vitais, declarado morto oficialmente e andando por conta própria.

Karen assistiu àquilo com um grito sufocado na garganta.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda

n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

1

Sexta-feira, 28 de janeiro,

tempo presente

– Pensei que eu tivesse morrido e ido para o céu.

– E foi o que aconteceu, de fato. Dois valetes sorrindo para você da mão de Anthony e você compra outro. Contar não é o seu forte, né? – disse Damian. – Cara, você corre uns riscos muito doidos.

– Mas eu ganhei – Zack disse.

– Sim, por pura sorte. Pelo menos você não vai ter de apostar a grana da cerveja por uns tempos.

– Eu chamaria de grana do sangue. Descobri uma clínica que paga trinta dólares por doação.

– Você quer dizer que está vendendo seu sangue?

– Estou devendo 3.600 dólares no cartão de crédito, e eles estão

ameaçando me processar.

– Talvez fosse melhor você parar de jogar por dinheiro.

Passava um pouco de uma da manhã, e um manto de nuvens pesadas cobria o céu de Boston. Embora já estivessem em pleno inverno, a temperatura era superior ao ponto de congelamento e não havia neve nas ruas. Zack Kashian andou até a sua bicicleta, acorrentada a um poste de luz próximo ao local em que Damian Santoro havia estacionado o carro. Os dois acabavam de deixar o apartamento de um amigo, onde uma partida de Texas Hold'em[1] ainda estava em andamento. Depois de quatro horas, Zack conseguira uma mão elevada – um full house, três rainhas e dois valetes – e saíra do jogo com mais de 300 dólares, que lhe permitiram dar a jogatina por encerrada naquela noite.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

[1]. Variação mais popular do pôquer. (N. da T.)

– E quanto à sua mãe? – perguntou Damian.

– Ela acha que eu tenho um problema com jogo.

– E se recusa a apoiá-lo.

– Só que eu não tenho um problema com jogo. Tenho um problema com o fato de perder.

Atravessaram a Tremont Street em direção à bicicleta. O apartamento de Zack ficava na Hemenway, do outro lado do campus da Northeastern University. Como era muito perto, não se preocupou em colocar o capacete, pôs apenas um gorro de lã. Soltou a bicicleta e carregou-a até o carro de Damian.

– Seja como for, durma um pouco – disse Damian.

Zack bateu no bolso do peito:

– Graças a Anthony. Ele me vendeu metade do Lunesta[2] dele.

[2]. Sedativo usado contra insônia. (N. da T.)

– Talvez você realmente tenha um problema com jogo.

– Não estou conseguindo dormir por causa das minhas dívidas, não porque estou jogando.

– Isso é loucura. Está tomando empréstimos para pagar as suas dívidas. E agora está vendendo seu sangue. Estou dizendo, cara, você deveria largar essa jogatina on-line. Essa parada é perigosa.

Zack estendeu-lhe a mão.

– Obrigado, Dr. Phil. Ou será padre Damian?

Damian apertou a mão que Zack havia estendido para ele.

– Sabe do que você precisa?

– Não, mas você vai me dizer de qualquer jeito, não é?

– Você precisa considerar a ideia de encontrar Deus novamente.

– Eu nunca o encontrei, para começo de conversa.

– Pela primeira vez, então. Não precisa ser numa igreja. Apenas

procure um lugar em que possa encontrar a iluminação, algum tipo de

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

conhecimento espiritual.

– Vou pensar no assunto.

– Eu sei que não vai, mas eu gostaria que tentasse. Vou visitar um

templo budista no domingo. Você pode me acompanhar se quiser.

Damian era um cristão devoto que ia a diferentes igrejas na Grande

Boston toda semana. Às vezes, até mesmo em locais de cultos não cristãos.

– Tenho outro compromisso.

– Ah, sim... com os murmuradores de Deus.

Referia-se à Sociedade Humanista Secular a que Zack pertencia.

– Não somos murmuradores de Deus, cara. Não nos reunimos para

tirar sarro das religiões. Estamos planejando uma excursão ao Museu da

Ciência para crianças carentes. Se existe um Deus, ele aprovaria isso.

Os dois tinham sido colegas de quarto quando eram calouros na Northeastern. Apesar do fato de Zack ser um ateu convicto, eles fizeramamizade logo de cara, unidos em parte por provocarem um ao outro por causa de suas respectivas filosofias.

– Seja como for, você é muito racionalista. Precisa de iluminação.

– Serve o Foxwoods?

– Um cassino é a última coisa de que você precisa. – Damian deu-lhe um abraço e foi embora, e Zack pôs-se a pedalar para casa.

Zack nunca havia ido a um cassino. Preferia jogos caseiros e os sites de pôquer. Talvez além da conta. Em algumas semanas, chegava a acumular trinta horas nisso, faltando a aulas e ficando acordado a noite toda, jogando simultaneamente em várias partidas. Sim, ele ganhava dinheiro com isso, porque entrava em jogos de apostas baixas – mínimo de 25 dólares para participar. Muitas vezes, ganhava, mas levava horas para acumular uma quantia decente. Absorto nesses sites, não era difícil vez ou outra ele ser seduzido por um jogo de 250 ou 500 dólares. E todas as vezes ele tinha a intuição de que o dinheiro viria na próxima carta, dizendo a si mesmo que sua hora era agora. Mas este era o problema: deixar-se inebriar pela própria adrenalina, convencido de que bateria as probabilidades.

Diferentemente dos jogos cara a cara, nos jogos on-line não se pode

estudar as expressões faciais. Em vez disso, fica-se trancado em um

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

cubículo com uma deusa caprichosa e sombria chamada sorte e nem um

pouco de bom senso. E as dívidas com os amigos, o banco e o cartão de

crédito eram o que ele tinha como resultado. Talvez Damian estivesse

certo.

Você é um sem-noção de nascença, amigo... 24 anos, prestes a

completar 14.

Zack olhou para o céu, desejando que tivesse um pai a quem pudesse

recorrer para aconselhá-lo. Descartou a ideia e virou na Ruggles Street,

pensando que no dia seguinte iria ao banco de sangue do Massachusetts

General Hospital, esperando que a testagem para doenças não

denunciasse seu vício no pôquer.

Seu apartamento ficava a apenas alguns quarteirões da Huntington

Avenue. Mas uma garoa fria começou a cair, congelando seu rosto. Se a

temperatura baixasse mais uns poucos graus, a rua ficaria coberta de gelo.

Enquanto acelerava pela avenida, sentiu o maço de notas começando a

deslizar para fora do bolso. Ajeitou-o com a mão direita, empurrando-o para baixo. Mas isso o deixou apenas com uma mão para controlar o guidão sobre uma superfície irregular e escorregadia.

Em um instante que pareceu se prolongar, Zack percebeu o erro fatal.

O pneu da frente bateu na borda irregular de um buraco. No instante seguinte – como se estivesse em câmara lenta –, a roda dianteira virou para a esquerda e ele foi arremessado por cima do guidão, aterrissando impiedosamente, de cabeça, na base do sinal luminoso para pedestres.

Em uma fração de segundo, Zack percebeu que estava, de repente, olhando para baixo de algum ponto elevado, vendo-se contorcido ali no meio-fio, com a cabeça na base do poste e sua bicicleta caída de lado, a roda da frente em um ângulo maluco. Com um fiapo de consciência, sabia que estava vendo as coisas de uma perspectiva impossível. E, justamente quando tentava entender o que acontecia, mergulhou em total escuridão.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

—
—
—
—
—
—

a

2

Maggie Kashian estava imersa em um sono profundo quando o telefone tocou.

Ela despertou sobressaltada. No relógio digital brilhava a hora: 3h28.

Seu peito foi tomado pelo pânico. Nenhuma chamada depois da meia-noite era boa coisa. Não desde aquela noite, treze anos antes, quando fora informada de que seu filho primogênito, Jake, havia sido assassinado por dois brutamontes homofóbicos.

Por favor, faça com que seja uma ligação para o número errado, ela implorou para a escuridão enquanto pegava o telefone.

– Senhora Kashian?

– Sim?

– É a mãe de Zachary Kashian?

Ela sentiu um picador de gelo perfurar seu coração.

– Sim.

– Aqui quem fala é Kyle Kerr. Sou médico residente no centro de emergência do Beth Israel Deaconess Medical Center. Seu filho Zachary está aqui. Infelizmente, ele sofreu um acidente de bicicleta e está na nossa unidade de terapia intensiva.

– Oh, Deus, não!

– A boa notícia é que ele está vivo e respirando. Mas sofreu um

traumatismo na cabeça. Está inconsciente. Há alguém aí que possa trazê-

la para o hospital?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Ele vai ficar bem?

– Neste estágio, ainda não sabemos. Mas, se alguém trouxesse a

senhora até aqui, seria bom. Se não tiver alguém, podemos pedir que a

polícia local a busque.

– Seu estado é grave?

– Ele sofreu uma concussão e houve um sangramento subdural, que

estamos tratando.

– Não, Deus... Isso não está acontecendo.

– Sinto muito por estar ligando para lhe dar essa notícia... A senhora

pode conseguir alguém para trazê-la aqui?

Ela tentou se concentrar na questão. A única vizinha com quem tinha

intimidade era Ginny Steves, que estava passando o fim de semana fora.

– Não.

– Então, vamos chamar a polícia de Carleton.

Ela concordou e desligou. Mal conseguindo manter o controle, telefonou para sua irmã, Kate, que vivia no sul de Boston, para encontrá-la no hospital. Vestiu-se, e em poucos minutos uma viatura de Carleton apareceu diante da casa.

Maggie percebia apenas vagamente o trajeto que ia percorrendo – sentada em estado de choque na parte traseira da viatura, luzes piscando, sirene desligada, nenhuma conversa com o policial atrás do volante –, com a mente congelada pelo medo.

Vinte minutos depois, o carro parou na entrada da emergência. O oficial a escoltou até o balcão da recepção. Em questão de instantes, o médico residente, doutor Kerr, apareceu.

– Como ele está? – Maggie perguntou.

– A boa notícia é que não há ossos quebrados, nem danos à coluna vertebral ou hemorragias internas – respondeu o médico. – Garantimos sua respiração e estabilizamos a pressão arterial. Mas ele sofreu um traumatismo no lobo parietal – e o médico colocou a mão no lado esquerdo da própria coroa craniana. – Como a tomografia computadorizada mostrou hemorragia intracraniana, foi realizado um procedimento para baixar a pressão.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Um procedimento?

– Fizemos um orifício em seu crânio para aliviar o hematoma subdural

– o doutor Kerr prosseguiu, mas Maggie quase desmaiou imaginando o crânio do filho sendo perfurado pelos médicos. – Implantamos um parafuso de pressão para controlar o inchaço. É um procedimento normal para esse tipo de lesão. Também o estamos hiperventilando para manter a pressão sanguínea aumentada.

– Ele terá danos cerebrais? – Ela mal conseguiu articular as palavras.

– Neste estágio, é difícil dizer. Mas ele é jovem e saudável, e isso conta a seu favor. Entretanto, não podemos ter uma avaliação completa da lesão cerebral até o inchaço desaparecer. Ele está em coma induzido para diminuir a atividade cerebral. E iremos monitorá-lo intensamente para garantir que não haja mais inchaço.

Enquanto falavam, a irmã de Maggie, Kate, chegou. Elas se abraçaram, e Maggie contou a ela o que o médico havia dito.

– Eu quero vê-lo – disse Maggie. – Eu quero vê-lo.

– Claro.

– Como aconteceu? – Kate perguntou, enquanto caminhavam pelo corredor.

Um policial de Boston respondeu:

– Estava voltando para casa de bicicleta e passou por um buraco na esquina da Huntington Avenue.

– Estava a menos de um quarteirão de casa.

O policial assentiu com a cabeça tristemente:

– Não há gelo ou neve nas ruas, mas nesta época do ano elas ficam em péssimas condições.

Foram conduzidos à UTI e passaram por alguns leitos até chegarem a um cubículo. Quando afastaram a cortina, Maggie quase desmaiou horrorizada. Zack estava deitado na cama, com o rosto enfaixado e tubos e fios ligados aos pulsos, ao pescoço e ao crânio, conectados a monitores bipantes. Havia soro com medicação intravenosa pendurado acima dele e um tubo de cateter descia-lhe pela perna até o outro lado da cama. Seus olhos fechados estavam inchados e descoloridos, e ele respirava por um

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

aparelho ligado a um tubo endotraqueal. Seu braço direito também estava enfaixado em consequência da queda. Por um instante, Maggie não conseguiu processar a informação de que aquele era seu filho, e não um infeliz desconhecido. Então, ela desmoronou.

Uma enfermeira veio e colocou uma cadeira ao lado do leito para Maggie. Quando foi capaz de se recompor, pousou a mão no braço de Zack.

– Zack, é a mamãe. Estou aqui, querido. Vai dar tudo certo.

– A boa notícia é que ele permanece estável agora – disse a enfermeira – e seus sinais vitais são fortes.

Maggie assentiu. Então, gemeu para si mesma:

– Eu não posso perdê-lo.

– E não vai – disse Kate.

– Zack, você vai ficar bem. Vai acordar em breve. – Ao dizer isso, Maggie teve um flash de uma ocasião em que ela estava levando Zack para a escola primária.

Por favor, não me deixe perdê-lo, também.

Treze anos antes, o irmão mais velho de Zack, Jake, foi largado para morrer numa poça de seu próprio sangue, o rosto reduzido a uma massa disforme. Tinha ido a um clube de Cambridge, frequentado por gays, e foi atacado em um estacionamento escuro por dois brutamontes chamados

Volker e Gretch, que estavam entorpecidos de cerveja e maconha. Aparentemente, um dos homens lhe gritara insultos, que Jake ouviu e respondeu gritando de volta ,Vá para o inferno, idiota!' Então, os dois partiram para cima dele. Como as únicas testemunhas foram uma prima de um dos assassinos e seus amigos, todos mentiram, alegando que os dois estavam em outro lugar. Um advogado habilidoso conseguiu descartar análises de DNA, alegando que eram defeituosas. Após a absolvição, um dos assassinos disse que a justiça tinha sido feita, acrescentando que a morte de Jake era uma pena, mas podia ter salvado algum garotinho de assédio sexual.

A morte de Jake praticamente tinha levado também o marido de Maggie, Nick, que entrou em depressão profunda. No final, ele disse que

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

não poderia continuar levando a vida normalmente e renunciou ao mundo, juntando-se a uma ordem de monges beneditinos, no outro extremo do Estado. Eles se divorciaram e, ao fazê-lo, Nick deixou um vazio na vida do jovem Zack e Maggie cheia de tristeza e amargura. Fazia três anos que

Nick morrera por causa de uma parada cardíaca e fora cremado.

Volker e Gretch.

Mesmo depois de todos aqueles anos, até as sílabas dos nomes dos assassinos reviravam o estômago de Maggie.

Durante cerca de vinte minutos, ela e Kate permaneceram sentadas junto à cama de Zack, em silêncio. Então, Maggie disse:

– Eu nem sei mais dele. Desde que Nick morreu, Zack mal fala comigo. É como um estranho, como se fosse o filho de outra pessoa.

– Está por conta própria agora – disse Kate. – Ele está na faculdade, mora na cidade. Os filhos fazem isso. Crescem e vão viver suas vidas. Acontece a todos os pais.

– É mesmo? Ele só me contou semanas depois que ele e Amanda haviam se separado. Eu sou a última pessoa a saber o que está acontecendo em sua vida. Às vezes, sinto-me como alguém que não tem filhos.

– O que ele fazia andando de bicicleta no meio da noite, afinal?

– Estava jogando cartas na casa de um amigo. – Então, acrescentou: – Ele tem um problema com jogo. – Assim que as palavras foram pronunciadas, ela desejou não tê-las dito.

Kate olhou para ela com desânimo:

– Tem?

– Está com dívidas. Não sei quanto ele deve, mas está tentando livrar-

se delas jogando.

– Como você sabe disso?

– Contas e avisos de falta de fundos no banco costumavam chegar em

casa até que falei com ele. – Ela balançou a cabeça. – Sou uma péssima

mãe.

– Não, não é. E você não é responsável pelos problemas financeiros

dele.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Gostaria de acreditar em Deus para que pudesse orar. Realmente

gostaria.

Ao pé da cama, ela viu a mochila de Zack com seu laptop dentro. Ele

o levava aonde quer que fosse, porque tinha um prazo para concluir sua

dissertação de mestrado. O tema era a influência da teoria darwiniana

sobre Frankenstein, de Mary Shelley. Conforme havia explicado, estava

usando o argumento central de um dos primeiros ensaios de Darwin, de

que a vingança é o instinto humano mais forte, e aplicando isso para

entender as motivações dos personagens do romance. Seu principal argumento era de que a vingança tinha levado Victor Frankenstein a criar vida artificialmente, na esperança de derrotar a morte.

Maggie olhou para a mochila, lembrando-se de quanto ele se dedicara ao trabalho. Então, recomeçou a chorar. Kate colocou o braço em torno dela.

– Ele vai se recuperar.

Os olhos de Maggie vagaram pelos monitores, detendo-se no traço laranja do monitor cardíaco do filho. Enquanto se fixava nele, fez uma prece silenciosa, desejando que houvesse restado força suficiente naquele coração.

– A última vez em que estive aqui foi quando ele nasceu. Vinte e quatro anos atrás... 6 de junho, 19h11. Ainda me lembro de quando o entregaram para mim.

– Claro que lembra – disse Kate.

Zack tinha nascido uma semana mais cedo, enquanto Kate e seu marido, Bob, estavam na Califórnia a negócios.

– Você sabia que ele nasceu com uma coifa?

– Uma coifa?

– Parte do saco amniótico havia coberto a sua cabeça. A enfermeira se assustou. Acho que era novata e não tinha visto aquilo antes. O médico

rasgou o saco e removeu-o de seu rosto. Mais tarde, disse-me que em

tempos antigos uma coifa era um sinal de que o bebê teria poderes

místicos.

– Nunca soube disso.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Outros acreditavam que era um sinal de que a criança, ao crescer,

seria um demônio.

– E, como a maioria das lendas, é apenas isso, uma lenda sem sentido.

– Suponho que sim, mas desejava não ter ouvido isso. – Ela olhou

para Zack. – Talvez seja algum tipo de maldição ou algo assim.

– Perdoe meu vocabulário, mas isso é pura babaquice.

Maggie apertou a mão dela novamente.

– E se ele não acordar?

Por favor, traga-o de volta, ela rezou.

Mas, ironicamente, os assassinos de Jake mataram Deus para ela. Por

um ano ou mais ela prosseguira com sua vida no piloto automático, sem

vontade de nada. Finalmente, saiu do estado de luto quase mortal para

uma semiletargia, para cuidar de Zack. Três anos depois de Nick enfurnar-se em seu mosteiro, um irmão da mesma ordem, Thomas Albani, procurou-a com uma urna que continha as cinzas de Nick. Para agregar insulto à injúria, as cinzas foram depositadas em cima da lareira, a pedido de Zack.

– E se isso for castigo? – perguntou ela.

– Castigo por quê?

– Por não acreditar. E se isso for Deus vingando-se de nós?

– Meu palpite é que foi pura e simplesmente um acidente – disse Kate. – Você é uma professora dedicada que faz trabalho voluntário junto a crianças que sofrem maus-tratos. Se Deus está a fim de punir alguém, ele pegou a pessoa errada.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

3

Maggie passou a noite em uma cadeira ao lado da cama de Zack. Não

dormiu muito, cochilava e acordava aos trancos. Zack não se mexeu durante toda a noite – seu rosto pálido permaneceu inerte, os olhos selados. Seu único movimento era o subir e descer do peito forçado pelo respirador. Os únicos sinais de que ele estava vivo eram a pulsação e os traços dos monitores.

A certa altura durante a noite, o médico residente pediu-lhe para sair para que ele, um enfermeiro e um auxiliar examinassem Zack. Quando terminaram, o médico disse a ela:

– A boa notícia é que ele ainda permanece estável e não há sinais de hemorragia intracraniana.

– Graças a Deus – disse ela. – Mas quando ele vai acordar?

– Está em coma induzido, então é difícil prever. Ele sofreu uma grave concussão, portanto, temos de esperar até que a pressão e o inchaço cedam. Só então poderemos parar de administrar os barbitúricos e a ventilação mecânica.

A palavra coma gelou seu coração.

– Mas ele vai sair desta, certo?

– É o que esperamos.

– Quer dizer que ele ainda pode permanecer em coma real?

– Bem, há uma pequena chance, mas não esperamos que isso aconteça.

Ela estudou os olhos do médico e pensou ter visto outra possibilidade hedionda.

– E quanto a dano cerebral?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Não vemos sinais, nesta altura, mas ainda é difícil dizer – afirmou ele. – Mas vamos tratá-lo agressivamente.

Mais tarde, no mesmo dia, os médicos informaram que o inchaço no cérebro de Zack havia diminuído e que reduziriam os barbitúricos. Fora a melhor notícia até aquele momento. Por insistência de Kate, Maggie passou a noite em um hotel próximo, em vez de se deslocar até Carleton. Enquanto isso, Kate foi até a casa de Maggie e fez uma mala de roupas para ela.

Pouco antes do meio-dia, Damian Santoro ligou para Maggie e perguntou se ele, Anthony Lawrence e seu companheiro de quarto, Geoff Blessington, poderiam fazer uma visita a Zack. Ela concordou. Eles chegaram no início da tarde e sentaram-se em volta da cama, olhando incrédulos para Zack, que parecia um cadáver espancado na cama. Maggie

explicou como o acidente acontecera e resumiu o que os médicos haviam dito.

As notícias eram decepcionantes, mas eles encontraram consolo no fato de que Zack não havia sofrido nenhuma lesão interna.

Maggie olhou para os três.

– Vocês são os melhores amigos dele – disse ela –, e apreciarei se puderem ser francos comigo. Sei que ele joga mais do que deveria. Também sei que está em atraso no aluguel e em outros assuntos. Não quero pressioná-los, mas gostaria de saber se ele lhes deve dinheiro.

Eles se entreolharam, cada um esperando que o outro respondesse.

Finalmente, Anthony falou, sem firmar o olhar:

– Não, não muito.

– Quanto, exatamente?

– Não sei... talvez... 400 dólares.

Maggie olhou para Geoff.

– E a você, Geoff?

– Cerca de 350. Mas não tem problema.

– Damian?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Creio que um pouco mais de 600.

Maggie sentiu uma pequena pontada no peito.

– Vou cuidar disso. – Então, ela perguntou: – Além de pedir

empréstimos a todos vocês, como é que ele sobrevive?

– Não tenho certeza.

– Por favor, isso não é hora de encobri-lo. Ele está seriamente

endividado.

Houve certo desconforto e hesitação e, em seguida, Anthony disse:

– Acho que às vezes ele vende coisas.

– Vende coisas? Como o quê?

– Como seus livros. Vende-os de volta para a livraria. Roupas. Não sei

ao certo.

Maggie fez o possível para conter o choque. Ela enviava dinheiro a

Zack regularmente, e ele estava pegando emprestado com os amigos e

vendendo seus livros didáticos.

– Eu agradeço a sua franqueza. – Ela puxou o talão de cheques.

– Não precisa fazer isso, senhora Kashian – disse Damian.

– Obrigada pela generosidade de vocês – disse ela, enquanto

preenchia um cheque para cada um. – Por favor, sejam honestos comigo.

Vocês acham que ele... tem um problema com jogo? – Ela titubeou, quase

formulando a questão no passado.

Os olhos de Anthony se arregalaram demonstrando surpresa de forma

exagerada.

– Oh, não, nada disso. – E olhou para Damian e Geoff buscando

ajuda.

Eles abanaram a cabeça.

– Não jogamos todas as noites nem nada assim – disse Geoff.

– Mas algo deve ser a causa de todas as dívidas dele. Por favor, se

vocês sabem de alguma coisa, gostaria que me dissessem.

Após um silêncio constrangedor, Damian disse:

– Ele pode estar jogando pôquer on-line.

Ela balançou a cabeça concordando e imaginou Zack, altas horas da

madrugada, debruçado sobre seu laptop, alucinado por vencer as

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

probabilidades.

Como se estivesse lendo a mente dela, Anthony disse:

– Senhora Kashian, eu realmente não acho que ele tenha um problema com jogo. É mais porque ele está contra a parede e joga para pagar os credores. Mas eu realmente não acho que ele seja viciado.

– Oi – disse Kate ao entrar no quarto.

Ela cumprimentou os três visitantes e, em seguida, aproximou-se e beijou Zack na testa. Então, convenceu Maggie a descer para almoçar, deixando os três amigos acompanhando Zack. A ansiedade havia destruído o apetite de Maggie, mas ela percebeu que estava ficando zonza de fome.

Meia hora depois, elas voltaram para a UTI. Quando entrou no cubículo, Maggie soltou um grito.

– O que aconteceu?

Damian estava inclinado sobre Zack com a mão em sua testa.

– Estou apenas colocando água benta na testa dele.

– Água benta? – Por um apavorante momento, a figura de Damian espargindo a testa de Zack horrorizou Maggie, que pensou que Zack estava recebendo a extrema-unção.

– Ele está bem – disse Kate. – Ainda está dormindo. Olhe para os monitores.

Maggie olhou para eles abobalhada até que voltou a si. Então, virou a cabeça rapidamente para Damian:

– Por favor, não faça isso – disse ela. – Não somos religiosos.

Antes que ela pudesse continuar, Kate a interrompeu:

– É muita bondade sua, Damian. Obrigada. – Ela colocou o braço em

torno de Maggie, dando-lhe um apertão para refreá-la.

Maggie não disse coisa alguma, mas olhava para Damian e o pequeno

frasco com apreensão. Seu desprezo por todas as coisas religiosas era

palpável. E as pessoas religiosas deixavam-na desconfortável.

Uma enfermeira entrou no quarto.

– Está tudo bem aqui? – Ela ouvira a comoção.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Sim, está tudo bem.

A enfermeira examinou a todos e, em seguida, checou Zack, os

monitores, o soro e ajeitou-lhe as cobertas, enquanto um silêncio

constrangedor pesava sobre a cena como uma camada de gelo. Rompendo-

o, Kate perguntou à enfermeira se havia algo que ela pudesse fazer para

ajudar.

– Na verdade, seria bom se na próxima vez você trouxesse um par de

tênis.

– Tênis? – Maggie estranhou.

– Para proteger os pés dele. Que Deus não permita, mas, se a sua condição persistir, os pés dele vão se contrair. Nós os exercitamos, é claro, mas os sapatos evitarão que seus dedos se recurvem.

– Mas ele vai acordar, não vai? – As sílabas saíram engasgadas da boca de Maggie.

– Tenho certeza que sim. É apenas por medida de precaução.

Maggie assentiu e lançou à mulher um olhar duro para que saísse do quarto. Ela o fez, e um silêncio ameaçador recaiu no ambiente pelo horror coletivo de que Zack permanecesse em um estado de inconsciência por tempo indeterminado, usando Nikes para evitar que os pés se curvassem em garras. Depois de um tempo, Anthony acenou para Geoff e Damian e anunciou que eles estavam indo embora.

– Sem querer ofender – Damian disse –, gostaria de saber se, antes, poderíamos fazer uma pequena oração por Zack.

Antes que Maggie pudesse responder, Kate disse:

– Acho que seria muito bom.

Maggie concordou:

– Está bem. – Uma pequena oração não faria mal, disse a si mesma. E compensaria sua reação exagerada anterior.

– Obrigado – disse Damian. Em seguida, pediu a todos que dessem as

mãos ao redor da cama de Zack.

Aquilo era desconcertante, e Maggie sentiu-se um tantinho

desconfortável, sem saber se era culpa por seu afastamento de sua

educação católica ou por trair a sua convicção de que religião era uma

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

farsa.

– Unimos nossos corações para agradecer a ti, Pai Celestial, pela

salvação de Zack. Ele está em coma, e oramos para que mostres teus

poderes de cura recuperando-o...

Enquanto ele continuava, Maggie olhou ao redor do quarto. Anthony e

Geoff estavam com os olhos fechados, de mãos dadas com Kate, que

também mantinha os olhos fechados. Quando o olhar de Maggie pousou

em Zack, ela desejou que Damian acabasse logo com aquilo.

– Nós também oramos para que Tu protejas sua mãe e outros

membros da família e amigos e tragas-lhes conforto e esperança, enquanto

aguardam e sofrem na incerteza.

Involuntariamente, Maggie soltou um gemido de desespero.

– Sabemos que o Teu Espírito Santo pode operar milagres e pedimos que restaures Zack de seu sono para a concretização dos grandes planos que tens para ele. Nós te pedimos em nome de Cristo Jesus...

De repente, Maggie o interrompeu:

– Que milagres? Milagres não existem. Não há Deus. Só a sorte cega e estúpida. – Chorava livremente agora.

Damian hesitou por um momento, em estado de choque. Depois, em voz baixa, disse:

– A senhora realmente não pode ter certeza disso.

– Onde estava Ele quando Jake precisou, hein? Orei com todo o meu coração para Deus protegê-lo, e ele foi assassinado por dois monstros. Onde estava Deus, então?

– Talvez, para que as orações funcionem tenhamos de acreditar nelas.

– Eu realmente acreditava nelas, e ninguém as atendeu – ela soluçou.

– Eu tenho fé.

– Bem, eu não.

Kate tentou interrompê-la, mas Maggie continuou:

– Se orações funcionassem, todo paciente em coma no mundo acordaria. Todo paciente com câncer seria curado. Todo aleijado andaria.

– A cura de Deus nem sempre é evidente.

Kate tentou novamente interromper, mas Maggie não podia deixar de

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

falar, seu desespero transformara-se em raiva.

– Nunca é evidente. Mostre-me um verdadeiro milagre, faça Zack

acordar, e eu acreditarei.

– Sempre há esperança – disse Damian.

– Que best...

– Maggie, já chega!

Mas ela ignorou Kate:

– Se algo de bom acontece, as pessoas afirmam que sua prece foi

atendida. Se algo ruim acontece, é porque a sua oração não foi boa o

suficiente. É tudo uma farsa. Deus é uma farsa.

Um silêncio atônito caiu sobre o quarto enquanto os outros olhavam

pasmos para Maggie e Damian. Por fim, Kate colocou o braço em torno de

Maggie.

Maggie ergueu os olhos, viu a dor no rosto de Damian e sentiu a

maldade esvair-se dela.

– Sinto muito – disse ela. – Sua intenção foi boa. Eu só... – Mas não

conseguiu terminar a frase.

Damian deu um sorriso desanimado:

– Eu entendo, e sinto muito.

Maggie sentou-se na cadeira e escondeu o rosto entre as mãos,

enquanto os três visitantes murmuravam suas despedidas.

Damian colocou a mão no ombro de Maggie e disse:

– Ele vai acordar. Deus tem fé nele. – Então, saiu da sala, atrás dos

outros, e suas palavras ficaram ecoando na cabeça de Maggie.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

4

Roman Pace engoliu em seco:

– Perdoe-me, padre, porque pequei.

– Gostaria de confessar os seus pecados, meu filho? – disse o padre

Timothy Callahan.

– Sim, se o senhor me garantir que o que eu confessar será mantido em sigilo.

– Meu filho, os sacerdotes confessionais são obrigados pelo santo sacramento da penitência a jurar segredo. Seus pecados estão entre você e Deus, e eu sou um intermediário que não tem nenhuma obrigação legal de informar nada além deste confessionário.

– O senhor está dizendo que tenho a sua palavra? Porque eu não quero nenhuma repercussão.

– Sim, você tem minha palavra. Nossos votos são sagrados. Sinta-se livre para fazer a sua confissão, meu filho.

Houve um momento de pausa e o silêncio da igreja preencheu o espaço escuro.

– Sou culpado de assassinato.

– De assassinato?

– Matei nove pessoas.

– Você matou nove pessoas! Foi isso o que disse?

– Sim, padre, e eu sinto muito.

– Foi em combate militar?

– Não, não foi.

– Você é policial?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda

n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Não.

– Então, quais foram as circunstâncias?

– Negócios.

– Negócios?

– Eu era um assassino profissional.

– Um assassino profissional?

– Sim. Um homem contratado por organizações criminosas para

matar.

Uma longa pausa preencheu ambos os lados da treliça.

– Por que você matou essas pessoas?

– Por dinheiro.

– Isso é muito, muito sério. Assassinato é um pecado mortal.

– Sim, eu sei.

– Você conhecia as vítimas pessoalmente?

– Não.

– Incomodou-o... tirar suas vidas?

– Na época, para dizer a verdade, não. Estava fazendo um trabalho.

Houve outra longa pausa enquanto o padre remoía algo em sua

cabeça. Então ele disse:

– Suponho que você não precise mais de dinheiro e sinta-se

arrependido?

– Não, eu ainda preciso de dinheiro. É que estou preocupado, sabe...

com o que vai acontecer quando eu me for. Para ser sincero, tive um leve

ataque cardíaco há alguns meses, e isso me fez pensar sobre a morte...

sabe... sobre a vida após a morte, essas coisas. Eu só não quero ir para o

inferno, só isso.

– Entendo. Você acredita no inferno?

– Eu realmente não sei, mas, se houver um, eu não quero terminar lá.

– Você acredita em Deus Pai Todo-Poderoso?

– Acho que sim. E no caso de existir um Deus e um Céu, eu quero

desobstruir meu caminho, se é que me entende.

– Você gostaria de se reconciliar com Deus.

– Sim, eu quero ser perdoado, se puder.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Os homens que você matou eram maus?

– Para as pessoas que me contrataram, eram.

– Você é membro desta paróquia?

– Não.

– De outra igreja na diocese de Providence?

– Sinto muito dizer que esta é a primeira vez em que piso em uma igreja em anos.

– Entendo. – Então, depois de outra longa pausa, o padre disse:

– O importante é que você possa recuperar o amor e o perdão de Deus.

– Eu gostaria disso, padre. Muito.

– Ótimo. Eu pediria que você voltasse em três dias, para que possamos conversar de novo. Você pode fazer isso?

– Sim, padre.

– Nesse meio-tempo, reze dez ave-marias e dez pai-nossos.

– Obrigado, padre – disse Roman Pace.

– Juntos, vamos encontrar um caminho para a sua salvação.

– Isso é tudo que peço.

E Roman deixou a igreja com novo ânimo.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda

n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

5

No quarto dia após o acidente, transferiram Zack para uma unidade de tratamento semi-intensivo em outra ala do edifí- cio Shapiro.

Maggie reuniu-se com um neurologista, o doutor Peter McIntire, e a enfermeira chefe, J. J. Glidden, em uma saleta próxima ao quarto de Zack. O doutor McIntire, um homem bonito que parecia jovem demais para ser médico, conduzia a discussão.

– A boa notícia é que a pressão no cérebro finalmente está normalizada.

– Que alívio! – disse Maggie. Entretanto, ela podia sentir um ‚mas' chegando.

– Nós iremos manter a ventilação, entretanto, pelo menos até estarmos certos de que ele pode proteger as próprias vias aéreas.

– Para respirar por conta própria – acrescentou a enfermeira Glidden.

– Nesse ponto, nós o desentubaremos, retiraremos o respirador.

Maggie assentiu.

– Infelizmente, nós suprimimos os barbitúricos, por isso, é ainda um jogo de espera.

– Não há nada que vocês possam fazer... sabe... algum tipo de estímulo para acordá-lo? Quero dizer... – não completou a frase.

– Se houvesse, nós faríamos – disse o doutor McIntire. – Tecnicamente, ele ainda está em coma, o que não é o mesmo que estar dormindo. A atividade das ondas cerebrais é completamente diferente, e nós realmente não entendemos completamente o estado de coma. A questão é que se pode acordar alguém adormecido, mas não o paciente em coma.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Mas – a enfermeira Glidden acrescentou – Zack pode acordar a qualquer momento.

Ou ele pode permanecer em estado vegetativo por vinte anos, Maggie pensou.

Mais tarde, naquele dia, Maggie alugou um quarto em um hotel nas proximidades e ia para o hospital todas as manhãs, o desespero e a esperança torturando a sua alma.

A preocupação com Zack e Maggie se espalhou. Um artigo sobre Zack foi publicado no jornal da Northeastern University. O diretor da entidade enviou um e-mail geral expressando a esperança da universidade de uma recuperação rápida e completa. Pessoas bem-intencionadas enviaram flores e cartões. Mas Maggie permitia apenas a visita de alguns amigos íntimos e parentes – ,não, até ele acordar', ela dizia.

A semana seguinte passou, e Zack continuou em coma. Mas, como permanecia estabilizado, sua equipe médica o transferiu para um quarto particular em outro andar.

No décimo dia, houve mais uma boa notícia: Zack passou a respirar por conta própria. Além disso, como o inchaço havia diminuído, os médicos removeram o medidor de pressão intracraniana; e o osso e a pele do couro cabeludo estavam começando a se recuperar. Faziam a barba nele regularmente e trocavam sua fralda como se ele fosse novamente um bebê.

Mas ele ainda estava em coma nível dois. Embora pudesse responder a estímulos – pressão em suas unhas ou um cutucão agudo na sola do pé – , ele não respondia a comandos de voz, nem abria os olhos ou apertava os

dedos quando solicitado. Como ainda estava inconsciente, um tubo de alimentação gástrica foi inserido em seu estômago por meio de uma pequena incisão em seu abdômen. Como os médicos explicaram, aquele era o padrão para os pacientes incapazes de se alimentar normalmente. Também foi colocado em uma cama especial que inflava e desinflava para evitar escaras. Faixas foram atadas às suas articulações para evitar contração. Conforme lhe fora solicitado, Maggie havia levado um par de

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

tênis.

No fim da segunda semana, Maggie mal podia conter os ataques de pânico de que Zack permaneceria em estado vegetativo, definhando, enquanto ela manteria uma interminável vigília em sua cabeceira, como os pais de Karen Ann Quinlan e Terri Schiavo, esperando ele acordar ou morrer. Ele já estava macilento e mirrado, sem o viço da vida. Mas, para se lembrar do magnífico jovem que era, Maggie trouxera uma foto dele, emoldurada, que havia tirado no ano anterior em sua festa de formatura. Posando com Damian, Anthony e Geoff, ele brilhava de vitalidade. Com

seu cabelo negro espesso e encaracolado, as maçãs do rosto proeminentes e os resplandecentes olhos verdes, ele parecia um jovem Zeus – a mesma beleza que muito tempo antes a atraíra de cara para Nick.

Apesar das afirmações de Kate de que ele poderia acordar a qualquer momento, Maggie sentia-se arrastar para os sombrios temores que remontavam aos primeiros dias de maternidade, quando ficava alerta para qualquer ameaça potencial aos seus filhos – febres altas, brinquedos com os quais poderiam se engasgar, sacos plásticos. Quando ficaram mais crescidos, ela e Nick os levavam para passear no Canobie Lake Park, repleto de outros pais e outras crianças. Enquanto pareciam estar se divertindo em família, a mente de Maggie, intranquila, examinava incessantemente as possibilidades de seus filhos serem lançados do aviãozinho ou sofrerem dano cerebral na xícara maluca ou terem uma parada cardíaca de medo na casa assombrada ou engasgarem com uma maçã do amor. Quando se tornaram adolescentes, um bufê de horrores totalmente novo apresentou-se – drogas, álcool, AIDS, acidentes de carro, tiroteio nas escolas.

Com o assassinato de Jake, todos os seus pesadelos se tornaram realidade. Para aumentar seu horror, os assassinos saíram impunes e Nick mergulhou em um abismo de desespero, desaparecendo no silêncio monástico apenas para morrer. E agora Zack estava em estado de coma, no

qual poderia continuar indefinidamente.

Parecia a Maggie que ela passara a ser definida pela dor em um

mundo que já não fazia sentido.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

6

Jenna Emmons não podia acreditar no que vira. Fora bizarro, horrível, e a imagem iria reviver em seu cérebro por anos a fio.

A primeira coisa que passou por sua cabeça foi culpar toda aquela cerveja que tomara na festa da fraternidade Theta Chi – mais ou menos uns dois litros. Mas que foram consumidos ao longo de quatro horas. Estava grogue, mas não delirante.

Havia retornado ao seu dormitório por volta das duas e meia e trocara de roupa para dormir. Como de costume, fora até a janela para apreciar a fabulosa vista noturna de Boston. Seu dormitório ficava no quarto andar do Building W1 do MIT, na esquina da Massachusetts Avenue com a

Memorial Drive, na torre encimada por uma cúpula em forma de capacete do kaiser Guilherme II. Era um dos melhores dormitórios do MIT, um privilégio que lhe havia sido concedido no sorteio das acomodações dos estudantes.

Daquela altura, avistava toda a extensão da Harvard Bridge, que partia da Massachusetts Avenue, cruzava o Charles River e saía em Boston, e a gloriosa silhueta dos prédios que cintilavam como caixas de joias empilhadas da margem do rio até o topo da Beacon Hill. Naquela noite, o disco da Lua cheia que se elevara no horizonte leste refletia-se ondulante na superfície do rio.

O que prendera sua atenção foram dois homens a pé, caminhando no lado oeste da ponte. Eles pararam algumas vezes para olhar a água lá embaixo e depois continuaram, até atravessarem três quartos da ponte e se

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

posicionarem a não mais de cinquenta metros da sua janela. Um deles usava uma jaqueta com capuz. O outro tinha a cabeça descoberta e inclinava-se com as costas contra a mureta. O homem encapuzado

gesticulava com a mão livre, como se estivesse tentando convencer o outro de alguma coisa. Em seguida, o homem encapuzado ajudou seu companheiro a subir na mureta, onde se equilibrou. Jenna a princípio pensou que o homem encapuzado iria tirar fotos de seu amigo, com o rio e a linha do horizonte como pano de fundo. Mas eles continuaram a falar, e o homem encapuzado parecia segurar algo em sua outra mão, enquanto argumentava com o outro, que balançava para a frente e para trás na mureta como um primata em uma jaula pequena demais.

De repente, os homens se abraçaram por um longo mo- mento. O homem sentado, em seguida, firmou-se na mureta com as mãos. Depois de o homem encapuzado certificar-se de que nenhum carro ou pedestre se aproximava, ele ergueu um bastão de beisebol e esmagou a cabeça do outro.

Mesmo através da janela fechada, deu para ouvir o barulho da pancada que derrubou a vítima da mureta e a mandou direto para a água escura.

Jenna gritou de horror e incredulidade. Porém o que a enojou mais foi se dar conta da horrenda constatação: a vítima havia esperado seu companheiro arrebentar-lhe a cabeça. Fora planejado – eles haviam caminhado juntos até o local adequado e esperaram o tráfego cessar para que um pudesse acabar com o sofrimento do outro.

Antes de o homem encapuzado se afastar, ele atirou o bastão na água

e, em seguida, olhou para baixo, para o ponto onde seu amigo havia caído,

e fez o sinal da cruz.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

7

Na noite do 22º dia, Damian e Anthony deram uma passada no hospital. Haviam voltado lá mais algumas vezes depois do incidente da oração, pelo qual Maggie se desculpara. Sendo o cavalheiro que era, Damian disse que não tinha ressentimentos. Ele até lhe levara um buquê de flores.

Zack continuava respirando por conta própria, com seus sinais vitais normais. Mas ainda estava no nível dois.

Conversaram por um tempo. Maggie perguntou como eles estavam indo na faculdade e, em seguida, contou-lhes que fisioterapeutas vinham diariamente exercitar os braços, as pernas e os pés de Zack, e como ela ajudava. Anthony estava no meio de uma história engraçada sobre algo que

acontecera no shopping local quando, de repente, Zack rolou a cabeça e emitiu um estranho grasnado.

– Oh, meu Deus! – Maggie gritou. Imediatamente ela ficou em pé e segurou a mão do filho. – Zack! Acorde. Acorde.

– Ele está dizendo alguma coisa! – falou Anthony.

– Ele está acordando – disse Damian.

– Zack! Zack, acorde! – Maggie gritava. – É a mamãe. Por favor, querido. Abra os olhos.

A boca de Zack movia-se enquanto sons guturais subiam de sua garganta – os primeiros sons que ele produzia em três semanas.

– Chame a enfermeira – disse Maggie a Anthony, que saiu do quarto feito um raio. Ela acariciava a mão de Zack. – Zack, é a mamãe. Acorde!

– Seus olhos estão se mexendo – disse Damian. – Acho que ele está tentando abri-los.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Zack! Abra os olhos. Você consegue. Abra os olhos.

Enquanto ela continuava incentivando-o, os olhos de Zack rolavam

sob as pálpebras como se ele estivesse tendo um sonho intenso. Mas ele não os abria, apenas murmurava sílabas sem sentido.

Instantes depois, Anthony voltou com uma enfermeira e uma auxiliar.

A enfermeira começou a esfregar o rosto de Zack.

– Zack, é Beth Howard, sua enfermeira. Fale comigo, Zack. Fale comigo. Abra os olhos.

Zack contraiu o rosto, como se estivesse registrando a voz dela. Ele continuava murmurando sons ininteligíveis, mas não abria os olhos.

– Zack, é a mamãe. Acorde. Por favor.

– O que ele está dizendo? – Anthony perguntou a Damian. Damian não respondeu, mas ficou paralisado, estudando o rosto de Zack.

– Seja o que for, é um bom sinal – disse a enfermeira. A auxiliar concordou, com o telefone celular na mão, supostamente, pronta para chamar o residente.

– Ei, Zack, sua mãe está aqui. E também Anthony e Damian. Hora de acordar. Você pode fazer isso. Abra os olhos.

Mais murmúrios de Zack, enquanto sua cabeça rolava ligeiramente sobre o travesseiro. Maggie aproximou o ouvido de sua boca, enquanto ele continuava resmungando sílabas estranhas:

– Ele está dizendo alguma coisa. Está pronunciando palavras.

– Será que ele sabe uma língua estrangeira? – a enfermeira perguntou.

– Ele cursou um ano de espanhol, mas não parece esse idioma.

Anthony inclinou-se sobre Zack.

– Ei, cara, é o Anthony. Saia dessa. Nós temos algumas festas pra dar.

Mas Zack não respondia aos estímulos, apenas continuava

murmurando.

– É só baboseira – Anthony disse. – Eu também faço isso quando

durmo.

– Não, não é – Damian sussurrou. – Ele está falando em línguas.

– Línguas. Como assim? – Anthony perguntou.

– Glossolalia.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Glosso... o quê?

– Glossolalia – Damian disse numa voz quase inaudível. – O Espírito

Santo está falando por intermédio dele.

– Não fale besteira – disse Anthony, enquanto a auxiliar de

enfermagem olhava pasma para Zack. – Não é nada disso.

Damian balançou a cabeça concordando e calou-se.

Com voz trêmula, Maggie continuava a implorar a Zack para que acordasse, mas depois de vários minutos ele caiu no silêncio novamente. E a angústia tomou sua alma quando a boca de Zack calou e seus olhos pararam de se mover, e ele mergulhou em um sono profundo.

Embora não houvesse alterações em seu estado, a enfermeira disse que era um bom sinal ele ter tentado falar, tentado despertar. Poderia acontecer em outro momento.

Ela e a auxiliar substituíram seu soro e verificaram os monitores.

Então, os outros retomaram a vigília em torno de Zack em seu coma, enquanto a resignação caía sobre eles como neve.

– Alarme falso – disse a enfermeira, e saiu do quarto.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

8

Nada de alarme falso. Ele podia ouvir vozes.

Seu primeiro pensamento foi o de que era um sonho. Que ele estava na cama, em seu apartamento, e pessoas sem rosto estavam em seu quarto dizendo-lhe que era hora de se levantar e ir para a aula, de trabalhar em sua dissertação – seu prazo estava terminando –, de conseguir um emprego, de parar de jogar...

Vozes. Muitas. Algumas, ele reconhecia. Sua mãe. Tia Kate. Anthony. Damian. Geoff. Beth Howard, sua enfermeira. E também vozes que ele não reconhecia, dizendo coisas estúpidas como ‚mexa os dedos dos pés', ‚aperte minha mão' e ‚abra os olhos'. Ele tentava dizer que estava preso em um sonho tolo, que acordaria logo e retomaria suas atividades.

Mas, como em todos os sonhos, não tinha controle. Podia ouvi-los, mas não conseguia responder. Não era possível abrir os olhos. Não era possível se mexer. Como se houvesse sido afligido por um tipo qualquer de paralisia. Mas isso acontecia em seus sonhos quando suas pernas congelavam, quando estava sendo perseguido. Ele simplesmente não conseguia acordar. Era tão estranho como nos sonhos a maneira como as coisas se moviam, como o mundo familiar seguia uma lógica não cartesiana, uma geometria não euclidiana, e como a gravidade podia ser suspensa.

Num estalar de dedos, ele se via sem corpo e flutuando acima de sua cama – não, não sua cama, não a que ficava em seu apartamento, coberta

com a colcha azul que sua mãe havia comprado, mas uma cama toda

branca em um quarto estranho com paredes sem cor, com bolsas de soro

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

gotejando, máquinas bipando – e todas aquelas pessoas à sua volta fazendo

exigências.

Podia vê-las. E podia ver-se na cama, mas do alto, como se ele fosse

uma espécie de ectoplasma pairando no ar, e lá embaixo, ele: num sono

profundo, olhos fechados, rosto descorado e encovado, cabeça toscamente

raspada apoiada sobre um travesseiro, braços magros e flácidos largados ao

longo do corpo, com tubos e fios presos a eles como cordões umbilicais, o

conteúdo de suas entranhas vazando dentro de bolsas plásticas,

monitores...

Um quarto de hospital, é claro. Estava dormindo em um quarto de

hospital por razões desconhecidas.

E sua mãe segurava-lhe a mão, chorando. Também Anthony – um

grandalhão com peitorais de gladiador e bíceps do tamanho de melões, ao

pé de seu leito, consternado – e ao lado dele Geoff, cujo largo sorriso cheio

de dentes e cuja face exuberante tinham dado lugar a uma máscara solene enquanto ele, também, observava sua figura adormecida. E Damian – o pálido, magro e anguloso Damian, com aquele rosto ascético e sincero, e a calvície precoce, lembrando um monge em uma pintura medieval contemplando o beatífico repouso.

– Glosso... o quê?

– Baboseira.

Anthony. Ele reconheceu a voz, mas a vista lá fora estava errada. Nada havia além da janela. Nada de prédios, nem pastos, nem rio, nem matas – como se uma névoa houvesse encoberto a vista. Então, alguém em voz baixa disse: ‚Isso é bom. Bem aqui'. No momento seguinte, o vento soprava areia em seu rosto, enchendo-lhe os olhos e a boca. E a sensação em seu peito era como se alguma coisa estivesse ameaçando espremer a vida para fora dele.

Não consigo respirar. Não consigo respirar, e a boca está cheia.

– Abra os olhos. Abra os olhos.

Não consigo. Tem areia neles. Não consigo respirar. Peito esmagado.

Coração parado.

Por que aquilo estava acontecendo? O que eles queriam dele?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Então, as luzes se acenderam e estavam todos em torno dele, vestidos como cartas de baralho – valetes e reis e rainhas, negros e vermelhos, salpicados de pintas –, como se ele estivesse sendo arrastado por criaturas saídas de algum mundo paralelo como o de Lewis Carroll. E um valete ergueu a espada e desceu-a com força total em seu rosto, desintegrando-se em grânulos que encheram seus olhos, sua boca e suas orelhas. E tudo ficou escuro.

É castigo de Deus.

Ele flutuava sobre a cena e podia ver o calombo sangrento de sua cabeça, uma bicicleta quebrada na rua, luzes, pessoas se juntando ao redor do corpo contorcido na sarjeta.

– Acorde. Por favor, acorde.

Sua mãe. Chamava-o de muito longe. Queria que ele abrisse os olhos.

Mas, cada vez que tentava, eles se enchiam de areia.

Depois, viu-se sozinho novamente, passando por um corredor, etéreo, sem traços distintivos. Mas, estranhamente, não podia sentir seus pés ou a terra firme sob os sapatos (um par de tênis Nike branco e reluzente!). No

entanto, deslocava-se através de um túnel escuro, como se estivesse atravessando a ligação entre a consciência e a inconsciência – ou talvez este mundo e o próximo. Enquanto avançava em direção à luz, percebeu que estava completamente sozinho. Não havia mais vozes, nem pessoas, nem a sensação de sua família e seus amigos ao seu lado. Sozinho naquele funil de névoa.

Então, isso mudou.

De repente, tomou conhecimento de outra presença, como se alguém tivesse se esgueirado até ele. Olhou ao redor, mas não viu ninguém, apenas o cinzento nada. Entretanto, tinha a profunda sensação de que alguém estava próximo a ele, apenas fora do limiar da percepção.

Enquanto prosseguia, ouviu uma voz, uma voz familiar, dizendo algo em uma língua que não conseguiu decifrar. E vinha da extremidade brilhante à sua frente. Aumentou o ritmo e, quanto mais ouvia, mais familiar a voz soava, mas as palavras não faziam sentido.

Quando a luz foi se intensificando, ele se mexeu, sentindo a maciez da

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

cama embaixo dele. Invocando cada fibra da vontade, obrigou-se a abrir os olhos. Endurecidos e pesados, com muito esforço cederam. Luz branca brilhante. Paredes brancas. Teto branco. Lençóis brancos. A sensação de suas pernas ao longo do comprimento da cama. Tubos. Fios, sinais sonoros. O mesmo quarto de hospital, é claro. E, com um estremecimento, fez-se desperto.

– Pai?

O quarto estava vazio. Silencioso, não fossem os bips abafados das máquinas. Mas a sílaba única ressoava em seus ouvidos. Sozinho, fechou os olhos para voltar. Um instante depois, deslizava de volta para dentro do túnel, agora perdido na escuridão.

Alarme falso.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

9

Depois de três dias, Roman Pace voltou à Igreja de São Pio, nos arredores

de Providence. Não sabia por que havia sido convidado a retornar para sua penitência ou para continuar a conversar com o sacerdote. Mas temia uma cilada.

Era uma manhã de terça-feira, e ele chegou duas horas mais cedo. O estacionamento da igreja estava vazio, e assim também estavam os poucos carros estacionados na rua do bairro residencial. Deu a volta no quarteirão várias vezes de carro, até finalmente estar convencido de que não havia policiais esperando por ele. Adentrou a igreja quinze minutos antes das 10 horas. O interior estava vazio, duas velas ardiam lá na frente. A única outra luz provinha dos vitrais.

Caminhou por toda a extensão da nave para ter certeza de que estava sozinho. Ninguém, nem mesmo o sacerdote, estava à vista. Saiu novamente e não viu ninguém. E o sexto sentido que os anos em seu negócio haviam afiado também não o alertava quanto a uma emboscada. Sentindo-se convencido, voltou para dentro e entrou no confessionário, para esperar o sacerdote. Mesmo se a polícia tivesse sido chamada, nada o incriminava.

Não carregava arma. Na verdade, não levava nenhuma consigo desde seu último assassinato. Isso acontecera quatro meses antes, quando sofreu um ataque cardíaco e decidiu desistir desse trabalho. Sim, sentia falta do dinheiro porque a recessão atingira seu negócio de oficina de automóveis,

depois que as pessoas pararam de aparecer com problemas no motor e a

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

lataria amassada. Além disso, como autônomo, não poderia competir com os preços baixos das redes de oficinas conveniadas com companhias de seguros. Aproximando-se do seu 52o aniversário, lembrou-se, enquanto aguardava sentado no confessionário, de que seu pai havia morrido de uma trombose coronária aos 55, e sua mãe, um ano depois, por um acidente vascular cerebral.

O que o levara àquela cabine no outro dia fora seu desejo de se aproximar de Deus. Deitado naquela cama de hospital por quatro meses e temendo que fosse morrer, fizera uma prece do fundo do coração: desistiria de ser um assassino de aluguel se Deus poupasse sua vida. Na noite seguinte, poderia jurar que Jesus havia aparecido para ele. Provavelmente, fora apenas um sonho, porque parecia exatamente o Jesus da imagem que sua mãe tinha em cima da mesinha – uma figura alta, com uma veste branca, de pé sobre um monte com pessoas sentadas ao seu redor, escutando-o. E debaixo da imagem, o Salmo 90. Ele ainda podia

recordar as palavras:

Quando me invocar, eu o atenderei;

Na tribulação estarei com ele;

Hei de livrá-lo e o cobrirei de glória.

Será favorecido de longos dias,

E mostrar-lhe-ei a minha salvação.

Mas, enquanto Roman aguardava ali sentado na penumbra a chegada do sacerdote, lembrou-se da promessa contida nessas palavras e da barganha que havia feito. Recuperara-se completamente, convicto de que Deus havia respondido à sua oração e o perdoara. Convicto de que, enquanto estava em seu leito de hospital, Deus o havia visitado da mesma forma que os caras de sua oficina ou os companheiros de futebol haviam feito. E ele sabia porque podia sentir alguma coisa acontecendo em sua alma – algo que lhe dizia que Deus era real. E que Deus realmente o amava o suficiente para intervir, dizendo-lhe, Você ainda tem trabalho a fazer, então, deixe-me ajudá-lo a se purificar.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Um pouco depois das dez horas, Roman ouviu alguém entrar do outro lado da cabine. Por causa da fraca iluminação e da treliça, não conseguia distinguir o perfil do padre Callahan.

– Bom-dia, meu filho.

– Bom-dia, padre – disse Roman. Então, ele começou a recitar: – Perdoe-me, padre, porque pequei. – As palavras rolaram de sua boca como cascalho. Era a segunda vez em quarenta anos que ele as pronunciava.

– Gostaria de confessar os seus pecados, meu filho?

A voz não soava como a do padre Timothy Callahan. Aquele era um padre diferente.

– Estive aqui há três dias.

– Sim, eu sei – respondeu a voz. – Mas eu ainda preciso ouvir a sua confissão.

Roman sentiu seu peito apertar. Uma cilada – o cara do outro lado era um maldito policial, seus companheiros deveriam estar escondidos nos bancos ou atrás do altar.

– Você não é o padre Callahan.

– Não, não sou. Sou um irmão em espírito e obediente aos mesmos votos de sigilo. O padre Callahan é um sacerdote novato e compartilhou comigo as circunstâncias especiais. Mas posso garantir a você que o que é dito neste confessionário é estritamente confidencial.

Irmão em espírito?

– E quanto ao padre Callahan? Como posso confiar que ele não

compartilhou minha confissão com outros mais?

– Ele não fez isso. Ele é proibido pelo santo sacramento e por seus

votos sagrados.

Talvez os pecados de Roman fossem tão terríveis que o jovem

sacerdote teve de chamar ajuda de peso – talvez um bispo ou até um

cardeal.

– Eu tenho cometido pecados mortais.

– Deus ouvirá seus pecados.

– Matei algumas pessoas e quero me redimir.

– Entendo. É bom que você deseje redenção. Oremos para que Deus

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

o perdoe por seus pecados e dê-lhe orientação e força.

Através da treliça decorativa, Roman podia ouvir as preces do homem.

Da última vez em que Roman estivera na presença de um sacerdote, ainda

era adolescente. Sua mãe o forçava a ir à igreja, e ele odiava cada momento

daquilo – mais de uma hora de blá-blá-blá, metade em latim, metade em ameaças exageradas. As únicas questões que prendiam sua atenção eram histórias sobre santos sendo crucificados ou assados vivos. Por incontáveis domingos, sentara-se com o traseiro entorpecido em bancos duros, que cheiravam a óleo para madeira. Mas, em vez de prestar atenção ao que era dito, ele se distraía observando os outros obedecendo aos seus complexos rituais de oração, ajoelhando, levantando, persignando-se. E nem uma única vez sentira qualquer mistério ou paz – apenas tédio quase terminal, cercado por um monte de gente movida pelo dever, pelo medo e pela esperança. Quanto à confissão, ele ia porque o padre Infantino insistia para que fosse. Algo que sempre lhe pareceu tolo – uma maneira de lançar fora a culpa e obter um passe livre para pecar um pouco mais.

Agora, sentado naquela grande caixa de carvalho, não pôde reprimir um profundo mal-estar que o levou de volta àqueles dias na Igreja de São Lucas, no extremo sul de Hartford, onde o padre Infantino tentava incutir o temor de Deus em seu cérebro adolescente.

– Você foi criado na tradição Católica Romana?

– Sim, desde o início.

– Então, você se desviou de sua fé.

– Mais ou menos isso.

– O que fez você escolher esta paróquia para voltar?

– Acho que foi porque ela segue o catolicismo tradicional em que

cresci.

Pelo que sabia, a Igreja de São Pio ainda seguia o dogma sagrado pré-

Vaticano II[3], resistindo aos esforços de modernização da Igreja –

preconizando o entendimento de forma literal da Bíblia, a missa em latim,

o código de vestimenta para as mulheres, o posicionamento contra o

divórcio e a convicção de que não há salvação fora da Igreja Católica

Romana. A paróquia também rejeitava a reconciliação com os judeus. Pelo

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

que Roman tinha ouvido falar, a Igreja de São Pio era um pequeno

enclave, branco e conservador, de fiéis tradicionalistas que preservavam o

catolicismo castiço dentro de uma Igreja que havia se tornado liberal

demais e uma cultura que rejeitava a Palavra de Deus. Em consequência

da gravidade de seus pecados, Roman achava que precisava dessa

severidade.

[3]. Concílio Ecumênico convocado pelo Papa João XXIII visando à atualização da Igreja. (N. da T.)

– Então, nós o acolhemos de volta, meu filho, mas saiba que seus pecados são muito pesados.

– Eu sei e busco o perdão.

– Muito bem, e não importa o quanto sejam pesados; há um caminho de volta para Deus, meu filho.

– Obrigado, padre.

– Mas, para circunstâncias tão especiais, sanções especiais são necessárias. Você crê em Deus Pai Todo-Poderoso e em seu filho, Jesus Cristo, nosso salvador?

– Sim.

– Você crê que Deus responde às nossas orações?

– Sim, e peço a ele que salve a minha alma.

– Ele salvará, porque Deus olha por você e o ama. E ele vai recebê-lo de braços abertos em sua volta para casa.

Roman sentiu-se reconfortado com essas palavras.

– Obrigado, padre.

– Você crê no mal?

– No mal? – A pergunta o pegou desprevenido. – Acho que sim. Há muito disso por aí.

– Assim parece. Você acredita no diabo?

– Na verdade, não.

– Então, você acredita que apenas as pessoas são más.

– Isso. Porque o mal é o que as pessoas fazem, o que lhes dá prazer.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Entendo. Você sentia prazer em sua profissão?

Roman escolheu as palavras de forma cuidadosa, embora estivesse

começando a estranhar o rumo que o interrogatório estava tomando.

– Era um trabalho, e eu era bom no que fazia.

– Você fazia isso por dinheiro, correto?

– Sim.

– E quais você acha que são as motivações do mal?

– Eu nunca pensei nisso. Acho que são muitas motivações, poder,

dinheiro...

– Não, apenas uma, a vingança. É a única fonte verdadeira do mal no

mundo. Todas as outras motivações... poder, dinheiro, luxúria... são meras

variações. Vingança. Foi o que Satanás ensinou à humanidade. É o seu

único objetivo. Vingar-se de Deus. Você diversificou seus negócios para

amenizar suas dificuldades econômicas, certo?

Diversificou seus negócios. O sujeito estava sendo discreto, sabendo que Roman estava procurando qualquer sinal de uma armadilha.

– Acho que se pode encarar dessa maneira.

– Vingança contra forças superiores – sussurrou. – É o mesmo motivo por trás da tentativa de Satanás de derrubar Deus. É o que Satanás inventou para dar o troco depois de ser expulso do céu. É o que ainda faz, enchendo o mundo com o mal em sua vingança contra Deus. Se você acredita em Deus, meu filho, crer em Satanás é apenas uma consequência lógica. Ele é tão real quanto você e eu.

Tudo que Roman conseguiu pensar como resposta foi:

– Ok.

– Gostaria de restaurar a sua alma com Deus?

– É por isso que estou aqui.

– Gostaria de conciliar sua vida de pecado com Deus, para compensar suas transgressões?

– Se eu puder, sim.

– Você pode, mas precisa crer completamente. E se você tiver qualquer dúvida quanto ao amor e ao perdão de Deus, deve se perguntar se a sua descrença vale o confisco de sua vida eterna no paraíso. E isso é

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

que é o inferno. Nunca mais acordar, permanecer morto para sempre e

não saber. Mas, para aqueles que acreditam, o céu é viver para sempre na

eterna consciência do amor de Deus.

Roman estava tendo dificuldade para acompanhá-lo, só dizia:

– Ok.

– E você está errado em achar que o mal se manifesta apenas nos atos

dos homens. O maior mal é obra de Satanás... Satanás, o Grande

Enganador. Satanás, que leva o homem ao erro. Satanás, cujo maior

truque foi convencer o mundo de que ele não existe. Satanás, que se

interpõe no caminho de sua salvação.

Agora o cara estava saindo pela tangente.

– Você conhece a história de São Miguel?

– Não.

– São Miguel era o perfeito soldado cristão, o arcanjo de Deus que

conduziu a luta contra as trevas do mal lideradas por Satanás. Ele é o

defensor de Deus e a proteção da Igreja Católica.

– Certo. – Roman desejava que o cara lhe passasse logo sua

penitência e o deixasse sair.

– Sua presença aqui não é um acidente. Deus enviou você para conquistar sua salvação seguindo o caminho de São Miguel através da escuridão para a luz eterna do céu.

– Não estou entendendo o que o senhor está me dizendo.

– Estou lhe dizendo que uma missão de salvação está diante de você.

– Que missão?

– Ser um guerreiro do Senhor Deus Todo-Poderoso, senhor Pace.

Senhor Pace.

– Como você sabe o meu nome?

– Isso não é importante.

Roman se perguntou se era possível que houvesse uma câmera de segurança do lado de fora da igreja, que tivesse gravado a placa de seu carro, e eles tivessem acessado o banco de dados do departamento de trânsito.

– O importante é que você aceite esta missão em defesa do Senhor

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Jesus Cristo para redimir-se.

Mais silêncio encheu a cabine.

– O que o senhor está me pedindo?

– Que diversifique seus negócios em nome do Senhor.

Deve ter levado uns bons minutos para Roman absorver o que o homem estava dizendo.

– Você quer que eu liquide Satanás?

– Não, um dos porteiros de Satanás. Alguém que blasfemou contra o Senhor Deus Todo-Poderoso.

– Isso é loucura. Quem é você? Como você me conhece?

– Nada disso é importante.

Então, a portinhola na base da treliça deslizou para trás e a mão do padre passou-lhe um envelope marrom da espessura de um tijolo.

– Por favor, abra-o.

Roman obedeceu. Dentro do envelope havia 15 mil dólares separados em três maços de 5 mil em notas de 100 dólares.

– Isso é seu, bem como a salvação, se você aceitar esta missão.

Roman olhou para o dinheiro, tentando calculá-lo. Colocou o pacote no peitoril entre eles. Ainda não conseguia ver o rosto do padre, se é que era mesmo um sacerdote.

– Não foi para isso que eu vim.

– Com certeza, não, mas sua vinda foi uma dádiva de Deus.

– É muita grana – disse ele, sentindo sua determinação lhe escapar. –

Então, o que ele fez exatamente?

– Ele e seus companheiros estão ofendendo o Senhor da pior maneira

possível.

Roman abafou uma risadinha com um humpf.

– O que é pior do que assassinato?

– A blasfêmia contra o Espírito Santo. E Deus está lhe pedindo para

ser seu guerreiro e oferecendo uma segunda chance de vida eterna.

Uma segunda chance de vida eterna.

– Certo. – Como resultado de todos aqueles anos como matador

profissional, Roman havia perdido a capacidade de se surpreender, mas

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

aquilo era inédito – ser contratado por um padre para cometer um

assassinato em nome do Senhor.

Tinha uma dúzia de perguntas, mas, num trabalho desses, não se

indaga o motivo pelo qual alguém deve ser abatido. Era estritamente um

negócio. Mas ele estava intrigado. E também cauteloso.

– Como vou saber se isso não é alguma armação, se você não tem um gravador aí registrando tudo?

– Não é uma armação, e ninguém está gravando essa conversa. Além disso, você não confessou nenhum assassinato específico, portanto, não há nada que o incrimine.

Roman não havia confessado nenhum assassinato. Então olhou para os maços de notas e disse:

– Digamos que eu decida fazer isso. Vou precisar de informações e outras coisas.

Um segundo envelope, mais fino, apareceu por cima dos maços de notas. E, por cima dele, um telefone celular.

– As instruções completas, e um telefone celular para ligar passando o seu relatório.

Caramba, que situação! Jamais imaginaria que uma coisa daquelas pudesse acontecer.

– Acredite ou não no diabo, você foi chamado a prestar o mais alto serviço ao Senhor, para derrotá-lo. Você foi escolhido para ser soldado do Senhor e, assim, ganhar o seu caminho de volta para Deus. Você aceita esta missão?

Roman olhou para o tijolão de dinheiro e o telefone celular esperando

por ele. Não dava para saber se o cara era sério ou biruta.

– Não me disse quem você é. Não sei que diabos eu estou tratando

aqui.

– Você está lidando com um servo do Senhor que permanecerá

anônimo.

Uma segunda chance de vida eterna.

– E esse cara é realmente muito mau?

– Aos olhos de Deus, o pior.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Roman pegou o envelope com as notas e, em sua cabeça, ouviu as

palavras do Salmo na voz de sua mãe: ‚Porque se uniu a mim, eu o livrarei;

e o protegerei, pois conhece o meu nome.'

– Está bem – disse Roman, e meteu no bolso os envelopes e o

telefone.

– Que o Senhor o abençoe nesta missão. Que Ele lhe ilumine o

caminho de volta para casa e lhe conceda a vida eterna.

– Obrigado, padre – Roman disse, e deixou o confessionário, saindo da

igreja para a claridade do sol da manhã.

Mesmo se aquela história de missão fosse papo furado e o Padre X

estivesse com uma escuta, havia 15 mil dólares no envelope, e Roman não

havia dito coisa alguma que o comprometesse perante a polícia.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

10

Era Sexta-feira Santa, e Maggie havia passado a maior parte da noite à cabeceira de Zack. Não houve alterações, e ele não repetiu seus murmúrios. Estava exausta e, seguindo a sugestão da enfermeira, desceu até a lanchonete, no piso térreo. Tomou café com um bolinho, sentindo-se anestesiada, como se houvessem administrado Novocaína ao núcleo de seu corpo. Enquanto estava lá, tentou se concentrar em um exemplar do The Boston Globe que alguém havia deixado na mesa.

Como as notícias sobre guerras e economia preenchiam as primeiras páginas quase totalmente, ela pulou para a Seção B, com as matérias

locais. Um título estranho chamou sua atenção: SUICIDADO POR AMIGO: VÍTIMA TINHA TOXINA DE ESPÉCIE RARA DE BAIACU NO SANGUE.

O texto passou a explicar que o corpo de um sem-teto havia sido encontrado com a toxina em seu organismo. Fora morto com um taco de beisebol em um momento em que estava sentado na mureta da ponte Harvard. Graças a câmeras de vigilância, o assassino fora preso, alegando que seu amigo havia pedido para ser morto porque tinha sido atacado por ,demônios' em sua cabeça, resultado, de acordo com o agressor, de experiências em seu cérebro conduzidas por cientistas. Não se sabia como ele havia adquirido a tetrodotoxina, mas as autoridades asseguraram ao público que não era uma droga nova circulando pelas ruas, nem mesmo o baiacu era legalizado nas cozinhas americanas. O autor do crime não pôde dar qualquer explicação sobre quem seriam os cientistas ou quais

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

experimentos foram realizados na vítima, só que pagavam bem.

Maggie dobrou o jornal imaginando que ela, também, tinha um

demônio em sua cabeça – a doentia certeza de que jamais teria o filho de volta.

Depois de meia hora, terminou seu café e caminhou em direção aos elevadores. À sua frente ia um casal de meia-idade com a filha adolescente em uma cadeira de rodas. A menina parecia ser vítima de algum distúrbio neurológico. Sua boca estava aberta e a cabeça movia-se desordenadamente, enquanto produzia sons inarticulados. Segurava entre os dedos um rosário.

Maggie ia apertar o botão do sétimo andar, mas já estava aceso.

– Você está aqui para ver Zachary? – o pai a interpelou.

A pergunta pegou Maggie desprevenida.

– Como disse? – Zachary? Ninguém o chamava assim. E como eles sabiam sobre seu filho?

– Zachary Kashian. Você está indo vê-lo?

– Sim – disse ela, estranhando a maneira como o homem formulava as perguntas. Tinha cerca de 50 anos e vestia calça marrom, blazer azul e camisa xadrez abotoada até o alto. Ela não o reconheceu. – Vocês o conhecem?

A porta do elevador se fechou e eles começaram a subir.

– Somos amigos de Zachary em Jesus. Estamos aqui para rezar por ele.

Antes que Maggie pudesse responder, a mulher olhou para ela e disse:

– Estamos levando Agnes até ele.

O homem estendeu-lhe a mão.

– Sou Burt Wickham, esta é minha esposa, Judy, e minha filha,

Agnes. Você está aqui para ser curada?

– Sou a mãe dele, e não sei do que está falando.

O homem sorriu timidamente.

– Oh, bem, vamos orar por você também, em seu sofrimento. A

Palavra de Deus penetra até onde nada mais alcança.

– Olhe, não sei qual é a sua intenção, mas meu filho está em coma em

um quarto particular, e visitas não são permitidas.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Mas isso é muito importante – disse ele. – Estamos rezando por um

sinal como este há anos.

– Que sinal?

O homem olhou para ela surpreso.

– Como não sabe? Deus está falando por intermédio de seu filho,

anunciando ao mundo que ele foi escolhido para trazer a cura de Deus.

– Do que você está falando? Meu filho está em coma.

– Nós sabemos. Nós o vimos.

– O que quer dizer com ‚Nós o vimos'?

Então, a filha balbuciou:

– No YouTube.

A porta do elevador se abriu e eles saíram para um hall vazio.

– No YouTube?

– Ele é um escolhido – disse a esposa. – Ele tem o poder.

A mãe puxou um BlackBerry e ergueu-o na direção de Maggie. No pequeno visor passava um breve e tremido vídeo de Zack na cama murmurando sílabas sem sentido. A legenda móvel sob as imagens dizia: ‚Deus fala por intermédio de paciente em coma'.

– Ele está falando a língua do Senhor.

Maggie olhou para as imagens estupefata. A primeira coisa que lhe veio à mente foi Damian. Ele filmou as imagens de Zack murmurando sílabas sem sentido com o telefone celular. Como ele pôde fazer aquilo com Zack? Violar-lhe a privacidade em seu estado mais vulnerável?

– Deus escolheu Zachary para operar seus milagres, e é por isso que estamos aqui – disse a esposa, e ela olhou para a filha na cadeira de rodas.

– Sinto muito pela filha de vocês, mas não podem visitar o meu filho. Ele está em um quarto particular, e só a visita de familiares é permitida.

Está claro?

Ela disparou pelo corredor até a ilha da enfermagem para solicitar um segurança, mas o posto estava vazio. Então, ouviu um tumulto no corredor perpendicular àquele. Seu coração quase parou. Do lado de fora do quarto de Zack, uma pequena multidão discutia com a enfermeira Beth Howard, duas outras enfermeiras e um médico residente, todos tentando evitar que

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

as pessoas forçassem a entrada.

– O que está acontecendo? – Maggie perguntou para Beth. –

Chamem os seguranças.

– Já chamamos.

Maggie abriu caminho para dentro do quarto, onde cerca de uma dúzia de pessoas acotovelava-se em torno do leito de Zack: adultos, jovens, velhos, brancos, negros. Uma mulher baixa com síndrome de Down alisava suplicante o braço de Zack enquanto um flash de câmera era disparado. Por entre elas, Maggie pôde constatar aliviada que Zack ainda respirava e que os monitores continuavam a registrar seus sinais vitais. Mas sua manta

estava coberta com rosários, santinhos de papel com orações, bugigangas religiosas, imagens e fotografias. E à sua volta as pessoas murmuravam orações e persignavam-se, tocando as mãos e o rosto de Zack.

Maggie enlouqueceu.

– Saiam daqui! – ela gritou. – Este é o meu filho. Saiam daqui!

– Eu tenho um tumor – disse uma mulher. – Tudo o que eu quero é ser curada – sua boca tremia enquanto implorava.

Outra, ao lado dela, disse:

– Jesus está aqui para me fazer melhorar. Não quero morrer.

Um homem empurrado contra ela insistiu em afirmar que havia uma presença divina em Zack:

– Queremos que Jesus salve a minha esposa. Ela está muito doente.

– Então, procure um médico e deixe meu filho em paz.

Enquanto Maggie abria caminho de forma mais incisiva, reparou em uma mulher alta e pálida que destoava da cena em um tailleur azul-marinho. Estava em um canto atrás dos outros, olhando para Maggie atentamente. Havia uma marca de nascença avermelhada, ou talvez um melanoma, em seu rosto.

As vozes enérgicas dos seguranças encheram a sala.

– Muito bem, todo mundo pra fora!

Meia dúzia de guardas forçavam as pessoas a deixarem o quarto

protestando.

– Vocês não têm esse direito – uma mulher gritou.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– O Senhor Jesus Cristo está falando por intermédio de Zachary –

gritou outro. – Está no vídeo. Eu vi com meus próprios olhos.

Mas os guardas esvaziavam o quarto, apesar dos apelos e protestos.

Enquanto as pessoas eram conduzidas para fora, uma mulher agarrou o

braço de Maggie e disse:

– Ela está aqui! Ela está aqui! – os olhos da mulher estavam

arregalados.

– Quem? – Maggie perguntou.

– A Virgem Santíssima. Sinto o cheiro de rosas. Rosa é a sua flor. – A

mulher parecia enlouquecida.

Maggie se afastou e andou em direção à cama, e um segurança

agarrou-a pelo braço. Ela se virou e disse:

– Eu sou a mãe dele!

Do hall, a enfermeira Beth confirmou a informação para o guarda. Ele

soltou Maggie e continuou removendo os outros. Ela arfava quando alcançou Zack. Não havia sido perturbado pelo tumulto, e os monitores estampavam funções vitais estáveis. Mas a manta encontrava-se repleta de objetos religiosos e dezenas de fotografias de pessoas, lembrando o relicário de um santo morto.

Beth tomou-lhe o braço e disse:

– Sinto muito. Vamos arrumar tudo isso. Eles devem ter subido pela escada dos fundos.

– Há um vídeo dele na Internet.

– Mas que droga!

Menos de doze horas haviam se passado, e um vídeo de cinquenta segundos de seus murmúrios sem sentido no YouTube havia reunido uma pequena multidão faminta por milagres.

– Acho que foi Damian quem o postou.

– Não. Foi Stephanie, minha auxiliar.

– O quê?

– Ela estava com o telefone celular, mas pensei que fosse para chamar o residente. Sinto muito. Não sei o que estava pensando, mas não consigo acreditar que tenha feito isso.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Onde ela está?

– É seu dia de folga, mas vamos encaminhá-la para o administrador

chefe.

– Quero que ele seja transferido para um quarto reservado com

seguranças.

– Claro.

Beth segurou o braço de Maggie e levou-a para fora, enquanto

atendentes começavam a remover o material do leito. As salas de espera haviam sido esvaziadas e vários seguranças patrulhavam os corredores.

Maggie caminhou com Beth até a sala de enfermagem, onde alguém lhe

serviu um café.

Quando voltava pelo corredor, avistou a mulher alta e elegante, com a marca de nascença, diante dos elevadores. A mulher olhou para ela. Um instante depois, a luz do elevador acendeu e a porta se abriu. Antes de adentrá-lo, a mulher disse alguma coisa.

– Como disse?

– Rezo para que seu filho seja milagroso.

Antes que Maggie pudesse responder, a mulher entrou no elevador e

foi embora.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

11

O porteiro de Satanás vivia em uma mansão estilo Tudor na Greendale Road,

em Falmouth, Cape Cod. Roman Pace estava sentado em seu carro em uma pequena rua paralela ao lado de um terreno baldio que permitia uma visão clara dos fundos da casa.

Roman nunca se encontrava com quem o contratava – apenas telefonemas anônimos e dinheiro deixado nos pontos previamente combinados. Era um bom arranjo, uma vez que o anonimato mantinha as coisas discretas e simples, sem o risco de comprometimento. Roman não sabia se o cara do outro lado do confessionário era um sacerdote, um bispo ou o Frei Tuck. Só que não era o padre Timothy Callahan. E, depois de

uma semana, isso já não fazia diferença, porque uma parte de Roman começara a acreditar que ele estava, de fato, a serviço de Deus. A mesma parte que também começara a acreditar que o próprio Deus o havia dirigido para aquele confessionário, para começo de conversa.

Sua chance de restaurar a sua alma em Deus.

Era a promessa, e Roman se agarrou a ela.

A parte traseira da garagem independente tinha uma janela que permitia a visão de seu interior – não que se importasse com o que havia lá dentro. A porta da garagem estava aberta e, vinte minutos antes, os faróis de um Lexus branco haviam iluminado a janela quando o proprietário estacionou em seu interior e depois entrou na casa pela porta de trás. Os vizinhos pareciam estar fora, talvez porque fosse fim de semana de Páscoa.

Depois de quinze minutos, Roman saiu de seu carro alugado e

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

caminhou até a frente da casa. Havia luzes acesas no primeiro andar e em um dos quartos no segundo. A entrada era ladeada por vitrais através dos quais ele pôde observar o hall de entrada, mas nenhum movimento. Tocou

a campainha, e uma luz externa se acendeu. Logo depois, um velho abriu a porta.

– Desculpe incomodá-lo, mas o senhor é o doutor Thomas Pomeroy?

– Sim.

Fora descrito como tendo 71 anos e aparentava isso. Seu rosto era magro e pálido, com a pele flácida sob o queixo. Tinha olhos escuros com bolsas sob eles e grandes entradas nos cabelos grisalhos. Trajava uma calça de algodão e camiseta de mangas longas. Sua expressão demonstrava aborrecimento.

– Meu nome é Roman Pace, e tenho uma mensagem de Thomas Infantino.

– Quem?

– Thomas Infantino. – E, com a mão esquerda, Roman entregou um envelope pardo a Pomeroy com seu nome impresso em letras maiúsculas. Quando Pomeroy pegou o envelope, Roman puxou uma pistola do casaco e pressionou-a contra o corpo de Pomeroy dizendo:

– Acho que é melhor discutirmos isso aí dentro.

– O… o que você está fazendo?

– Pra dentro, e não dê um pio. – O rosto de Pomeroy congelou em estado de choque e horror, mas ele voltou para o hall, e Roman fechou a porta atrás de si.

– O que você quer? Quem é você?

– Eu faço as perguntas.

Um tapete oriental vermelho cobria o hall, iluminado por um lustre de

vidro. Um par de escadas escuras corria para o segundo andar, onde havia

uma luz acesa no canto superior direito.

– Tem mais alguém em casa?

– Não.

– Sua esposa?

– Minha esposa morreu.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Era verdade. Sua filha morava no Arizona e ele não tinha outros filhos,

de acordo com o dossiê que recebera.

– Outros parentes? Governanta?

– N… não. Estou sozinho. Quem é você? Quer dinheiro? Posso lhe

dar algum. – Fez um movimento em direção à escada.

Mas Roman o deteve.

– Não quero o seu dinheiro. – Empurrou o homem para a sala de

estar: um espaço com estantes de madeira escura, um piano de cauda preto e um conjunto de sofá e poltronas de couro marrom, e dirigiu Pomeroy para o sofá.

Pomeroy fez como lhe foi dito, o rosto lívido de terror. Roman se sentou na poltrona de couro de frente para ele.

– Quero que você me diga umas coisas – falou. – E, se eu gostar das respostas, facilito as coisas para você.

Pomeroy olhou no olho impassível da Beretta.

– Ok, mas, por favor, não...

Roman ergueu o dedo:

– Shhh. Coopere, e ninguém se machuca. Ok?

– Ok, ok.

– É um homem religioso, doutor Pomeroy?

– O quê?

– Eu perguntei: é um homem religioso?

Pomeroy hesitou.

– Não.

– Já teve algum relacionamento com a Igreja de São Pio, em Providence, Rhode Island?

– Não, nunca ouvi falar.

– E quanto ao nome Timothy Callahan?

– Não.

– Acredita em Deus?

– Não.

– Ok. Acredita em Satanás?

O rosto de Pomeroy nublou-se de perplexidade.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Não.

– Olhe, você é um físico de renome, laureado. Então, como é que

alguém na Igreja Católica quer você morto?

Um gemido involuntário subiu de seus pulmões.

– Eu não sei. Por favor, não me mate. Eu lhe pago o que quiser.

De acordo com sites na Internet, Pomeroy era famoso por ter resolvido

alguns problemas envolvendo ressonância magnética, o que resultou no

desenvolvimento de equipamentos hospitalares com melhor captação de

imagens de células cancerosas.

Aparentemente, um grande avanço, porque ele era coautor de vários

artigos no Journal of Chemical Physics e em outros veículos. Roman

entendera a importância do trabalho de Pomeroy, embora não pudesse imaginar por que, aos olhos da Igreja Católica, ele era uma abominação.

O homem continuou a implorar.

– Tem dinheiro em casa?

– Sim, sim, no andar de cima, em um pequeno cofre.

Roman calçou um par de luvas de látex.

– Vamos. – Manteve a arma nas costas do homem, enquanto o seguia até um dos quartos, onde ele abriu a porta de um armário. No chão, havia um pequeno cofre, do tipo que se encontra em hotéis. – Se algum alarme disparar, considere-se morto.

– Não, não há alarme aqui em cima. Apenas na porta dos fundos.

Roman ficou de olho enquanto Pomeroy girava a combinação, abria o cofre e tirava dali quatro maços de notas de 50 e 100; 5 mil dólares.

Roman pegou o dinheiro e meteu-o no bolso da jaqueta.

– Ótimo. Você acabou de comprar o restante de sua vida. Para o andar de baixo, vamos.

Desceram a escada e voltaram para a sala de estar.

– Vamos fazer isso parecer uma invasão, por isso, preciso amarrá-lo. Vou ligar para o 911 da estrada. Capice?

– Sim.

Então, ele amarrou as pernas de Pomeroy com algemas plásticas. Fez

a mesma coisa com os pulsos, mas sobre a camisa, para evitar marcas.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Colocou-lhe uma toalhinha sobre os olhos e, em seguida, prendeu-a com uma corda elástica pequena. Então, deitou-o no chão com uma almofada do sofá sob a cabeça.

De acordo com o dossiê, Pomeroy tinha um histórico de arritmia e estava tomando remédio para pressão alta e colesterol. As estatísticas das companhias de seguro de vida lhe dariam um risco maior do que 70% de morte por parada cardíaca. Aquilo reduzia as opções para uma.

E aquilo vinha de uma planta crescida a 4 mil quilômetros ao sul de Cape Cod, nas florestas tropicais da Amazônia – curare, uma trepadeira cujo composto era usado por índios locais para envenenar suas flechas e os dardos das zarabatanas. Também conhecido como cloreto de tubocurarina, a substância, quando injetada, causa paralisia dos músculos esqueléticos, resultando em insuficiência respiratória e morte. Com a autópsia padrão, nenhum traço do composto poderia ser detectado, e a causa da morte poderia ser listada como parada cardíaca.

Você é um guerreiro de Deus, uma voz sussurrou na cabeça de Roman. Como São Miguel.

– Ok, deite-se quieto. – Para um homem de 77 quilos, levaria cerca de sete minutos. Durante esse tempo, a vítima permanece consciente, mas incapaz de inspirar. Ele morreria por asfixia. Para parecer natural, o corpo não poderia ter quaisquer sinais de luta. E, como a toxina teria de ser injetada, nem mesmo a picada de agulha poderia ser visível na mesa de autópsia. Circunstâncias especiais exigiam estratégias especiais.

Roman foi para o cômodo adjacente e encheu uma seringa com 4cc de curare. Quando voltou, ajoelhou-se ao lado de Pomeroy no chão.

– Antes de sair, preciso fazer algumas perguntas. Existe alguma coisa em sua pesquisa que seria um problema para a Igreja Católica?

– Não, eu lhe disse isso.

– E para alguma agência do governo ou algo assim?

– Não.

– Quaisquer inimigos pessoais ou associados?

– Não que eu possa imaginar.

Pôde perceber Pomeroy relaxando na expectativa de que aquilo tudo

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

acabaria em breve, de que Roman daria os toques finais na encenação da invasão e sairia. Em sua cabeça, Roman ensaiou o passo seguinte.

– Só mais uma coisa...

– O quê?

– Não devia ter perdido a sua fé. – Com um movimento ligeiro, ele se jogou de corpo inteiro sobre o corpo de Pomeroy, empurrando a agulha profundamente em sua narina esquerda e pressionando o êmbolo com o polegar. O corpo de Pomeroy agitou-se sob o de Roman enquanto soltava um grito esganiçado. Roman retirou a agulha, ao mesmo tempo em que se esforçava para não ser atirado ao chão. A toalhinha e a corda elástica deslizaram do rosto de Pomeroy na luta, e Roman fez tudo que podia para impedir o homem de adquirir quaisquer contusões denunciadoras que levantassem dúvidas para o legista.

Como, numa escala de zero a seis de toxicidade, o composto era avaliado em seis, em menos de um minuto o tronco e as pernas de Pomeroy enrijeceram-se. Seus olhos se arregalaram como bolas brancas e sua boca afrouxou incapaz de inspirar. Em questão de segundos, ele se transformou em um cadáver quente, com as pernas estremecendo

ocasionalmente e as pálpebras descendo sobre fendas flácidas.

Roman esparramou-o no sofá. Retirou as algemas plásticas e ajustou as roupas e os pés de Pomeroy, até que parecesse um homem que houvesse morrido de um ataque cardíaco enquanto lia uma revista. Pegou um exemplar da revista Time na mesa de centro e posicionou-a no chão.

Quando terminou, Roman olhou para o homem morto.

– Mas como você pode ser porteiro de Satanás? – Não importava.

Roman não se sentia mais perto de Deus, apenas 20 mil dólares mais rico.

Desarmou o alarme da porta dos fundos e saiu para a noite.

Meia hora depois, parou em uma área de estacionamento panorâmico ao longo da Rota 6A.

Durante o dia, dezenas de pescadores estariam empoleirados nas rochas lá embaixo, lançando suas linhas atrás de robalos riscados. Às dez da noite, apenas um obstinado mantinha-se naquilo. Um longo e elegante veleiro deslizava pelo canal das águas do porto de Boston. Um dia, ele

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

haveria de comprar um como aquele e rumar para as Bermudas. Roman

puxou o telefone celular seguro que o cara no confessionário lhe dera e teclou o número que fora passado a ele.

Uma voz masculina respondeu com um simples e direto ‚Sim?'

– Missão cumprida.

– Ótimo. Da maneira prescrita?

A voz soava como a do Padre X.

– Sim.

– Estamos muito gratos por seu serviço. E o Senhor Deus também. Você está purificando sua alma e chegando mais perto de garantir a vida eterna, meu irmão.

Roman sentiu algo dentro dele acelerar, e aquele não era o tipo de conversa sacerdotal que o deixava embaraçado quan- do pequeno.

– Quer dizer que ainda não estamos conversados?

– Em poucos dias, você terá notícias nossas. Obrigado, meu filho. – E o homem desligou.

Por um momento, Roman continuou a olhar para o celular desligado, pasmo. Depois, fechou-o e meteu-o no bolso da jaqueta. Então, a coisa não havia acabado.

Lá embaixo, o pescador apanhou um robalo. Iluminado pelas luzes do estacionamento, ele segurou a linha com uma mão, aparou o peixe na rede com a outra e o levou para as rochas.

Parecia menor do que o tamanho mínimo de abate regulamentado, 74 centímetros, mas, depois de remover o anzol da boca do peixe, o pescador o jogou em um cooler.

Roman tomou um gole de sua garrafinha d’água. Enquanto observava o iate deslizar pela escura vastidão do canal, o pensamento de um novo serviço desencadeou uma sensação vertiginosa em suas entranhas. Talvez, mais outros 15 mil. E, talvez, outro milênio no paraíso.

Olhou para a água, as luzes da costa na margem oposta refletindo-se na superfície negra. Pensou sobre como a vida havia se tornado interessante nos últimos tempos. Ergueu os olhos para o céu. Acima do escuro horizonte ao leste, as estrelas começavam a surgir, como se trazidas

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

pelo mar. Inspirou o ar fresco salgado e mergulhou na noite. Acima do distante horizonte, avistou uma estrela cadente.

Obrigado, Deus.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

12

– A última coisa de que eu preciso é um bando de fanáticos religiosos reunidos em torno do meu filho como se ele fosse Nossa Senhora de Lourdes – disse Maggie.

– Bem, eles não vão mais chegar até ele – disse Kate.

Estavam sentadas na cafeteria do hospital na manhã após o incidente. Zack havia sido transferido para outro quarto, em uma ala diferente, conhecido apenas por um punhado de funcionários e familiares. Por insistência de Maggie, o hospital havia postado um guarda do lado de fora do quarto o tempo todo.

– Se ele fosse uma força de cura, seria o caso de eles se perguntarem por que Zack não consegue despertar a si próprio.

– A lógica não parece ser o ponto forte deles – disse Kate, tomando seu café.

– Tanto faz. Não tenho certeza se vou aparecer no domingo. – Seria

Páscoa, e Kate normalmente organizava um almoço, não tanto como uma celebração religiosa, mas, sim, como um pretexto para reunir a família.

– Talvez você possa dar só uma passada lá para a sobremesa, depois do hospital.

Maggie assentiu, distraída com alguma coisa no comportamento de sua irmã. Estava certa de que faltar ao almoço de Páscoa não era o problema.

– Está tudo bem?

Kate olhou para ela por um momento, enquanto remoía algo em sua

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

mente.

– Ontem, Bob se encontrou com um amigo, Art Avedisian, no Departamento de Línguas do Oriente Próximo, de Harvard.

Bob lecionava literatura francesa na Wellesley College.

– E?

– Bem, ele lhe mostrou o vídeo de Zack.

Maggie pôs-se, subitamente, em alerta.

– E então?

– Não foi glossolalia.

– Claro que não. Eram somente sílabas sem sentido.

– Na verdade, não. Era aramaico.

– Aramaico? Não é uma língua antiga?

– Sim, é a língua nativa de Jesus Cristo.

– O quê?

– De acordo com o amigo de Bob, que é um erudito, especialista em aramaico, essa língua ainda é falada em pequenas regiões do Oriente Médio. Disse que Zack falou em um velho dialeto.

Tudo o que Maggie conseguiu dizer foi:

– O quê?

Kate confirmou.

– Foi o que ele disse.

– Bem, isso não é possível. Ele está errado. Zack não conhece nenhuma língua antiga. Isso é um absurdo.

– Estou apenas relatando o que ele disse. Ele também traduziu o que conseguiu entender. – Ela tirou um bloco de notas de sua bolsa. – Acho que ele estava repetindo várias frases: ,Pai, tudo te é possível; Afasta de mim este cálice! Contudo, não se faça o que eu quero, senão o que tu queres'. Então, Zack recitou a oração do pai-nosso em aramaico.

– Não acredito nisso.

– Eu sei. Mas, de acordo com Avedisian, foi isso, um excerto

da Suprema Angústia no Getsêmani no dialeto original.

– O… o quê?… Como?

– Eu não sei – disse Kate. – Até onde você sabe, ele alguma vez fez

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

um curso de aramaico?

– Não, e por que faria?

– Sei lá. E acho que isso não faz parte do currículo normal de

qualquer faculdade. Segundo Art, o único lugar em que se pode encontrar

esse curso na Nova Inglaterra é na pós-graduação em Harvard. E sabemos

que ele nunca fez isso. Nem o aramaico é algo que se pode aprender com

a Pedra de Roseta[4].

[4]. A Pedra de Roseta é um fragmento de uma estela do Egito Antigo que registra um mesmo decreto do rei Ptolomeu V. Em 1822, Jean-François Champollion usou essa estela para decifrar os hieróglifos,

comparando os três textos. (N. da T.)

– Então, o cara está errado. Não era isso – Maggie insistiu.

– Pode ser. Mesmo se quisesse, onde você encontraria versões em aramaico das falas de Jesus?

Maggie sentiu uma onda de arrepio percorrer seus braços.

– Ele nem mesmo é religioso.

– Eu sei, mas como você explica isso?

– O cara está errado. Completamente errado.

Kate balançou a cabeça concordando e tomou um gole do café.

E Maggie esfregou os braços para conter um calafrio.

Mais tarde, em casa, Maggie ouviu a fita várias vezes seguidas. Não conseguia entender a língua, é claro. Soava um pouco como uma mistura do árabe com o grego. Mas o que permaneceu em sua mente quando foi se deitar e encostou a cabeça no travesseiro no escuro não foi a língua, mas a voz.

Tudo o que ela conseguia ouvir era Nick.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

—
—
—
—
—
—

a

13

Besouros estavam comendo o seu cérebro.

Podia ouvi-los dentro de seus ouvidos – um zumbido agudo e elétrico enquanto eles abriam caminho até o núcleo de sua cabeça mastigando-lhe os miolos.

Centenas deles. Talvez milhares. Podia senti-los vibrando por baixo de seu crânio, quase cegando-o com seu frenesi. Ele lutava para se controlar e não fazer uma cena no fundo do ônibus, não gritar nem bater a cabeça na trave de equilíbrio.

Como fazia todas as manhãs ao nascer do dia, encaminhou-se para a Harvard Square de Boston e tomou o ônibus 350, que desceu a Massachusetts Avenue até a parada Alewife, na linha Cambridge/Arlington, onde ele saltou e caminhou uns oitocentos metros até a interseção das Rotas 16 e 2, o seu território para mendigar por entre

os carros parados no semáforo. Era um bom lugar, rendia um dólar ou dois a cada vinte carros.

Mas naquela manhã estava pior. O barulho e os zumbidos agudos e as imagens de suas pequenas pinças escavando túneis haviam piorado na semana anterior, tanto que ele mal era capaz de erguer o seu cartaz de papelão:

Ajude por favor

Doente e desabrigado

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Deus abençoe

Pouco conseguia se concentrar em sua pequena e costumeira caminhada ao longo da fila de carros parados, a partir do semáforo. Normalmente, olhava para os motoristas, esperando que não fingissem que ele era invisível e que baixassem a janela para lhe dar uma esmola.

O zum-zum-zum alucinante no interior de seu crânio vinha acontecendo fazia dias, mas naquela manhã estava pior do que nunca – como se estivesse passando por uma bad trip de cogumelos. Na noite

anterior, teve um sonho em que caía de sua cama e escorregava para um funil grande e escuro, avançando em alta velocidade em direção a uma luz enevoada e cinzenta no final dele. Mas não lhe pareceu um sonho, porque ouvia um estalido elétrico que ia aumentando à medida que ele deslizava no tubo em direção ao tal final que ele não queria alcançar. Ao se aproximar da luz, tentou parar, arrastando os pés e as mãos contra as laterais, mas acabou desembocando no fim em um buraco negro infestado de besouros.

Quando acordou, cambaleou até o ponto de ônibus, tentando se desvencilhar da sensação de que eles estavam dentro de sua cabeça e ameaçavam abrir caminho para fora de seus ouvidos comendo-o por dentro. Ao saltar em Alewife, o zumbido havia se intensificado a um nível insano, forçando-o a esfregar o rosto e golpear os ouvidos. Seu mundo inteiro tinha sido reduzido àqueles pequenos corpos brilhantes com mandíbulas de pinça que começavam a fluir de suas orelhas e de seu nariz. Tropeçava em meio ao trânsito, tentando freneticamente eliminar aquelas coisas do rosto e da cabeça, cuspindo e engasgando, lutando para respirar junto àquele zumbido de perfuração ininterrupto.

Foi ao chão, totalmente alheio aos motoristas que prestavam mais atenção ao semáforo do que ao espetáculo de Wally, que urrava e arrancava os cabelos do couro cabeludo e a pele do rosto como um

demente.

Com o rabo do olho, percebeu um enorme caminhão verde de lixo

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

parado no semáforo, as grandes rodas duplas enchiam sua visão.

No momento em que a luz mudou e o tráfego começou a se mover

novamente, Wally deslocou-se para a pista e meteu a cabeça debaixo dos

pneus traseiros do veículo.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

14

Maggie não fazia ideia de como Zack havia murmurado as palavras de Jesus

em aramaico.

A única coisa que poderia fazer sentido era a possibilidade de que, em algum momento durante seus estudos, ele tivesse lido ou escutado uma fita e isso houvesse se fixado em sua memória, consciente ou inconscientemente. Mas isso suscitava ainda mais perguntas: onde poderia ter encontrado uma gravação assim? E, mesmo se ele tivesse encontrado, por que Zack, que se orgulhava de ser um humanista secular, ficaria interessado nela? Ou guardaria de cor o pai-nosso no original? Isso sem questionar o fato de ele ter murmurado as passagens durante o coma.

Outra possibilidade era Nick. Durante o seu declínio, havia se tornado um fanático religioso, talvez a ponto de ler a Bíblia em aramaico. Era possível que, sem que ela soubesse, ele houvesse ensinado a Zack quando esse ainda era criança.

Fosse qual fosse a explicação, Zack estava agora em um quarto reservado, com uma equipe sigilosa e segurança permanente – um arranjo feito pelo hospital, que temia que Maggie processasse a instituição por violação do direito do filho à privacidade. Stephanie, a auxiliar de enfermagem, havia sido demitida por postar o vídeo.

Embora a grande mídia já tivesse deixado a história de lado, na Internet, grupos religiosos reclamavam pelo fato de estarem barrando as pessoas no hospital, privando-as da cura divina. Fotografias de Zack ainda

circulavam, assim como o vídeo. Havia também uma foto de uma

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

indistinta mancha de infiltração na parede acima de seu leito, que diziam

ser o rosto de Jesus.

Para Maggie, parecia uma mancha de infiltração. Uma insípida

mancha de infiltração.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

15

O anúncio da morte de Thomas Pomeroy estava nas páginas do obituário na forma de um longo artigo sobre o homem e sua vida. E Roman o leu com interesse.

Pomeroy havia sido encontrado morto em seu sofá da sala por uma empregada doméstica. O relatório da autópsia afirmou que ele morrera de ‚parada cardíaca' – palavras que encheram Roman de orgulho.

De acordo com o jornal, Pomeroy destacara-se por seu papel no desenvolvimento ‚de imagens de ressonância magnética (IRM) de alta resolução. Embora equipamentos de ressonância magnética estivessem disponíveis desde o começo da década de 1980, a contribuição do doutor

Pomeroy aprimorou grandemente os recursos de imagem para visualizar os clusters individuais de células cerebrais, o que facilita o acompanhamento do progresso dos tumores cerebrais...'

Em seguida, os comentários de colegas e familiares sobre sua inestimável contribuição para a física médica e a prática de diagnósticos radiológicos. Todos os seus cursos em instituições renomadas e prêmios foram listados entre as suas realizações, e a matéria informava também que o físico deixava uma filha e três netos em Phoenix, blá... blá... blá...

Roman tomou um gole de Red Bull, pensando em como ele era bom em seu ramo e como não havia perdido o jeito após todos aqueles anos. Ainda era capaz de despachar um sujeito sem escrúpulos nem piedade; agora, então, tornara-se ainda mais resoluto, já que estava trabalhando para uma causa maior. Na verdade, a maior. Como o próprio São Miguel.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

No passado, Roman mantinha o respeito profissional pela privacidade do cliente. Ele raramente sabia com quem estava negociando. Da mesma forma, nunca perguntava sobre a vida daqueles que liquidava. Não era

apenas desinteressado, mas também achava que não era uma boa ideia conhecer seus alvos. A curiosidade poderia enfraquecer sua determinação de meter uma bala na cabeça de um cara que fosse treinador da Liga Infantil e tivesse uma penca de filhos. Por outro lado, indagar sobre os motivos que levaram determinado indivíduo a se tornar um alvo colocava em perigo sua própria vida. Então, lidava com seu negócio na base do anonimato total.

Mas o serviço de Pomeroy começou a corroê-lo. Por que alguém iria querer assassinar um famoso físico médico?

E por que alguém a serviço de Deus?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

16

Emma Roderick não conhecia Stephanie Glass pessoalmente, a auxiliar de enfermagem que ela havia substituído, mas tinha ouvido falar sobre a demissão. Até outro dia, Emma trabalhava em uma enfermaria de

gerontologia, onde a maioria de seus pacientes sofria de demência e um rol de doenças físicas associadas à idade avançada. Os pacientes da ala onde trabalhava agora tinham menos de 50 anos e estavam em vários estágios de reabilitação de uma infinidade de problemas neurológicos – derrames, aneurismas, ferimentos na cabeça, overdoses.

O que ela sabia era que, por ordem da administração do hospital, Zack Kashian havia sido transferido para lá a fim de que pudessem escondê-lo da imprensa e do público, porque fanáticos religiosos haviam invadido seu quarto na semana anterior, afirmando que Deus estava falando por intermédio dele e realizando milagres. Ela havia visto o vídeo do telefone celular e não acreditava em nada daquilo que estavam dizendo sobre Zack. Assim como seus pacientes com demência, o pobre rapaz balbuciara sílabas sem sentido e as pessoas exageraram, afirmando que aquilo era obra de Deus; e a mesma coisa podia ser dita em relação ao rosto de Jesus na parede e a uma imagem da Virgem Maria vertendo lágrimas de sangue, e ao ar denso com o perfume de rosas.

Infelizmente, as pessoas acreditam no que querem acreditar, Emma disse a si mesma. Mas a dura realidade era que Zachary Kashian estava no nível dois na Escala de Coma de Glasgow[5], ou seja, ele provavelmente permaneceria em um sono profundo por um longo tempo, talvez até a

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três

horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

morte. Os assistentes sociais já estavam conversando com sua família

sobre a possibilidade de transferi-lo para uma clínica particular de

reabilitação.

[5]. A classificação pela Escala de Coma de Glasgow obedece a três critérios: resposta de abertura ocular, fala e capacidade motora. (N. da T.)

Como Emma era novata, trabalhava normalmente no sacrificante

turno da noite, das 23 horas às 7 horas, e em feriados como aquele, um

domingo de Páscoa, durante o dia.

Era meio da tarde, e ela iria celebrar o feriado, naquele ano, à noite.

Seus pais foram muito compreensivos, especialmente sua mãe, que

apreciou não precisar se levantar ao romper da aurora para preparar a

refeição – a tradicional perna de cordeiro e geleia de menta caseira. Sua

irmã e a cunhada levariam feijão, batata gratinada, aspargos e cenouras,

além de uma torta com recheio de morango e ruibarbo, a preferida de seu

pai.

– Pai.

Por um momento, Emma pensou que ela havia pronunciado a sílaba

em voz alta sem se dar conta.

Virou a cabeça para a cama, e um raio de eletricidade atravessou seu peito. Os olhos de Zack Kashian estavam abertos e fitavam-na.

– Pai – ele sussurrou.

– Oh, meu Deus! – ela engasgou, como se o cara houvesse ressurgido dos mortos. – Espere. Espere... – disse ela, e saiu correndo do quarto para chamar Heather, a enfermeira de plantão, e Seth Andrew, o médico residente.

Quando retornaram, Zack ainda estava olhando para a frente.

Como Heather havia estado naquela enfermaria por muitos anos e já tinha visto outros pacientes acordarem do coma, ela imediatamente assumiu o comando.

– Oi, Zack. Meu nome é Heather e sou a sua enfermeira. Este é Seth,

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

o seu médico, e esta é Emma. Você pode me ouvir?

Zack olhou para ela, mas não respondeu.

– Zack, quero que você me escute, ok? – Ela se movimentava de um

lado para o outro para determinar se ele a estava acompanhando. Ele estava. – Bom, Zack. Sei que é confuso para você, mas quero que me diga o seu nome.

Por incrível que pareça, Zack olhou diretamente para Heather e disse em uma voz áspera pelo desuso:

– Zack.

– Isso é ótimo. Agora me diga seu nome completo, o sobrenome também.

– Zachary Kashian. – Então, ele revirou os olhos para Emma. – Onde está o meu pai?

Emma tentou controlar a tremedeira.

– Seu pai? – perguntou com uma vozinha esganiçada.

– Ele estava aqui.

– Não havia mais ninguém aqui – disse Heather.

– Eu acho que você estava sonhando – disse o doutor Andrew.

– Não. Ele estava aqui. – Zack fechou os olhos novamente e virou a cabeça.

– Zack! – Heather gritou. – Abra os olhos. Por favor, abra os olhos de novo.

Zack não respondeu.

– Zack – disse o doutor Andrew –, não se assuste, mas você está em

um hospital. Você sofreu um acidente que o deixou inconsciente por um

tempo. Mas você está muito melhor, e a grande notícia é que você

acordou.

Zack entreabriu os olhos novamente. E o doutor Andrew foi rápido em

capturar seu olhar.

– Zack, olhe para mim, ok? Mova os pés.

Os seus pés, ainda com os tênis novos, apontavam para o alto no final

da cama. Zack movimentou-os de um lado para o outro, batendo-os.

– Bom trabalho. Isso é fantástico. Agora, eu quero que você me diga

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

onde você mora.

– Magog Woods.

– Onde?

Emma sabia, pelo prontuário, que ele vivia em Boston, perto

do campus da Northeastern University.

– Magog Woods.

– Onde fica isso? – Heather perguntou.

Zack fechou os olhos novamente.

Com uma voz enérgica, Heather disse:

– Zack, abra os olhos. Vamos lá, mantenha-os abertos e fale comigo. Diga-me onde você frequenta seu curso.

Nenhuma resposta.

– Zack – o médico disse –, você sofreu um acidente de bicicleta e foi trazido para o hospital. Você se lembra disso?

– Areia.

– Areia? O que tem a areia? Você derrapou na areia? Fale-me a respeito disso. Zack, por favor, abra os olhos. Você não pode voltar a dormir novamente. Por favor. Você está indo muito bem.

– Bati a cabeça. – Ele abriu os olhos.

– Você bateu a cabeça? Diga-me do que você se lembra, Zack. Diga-me como você bateu a cabeça.

Fechou os olhos de novo e rolou a cabeça para o lado.

– Vamos, Zack, abra os olhos. Você não pode adormecer novamente. Diga-me como você bateu a cabeça. Será que caiu da sua bicicleta?

Mas Zack mantinha os olhos fechados, e Heather e o médico continuavam tentando convencê-lo a abri-los outra vez, temendo que ele mergulhasse no coma novamente.

Mas, depois de alguns segundos, seus olhos se abriram de novo. Ele

olhou para os braços com o soro e a medicação, os monitores ligados ao

seu peito, os tubos ao longo de seu corpo correndo para bolsas e os

cateteres de alimentação, e então disse:

– Há quanto tempo estou assim?

– Bem, algumas semanas.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Zack olhou para Heather sem expressão, mas sua mente avaliava o

que a enfermeira acabara de lhe dizer. Estremeceu e fechou os olhos

novamente.

Ela se aproximou.

– Zack, mantenha os olhos abertos.

– Ele está aqui – Zack sussurrou.

– O que foi? Quem está aqui?

Mas Zack voltou a dormir.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

17

Às oito horas da manhã seguinte, a enfermeira Heather entrou no quarto de Zack.

– Oi, Zack, como você está?

– Ok.

– Pronto para receber visitas? – Heather estava radiante. – Sua mãe está aqui para vê-lo.

Várias horas se passaram desde que Zack despertara. Sentia-se mais concentrado e menos cansado. Mantinham-no acordado bombardeando-o com perguntas para avaliar suas funções cognitivas. Demorou um pouco para ele se conformar com o fato de que estivera em coma por doze semanas, que havia perdido as férias de primavera e o Campeonato de Basquete Universitário, para não mencionar os quase três meses de trabalho perdidos em sua dissertação, cujo prazo final era 1o de abril (teria de pleitear uma extensão). O que o surpreendeu foi como perdera quase vinte quilos em tão pouco tempo. Ainda mais surpreendente era o seu grau

de fraqueza. Levantar os braços era um esforço. Mas as enfermeiras disseram que isso era natural, e como ele era jovem, estaria de volta ao normal após umas poucas semanas de fisioterapia.

A enfermeira Heather ergueu um pouco a cabeceira do leito e deu-lhe alguns goles de suco de laranja. Em um dia ou dois, removeriam o tubo de alimentação para que ele pudesse comer normalmente, começando com purês e milkshakes.

– Não vamos exagerar na duração das visitas para não cansá-lo demais.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Está pronto?

Ele balançou a cabeça concordando.

– Mande-a entrar – disse ele, um pouco receoso em ver sua mãe, pois ela era uma mulher emotiva.

Heather saiu e, momentos depois, retornou com a mãe dele. Quando a viu entrar, a primeira coisa que Zack percebeu foi que ela havia perdido peso. Vestia calça verde-clara, um suéter branco e o colar que ele lhe dera no último Natal. Raramente se pintava, mas, naquele dia, havia se

maquiado.

– Oi – disse ele, numa voz rascante.

Por um momento, ela ficou parada na porta congelada. Embora sua mãe provavelmente houvesse mantido constante vigília à sua cabeceira, Zack fazia ideia de como ela o estava vendo naquele momento: esquelético, com a cabeça toscamente raspada, macilento, com escaras e cicatrizes, braços finos como vassouras. Sorriu o melhor que pôde e estendeu-lhe a mão. Ela começou a chorar e foi até o filho, tomando-lhe a mão. Ele estava fraco, mas esforçou-se para apertar-lhe os dedos. Soluçando e tentando sorrir, ela disse:

– Graças a Deus. Eu amo você – ela sussurrou.

– Também amo você – sua voz estava rouca.

A enfermeira ajudou-a a se acomodar em uma cadeira ao seu lado. Ela apertou a mão dele enquanto tentava se recompor, enxugando o rosto com lenços de papel.

Zack sabia que a mãe sentia certo grau de culpa – não apenas a incutida por sua formação católica romana, mas algo que ela carregava como uma febre baixa. Ou um sentimento materno por não protegê-lo melhor. Era mais profundo. Por alguma inefável razão, ela acreditava que Zack a culpava por Nick tê-lo abandonado. Isso era totalmente irracional. A morte de Jake causara isso, não Maggie.

Ela tomou a mão de Zack, agora chorando de alegria.

– Foi vingança do Menino.

– O quê?

– O prefeito. Eles me disseram que bati num buraco.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Quando ela recuperou o controle, disse:

– Você não deveria ter ido andar de bicicleta tão tarde. E sem

capacete.

– Mãe, eu estava a poucos quarteirões de distância de onde moro. Eu

só não vi o buraco.

Ela beijou-lhe a testa.

– Graças a Deus você está bem.

– Mas eu dormi um bocado.

– Sim, por 86 dias.

– Mas quem estava contando? – Ela se inclinou e beijou-o na

bochecha e na testa. E ele podia sentir as lágrimas pressionando os seus

próprios olhos.

Quando ela se instalou na cadeira novamente, disse:

– Boas notícias. O seu orientador de dissertação deu-lhe uma prorrogação de seis meses. Portanto, acabou-se a pressão. Não é ótimo?

– Isso significa que irei me formar em janeiro. Não em junho.

– Podemos viver com isso. – Ela sorriu e beijou-o novamente.

– Acho que ouvi você falando comigo enquanto estava dormindo.

– Foi?

– Você sempre me dizia para abrir os olhos. Mas, cada vez que eu tentava, entrava areia neles. Acho que você também me pediu para limpar meu quarto e colocar o lixo para fora.

Ela riu e apertou a mão dele.

Zack podia sentir o carinho naquele contato. Era bom. Foi um alívio vê-la rir de novo. Como devia ter se consumido de medo e tristeza nos últimos três meses... Por isso, ele resolveu naquele momento que, quando estivesse fora do hospital, passaria mais tempo com ela, iria aproximar-se, esforçar-se para tornar sua vida melhor. Ela tinha sofrido muito nos últimos dez anos.

– Eu também tinha sonhos com o papai. – Como ele temia, a mera menção do pai fez com que ela fechasse o sorriso.

– Sonhos? Que tipo de sonhos?

– Principalmente sobre Sagamore Beach, acho.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Maggie assentiu com a cabeça, tentando parecer inte- ressada.

– Era tão real... até a neblina pesada. Estou surpreso que a cama não

esteja toda molhada.

Ela não disse coisa alguma, apenas ficou olhando para a agulha do

soro nas costas da mão dele.

– Acho que meu pai estava lá, mas eu não podia vê-lo, apenas sentia

que ele estava lá. Foi estranho.

– Bem, você estava em coma.

Ela não disse mais nada e desviou o olhar, provavelmente pensando

em como aquilo era a cara de Nick: estar mais ou menos em um lugar. Ela

nunca o perdoou por deixá-los e depois morrer, e agora Zack estava

sonhando com ele. E ele sabia que a mãe se ressentia disso. Tê-la

abandonado quando ela estava tão mal. Tê-la abandonado quando ela mais

precisava. Entretanto, Zack se lembrava do pai como um homem tranquilo

e reservado, que também era terno e amoroso. Ele jamais perdera uma

única partida de futebol de Zack ou os jogos da Liga Infantil de Jake. E ele

aplaudia com grande entusiasmo e orgulho de seus garotos.

Mas a morte de Jake mudou-o profundamente, sugando a vitalidade de sua alma, deixando-o uma casca de seu antigo eu, que mal conseguia se comunicar. Na época em que ele e Maggie se divorciaram, sua depressão o deixara irreal. Ele havia se mudado para um apartamento em Waltham para ficar mais perto da empresa de engenharia em que trabalhava. Foi quando Zack ainda estava no colégio, mas se esforçando para entrar na faculdade, com uma carga de estudos preparatórios muito pesada. Depois disso, Nick anunciou que tinha deixado o trabalho para se tornar um monge leigo nas montanhas Berkshire, tornando seu retiro permanente. E, para todos os efeitos práticos, o pai de Zack estava morto.

Na essência, Zack ainda o amava – ou amava alguma versão anterior dele. Mas ele mal se lembrava de sua aparência. Nunca dissera à sua mãe, mas, durante seus anos de escola, Zack inventava histórias sobre ele – coisas legais como ele viajar por todo o mundo como fotógrafo profissional, ou praticar mergulho na Austrália e na Papua-Nova Guiné. Chegou a afirmar, certa vez, que seu pai havia desaparecido durante uma

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

tempestade, tentando pousar em Tonga. Isso só terminou quando Zack entrou na faculdade. Nessa época, seu pai já havia morrido de verdade. E os únicos indícios de que ele algum dia fizera parte de sua vida eram algumas fotos e a urna sobre a lareira.

– Eles provavelmente irão lhe contar melhor, mas, quando você acordou, chamou por ele.

– Chamei? – Zack ficou surpreso, mas podia ver que a mãe ficara magoada com isso.

– Você também andou recitando alguma coisa, outro dia, enquanto estava em coma.

– Recitei alguma coisa?

– Uma oração em aramaico.

– Aramaico? Você deve estar brincando.

– Você conhece um pouco de aramaico?

– Não, e como poderia? Isso não é uma língua morta?

Ela tirou o celular da bolsa, pressionou algumas teclas e depois virou o visor em sua direção. Lá estava ele deitado na cama, com os olhos fechados, mas movendo-se sob as pálpebras. Seus lábios brilhavam com um bálsamo hidratante, e com uma voz estranha e gutural ele murmurava algo totalmente ininteligível, mas que soava com o ritmo e o padrão de

uma língua real. A gravação durou cerca de um minuto; então, ele parou de murmurar e retornou ao estado comatoso, como se nada tivesse acontecido.

– Eu não sei o que é. Essa nem mesmo é a minha voz.

– Eu sei. O que torna a coisa ainda mais estranha. Mas um especialista em línguas confirmou que você estava falando em aramaico. Na verdade, o pai-nosso. Talvez você o tenha memorizado para uma prova ou algo assim?

– Eu me lembraria disso. E que tipo de curso seria esse? – De repente, ele sentiu um cansaço esmagador.

– Talvez o seu pai tenha ensinado a oração para você quando criança.

– Talvez.

Ela fez um gesto de pouco caso com a mão.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Tanto faz. A enfermeira quer que você descanse um pouco. – Ela o beijou na testa. – Amo você.

– Amo você, também. – Ele a observou sair da sala, vencido pela

fadiga. A última coisa que queria era mergulhar novamente no sono e nos

sonhos.

Mas, felizmente, ele caiu em um profundo vazio pelas seis horas

seguintes.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

18

Matar em nome de Deus tirava toda a pressão. Nada de problemas de consciência ou moralidade. Nada de se preocupar com uma vida após a morte ruim. Além disso, era uma forma de lucrar praticando o bem, justamente como o Padre X havia dito.

Uma semana depois de despachar Thomas Pomeroy, Roman Pace recebeu outra chamada no celular seguro. Com a mesma voz suave, o Padre X disse que tinha outro serviço. Outro servo de Satanás. Será que ele aceitaria a missão? Sim. Pela mesma quantia? Sim.

A vida era boa.

Roman foi instruído a dirigir até o estacionamento do Shopping Burlington, às 8h15 da manhã, onde, na base de um determinado poste de luz, ele iria encontrar um pequeno saco contendo outro pagamento e outro telefone celular, que ele teria de atender quando tocasse, às 8h20. Como o outro aparelho, aquele também era seguro. Mesmo assim, era preciso remover a bateria e descartá-la separadamente do telefone para evitar rastreamento.

Precisamente às 8h15, Roman dirigiu-se para o estacionamento, que era amplo e encontrava-se vazio àquela hora. Avistou um carro da segurança deslocando-se na direção oposta, o que significava, portanto, que quem o havia contratado sabia que ele não seria notado ao estacionar perto do poste para apanhar o saco de papel pardo.

Nele havia dinheiro, três maços separados de notas de cem, e outro celular. Minutos depois, o telefone tocou: era o Padre X querendo a

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

confirmação de que Roman fizera a coleta. Roman então partiu, corroendo-se de curiosidade para saber qual era o motivo de um homem

do clero ter lhe adiantado mais 15 mil para liquidar outro cientista.

Dessa vez, seria a doutora LeAnn Cola, do Departamento de Neurologia do Dartmouth-Hitchcock Medical Center, em Lebanon, New Hampshire. Sua morte deveria parecer acidental e sem semelhanças com a de Pomeroy. De acordo com sua biografia, Cola era divorciada e vivia com sua filha de 15 anos. Não possuíam animais de estimação porque a filha era asmática.

Antes de voltar para casa, Roman violou o protocolo e ligou de volta.

– Nunca fiz o serviço em mulheres antes, por isso, só estou querendo saber sobre ela.

– Não posso entrar em detalhes, mas basta dizer que, aos olhos do Senhor, ela cometeu atos de abominação contra o próprio céu.

– Pode me dar uma pista do que foi?

– Não, sinto muito. Mas tenha certeza de que você agradará a Deus com esse serviço.

O número 147 da Forest Street, em Cobbsville, New Hampshire, era uma fortaleza de tijolos aninhada entre arbustos em uma rua tranquila, de gramados viçosos. As luzes da casa vizinha estavam todas apagadas. A casa do outro lado estava escondida pela vegetação. Em frente a elas só havia um parque natural. Quase perfeito.

Roman estacionou na rua e esperou duas horas até as luzes da casa se

apagarem, e mais outra hora para ter certeza de que mãe e filha estavam dormindo. Era uma noite de primavera excepcionalmente quente, o que fazia com que desejasse ligar o ar-condicionado, mas isso poderia chamar a atenção. Por isso, ficou ali esperando no interior quente do veículo, lembrando-se de que, alguns meses atrás, fora salvo da morte para executar aquela missão. Não havia sido mera sorte: Deus o amava tanto que interveio, dando a Roman outra chance. Foi como se Deus estivesse dizendo ,Você pode se redimir fazendo algo para mim'. E aquilo era esse algo. E até mesmo uma mulher poderia ser uma abominação contra Deus.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Roman saiu do carro silenciosamente e foi para os fundos da casa.

Havia quatro quartos no segundo andar; dois deles tinham aparelhos de ar-condicionado que estavam liga- dos. Perfeito.

Mas não havia ar-condicionado na sala de estar no térreo, onde uma janela telada estava aberta apenas alguns centímetros. Ele enfiou a lâmina de seu canivete embaixo da moldura, sol- tou-a e levantou a janela.

Nenhum alarme na janela e nenhum sensor de movimento na sala.

Sempre o surpreendera como a maioria das pessoas mantinha-se tão vulnerável. Uma neurologista morando sozinha com a filha. Seria de se imaginar que ela instalaria um sistema de alarme ou pelo menos teria trancas nas janelas.

Saltou dentro da saleta íntima, onde estofados modulares encaravam uma TV de tela plana. Tudo estava quieto. Ele passou por um corredor que dava na cozinha. Não havia sensores de movimento em lugar algum ou um painel de alarme. Mas ele notou um reluzente fogão a gás de seis bocas. Dirigiu-se para a frente da casa e para a escada que levava ao segundo andar.

No topo, havia uma porta com uma placa: ‚Quarto de Victoria'. A filha. Em frente, o quarto principal. Ele abriu uma frestinha na porta do quarto da filha. À luz alaranjada de uma lâmpada de lava distinguiu a silhueta da garota adormecida de costas. De uma janela à esquerda, o ar-condicionado resfriava o ambiente. O que era bom, porque a garota dormia debaixo de vários cobertores, e o aparelho abafaria os sons.

Mas primeiro a mãe.

Ele fechou a porta e caminhou para o quarto principal. O único ruído vindo de lá de dentro era de outro aparelho de ar-condicionado. Abriu a porta. A mulher estava dormindo em uma cama king-size, à direita. O ar-condicionado soltava seu sopro gelado de uma janela à esquerda. Fechou a

porta e, à luz ambiente, deslocou-se até a lateral da cama da mulher. Ela

roncava ligeiramente.

Tapou-lhe a boca com a mão enluvada e colocou a arma em sua

cabeça.

– Acorde.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Os olhos da mulher se abriram e, petrificada, ela o encarou. Então,

debateu-se e tentou gritar, abafada pela mão dele.

– Sua filha está no quarto em frente. Se você gritar, eu mato ela.

Entendeu? Vou matar sua filha se você der um pio.

Ela balançou a cabeça e gemeu confirmando que havia compreendido.

Ele soltou a boca da mulher.

– O que você quer? – A tensão era evidente na voz dela.

– Quero que você me diga qual é a sua ligação com Thomas Pomeroy.

– Thomas... Tom Pomeroy?

Tom.

– Como você o conhecia? Qual era o seu relacionamento com ele? E

fale baixo.

– N-nós trabalhamos juntos. Quem é você?

– Fazendo o que e onde?

– Em um projeto.

– Que tipo de projeto?

– Nós estávamos trabalhando em equipamentos de IRM. Ressonância magnética.

– Para os hospitais.

– Sim. Ele ajudou a desenvolver hardware.

– Isso não me diz nada.

– Estávamos fazendo imagens de alta resolução do cérebro.

– Quem estava pagando para que vocês fizessem isso?

– Tínhamos patrocínio privado.

– De quem?

– Não sei.

Roman baixou o rosto e apertou o cano da arma na têmpora da mulher. – Diga-me a verdade.

– Eu estou dizendo a verdade, juro. Por favor, não machuque a minha filha.

Roman não disse nada por um momento.

– O projeto. O que vocês estavam tentando fazer?

– Tentávamos obter um melhor controle sobre os átomos para a

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

computação quântica.

– Fale na minha língua, porra!

– Obter imagens precisas de células cerebrais ativas.

– Alguém assassinou Tom Pomeroy e eu quero saber por quê.

– Ele foi assassinado?

– O que vocês estavam fazendo para ele ser apagado? Diga-me, e eu

poupo você e a sua filha. E nada de enrolação.

A mulher concordou, e Roman tirou a arma da cabeça dela. Ofegante,

ela disse coisas que Roman teve dificuldade de processar, mas não por

causa do jargão científico.

– E essa é a verdade?

– Eu juro por Deus. – Ela choramingou implorando que ele não as

machucasse.

– Você acredita em Deus?

– O quê?

– Você acredita em Deus? Você acabou de jurar por ele.

– N… não sei.

– Como você pode não saber se acredita ou não? É sim ou não.

– E… eu… não.

– Você acredita em Satanás?

– Satanás? – Seus olhos se encheram de terror. Ela balançou a cabeça.

– Não importa. Vou amarrá-la e, em meia hora, ligarei para o 911.

– Ok, mas, por favor, não machuque a minha filha. Eu lhe imploro.

– Não vou tocá-la.

Ele rolou-a de lado e, em seguida, amarrou-a frouxamente em torno dos tornozelos e das mãos. Quando ela já estava posicionada, colocou-lhe uma máscara de dormir sobre os olhos.

– Ok, abra bem a boca. Para a mordaça.

Ela obedeceu. E, num piscar de olhos, ele tirou do paletó uma lata de aerossol de gás metano usado para testar os alarmes contra vazamento de gás, enfiou o bico em sua boca e lançou um jato contínuo. Ela tentou afastar a cabeça, mas Roman segurou firmemente o rosto dela com a outra

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

mão e continuou a forçá-la a encher os pulmões até desmaiar. Levou menos de meio minuto. Quando a mulher ficou imóvel, ele retirou as amarras e a mordaça, ajeitou-a no travesseiro e, então, desligou o ar-condicionado e saiu do quarto, deixando a porta entreaberta.

Voltou para o quarto da filha. Ela ainda estava dormindo. Parado ali, olhando fixo para a forma escura da garota, ensaiou como ele a despacharia sem deixar pistas. Antes que ela soubesse o que a atingira, iria escarranchar-lhe o corpo, prendendo-a com os joelhos e, depois, com as mãos enluvadas, comprimiria suas artérias carótidas, interrompendo o fluxo de sangue para o cérebro. Em menos de um minuto, ela desmaiaria. Então, fecharia suas pálpebras e, como os pulmões ainda estariam funcionando, iria enchê-los com gás do aerossol.

Mas algo o deteve. Sua missão era a serva de Satanás, não a sua filha.

Ele fechou a porta e, em seguida, desceu a escada e se dirigiu para o porão, deixando a porta escancarada. Com uma caneta lanterna, encontrou o aquecedor e apagou a chama piloto. Removeu as baterias de um alarme de fogo e gás e desconectou um fio de contato do alarme no topo do segundo pavimento. Na cozinha, apagou a chama piloto do fogão para

evitar uma explosão. Pela manhã, o local estaria cheio de gás metano, incluindo o quarto principal, mas não o quarto da filha com o ar-condicionado.

Perfeito, e outros 15 mil embolsados.

Na verdade, também obtivera uma incrível informação que poderia lhe render uma grana preta com o comprador certo. Embora não soubesse nada sobre quem o estava financiando, o que a mulher lhe revelara tinha implicações explosivas.

Com efeito, ao chegar a seu condomínio, Roman estava tão excitado com as possibilidades que precisou de uma dose dupla de vodca para recompor a mente e poder descansar. Porém, quando o sono começou a chegar, numa espécie de loop bem no fundo de seu cérebro, ficou ouvindo a promessa do Padre X se repetindo, como um acalanto sussurrado:

Uma segunda chance de vida eterna.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

19

Milagre? Vítima de Coma “Ressuscita dos Mortos”

Um estudante de pós-graduação da Northeastern University, de 24 anos, que passou doze semanas em coma, recuperou a consciência ontem, no Beth Israel Deaconess Medical Center.

O caso vem sendo descrito por alguns como ‚um milagre'. Zachary Kashian, que perdeu o controle de sua bicicleta na noite de 28 de janeiro, sofreu traumatismo grave na cabeça e manteve-se em estado vegetativo persistente até domingo passado. Segundo o doutor Seth Andrew, chefe da neurologia do Hospital Geral de Massachusetts, ele se mostrava completamente indiferente aos esforços de estimulação efetuados pela equipe médica. ‚O despertar repentino de pacientes em coma por vezes acontece', disse Andrew. ‚Mas, dada a gravidade do trauma e seu nível de coma, as chances eram pequenas.' Ele acrescentou: ‚Não tenho certeza de que o seu despertar tenha sido um autêntico milagre, mas chega bem perto'.

Outros, no entanto, estão convencidos. ‚Claro que é um milagre', afirmou Richard Rossi, uma das várias pessoas que já haviam afluído ao leito de Kashian. ‚Ele permaneceu em coma por três meses. Então, na Sexta-Feira Santa ele fala as palavras de Jesus em aramaico e acorda na Páscoa. Se isso não é um sinal de que o Senhor está operando por

intermédio dele, não sei o que é.' (...)

Kashian ganhou notoriedade três dias antes de sua recuperação,

quando ele teria recitado passagens bíblicas no antigo idioma. De acordo

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

com Arthur Avedisian, professor de Harvard de Línguas do Oriente

Médio, as suas frases gravadas são uma compilação das palavras de Jesus

citadas no Evangelho de Mateus. (...)

Embora dialetos do aramaico ainda sejam falados em pequenas

localidades no Oriente Médio, não se sabe como Kashian poderia ter

recordado tais passagens. (...)

Maggie meteu o jornal em sua valise e dirigiu-se ao elevador para subir

ao sétimo andar. Zack havia acordado dois dias antes e permanecera alerta

enquanto os médicos faziam avaliações físicas e mentais. Mas não tinha

sido informado sobre os fanáticos religiosos irrompendo em seu quarto,

dizendo que Deus estava falando por intermédio dele.

– Ele está indo bem – disse o doutor Andrew. – Suas funções

cognitivas parecem normais. Nós fizemos testes de memória, bem como

testes verbais, analíticos e visuais, e ele passou em todos com louvor.

– Obrigada – disse Maggie. – Eu nem consigo lhe dizer como sou grata por tudo que o senhor e sua equipe têm feito... – Ela parou de falar, para não desabar.

O médico lhe deu um abraço.

– É claro que ele vai precisar de fisioterapia. A equipe de fisioterapeutas está muito empenhada em manter seus músculos exercitados. Estão elaborando um plano de ação.

Em virtude desses esforços, a reabilitação não levaria mais do que algumas semanas. E ele poderia ser liberado em alguns dias.

– Gostaríamos de deixá-lo em observação aqui um pouco mais antes de liberá-lo para a fisioterapia.

– Existe algum problema?

– Bem, não temos certeza.

O coração de Maggie gelou.

– O que é?

– A ressonância magnética mostra que ele sofreu um trauma no lobo parietal. Essa área é associada a orientação física. Normalmente, os pacientes com lesões parietais posteriores superiores têm alguma

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

dificuldade para perceber os seus limites espaciais, onde eles terminam e onde começa o mundo exterior, por assim dizer. Em testes preliminares, ele parece bem. Mas nós gostaríamos de ter certeza de que ele está cem por cento, que ele pode se orientar por conta própria. Vamos trabalhar em conjunto com os fisioterapeutas, é claro.

– Mas o senhor não vê um problema. – Foi mais uma afirmação do que uma pergunta.

– Não, mas queremos ter certeza de que não há nada que nós não estejamos cientes. Serão apenas mais alguns dias.

– Ok. – Mas ela sentiu que havia algo mais.

– Na verdade, tenho uma pergunta – disse ele. – No formulário de admissão consta que o pai de Zack já faleceu. Quando foi isso?

– Três anos atrás. Por quê?

– Bem, quando ele saiu do coma, olhou para a auxiliar de enfermagem e disse ‚pai'. Aparentemente, estava sonhando com ele quando acordou.

– Ele me disse. Isso é um problema? – Ela tentou não parecer na defensiva.

– Bem, nós estávamos monitorando constantemente o fluxo sanguíneo e a atividade elétrica, e os setores mais ativos não estavam em áreas associadas aos sonhos.

– Perdão, eu não entendi. O que o senhor está me dizendo?

– Não tenho certeza. – Ele fez uma pausa para pensar. – O seu filho é uma pessoa religiosa?

– Se ele é religioso? Não, e o que isso tem a ver com a questão?

– Bem, enquanto ele estava em coma, fizemos alguns exames e descobrimos atividade elétrica anormal nas áreas do lobo temporal... Setores associados a conceito abstrato, mas também a experiências místicas. O que algumas pessoas chamam de lobo de Deus.

– Meu filho não é religioso ou místico. E, pelo que sei, também nunca experimentou drogas psicodélicas.

– Não estou insinuando isso. Mas, em consequência do trauma, os neurocircuitos parecem ter sofrido uma reconfiguração: circuitos cruzados, se preferir colocar dessa forma.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Maggie simplesmente balançou a cabeça confirmando que estava acompanhando a explicação, sentindo a garganta constrita pela tensão.

– Ele era muito próximo do pai?

– Não muito. – Ela sentiu seu ressentimento retornar. – Posso vê-lo agora?

– Claro. E eu sei como a senhora se sente a respeito de todo o fervor religioso sobre o vídeo.

– Doutor, há algo errado com ele? – Ela começou a se perguntar se ele estaria propenso a convulsões.

– Não, não quis dar essa impressão. Só que o restante do cérebro dele estava em sono profundo, enquanto o lobo parietal processava informações freneticamente.

– Que tipo de informação?

– Eu não sei. Também não sei de onde vinham. As áreas associadas à visão e à atividade auditiva deveriam estar adormecidas.

Maggie podia sentir sua ansiedade subir como um foguete.

– O que o senhor está querendo me dizer? O que há de errado com ele?

– Eu não creio que haja qualquer coisa errada com ele. Ele voltou ao normal. Só que, enquanto estava em coma, seu lobo parietal mostrava uma atividade extraordinária, como se ele estivesse acordado e recebendo

estímulos.

– O que quer dizer?

O médico balançou a cabeça.

– Eu nunca tinha visto nada assim. Mas, com base na pouca literatura

que existe sobre o assunto, eu diria que ele estava tendo uma experiência

espiritual.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

20

– “Milagre? Vítima de Coma Ressuscita dos Mortos.”

– Ele não se lembra do coma, nem de ter falado com os mortos e tampouco de ter encontrado Deus. Como é um ateu declarado, provavelmente não tem familiaridade com as escrituras, especialmente no original.

Elizabeth Luria tirou os óculos e devolveu o jornal para Warren Gladstone.

– Talvez haja uma explicação racional.

Warren Gladstone uniu as pontas dos dedos das duas mãos diante de si e disse:

– São Paulo nos fala que Deus envia sinais e prodígios para captar a nossa atenção. Um ateu declarado recitando o pai-nosso na língua de Jesus, enquanto está em coma e na Sexta-Feira Santa, e depois despertando no Domingo de Páscoa... os sinais são suficientes para mim.

– Bem, a julgar pelo número de pessoas que foram ao quarto dele, você não é o único que acha isso. Eu estava lá. Eu os vi.

Ele olhou por cima dos óculos para ela.

– Mas você não compartilha da convicção deles.

A declaração foi quase em tom acusatório.

– Warren, aquelas pessoas que afluíram à cabeceira do rapaz eram da classe operária, algumas de países do terceiro mundo, todos cristãos fervorosos, desesperados por milagres.

– E você é uma esclarecida neurocientista de Harvard, cuja criação

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

episcopal já não lhe exerce qualquer influência.

– Warren, acredite em mim. Eu quero crer. Eu quero que haja vida após a morte, que Deus exista e tudo mais. Por que você acha que investi a maior parte dos últimos seis anos nisso?

– E vamos colher as nossas recompensas e talvez lhe mostrar a luz no fim do túnel.

Elizabeth sorriu pela formulação e tomou um gole de seu chá.

– Esperemos que sim.

– Então, anime-se com os sinais e as possibilidades teológicas.

Elizabeth Luria e Warren Gladstone estavam sentados no terraço da casa de veraneio dela em Arlington, com vista para o Lower Mystic Lake. Era uma bela casa de quatro quartos com uma vista encantadora – vista que ainda a fazia se lembrar de tudo o que lhe fora tirado.

– Talvez – disse ela. – Mas, em consequência das datas imprecisas de mais de dois mil anos, quem pode dizer exatamente quando Jesus morreu e ressuscitou?

– Acontece que essas são as datas espirituais celebradas pelos fiéis. E o progresso do rapaz coincide precisamente com elas.

– Então, Deus usa o calendário gregoriano do mesmo modo que o restante de nós.

– Se Deus quer chamar nossa atenção, então, sim, ele usa. – Warren

pegou o artigo. – Ao que parece, ele chamou atenção de muita gente, incluindo a minha.

– Bem, a mãe dele não acredita nessa história. E certamente o filho não cresceu em um ambiente religioso.

– O que torna a mensagem mais poderosa: o Senhor falou por intermédio de um ateu – disse Warren –, e confirma que os caminhos de Deus são misteriosos para o homem.

Warren Gladstone era decididamente piedoso e um bom homem. Elizabeth o conhecera por intermédio de seu falecido marido. Ambos haviam sido criados segundo a tradição cristã evangélica no Tennessee, e Warren seguiu sua vocação religiosa entrando para um seminário protestante para se tornar um televangelista. Uma década antes, fundara o

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Canal Luz Divina – uma rede de TV por satélite que levava à região nordeste do país seu ministério, abrangendo agora a maior parte da Nova Inglaterra e parte de Nova York. Muito de seu sucesso devia-se à sua teologia social esclarecida. Ao contrário da maioria dos pastores

evangélicos, Warren era um político liberal – um pacifista que se opunha à pena capital e apoiava o controle de armas. Também promovia a legalização do casamento gay e leis que protegem o aborto. Era o seu ponto de vista progressista que atraía os liberais da Nova Inglaterra, cumulando-o com uma fortuna com a qual ele esperava expandir a cobertura de sua Hora da Luz Divina da TV a cabo e alcançar mercados maiores. Certa vez, dissera a Elizabeth que sonhava em construir uma megaigreja no nordeste – uma versão da Catedral de Cristal, construída com 10 mil painéis de vidro, em Garden Grove, na Califórnia. E Elizabeth – acreditava ele – poderia transformar esse sonho em realidade.

Warren também fora uma dádiva de Deus para ela, ainda que embaraçosa. Devido à natureza de sua pesquisa, tinham-lhe negado subsídio, embora Elizabeth fosse catedrática da Escola de Medicina de Harvard, com muito material publicado. Críticos acusaram-na de abandonar a pesquisa neurológica séria por atividades questionáveis. Fora Gladstone e seus companheiros que possibilitaram sua investigação; investigação essa que poderia levá-lo à Terra Prometida.

– Quando você conheceu a mãe dele, o que exatamente disse a ela?

– Nada, na verdade.

– Você não contou a ela... – ele não completou.

– Não, não lhe disse que tinha perdido um filho, também. Isso teria

sugerido um interesse mais perturbador.

– Claro. E qual foi a resposta dela?

– Que não acredita em milagres, mas ela me agradeceu. E foi só isso.

– E você não mencionou o nosso...

– Não, claro que não. – Ela andou até a janela. O pé de magnólia já

estava carregado de botões. De todas as árvores do mundo, a que ela mais

amava era a da magnólia rosa, com suas grandes folhas carnudas e seu

perfume inebriante. Mas, infelizmente, a beleza durava apenas uma

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

semana.

– Você falou com mais alguém?

– Não.

– Sair de um coma não é algo extraordinário. É o que ele proferiu no

vídeo que me causa admiração.

Por um momento, ela foi levada de volta ao duplo funeral – um dia

que ela conseguira atravessar apenas por causa do consolo e da compaixão

de Warren Gladstone.

Ele havia falado de datas espirituais. Poderia qualquer data ser mais brutalmente irônica que a sua própria data espiritual? Quatorze anos antes, em um domingo quente de maio, ela havia anunciado que tiraria o dia de folga só para ficar em casa e não trabalhar, sem tarefas nem compromissos, sem fazer coisas para outras pessoas – apenas um dia de folga todinho para ela. O tempo estava bonito e, sob o céu de um azul de porcelana holandesa, o lago parecia safira líquida. Tudo o que ela desejava era deitar no deque com um bom livro. Como o Red Sox estava jogando uma partida em casa, ela mandou o marido e o filho para o Fenway Park. Mas, no caminho para casa, o carro deles foi atingido de frente por um motorista bêbado, e o filho e o marido morreram. Embora a fé de sua educação cristã a impedisse de entrar em total desespero, nunca conseguira se conformar com a morte deles ou com a terrível ironia de tê-los perdido no Dia das Mães.

– A mãe dele rejeita isso – disse Elizabeth. – Dizem que ele poderia ter escrito um trabalho sobre religião e encontrado uma gravação em aramaico na Internet, que acabou decorando.

– Então, você também duvida.

– Sim. Um monte de gente acreditava que Jesus estava presente e falando por intermédio dele. Só que os fiéis estão sempre buscando milagres e os encontram em lugares improváveis. O que fez do rapaz uma

figura espiritual foi o anseio daquelas pessoas.

– E talvez ele seja, de fato.

– E talvez seja apenas a vontade de que algo desejado se transforme

em realidade – disse Elizabeth, pensando que ela própria seria capaz de

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

qualquer coisa para ter certeza da existência de vida após a morte, e de

que seu filho e seu marido estivessem bem.

– Você sabia que ele tinha um irmão mais velho que foi assassinado?

– Sim, mas eu não iria mencionar isso.

– O que você teria dito se fosse mencionar?

– Que a felicidade de ver um filho crescer foi roubada de nós duas.

Que não podemos trazê-los de volta. Mas... você sabe o resto.

– Sim.

– Não tenho explicação para o que eu vi. Ele falou com uma voz que

aparentemente não era a própria e com palavras que não poderiam ser

dele. – Ela olhou pela janela. A cerca de uns seis metros da margem do

lago havia duas ilhotas rochosas. Quando Kevin era pequeno, aquelas

rochas eram os cascos de duas tartarugas gigantes que cantavam para eles enquanto faziam piquenique sob o pé de magnólia durante um pôr do sol que esmaltava o lago em ouro. Ficavam ali sentados até as estrelas saírem e contavam histórias até que Kevin caísse no sono e seu coração se inundasse de felicidade. Agora, aquelas coisas eram somente pedras na água, e seu coração só bombeava o sangue.

– Mas este não é um caso de imagens vertendo sangue ou de aparições da Virgem Maria – disse Warren. – Temos um vídeo dele falando as palavras de Jesus. E, segundo todos afirmam, ele é um ateu que nunca se matriculou em cursos de religião nem escreveu sobre Jesus Cristo. Não vejo outra explicação. O jovem estava canalizando o Senhor.

– É bonito pensar assim, mas ainda precisa ser provado.

– E devemos fazer tudo que pudermos para esse fim.

– Faremos.

– Agradeço, apesar de seu ceticismo – disse ele.

Ficaram em silêncio por um momento. Em seguida, Elizabeth disse:

– Tenho algumas notícias tristes. Tom Pomeroy sofreu um ataque cardíaco na noite passada. Você não o conheceu, mas ele era fundamental em nossa missão. – O artigo do Boston Globe sobre Pomeroy era um brilhante apanhado de suas realizações como um biofísico que aperfeiçoou softwares para interpretação de dados produzidos por ressonância

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

magnética, tornando possível observar células humanas individuais. – Ele

era um bom homem.

– Mesmo assim, confio que você conseguirá dar prosseguimento à

pesquisa muito bem.

– Claro, e graças ao seu generoso apoio.

– Querida Elizabeth, ninguém jamais a acusou de ser sutil.

E ele lhe entregou um envelope contendo um cheque de 1 milhão de

dólares.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

21

Às nove e meia da manhã seguinte, a enfermeira entrou sorridente no quarto

de Zack.

– Alguns amigos seus estão aqui para visitá-lo. Acha que pode recebê-los?

– Claro que sim. – Sentia-se melhor do que no dia anterior, mais lúcido e mais forte.

Pouco depois, entraram Anthony, Damian e Geoff.

– Ora, ora, se não é Zack Van Winkle – gargalhou Anthony Lawrence.

– Oi, pessoal – disse Zack, e saudou a todos com abraços.

– Como está a cabeça? – Damian perguntou.

– Melhor do que parece. – As dores de cabeça haviam diminuído, mas o topo do crânio ainda estava sensível ao toque. Seu cabelo estava crescendo novamente e cobrindo as cicatrizes, e os hematomas faciais tinham quase desaparecido.

– Sua bicicleta está se sentindo muito melhor, também. A roda dianteira e os cabos foram substituídos. Está nova em folha. – Anthony mostrou-lhe fotos do conserto no seu celular.

– Vocês são demais.

Conversaram um pouco mais, colocando em dia as novidades.

– Minha mãe disse que vocês ajudaram a não deixar minhas

articulações enferrujarem. – E contou que começaria a fazer fisioterapia.

– E, então, disseram quando você poderá se locomover por conta

própria?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Graças a vocês, talvez dentro de duas semanas, com o auxílio de

uma bengala. Completamente normal, dentro de um mês.

Enquanto conversavam, Anthony mexia em seu celular e tirava fotos

deles.

– A propósito – disse ele –, você falou enquanto dormia.

– Falei? – Zack se fez de bobo.

– Em alguma língua antiga – disse Geoff.

– Do que vocês estão falando?

Anthony pressionou algumas teclas e ergueu o BlackBerry. A imagem

não era muito nítida e a recepção era fraca, mas Zack pôde se ouvir

murmurando.

– Não parece com coisa alguma.

– O Padre Damian aqui acha que você estava canalizando Deus.

– Hein?

– Eu disse que você parecia estar falando em línguas.

– Línguas?

– Parecia glossolalia – disse Damian.

– Quer dizer aquilo que as pessoas balbuciam ao acaso em transes religiosos?

– Isso. Mas acontece que você não estava balbuciando ao acaso – disse Damian. – Acredite ou não, você estava recitando passagens da Suprema Angústia em aramaico.

– O quê?

– É verdade, cara – disse Anthony. – Um estudioso de línguas antigas, de Harvard, confirmou.

– Isso é besteira. – Rodou o vídeo de novo. – Nunca ouvi isso antes.

– Então, talvez fosse Deus – disse Geoff, sorrindo para ele de modo exagerado e gaiato.

– Dá um tempo.

– Brincadeira. Mas que é estranho, é – disse Geoff.

– Você não vai começar a fazer sermão ou coisa que o valha, vai? – Anthony disse a Damian.

– Não, mas você poderia considerar a possibilidade de o Espírito

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Santo ter passado através de você. Na verdade, muitas outras pessoas

fizeram isso.

Então, eles contaram para Zack que alguns fanáticos religiosos haviam

se reunido em volta de sua cama à espera de milagres. Também lhe

contaram que por razões de segurança ele havia sido transferido para um

quarto reservado.

– Que loucura! Eu não fazia ideia.

– Você estava em coma, cara. Mas a coisa toda praticamente já caiu

no esquecimento.

– Mas, ainda assim... – Que estranho que a mãe dele não houvesse

mencionado aquilo tudo.

– Seja como for, vou enviar o vídeo para o seu celular, para você

analisar melhor – disse Anthony. – E aí, quando eles vão deixá-lo ir para

casa?

– Em poucos dias, espero. Eles ainda querem fazer uns testes.

– Algum problema?

– Apenas uns probleminhas com cálculos matemáticos.

– Lá se vai o seu jogo de pôquer.

– O médico acha que é apenas temporário. Se não for, minha mãe até que vai ficar feliz. Ela está convencida de que o Texas Hold'em vai apressar o declínio da civilização ocidental.

– Bem, você não precisa de matemática para puxar a alavanca de uma máquina de videopôquer – disse Anthony. – Quem sabe, quando estiver fora daqui, a gente leve você até o Foxwoods para tentar a sorte.

– Seria trocar seis por meia dúzia. Já estou endividado até o rabo.

– A gente toma conta de você. A sua mãe zerou sua dívida com a gente.

– Sério? – Obrigado, mãe. Lembrou-se de que devia uma pequena fortuna ao cartão de crédito. Não queria pensar em juros compostos durante o coma.

Ficaram conversando até que a enfermeira entrou para dizer que Zack precisava descansar. Despediram-se e a enfermeira acompanhou-os até a porta, mas não antes de Damian fazer uma oração pela completa

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

recuperação de Zack. Ele os observou sair, pensando que tinha sorte por ter amigos assim. Pensando que devia muito à sua mãe. E pensando outra coisa.

Anthony deixara o iPhone de Zack sobre a mesinha de cabeceira. Ele o pegou e reprisou o vídeo do coma.

Da primeira vez, tudo o que ouviu foram murmúrios sem sentido – nem mesmo sílabas distintas ou padrões, o que o fez pensar que as alegações eram ainda mais malucas do que ele suspeitava. Não sabia como soava o aramaico, mas aquilo não passava de um resmungo de sono profundo.

Repetiu o vídeo algumas vezes com o ouvido colado ao minúsculo alto-falante.

De repente, a sequência de morfemas sem sentido assumiu uma vaga familiaridade. Não podia determinar se era linguagem real ou não, e ele sabia que não entendia uma sílaba dos murmúrios. Mas, além das aparências, percebeu que o que ele havia dito estava incorporado profundamente em seu cérebro.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.



a

SEGUNDA PARTE

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

—
—
—
—
—
—
—
—
—
—
—
—
—
—
—
—
—

a

22

TRÊS SEMANAS DEPOIS

À distância, parecia que a Cidade Esmeralda tinha saído de Oz e caído no meio da floresta de Connecticut.

O Foxwoods Resort Casino consistia em uma série de torres encimando uma enorme estrutura de várias camadas feericamente

iluminadas. De acordo com Anthony, era o maior cassino do mundo, com quase 5 milhões de metros quadrados, dois terços dos quais eram dedicados a jogos de azar, no qual circulavam 50 mil pessoas por dia. Ao que parece, os índios Pequot estavam se desforrando do mau negócio que seus primos fizeram quando venderam a ilha de Manhattan[6].

[6]. Pierre Minuit comprou a ilha dos índios pelo equivalente, hoje, a mil dólares, em 1626. (N. da T.)

Três semanas haviam passado desde a alta de Zack do hospital. Afora uma leve dor de cabeça, sentia-se normal. Já não precisava da bengala e voltara a se exercitar no ginásio da universidade para recuperar sua força. Também retornara ao seu apartamento e ao trabalho em sua dissertação. Não contara para a mãe, mas ainda devia cerca de 4 mil dólares no cartão de crédito. Ganhara peso, seu cabelo tinha crescido e ele ostentava uma barba aparada rente para evitar o reconhecimento público. A probabilidade disso era baixa, já que no vídeo do YouTube ele aparecia em péssimas

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

condições. Felizmente, nenhum maluco o parara na rua esperando um

milagre. Alguns repórteres o haviam encontrado por ocasião da alta. Ele lhes explicou educadamente que o caso dele não podia ser chamado de milagre, que pacientes em coma, às vezes, acordam, e que a data da Páscoa fora pura coincidência. Quanto a recitar as palavras de Jesus em aramaico, não tinha explicação para isso.

Uma semana depois, a imprensa já o havia esquecido.

Como Zack nunca tinha ido a um cassino, para celebrar o seu renascimento Damian e Anthony o levaram ao resort de Mashantucket, Connecticut. Apesar da preocupação de sua mãe, aquilo não iria despertar um vício. Ele havia jurado largar o pôquer on-line. Era simplesmente um passeio com os amigos. E quem sabe, se tivesse sorte, conseguiria ganhar alguns dólares para pagar o cartão.

Entrar no cassino era como estar em um fliperama histérico. Havia os ruídos das máquinas, apitos soprando, sirenes berrando, as moedas caindo, luzes pulsantes. Roletas, mesas de jogos e caça-níqueis funcionavam num ritmo frenético. O lugar era um bombardeio em larga escala sobre os sentidos com o único propósito de criar uma descarga de adrenalina para arrancar o dinheiro dos clientes. E isso estava funcionando direitinho naquela noite de sexta-feira. O lugar estava lotado, com pessoas subindo e descendo os corredores segurando tubos plásticos de fichas. Nada de mulheres em trajes elegantes e homens de smoking bebericando martinis

como nos filmes. Aquela multidão poderia muito bem estar nas arquibancadas do Fenway: calças jeans largas, shorts apertados cor-de-rosa sobre traseiros gordos, bandanas, tatuagens, camisas havaianas, camisetas do Red Sox, cervejas light.

– Não é exatamente o Casino Royale – disse Zack.

– Sorte nossa – disse Damian.

– Olhe ao seu redor, cara – disse Anthony. – Tudo o que você está vendo se resume a isto: eles querem o seu dinheiro e você quer o deles. O resto é apenas uma desculpa.

– Seu sacana cínico.

– É verdade – disse Damian. – O lugar é um templo de Mamom.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Mas isso não vai impedi-los de deixarem alguns dólares aqui.

– Claro que não. Em Roma, como os romanos...

– Você acha que há jogo no céu? – Zack perguntou.

– Estou contando com isso.

Atravessaram alguns corredores lotados e o tilintar de máquinas caça-

níqueis trouxe-lhes à mente o verso de Wordsworth: ‚A suave e triste música da humanidade'.

A maioria dos jogadores parecia ser de clientes habituais, alimentando as máquinas com moedas e apertando os botões, sem parar de apostar quando o jorro vitorioso não acontecia. Ou mesmo quando acontecia. Sentaram-se em máquinas diferentes; a de Zack ficava ao lado de uma mulher de meia-idade, com cabelo louro frisado e camiseta preta Harley-Davidson, fumando um cigarro e bebendo o que parecia ser uma Pepsi. Ela havia acabado de ganhar uma pequena pilha de moedas.

– Aquilo é o que você quer – disse ela, apontando para uma máquina de ‚Double Diamond Deluxe' do outro lado do corredor. – Eu tenho um sexto sentido.

Ele agradeceu e depositou quatro moedas de um quarto de dólar na fenda e apertou o botão. A máquina fez uma barulheira danada, mas os rolos deram em nada.

– Continue fazendo isso – disse a mulher, e saiu.

Ele alimentou a máquina mais quatro vezes. Mais quatro vezes ele perdeu.

– Que belo sexto sentido – disse ele. Encontrou Damian e Anthony e foi para o salão de pôquer, que ostentava mais de uma centena de mesas abertas 24 horas por dia, sete vezes por semana, com jogos com e sem

limite, o tempo todo.

Anthony e Damian foram circular, enquanto Zack se encaminhou para

a área do Texas Hold’em, onde vagou de mesa em mesa. Tinha cerca de

400 dólares em dinheiro e estava se coçando para sentar-se em uma delas.

Após alguns minutos, ele parou para observar um quarteto masculino: um

jovem negro de camiseta vermelha e óculos escuros; dois homens brancos

quarentões, um deles usando um gorro xadrez, com rosto corado de

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

irlandês, o outro, um cara gordo, de cara lisa e olhos rápidos. O quarto

jogador era um corpulento asiático por volta dos 30 anos, com as fichas

empilhadas como torres de castelo. Ele olhou para Zack e, em seguida,

voltou a jogar.

Durante as mãos, os outros jogadores estavam descontraídos,

comentando sobre as cartas. Mas o cara asiático mantinha-se impassível.

Não se envolvia na brincadeira, não se impacientava, nem suava ou

deixava transparecer a menor expressão. Parecia um Buda com uma

camisa polo preta, cuja única comunicação era erguer os dedos para

o dealer. Zack assistiu a algumas mãos até que o rapaz negro notou o

interesse de Zack e perguntou se ele queria juntar-se a eles. Mas Zack

respondeu ‚Não, obrigado' e se afastou rapidamente.

Ele mal conseguiu pronunciar as palavras, porque algo muito estranho

havia acontecido. Tinha assistido a quatro mãos, recebendo

um flash mental das cartas de bolso[7] do asiático. Da primeira vez, tomou como um mero palpite adivinhar que o cara tinha um par de noves.

Quando, de fato, o cara virou os noves, Zack disse a si mesmo que devia

ter registrado inconscientemente alguma microexpressão ou um

movimento de corpo que lhe deu a dica. Na mão seguinte, aconteceu de novo. O cara olhou para as suas cartas, e Zack viu um ás de paus e um três de copas. A quarta e a quinta carta foram ases, e o cara ganhou com uma trinca.

[7]. As cartas que o jogador recebe com a face voltada para baixo. (N. da T.)

Foi a terceira mão que assustou Zack.

Nas blinds[8], o dealer distribuiu a cada jogador duas cartas viradas. As apostas foram feitas e, em seguida, o dealer distribuiu as três primeiras cartas com a face voltada para cima[9], um dez e um três de paus e uma rainha de copas. O primeiro sujeito desistiu da mão, deixando os outros três e o asiático. A aposta era a do rapaz negro, e ele deslizou 50 dólares sobre a mesa. O asiático e o outro pagaram a aposta, e a quarta carta foi

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

um três de ouros. A aposta do asiático foram míseros 50 dólares, e o próximo cara hesitou, mas, então, igualou a aposta. A quinta carta foi um ás de espadas, que fez o rapaz negro desistir, deixando o asiático e seu

adversário, que apostou 200 dólares, elevando o bolo para cerca de 600 dólares. Quando o asiático deu uma conferida rápida novamente em suas cartas de bolso, a mente de Zack vislumbrou duas rainhas, uma de ouros e outra de espadas, tão nitidamente como se fossem vistas pelos próprios olhos do jogador oriental.

[8]. Aposta obrigatória que tem de ser feita pelos dois jogadores sentados à esquerda do dealer, que começa as apostas. (N. da T.)

[9]. O chamado ‚Flop'. (N. da T.)

O asiático olhou para Zack como se sentisse a estranha conexão. Mas o outro jogador chamou-o para o jogo: ‚Sua vez'. O asiático parou de encarar Zack e apostou mais 50. Quando as apostas finais foram feitas e as cartas foram distribuídas, o cara asiático revelou suas cartas de bolso e levou o bolo com três rainhas, sendo que duas nas cartas viradas para baixo.

Zack afastou-se da mesa discretamente e dirigiu-se para o banheiro masculino. Sua cabeça tinha um zumbido estranho, e sua frequência cardíaca estava acelerada. Na pia, jogou água fria no rosto e olhou-se no espelho. Que diabos fora aquilo? Apenas um feliz acaso. Uma anomalia estatística, disse a si mesmo. Este lugar todo é o próprio templo dos acasos. Mas três vezes seguidas? Talvez fosse uma espécie de déjà-vu ao contrário. Quando o cara virou as cartas de bolso, você apenas pensou que

vira antes o que ele tinha. Não vamos nos esquecer de que, há quatro

meses, você tentou fundir sua cabeça com um poste.

Ele deixou o banheiro masculino e voltou para as mesas de pôquer.

Pensou em ir para um salão de jogo diferente – ficar olhando as mesas de

jogo de dados ou de roleta por um tempo. Ou talvez encontrar Anthony e

Damian nas mesas de 21. Mas alguma coisa o puxou de volta para a mesa

33.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Enquanto se aproximava, Zack surpreendeu o oriental observando-o,

mas o cara logo desviou o olhar.

Mais duas mãos se passaram quando o jovem negro anunciou que ia

desistir enquanto estava ganhando. Deu a gorjeta ao dealer e se levantou.

Ele perguntou se Zack queria jogar; e, sem pensar, Zack disse ‚Claro' e

sentou-se.

– Você tem um nome? – perguntou o homem branco à sua esquerda.

Zack disse como se chamava, e o cara, por sua vez, falou que seu

nome era Jeff DeRonde. Os outros se apresentaram, Ralph, e o outro cara

que se juntara à mesa era Sammy. O asiático chamava-se Winston Song. Zack comprou 400 dólares em fichas. Sentia um frio na barriga. Olhava para Winston, meio que esperando a estranha conexão, mas nada aconteceu. A primeira mão passou, e ele e Jeff DeRonde pularam fora logo. Winston fez a mesma coisa. Zack não captara nada quando o cara olhou para as próprias cartas. Era como se a sintonia tivesse acabado. Na segunda mão, Damian e Anthony o encontraram.

– Ei, cara – disse Damian. – Resolveu jogar com os adultos, hein?

– Até eles me deixarem liso. – Mais duas mãos se passaram, reduzindo o capital de Zack a 200 dólares. E nada de vislumbres imaginários. Contudo, na mão seguinte, eles retornaram. O dealer distribuiu as cartas de bolso, e Winston elevou a aposta em 15 dólares. Zack havia recebido um três de ouros e um valete de espadas. Ele igualou a aposta, assim como os outros. As três primeiras cartas que foram distribuídas na mesa, viradas para cima, foram um valete de ouros, um dois de paus e um seis de ouros. Winston apostou mais 50, elevando o bolo. Zack igualou, e os outros dois também. A quarta carta foi um nove de ouros, e Winston apostou 75 dólares. Zack apostou outros 50. A última carta foi uma dama de ouros, deixando a mesa final com quatro cartas de ouros. Com os ouros na mesa, o seu três deu-lhe um flush[10]. O cara chamado Jeff, à sua direita, não tinha nada e desistiu, deixando Zack e Winston no jogo. E

cerca de 400 dólares no bolo.

[10]. Cinco cartas quaisquer do mesmo naipe. (N. da T.) Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Zack mostrou as dele. Um ‚Oooh!' se elevou da mesa, quando todos

viram as cartas de Zack. E, pela primeira vez na noite, Winston rompeu

sua impassibilidade. Seus olhos se arregalaram ligeiramente quando ele viu

o três de ouros de Zack. Zack o tinha vencido com um três.

– Pensou que eu estava blefando? – disse ele, enquanto Zack puxava

para si o monte de fichas. – Arriscou-se um bocado.

– Meu Deus, cara! Isso foi insano – disse Anthony, sem acreditar.

Damian apenas balançava a cabeça.

Zack havia ganhado um bolo de mais de 1.100 dólares.

As três mãos seguintes não resultaram em nada, e ele desistiu logo. O

mesmo fez Winston. Novamente, Zack achou que tivera uma visão fugaz

de suas cartas de bolso, mas, como o cara acabou por não revelá-las, Zack

não tinha como confirmar. Um pouco depois da meia-noite, Anthony

juntou-se ao jogo, enquanto Damian ficou de pé ao lado dele, tomando

uma cerveja. Zack ainda tinha cerca de 900 dólares. As cartas foram distribuídas, e ele recebeu dois noves. As três primeiras cartas viradas para cima na mesa foram um valete, um quatro e outro nove, o que deixava Zack com uma trinca. Todo mundo ficou no jogo e o bolo se aproximou de 500 dólares. Winston tinha alguma coisa porque igualou a aposta de Zack quando ele aumentou o bolo, afugentando os outros dois, inclusive Anthony. A quarta carta foi outro valete, e a quinta foi o último nove, dando a Zack uma quadra. Winston ficou até o fim, e deveria ter, na melhor das hipóteses, um flush de espadas, um full house[11] ou uma quadra. A outra possibilidade era que estivesse blefando. O bolo estava quase em 2 mil dólares, incluindo os cerca de 700 de Zack. Winston olhou para a quinta carta e, em seguida, empurrou para a mesa uma pilha de fichas equivalente a 500 dólares, que igualava a aposta de Zack. Ele olhou para Zack com aquela cara neutra, sem expressão, enquanto as pessoas em volta deles – agora mais de vinte – murmuravam na expectativa da resposta de Zack.

[11]. Uma trinca e um par. (N. da T.)

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Por um longo momento, Zack olhou nos olhos de Winston, que eram duas indecifráveis ovais de ônix planas. Nenhuma contração denunciadora em seu rosto.

– Eu desisto – Zack anunciou.

Um murmúrio subiu da galeria de espectadores.

– Você quase me enganou – Winston disse, enquanto juntava as fichas.

– O que você tinha? – Anthony perguntou.

Zack não respondeu.

– Não, sério, cara. Devia ter um flush. – Antes que Zack pudesse detê-lo, Anthony revelou os dois noves de Zack. As pessoas em volta soltaram um suspiro.

– Caramba! – Anthony disse. – Você desistiu com quatro noves?

– Ninguém desiste tendo uma quadra – disse Damian. E as pessoas concordaram.

Damian olhou para Zack.

– Você podia ter pagado pra ver, cara, e caiu fora.

Winston lançou a Zack um olhar intenso e revelou suas cartas vitoriosas: dois valetes, o que lhe dava uma quadra.

A multidão soltou exclamações de consternação.

– Não acredito! – disse alguém. – Puta merda!

– Que loucura! Nunca vi algo assim! – alguém disse. – Ele desiste com quatro noves, e quatro valetes levam o bolo. – As pessoas continuavam a comentar sobre o extravagante palpite de Zack, que salvara o restante do seu dinheiro.

Zack empilhou suas fichas e se levantou.

– Hora de ir.

Winston pegou o último valete da mesa e virou-o, para checar se não estava marcado. Então, largou-o.

– Não sei qual é a sua, garoto – disse ele. – Mas você ficou fazendo isso a noite toda.

Zack sentiu o peito apertar.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Fazendo o quê?

– Lendo-me. Ninguém pula fora com uma quadra de noves.

Como Zack não conseguiu pensar em nada para responder, ele deu de ombros e juntou suas fichas. Quando eles estavam indo embora, dois

homens em casacos esporte escuros se aproximaram de Zack. Antes que ele percebesse, os três estavam sendo levados para um canto mais tranquilo, onde guardas de segurança pediram para ver as identificações dos três.

– O que foi que a gente fez? – Anthony perguntou.

– Não sei qual é o esquema de vocês, mas estavam contando as cartas, e isso é uma violação.

– Não estávamos contando as cartas – Anthony protestou. – Eu juro.

Mas os guardas pareciam tão abertos à negociação quanto um pelotão de fuzilamento. Entregaram aos seguranças suas carteiras de habilitação e um deles foi fazer fotocópias e verificar o banco de dados, enquanto os outros davam uma prensa neles, evitando discretamente chamar atenção.

O primeiro guarda voltou, trazendo as identificações.

– Os seus nomes foram inseridos em um banco de dados que é compartilhado com cassinos daqui até Las Vegas.

– E o que isso significa?

– Significa que vocês estão proibidos para sempre de pisar em um cassino em solo americano. – Seu dedo apontou para a saída. – Deem o fora daqui.

– Mas eu não estava contando as cartas. Juro.

– Seja lá o que estavam fazendo, jamais voltarão aqui.

– E quanto às minhas fichas? Eu quero sacar. Sacar e ir embora.

Os seguranças os escoltaram até os caixas, onde Zack trocou suas

fichas por um cheque de 533 dólares. Depois, eles os acompanharam até o

estacionamento e esperaram para ver se eles estavam mesmo indo em

direção ao carro de Anthony.

– Você estava contando?

– Não.

– Você viu o cara conferindo o valete? Como se achasse que estava

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

marcado.

– Como poderia estar? – Damian disse. – O dealer troca o baralho a

cada novo jogo.

– Não sei, cara. Você se comportou de um jeito muito estranho com

aquele sujeito. O que diabos você estava fazendo?

Zack inspirou tão fundo o ar da noite que parecia querer drenar a

atmosfera.

– Ei, você está bem? – Anthony perguntou, enquanto se dirigiam para

o carro.

Zack confirmou, mas estava tendo dificuldade para recuperar o fôlego.

Como ele não respondeu, Damian segurou-lhe o braço.

– Tem certeza de que está bem? Você está suando pra caramba.

– É – disse Zack. Eu vi as cartas dele. Eu vi os valetes virados para

baixo.

– Provavelmente, está assustado com os seguranças.

Zack balançou a cabeça quando eles chegaram ao carro.

– Então, o que você estava pensando? – Anthony perguntou.

– Eu não sei. Foi apenas um pressentimento estranho de que as cartas

dele valiam mais do que as minhas.

– Pressentimento estranho de que ele tinha quatro valetes contra os

seus quatro noves? Ou você nasceu virado pra Lua ou é telepata, essa é

que é a verdade.

Zack não disse coisa alguma e entrou no carro.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

23

Pelos quatro dias seguintes, Zack tentou entender o que havia acontecido naquela noite e estabeleceu uma explicação racional. Nos últimos quatro meses, seu cérebro havia passado por um trauma considerável e se regenerado, formando novos caminhos de ligação. Como resultado, ele havia enganado a si mesmo ao pensar que sua mente vislumbrara as cartas daquele cara. Mas, em retrospectiva, não fora mais do que um misto de autossugestão com pura sorte. Desde então, não experimentara mais episódios semelhantes.

Mais cedo, naquele dia, Damian havia chamado Zack para se juntar a ele no Uno Chicago Grill, na Huntington Avenue com a rua Gainsborough, colado ao campus da universidade. Damian dissera que pagaria a refeição. Zack ainda era um caso de caridade. Sua dívida no cartão estava agora em torno de 4.200 dólares e não parava de crescer.

– Então, o que você fez com os seus ganhos? – perguntou Damian, tomando uma Coca-Cola.

– Paguei a metade do aluguel do próximo mês.

– E a outra metade?

– Anthony.

– Talvez tenha sido uma boa coisa terem banido você.

– Meus dias de jogatina acabaram, tanto on-line quanto ao vivo. Vou

encarar a abstinência. – Deu uma mordida em sua pizza. – Foi minha

resolução pós-coma.

– Vamos brindar a isso! – Damian ergueu o copo. – À abstinência.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Zack brindou com ele.

– Só que eu não posso viver à custa dos outros, com 24 anos na cara e

atolado em dívidas – disse ele. – Vou ter de arrumar um emprego.

– Você não vai conseguir fazer isso e terminar a sua dissertação ao

mesmo tempo.

– Talvez eu pleiteie outra extensão do prazo.

– Seu orientador pode morrer de velhice antes de você terminar. –

Então, Damian puxou algo do bolso da camisa. – Foi por isto que eu

chamei você. Estava no quadro de avisos do centro estudantil. – Entregou

o folheto a Zack. – Estão procurando voluntários para pesquisa.

O anúncio era escrito em letras garrafais. E debaixo havia um número

0800.

GANHE DINHEIRO (!) COMO PARTICIPANTE DE UM ESTUDO SOBRE O SONO. LIGUE PARA O CENTRO DE PESQUISAS PROTEU E DEIXE SEU NOME E NÚMERO DE TELEFONE PARA AGENDAR UM HORÁRIO.

– Algum tipo de estudo relacionado ao sono. Eu liguei, e eles informaram que pagam 250 dólares por sessão.

– Só para ir lá e dormir?

– Acho que é um estudo da insônia. Pode ser até que você mate dois coelhos com uma cajadada só: resolve o seu problema de sono e ainda é pago por isso.

– Provavelmente não é um projeto de universidade, a julgar pelo número 0800.

– Estão procurando voluntários com idades entre 21 e 50 anos. Nenhuma dependência de drogas ou álcool, sem antecedentes de transtornos mentais. E 250 dólares no bolso, se o candidato se enquadrar nas exigências.

– Você disse que estava interessado?

– Sim, e eu perguntei se poderia indicar outra pessoa, e eles disseram que sim. Estarão entrevistando esta noite, aqui perto, no hotel Colonnade.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

O que você acha?

– Mal não fará.

Damian pagou a conta, e eles foram andando até o Colonnade.

Quando perguntaram no balcão sobre as entrevistas do Proteu, o funcionário encaminhou-os para um conjunto de salas no terceiro andar.

Quando estavam chegando, um rapaz e uma moça que regulavam em idade com eles próprios saíram pela porta. Damian perguntou se era ali a seleção para o estudo do sono, e eles confirmaram. Eles bateram à porta, e um homem de cabelos grisalhos revoltos e camisa branca deixou-os entrar.

Ele se apresentou como doutor Morris Stern, pediu-lhes para esperar alguns minutos e depois desapareceu em outra sala.

Um minuto depois, ele retornou com uma mulher alta, que se apresentou como doutora Elizabeth Luria. Em sua bochecha direita, havia uma marca de nascença avermelhada. Ela lhes agradeceu por terem comparecido e, em seguida, consultou o relógio.

– Se não se importam, gostaríamos de começar imediatamente.

Eles concordaram, e Stern levou Damian para um quarto enquanto

Zack seguiu Luria até outro, que tinha uma mesa com um laptop e uma impressora. Luria pediu para que Zack se sentasse diante dela. A doutora aparentava ter uns 60 anos e seus olhos escuros e ligeiros se destacavam por trás dos óculos de aros perfeitamente redondos. A marca de nascença começava cerca de uns dois ou três centímetros sob seu olho direito e corria por sua face, o que fazia parecer que lágrimas de sangue haviam escorrido e secado em seu rosto.

– Então, o que exatamente você já ouviu sobre nós? – ela perguntou com uma voz nítida e clara, que combinava bem com seus vivazes olhos escuros.

– Só que vocês estão fazendo estudos sobre o sono. – Ele desdobrou o folheto que tirou do bolso.

– Sim, nós temos uma variedade de projetos relacionados ao sono, incluindo a avaliação de transtornos. Você e seu amigo são estudantes, então, eu não preciso explicar como a perda de sono pode afetar a maneira de agir física e mentalmente.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Pensei que estudos do sono fossem realizados em hospitais.

– E são. E alguns são conduzidos em universidades ou centros de pesquisa particulares. Quero deixar claro logo de saída que não podemos aceitar voluntários com história de dependência de drogas ou álcool.

– Nunca tive nenhum dos dois problemas.

– Ótimo! Nem convulsões, epilepsia, esquizofrenia, transtorno bipolar, psicose ou outros problemas mentais, incluindo alucinações.

Zack balançou a cabeça, tentando manter sua expressão neutra.

– Nada do que foi mencionado.

– Muito bem, mas ainda precisaremos de seu histórico médico completo antes de começarmos.

Aquilo foi um balde de água fria para Zack. Se descobrissem sobre o traumatismo na cabeça, provavelmente o descartariam. Mas sua ficha médica da faculdade era anterior ao acidente, e esperava que ela não houvesse lido as notícias sobre ele nos jornais.

– Posso providenciar.

– Ótimo. – Ela ajeitou os óculos. – Gostaríamos que você preenchesse um questionário. Como é um pouco demorado, para acelerar o processo, o formulário está em um arquivo do Word. – Ela indicou o laptop e a impressora. – Não deve demorar mais do que meia hora.

– Ok.

– Ótimo. Alguma pergunta?

– Bem, na verdade, se você não se importa...

Ela leu a expressão de Zack e sorriu.

– Quanto à remuneração. Esta é apenas a fase de seleção. Se as coisas derem certo, nós o chamaremos para o estudo, pelo qual você será pago.

– Soube que pagam 250 dólares.

– Isso mesmo. – Ela se virou para o laptop e abriu o questionário. – Quando terminar, basta bater na porta. – Então, ela saiu da sala.

Zack examinou o questionário, que tinha várias seções. A primeira solicitava dados gerais, como sexo, idade, grau de instrução, endereço, estado civil. A seguinte, ‚Relações familiares': idade dos pais, se estavam vivos, se eram separados, divorciados; se tinha irmãos e quais suas idades.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

A terceira indagava sobre quaisquer distúrbios neurológicos: enxaquecas, ataques epiléticos, convulsões, lesões cerebrais, e assim por diante. Ele marcou ‚NÃO' para todas elas.

A próxima seção, ‚Formação religiosa/espiritualidade', parecia

supérflua: em qual religião, caso houvesse uma, ele fora criado, se praticava tal religião atualmente; qual era a importância da religião ou da espiritualidade em sua vida. As perguntas lhe pareceram irrelevantes, e ele respondeu a todas elas com um ‚NÃO'. Seguiram-se, então, duas questões: ‚Onde você se sente mais conectado com você mesmo (por exemplo, em casa, no trabalho, em outro lugar)?' Ele digitou ‚Caminhadas na floresta'. ‚Onde você se sente mais conectado com o universo/Deus (por exemplo, em um templo religioso, na montanha, no mar, etc.)?' Zack digitou ‚Sagamore Beach, Cape Cod' – onde passava as férias todos os verões.

A próxima seção era ‚Sono e padrões de sonho': Qual é o número médio de horas que dorme por noite? Qual é a qualidade do sono (boa, regular, ruim)? Com que frequência costuma sonhar o mesmo sonho? Com que frequência tem pesadelos? – espaço para descrevê-los. A seção final perguntava sobre seus sonhos mais memoráveis: quem aparecia neles; as emoções que sentia; seu pior pesadelo. Você alguma vez sonhou com alguém que tenha morrido? Ou com uma presença maligna ou demoníaca? Ou teve um encontro com um ser religioso? Já teve uma experiência mística? Ele supôs que o questionário visava a excluir os birutas. Ele digitou ‚NÃO' e não mencionou o episódio ocorrido no cassino.

Quando terminou, imprimiu o questionário e bateu na porta mais

distante. Luria voltou, examinou suas respostas e, em seguida, agradeceu e disse que entrariam em contato com ele.

– Se você não se importa – disse ele –, estou curioso. Por que tantas perguntas sobre sonhos?

Ela pareceu momentaneamente absorta nas respostas dele.

– Porque alguns distúrbios do sono são causados por sonhos recorrentes ou pesadelos.

– Então, por que tantas perguntas sobre religião?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Estamos interessados nas fontes emocionais ou psicológicas dos sonhos.

– Parece-me que estão mais interessados em sonhos do que em distúrbios do sono.

– Acho que sim. – Mas ela não entrou em detalhes, e sua marca de nascença parecia flamejar.

– Se eu for selecionado, no que irá implicar os testes?

– Se não se importa, deixemos para cruzar essa ponte se e quando

chegarmos a ela. – A doutora o levou até a porta. – E, por favor, envie-nos o seu histórico médico. – Entregou-lhe um cartão com uma caixa postal de Boston. – Nós entraremos em contato, caso passemos para a próxima fase.

Zack não gostou de ser despachado daquela maneira abrupta, mas não disse nada.

Damian estava no saguão esperando por ele.

– Como se saiu?

– Ainda estou endividado – respondeu Zack, enquanto caminhavam para a saída.

– Sim, bem, talvez isso mude agora.

O ar estava frio, e Boston brilhava contra um céu índigo escuro. Antes de se separarem, Zack disse:

– Enquanto isso, eles vão verificar se somos fanáticos da Nova Era ou drogados.

– Pelo menos não será uma análise de crédito.

– Talvez Deus realmente exista, no final das contas.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

24

Warren Gladstone inspecionou o rosto no espelho. Verificou que os dentes estavam limpos, a barba, bem feita, todos os fios de cabelo, no lugar. Ajustou a gravata dourada no colarinho de sua veste azul-celeste e sapecou seu sorriso Luz Divina, que haveria de iluminar seu caminho para a Terra Prometida. Então, subiu no tablado e sorriu sob os holofotes. O estúdio era pequeno, e os técnicos se aglomeravam por trás das duas câmaras. Na deixa do produtor de vídeo, Warren começou:

– E aconteceu que o mundo vivia em paz e felicidade. Todos amavam a Deus, e Deus amava a todos. Então, um dia, o Mal surgiu no mundo. Sim, os seguidores de um deus diferente invadiram o mundo e trouxeram com eles uma divindade falsa. Sob a bandeira da ‚verdadeira autoridade', aqueles invasores reclamaram a nova terra como sua, armados com seus livros e documentos de palavras férreas que prometiam falsa liberdade e falsa paz.

Enquanto lia o teleprompter, Warren podia sentir o calor de sua própria convicção.

– E aqueles homens sonhavam em reunir todos os filhos de Deus sob o falso ídolo, que prometia liberdade com base em ilusão. Liberdade com

base em opressão. E eles encheram o mundo com gente que cria, porém

não em um único Deus verdadeiro, mas, sim, adoradora de um falso deus,

recitando falsas ‚verdades'. E o Criador único e verdadeiro que alimenta,

veste e protege foi rejeitado. Eles amaldiçoaram suas dádivas e

amontoaram-nas em montes de lixo. Desprezaram e ridicularizaram o

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

verdadeiro povo de Deus. E o falso deus governou, e seu livro de mentiras

foi enviado.

Ele tomou um gole de água, suas veias pulsavam com sublime

propósito.

– E o seu livro é chamado Ciência. E o seu falso deus é

chamado Razão. E seus seguidores, sem autoridade válida, tomaram o

mundo do verdadeiro Deus. E ensinam a crença de que a ciência fornece

respostas para todas as perguntas e liberta a mente da ignorância. E que

qualquer pessoa que acredita no Deus Todo-Poderoso é atrasada e

estúpida. Mas eu lhes digo que a ascensão do secularismo tornou tão vazia

a sociedade ocidental, que deu origem ao relativismo moral, que considera

todas as crenças e todos os princípios iguais. Esse secularismo resultou no descarte dos códigos morais que guiaram as pessoas por 2 mil anos, deixando a religião ocidental vulnerável a ataques de fundamentalistas radicais vindos de longe.

Ele judiciosamente evitara a palavra islamismo, para não politizar a sua mensagem de união global.

– Vocês já me ouviram dizer inúmeras vezes que Deus não nos pede para entender sua vontade, apenas para obedecê-la, por mais irracional que pareça, às vezes. Vocês também me ouviram parafrasear Mark Twain: ‚Quando os cientistas explicaram o arco-íris, perdemos mais do que ganhamos'. Mas a verdade é que, quanto mais a ciência desvenda os mistérios do mundo, mais misterioso o mundo permanece. Como muitos cientistas têm proclamado, é preciso que não haja conflito entre religião e ciência. Todos nós já ouvimos a expressão ‚Combater fogo com fogo'. Creio que foi Shakespeare quem primeiro disse isso. E há grande verdade nessa expressão. E em breve, sim, em breve, vamos combater fogo com fogo e mostrar como a razão e a ciência podem ser convocadas para comprovar a Palavra de Deus. Não, eu não posso dizer exatamente quando isso vai acontecer, mas será em breve. Em breve, meus irmãos e minhas irmãs. Em breve, vamos demonstrar a todo mundo a verdade da promessa de Deus para vocês. A verdade que tem sustentado os fiéis durante vinte

séculos. A verdade, que tem impulsionado este ministério. A verdade, a

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

irrefutável verdade, diretamente das mãos da própria ciência. Está

chegando, meus irmãos e minhas irmãs. Está chegando. Aleluia, o grande

dia do Senhor está chegando.

Pouco depois, Warren entrou no escritório orgulhoso e radiante.

– Então, o que você achou?

– Você poderia vender preservativos a um padre – disse Morris Stern,

cujos pequenos olhos faiscavam na direção dele por trás dos óculos.

– O que isso quer dizer? – Warren lançou um olhar duro a Stern. O

homem era um cientista brilhante, mas um infiel insuportável. Só Deus

sabia o que Elizabeth vira nele.

– Brincadeira – disse Stern. – Eles vão comer na sua mão.

– No começo, você me deixou um pouco nervosa fazendo a ciência

parecer inimiga de Deus – disse Elizabeth. – Mas desfez a impressão

muito bem.

– Não tenho a menor intenção de enaltecer quem me ataca.

– Você é um ourives das palavras, Warren.

Gladstone sentou-se em sua mesa. Na parede atrás dele, uma placa reproduzia a missão estampada no site da Luz Divina: ‚O nosso propósito em comunhão com o Senhor Deus Todo-Poderoso é difundir o Evangelho do Messias para o mundo inteiro, por meio da comunicação em massa'.

O plano de Warren era continuar fazendo essas pequenas e instigantes transmissões, preparando o terreno espiritualmente até eles terem as provas que procuravam – as provas que permitiriam conciliar a religião com a ciência e, de uma vez por todas, acabar com o rancor e a inimizade entre os dois campos.

– A propósito, você já encontrou alguém para substituir o... como é mesmo o nome dele?... o Pomeroy, para processar toda a atividade celular ou seja lá o que for?

– Não – disse Stern. – Mas temos Sarah Wyman, uma ex-aluna dele, uma jovem muito competente, que está trabalhando nisso.

– Qual é a posição filosófica dela?

– É uma cientista dedicada.

Era a frase-código de Stern quando queria dizer que alguém era ateu.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Tudo bem, desde que ela possa fazer o trabalho.

– Sem dúvida, pode.

– Então, por que está parecendo que vocês acabaram de chegar de um funeral?

– Bem, temos algumas más notícias.

Warren retesou-se na cadeira.

– O que aconteceu?

– Perdemos outra contratada. LeAnn Cola – disse Stern.

– O que aconteceu?

– Um vazamento de gás enquanto ela dormia. Felizmente, a filha dela estava com o ar-condicionado ligado.

– Que tristeza, pobre criança. Isso afeta nosso projeto?

– Não, não de fato.

– Há outra coisa – disse Elizabeth, entregando-lhe um artigo de jornal.

– A polícia está investigando a morte de dois homens com altos níveis de tetrodotoxina no organismo.

– Como eles foram identificados?

– Um estrangeiro ilegal do Haiti, encontrado morto em uma rua

escondida, em Charlestown. O outro, um mendigo retirado do Charles River com a cabeça esmagada. Antes de ele cair, uma testemunha o viu sentado na mureta da ponte de Harvard no meio da noite, e viu também outro homem golpeá-lo na cabeça com um taco de beisebol.

– Santo Deus! – exclamou Warren.

– Uma testemunha afirmou que a vítima parecia esperar que o outro o golpeasse. Um assassinato por misericórdia.

Warren digitalizou o artigo.

– Estávamos esperando enviá-los para o céu; em vez disso, nós criamos para eles um inferno em vida. Isso é terrível.

Stern o interrompeu:

– Antes de você começar a ficar alterado, lembre-se de que era um zé-ninguém viciado em drogas.

– Essa não é a questão. Não podemos sacrificar pessoas para encontrar Deus, mesmo que sejam moradores de rua.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Bem, a ciência muitas vezes se move de baixo para cima.

Warren ficou apoplético.

– Essas pessoas falam, têm amigos. E se a polícia rastreá-los até nós?

Santo Deus, isso nos tiraria da jogada para sempre.

– Isso não vai acontecer – disse Elizabeth. – Nós tomamos todas as

precauções imagináveis.

– Como pode ter certeza?

– Warren, acalme-se. Não haverá mais erros – disse Elizabeth. –

Utilizaremos uma nova categoria de voluntários para testes: mais jovens,

mais saudáveis, cujos cérebros não estejam corroídos por drogas e bebidas

nem sofrem de delírios.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

25

– Ei, camarada, nós passamos.

– Meio caminho andado para a fama – disse Zack. – Estamos qualificados para dormir.

Damian ligara um pouco antes do meio-dia. Era sexta-feira, antes do fim de semana do Memorial Day, e três dias haviam decorrido desde que Zack enviara seu histórico médico para a doutora Luria. Nesse meio-tempo, Zack recebera outro aviso de falta de fundos do Bank of America, a respeito de um cheque que passara pouco antes do acidente. Só em multas, o coma lhe custara 125 dólares. Ele devia ao todo agora quase 5 mil.

– Sim, mas se você está com a corda no pescoço, isso poderá lhe dar certa folga. – Alguém havia telefonado para Damian dizendo que um carro iria buscá-los às sete horas e levá-los para o centro. Então, essa pessoa lera as restrições: nada de bebidas com cafeína depois das duas horas da tarde. Nada de estimulantes, álcool ou sedativos. Podem tomar banho, mas não usem condicionadores, gel, mousse e loções – isso tinha algo a ver com o bom contato do eletrodo com a pele. Comam normalmente e tragam uma muda de roupa.

Um pouco antes das sete, Zack encontrou Damian na esquina das avenidas Huntington e Massachusetts.

– Bonita camiseta – disse Damian.

A estampa da camiseta de Zack mostrava o peixe estilizado usado como emblema pelos primeiros cristãos, porém com pés rudimentares e a

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda

n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

palavra DARWIN arranjada como ossos dentro de seu corpo.

– Posso emprestá-la, se você atravessar uma crise existencial.

Damian sorriu.

– Isso não vai acontecer, cara.

Às sete em ponto, um Cadillac SUV negro parou no meio-fio. Um homem atarracado vestido com uma camisa branca e calças escuras saiu e se aproximou deles.

– Algum de vocês é Damian Santoro?

– Sim.

O homem fez um sinal de aprovação com a cabeça, disse que seu nome era Bruce e abriu a porta traseira do veículo para eles. Quando eles entraram e Bruce fechou a porta, Zack notou que uma divisão os separava do banco da frente.

Depois que o motorista deu a partida no carro, ele ligou o sistema de som, inundando o carro com música clássica. Deram meia-volta na Gainsborough e rumaram para nordeste, descendo a Huntington e

entrando na MassPike na Copley Square. Depois de cerca de vinte minutos, passaram para a 95 South por mais vinte minutos; depois, pegaram a saída em Dedham e rodaram por sinuosas estradas rurais em Medfield, até uma enorme fortaleza branca, concebida originalmente para ser uma residência particular.

Bruce acompanhou-os através da entrada principal, que havia sido convertida em um grande saguão, onde ficava uma recepcionista. Passaram por alguns escritórios, atravessaram uma porta e seguiram por uma escada que ia até o porão. Lá embaixo, o ambiente mudou para assépticas paredes brancas e painéis fluorescentes no teto. Zack não viu a parte traseira do prédio quando eles entraram, mas estava claro que havia sido aumentada para acomodar o corredor ladeado por portas lisas, sem visores.

A terceira porta se abria para um espaçoso escritório repleto de mesas, computadores, estantes de manuais, livros e afins. Esperando por eles estavam os doutores Luria e Stern e um homem negro apresentado como doutor Byron Cates. Também uma mulher mais jovem, de bela aparência,

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

chamada Sarah Wyman, que lhes disse que podiam chamá-la pelo primeiro nome, cortando as formalidades. Zack achou que ela devia ser uma estudante de medicina ou de pós-graduação em algum lugar.

Mais uma vez, Zack e Damian foram separados. Zack acompanhou Sarah Wyman e a doutora Luria; Damian, os outros. Atravessaram o corredor até um pequeno espaço iluminado, com prateleiras de livros e periódicos e uma mesa com dois alentados monitores de computador. Em frente a essa havia outra mesa, menor, onde se sentou Luria. Zack acomodou-se na cadeira diante dela. Em um móvel atrás da doutora havia uma fotografia de estúdio emoldurada mostrando um garotinho sorridente.

– Examinamos o seu histórico médico, e tudo parece bem – disse Luria. – Mas aqui em seu questionário você diz que tinha sonhos recorrentes com entes queridos falecidos.

– Alguns sonhos com meu pai. Ele morreu há três anos, mas meus pais se separaram quando eu tinha 10, e eu não o via muito.

– Sinto muito por ouvir isso – disse Luria. – Pode falar um pouco sobre esses sonhos?

– Às vezes, são coisas que fizemos no passado. Outras vezes, ele aparece na porta.

– Se você não se importa de eu perguntar, como ele morreu

exatamente?

Zack não conseguia ver como isso era relevante para um projeto de

distúrbio do sono.

– Ataque cardíaco.

Sarah disse:

– Lamento muito. Você sonha com todos os outros parentes falecidos?

– Não, e eu pensei que isto fosse um estudo do sono.

A marca de nascença de Luria flamejou novamente.

– É, e um dos componentes básicos é a neurofisiologia dos sonhos, a

atividade elétrica que ocorre quando eles acontecem. Portanto,

gostaríamos de obter um mapeamento do seu cérebro.

– Serei colocado para dormir?

– Não, você estará completamente acordado – disse Sarah. – Nós

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

vamos colocar em você um capacete com eletrodos do lado de dentro,

criando um campo magnético fraco para estimular diversos setores de seu

cérebro.

– Sentirei alguma coisa?

– Não fisicamente.

– Então, vou sentir alguma coisa.

– Isso é o que nós gostaríamos de determinar.

Ela estava sendo vaga, para não influenciar a sua reação.

– Mas meu cérebro não vai fritar.

– Dificilmente. O campo magnético não é mais forte do que o de um barbeador elétrico.

– Antes de começarmos – Luria disse –, gostaríamos que você assinasse um termo de confidencialidade e consentimento. Além disso, uma permissão de uso de imagem, porque gravaremos em vídeo cada sessão, no caso de usarmos as fitas em futuros estudos ou em publicações.

Zack leu os termos e a permissão e depois os assinou.

– Se você sentir o mais leve desconforto, avise-nos e nós paramos.

– Ok.

Em seguida, Sarah o levou para um pequeno recinto iluminado tenuemente, com uma janela de observação. No espaço havia uma cadeira estofada macia e um travesseiro. Ele tirou a camisa e Sarah conectou seu peito a um aparelho de ECG na sala de observação. Em sua cabeça, ela colocou um capacete como o de motociclista, com fios ligados a monitores e um computador na outra sala. Ele estava grato por seu cabelo haver

crescido e cobrir a cicatriz do furo que haviam feito em seu crânio para aliviar a pressão.

– Este sistema eletroencefalográfico é mais sensível do que o dispositivo padrão – explicou ela. – Há também um sensor sem fio que se comunica diretamente com o computador, para analisar dados e produzir um perfil elétrico em tempo real.

– Está bem. – Ele observou-a checar as conexões, admirando sua boa aparência.

– Vamos colocar uma máscara de dormir em você para evitar

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

distrações visuais. Repito: se você sentir o menor desconforto, avise-nos. Um microfone está ligado ao capacete para que nos diga tudo que experimentar.

– Como o quê?

Da cabine de observação, Luria respondeu:

– Nós estaremos aplicando a estimulação magnética em áreas associadas a diferentes emoções e percepções. Sendo assim, pode ser que

você não experimente nada ou tenha algumas sensações. Então, apenas relaxe e narre qualquer mudança que experimentar, não importa que seja sutil.

– Ok.

– Você vai ficar bem – disse Sarah, e tocou o braço dele.

– Quanto tempo isso vai levar? – Zack perguntou.

– Menos de uma hora.

Quando Zack estava pronto, Sarah deslizou uma máscara sobre os olhos dele, ajustou-lhe o capacete, apagou a luz e deixou o recinto. Vários minutos se passaram enquanto Zack ficou ali sentado, naquele silêncio negro. Tinham-lhe dito que, como começariam do nível mínimo de estímulo, ele provavelmente não registraria qualquer coisa por um tempo. Talvez não registrasse nada até o fim da sessão. Na cadeira escura e silenciosa como um útero, passou por sua cabeça que aquilo era o mais próximo que ele já havia chegado da total privação dos sentidos.

Por um tempo, não detectou coisa alguma, apenas o pulsar do próprio coração. Contou as batidas, tentando se concentrar em alguma coisa – qualquer coisa. Então, recitou o número pi até quinze casas decimais. No colégio, ele havia memorizado até cinquenta. Depois de mais alguns minutos, amebas amarelas começaram a flutuar pelo interior de suas pálpebras – o tipo de ruído branco visual que o cérebro produz na

escuridão. Mas logo as bolhas adquiriram auras alaranjadas e azuis e

começaram a girar em torno uma das outras.

– Estou vendo manchas coloridas.

– Tudo bem – disse a doutora Luria.

Quando era pequeno, seus pais costumavam alternar-se deitando ao

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

lado dele para colocá-lo para dormir. Uma noite, Zack perguntou ao pai o

que eram aquelas pequenas manchas que ele via quando estava com os

olhos fechados. O pai brincou dizendo que eram pequenos OVNIs. Zack

pôs-se a acompanhar uma delas e sentiu-se flutuando até que teve certeza

de que havia se separado da cadeira, como se estivesse cheio de gás hélio.

– Parece que eu estou subindo.

– Ok.

O ,O' da resposta dela tornou-se um anel brilhante que se expandiu

rapidamente. Montou-o enquanto se expandia em um vazio inexpressivo.

De repente, tudo ficou escuro.

Alguém estava no recinto com ele.

Seu primeiro pensamento foi que Sarah havia entrado para verificar uma conexão. Pensou em retirar a máscara, mas suas mãos não obedeciam. – Quem está aí? – ele sussurrou.

– O que foi? – indagou a doutora Luria.

– Alguém está aqui comigo.

– Quem está aí com você?

Ele hesitou por um instante, tentando identificar a sensação, que sumia e retornava. De repente, ela ficou muito forte, e ele virou a cabeça como se estivesse tentando rastrear o invasor. Não sentia medo ou prazer, apenas a consciência de uma presença – como entrar em uma floresta e sentir que está sendo vigiado. No momento seguinte, subiu a uma grande altura, como uma ave planadora aproveitando uma corrente térmica. Queria narrar, mas não conseguia. Então, começou a mergulhar na penumbra – indo para baixo em alta velocidade em direção a um pontinho de luz. À medida que ele se aproximava, o pontinho tomava forma. Quando ele deslizou para mais perto, o local tomou forma: um garoto no topo de um lance de escada vestindo uma camisa vermelha e segurando uma luva de beisebol – ele mesmo. E um homem subindo em sua direção com os braços abertos.

– E aí, atleta, quer jogar?

– Papai.

O som de sua própria voz assustou-o e trouxe-o de volta para o

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

presente, sentado com os olhos vendados, conectado a fios e com uma

engenhoca na cabeça. Ele tirou a venda dos olhos quando uma luz se

acendeu.

Uma voz feminina sem corpo disse:

– Você está bem?

Ele podia vê-la em pé diante dele, e por uma fração de segundo não

tinha ideia de quem ela era ou por que ele estava em uma cadeira em uma

cabine. Então, tudo retornou à consciência. E a alegria de ver seu pai tão

real e cheio de vida de repente escureceu, como um filme exposto à luz.

Sarah Wyman perguntou como ele estava. Ele balançou a cabeça, mas

não conseguia falar. O sentimento de pesar tornara seu peito uma

cavidade vazia.

Soltaram-no e o levaram para o escritório, onde ele se sentou. Tinha

estado na cabine por pouco menos de uma hora, mas parecera-lhe uma

eternidade. Sarah lhe trouxe uma garrafa de água, e ele a bebeu enquanto

recuperava seu equilíbrio novamente. Então, forçou um sorriso.

– O que vocês fizeram? Senti como se estivesse em uma viagem de ácido.

– Estimulamos seções de seus lobos temporais e frontais.

A doutora Luria entrou.

– Você disse ter sentido que havia alguém no recinto com você.

Ele confirmou com a cabeça.

– Reconheceu quem era?

Ele supôs que os vários monitores haviam captado uma alteração emocional, elevação da pressão arterial, aceleração no ECG ou o que quer que fosse, então, não faria sentido negar.

– Meu pai.

Luria lançou-lhe um olhar penetrante.

– Seu pai? Você consegue lembrar mais? Onde você estava? O que ele estava fazendo?

Ele descreveu a imagem do pai, subindo a escada em direção a ele.

– E como seu pai parecia? Como ele estava vestido? – Luria perguntou.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Zack não sabia por que isso era importante.

– Feliz em me ver. Não me lembro de como ele estava vestido. Mas

normal, creio eu: camisa e calças.

E ele estava vivo.

– Como você se sentiu ao vê-lo?

Ele respirou fundo para se equilibrar.

– A princípio, feliz. – Zack sentiu a pressão das lágrimas por trás de

seus olhos. – Fiquei contente em vê-lo. Então, tive a sensação de que ele

desapareceu ao chegar mais perto.

– Mais perto de você. E depois?

– E então eu estava ali parado sozinho. – Sentia a garganta cada vez

mais constrita com a emoção. Respirou fundo e começou a recitar

mentalmente as casas decimais do número pi para não desabar.

– Você está bem?

Ele balançou a cabeça, mas seus olhos se encheram de lágrimas

enquanto a melancolia devastava seu peito. Melancolia, não: pesar – que

sempre sentia quando sonhava com o pai, deixando-o arrasado e soluçante,

com uma dor na alma. Os sonhos eram todos semelhantes – seu pai

regressando de surpresa, ou aparecendo na saída da escola, ou subindo as escadas, onde Zack esperava por ele.

– E aí, atleta, quer jogar um pouco?

– Sinto muito por termos colocado você nessa situação – disse a doutora Luria, com seus olhos negros inquiridores. Ela parecia fascinada com os resultados.

Um cansaço repentino pesou sobre ele.

– Acho que estou pronto para ir para casa – disse ele, tentando soar neutro.

– Claro. Mas, se estiver tudo bem, gostaríamos de executar mais alguns testes em você. Com a mesma remuneração, é claro.

Zack assentiu. Só se você puder me colocar de volta naquela escada.

– Qual é o melhor horário para você?

– Terças e quintas.

Ela lhe entregou um cheque e o levou até a porta. Damian já estava no

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

carro com o motorista.

– Então, como foi? – Damian perguntou, quando o carro se pôs em movimento.

Eles haviam assinado um termo de confidencialidade e jurado não comentar sobre suas experiências nem mesmo um com o outro. Por isso, tudo que Zack disse foi:

– Eu mal consegui ficar acordado.

– Está me dizendo que não sentiu nada?

– Fiquei apenas um pouco tonto. – Zack não queria falar. Ele só queria mergulhar em um sono profundo. – E você?

– Nada, zero – disse Damian. – Mas estou 250 dólares melhor.

Zack assentiu. No momento, estava muito extenuado para pensar em dinheiro. O que havia ocorrido o deixara com uma tristeza que não sentia fazia anos. E outra coisa: uma sensação estranha e perturbadora da presença do pai, que ia além dos sonhos.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

26

“Quando homens pequenos projetam sombras longas sabemos que o sol está se pondo.'

Norman Babcock não conseguia se lembrar de onde ouvira isso, mas caía como uma luva em Warren Gladstone, cujo semblante gordo e malvado enchia a tela de seu laptop. Norman estava pilotando o Dori-Anne, seu barco a motor de 46 pés, que deixava tardiamente o retiro de inverno em Newport, Rhode Island. Era um dia glorioso de maio, e ele estava experimentando a potência da embarcação.

Norm navegava desde os 11 anos; aprendera a velejar no colégio St. Andrews. Mas o que ele amava eram os barcos a motor. Aquele era o seu terceiro. Ao seu lado sentava-se o padre Timothy Callahan, recém-nomeado da Igreja de São Pio. Tim tinha a metade da idade de Norm e era quinze quilos mais leve. Tinha fartos cabelos castanhos, enquanto Norm Babcock era tão careca como uma bola de bilhar. Naquele dia, o padre Tim trajava camisa polo verde e short. Seu traje habitual era todo negro com um colarinho branco. Ou as vestes sacerdotais, que algumas semanas antes Norm havia vestido para ,ouvir a confissão' de Roman Pace.

– Esse cara é uma maldita cobra – disse Babcock, olhando para o monitor.

– É – respondeu o padre Tim, com a voz fraca, quase inaudível.

Enquanto Gladstone pregava em seu púlpito com a mais perfeita

veemência evangélica, Norm aumentou o volume de forma que o sermão

suplantasse o ronco do motor.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– O dia do Senhor está chegando, eu lhes digo. Aleluia. Aleluia. Não,

eu não estou falando sobre o assim chamado Fim, o Dia do Juízo Final.

Estou falando sobre o Dia do Júbilo. Um dia que todos celebrarão. Um dia

de luz eterna.

Norm desviou em direção à Peddocks Island enquanto entravam em

mar aberto. Ele sabia tudo sobre Gladstone – um caipira do Tennessee

que seguira os passos do pai para se tornar um pregador interiorano. Com

o tempo, o clero estabelecido – outros protestantes e católicos também –

chamou-o de fraude: apenas mais um aproveitador usando a Bíblia para

engordar e arrancar dinheiro dos pobres famintos por esperança. Seus

seguidores no início eram poucos, porque ele estava competindo com

dezenas de outros pastores televisivos em todo o país e não tinha nada que

o distinguisse deles, nenhum gancho.

– O dia da grandeza está chegando, e vocês e eu estaremos lá para testemunhar.

Mas, então, seus sermões passaram a enveredar pelo oculto – as experiências de quase morte. Centenas de livros sobre o assunto haviam sido escritos ao longo das décadas e todos basicamente martelavam a mesma coisa. Alguém é declarado morto por ataque cardíaco, acidente, tiro, o que for. A vítima flutua para fora do corpo e se vê deslocando-se por um túnel em direção a uma luz celestial, onde encontra os espíritos dos parentes mortos e ,seres de luz'. Para reforçar a ,autenticidade', Gladstone alegava ter sofrido um ataque de asma quase fatal; então, enquanto os paramédicos o socorriam, ele encontrou-se atravessando um túnel que desembocava em um jardim onde o próprio Senhor Jesus Cristo o acolheu no Paraíso. Ele acordou em um hospital, alerta para as gloriosas possibilidades, e escreveu um livro, uma publicação independente, é claro, e o vendia para a sua congregação, como prova da existência de Deus, por apenas 9,99 dólares. O tipo bem conhecido de charlatão, mas revestido de perigosa espiritualidade.

– Estou falando que acontecerá em breve, dentro de algumas semanas. Não posso ser mais específico, mas, quando esse dia chegar, vocês verão com seus próprios olhos, ouvirão com seus próprios ouvidos o

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda

n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

testemunho vivo da presença de Deus na Terra. Nesse dia, todos se

alegrarão. Todo cristão, judeu, muçulmano, hindu... todo ser humano,

crente ou não.

– Aí está – disse Norm, espetando o dedo na tela. – Blasfêmia do

diabo, à queima-roupa. Filho da mãe.

O padre Tim assentiu com a cabeça, mas seu rosto tinha uma

expressão desanimada.

– Continuo não aprovando, Norm. Somos cúmplices de assassinato.

– Tim, o que ele está fazendo é uma abominação. Você ouviu com

seus próprios ouvidos.

– Sim, mas a contratação de um matador profissional nos torna

assassinos aos olhos da lei e de Deus.

– Deixe-me lembrá-lo de que o Jesus Cristo que ele encontrou com os

braços abertos não era o Senhor Jesus Cristo. Era um farsante, o mesmo

falso Cristo abraçado por todos os que experimentaram a quase morte. Era

o avatar de Satanás, porque o verdadeiro Jesus não ensina que tanto os

pecadores redimidos quanto os não redimidos vão para o céu. O Paraíso não é a casa da mãe Joana.

– Eu não posso ser mais específico, mas teremos a prova, a prova gloriosa do Espírito Santo. Pedro diz no versículo 11 que todos os verdadeiros crentes testemunharão a luz sagrada. O grande dia do Senhor está chegando.

– Agora o desgraçado usa a Santa Palavra a serviço de Lúcifer – vociferou Norm. – Luz sagrada. Não vamos nos esquecer de que o próprio nome Lúcifer é uma mentira, significa Portador da Luz.

– Mas eu ainda não estou confortável com essa coisa toda.

– Olhe, essas pessoas estão levando isso para o laboratório. Ele e seus amigos cientistas estão tentando fazer o que ninguém ousou antes ou tinha os meios necessários. E quando ele tiver a sua assim chamada prova, ele irá para a TV para mostrá-la ao mundo. E depois, o que será? O próprio Armagedom, isso, sim.

– Mas... matar?

Norm pausou o vídeo. – Releia o Evangelho de Mateus, meu amigo:

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

todos os pecados e as blasfêmias serão perdoados, menos a blasfêmia contra o Espírito Santo. Precisa de mais consolo? Então, considere o Eclesiastes: ‚Para tudo há uma ocasião, e um tempo para cada propósito debaixo do céu', inclusive ‚um tempo de matar'. Esse homem é mau, e o que ele promete é uma abominação contra Deus e o Espírito Santo.

– Você vai mandar esse tal de Pace atrás dele, também?

– Isso iria atrair muita atenção. Apenas aqueles que estão a serviço dele. E então todos os seus seguidores verão que o rei está nu.

Tim havia deixado o seminário apenas dois anos antes e ainda não tinha muita experiência. Mas não era por isso que Norm, que tinha considerável influência junto aos conservadores da comunidade católica local, falava com tal liberdade com ele. Norm era seu tio. Quando ainda cursava a Universidade de Boston, Norm havia considerado a ideia de entrar para o seminário e se tornar um padre jesuíta, mas engrenou uma pós-graduação. Sábios investimentos imobiliários fizeram sua fortuna, permitindo-lhe

apoiar

generosamente

organizações

católicas

conservadoras, escolas e empresas que necessitavam de proteção legal contra movimentos sociais liberais e a União Americana pelas Liberdades Civis. Também era diretor da ultraconservadora Fraternidade de Jesus, dedicada a preservar a ortodoxia católica pré-Vaticano e promover a infalibilidade da Bíblia e do Evangelho de Jesus Cristo como o único meio para a vida eterna. Essa pequena – mas poderosa – fraternidade não era reconhecida pelo Vaticano. O que não constituía um problema para Norm e seus colegas, porque eles também não reconheciam o atual papa nem seus últimos antecessores.

O padre Tim balançou a cabeça concordando. E Babcock aumentou o volume.

– Mas não podemos fazer isso sem a parceria de vocês – Gladstone continuava. – Não podemos trazer-lhes a Palavra de Deus sem a sua ajuda. A nossa capacidade de operação depende da parceria com vocês, nossos telespectadores. Com seu apoio, o Canal Luz Divina chega aos lares através da televisão, do cabo, do satélite e agora da Internet, e estará praticamente em todo o mundo...

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Primeiro, o veneno, depois, a armadilha. – Enquanto Gladstone explicava como as contribuições poderiam ser efetuadas por meio de todos os principais cartões de crédito, e assim por diante, Norm tirou o som do vídeo. – Estamos lutando para salvar a própria Igreja desse filho da mãe mentiroso. Ele está imitando a verdadeira Palavra de Deus para conduzir o rebanho para longe do verdadeiro Jesus, o verdadeiro Espírito Santo, e a verdadeira autoridade da Igreja. Ele é mau e deve ser detido. Ponto final. E temos o homem certo para o serviço: um mestre da furtividade, um São Miguel dos dias de hoje. E esse dragão será lançado fora, esta serpente de língua prateada e seu maldito número 0800.

– Não posso dizer mais nada neste momento. Mas chegará o dia... o dia da verdade do Senhor. E todos hão de contemplar com os próprios olhos a prova da sua glória. – A câmera fechou no rosto de Gladstone, seus olhos erguidos para o céu e as palmas das mãos viradas para o alto.

– Ele está virando do avesso a Santa Palavra – Norm continuou. – Jesus ensina que a morte deve ser temida, e eles pregam que a morte deve ser abraçada. Jesus diz que Deus odeia os pecados, e eles alegam que o pecado não é problema: qualquer um pode ir para o céu. Jesus diz para temermos o inferno, e eles pregam que não há inferno, só a luz divina no fim do túnel. Jesus diz que somente aqueles que abraçarem a Palavra de

Deus verão o céu, e eles pregam que todos são bem-vindos, cristãos, muçulmanos, judeus ou ateus. Isso nada mais é do que a grande enganação de Satanás.

Enquanto Gladstone continuava solicitando doações, o padre Tim disse:

– Mas se você quiser deter a cobra, tem de lhe cortar a cabeça, não é?

– Não, assim só se consegue lhe calar a boca. Temos de ir atrás daqueles que atuam nos bastidores, os cientistas descabelados e seus programas de computador e suas máquinas extravagantes, os porteiros de Satanás. É aí que reside o perigo. Se detivermos a eles e suas maquinações, este homenzinho não terá sombra alguma para projetar.

– Amém.

Então, Norm pressionou alguns botões no laptop e uma fotografia

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

com um nome apareceu.

– Quem é?

– O próximo porteiro.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

27

Zack pegou o trem na Copley Square até a estação Alewife, onde sua mãe o apanhou de carro. Ele não a tinha visitado desde que deixara o hospital. Todos os encontros haviam sido na cidade, em restaurantes ou caminhadas pelas ruas, num primeiro momento, com a bengala, depois, sem ela. Tinham assistido a alguns filmes e passado uma tarde no Museu de Belas Artes, como se recuperassem o tempo perdido. E ele sentia que um vínculo começava a se renovar.

Cerca de vinte minutos depois, eles chegaram à casa branca em estilo colonial na Hutchinson Road, em Carleton, onde ele e seu irmão haviam nascido e ele morara até começar a faculdade.

– Parece estranho estar aqui. – Ele não passava a noite lá desde as férias do Natal anterior.

– É bom ter você de volta, mesmo que por uma noite só.

Nos últimos seis anos, ele vivera em dormitórios e apartamentos; então, entrar em seu próprio quarto era como escorregar em um túnel do tempo. Nada havia mudado – os mesmos cartazes de filmes; as mesmas fotos dele, de amigos da escola, de times de futebol; a mesma coleção de livros de bolso, o cantil de viagem, troféus de luta livre do ensino médio. Também uma foto de Amanda, sua primeira namorada. Eles se conheceram durante o segundo ano e namoraram por quatro anos. Mas, infelizmente, no ano anterior, aquilo tudo terminara quando ela e a família se mudaram para a Inglaterra. Mantiveram-se em contato por telefone e e-mail, mas, no final, a distância impediu que as coisas continuassem como

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

antes. Eles romperam, e Zack foi deixado com outro vazio. Sua vida estava coalhada deles.

Maggie tinha preparado o jantar favorito dele, frango à parmegiana com salada mista ao molho de gorgonzola, baguete fresca, e torta de nozes com sorvete de café. Ela também estava fazendo tudo o que podia para fortalecer aquele vínculo. Certa vez, por acaso, Zack a ouvira comentar

com uma amiga que ele nunca compartilhava coisas com ela; as outras mães eram ‚boas companheiras' de seus filhos de vinte e poucos anos, e faziam coisas juntos. Ela se sentia traída; suas conversas se resumiam a ela fazer perguntas e ele responder com monossílabos. Ela tinha razão, é claro. E o afastamento dos dois estava enraizado na culpa irracional que ele lhe atribuíra, quando criança, por ela não ter impedido o pai de ir embora. As mães, ele supunha, tinham a obrigação de tornar as coisas melhores para os filhos. Claro, não era culpa dela, mas o distanciamento da parte dele tornou-se habitual. Sua vida pós-coma seria a hora da virada.

Para aumentar ainda mais a sua culpa, ela lhe entregou um cheque de 500 dólares para que ele pagasse suas contas. Ele lhe deu um abraço, pensando em como ela não fazia ideia do tamanho do buraco que ele cavara para si mesmo.

– Você vai ficar feliz em saber que me candidatei a um emprego de meio expediente.

O rosto de Maggie se iluminou.

– É mesmo? Que beleza! O que é?

– Não quero falar muito até ter certeza de que consegui. Mas é em um laboratório aqui da região.

– Que bom para você. Avise-me se conseguir.

Depois do jantar, eles se acomodaram na sala de estar. Ele bebeu um

pouco de suco; ela, um copo do Cabernet que ele levara. Enquanto conversavam, o olhar dele foi direcionado para a lareira e a singela urna azul e branca com as cinzas do pai. Perto dela, havia um punhado de fotografias emolduradas: um retrato da família diante da casa, fotos suas com Jake, uma de Zack com o pai em Sagamore Beach. Zack radiante segurando um enorme robalo, seu pai sorrindo com orgulho ao seu lado.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Atrás deles, o quebra-mar que formava o flanco ocidental do Canal de Cape Cod. Durante duas semanas, todos os verões, eles alugavam a mesma casa sobre as dunas com vista para a baía, o canal, a leste, a menos de um quilômetro pela praia, as falésias Manomet a um quilômetro e meio à esquerda, a vastidão azul do Atlântico espalhada diante deles.

– Tenho saudade daqueles dias.

– Tenho certeza que sim.

Ele podia ver que a mãe queria evitar aquelas lembranças. Seus olhos deslizaram para a urna que os beneditinos lhes haviam trazido.

– O que aconteceu com ele?

Ela olhou-o perplexa.

– Com quem?

– Papai.

– Você sabe o que aconteceu.

– Quero dizer, depois que Jake morreu. Ele mudou.

– Por que você está perguntando? Isso aconteceu há mui- to tempo.

– Talvez porque seja o fim de semana do Memorial Day. Além disso, ele era meu pai, e eu gostaria de saber.

– Que diferença isso faz? – Ela tomou um gole de vinho. – Ele mudou. Todos nós mudamos.

– Ele se tornou diferente, reservado. Eu costumava pensar que ele preferiria que eu tivesse morrido no lugar de Jake.

– Isso é ridículo. Ele amava vocês dois igualmente... Eu acho que ele se sentia culpado.

– Culpado por quê?

Ela hesitou por um momento.

– Francamente, ele culpava a si mesmo por Jake ser gay.

– O quê? Isso é ridículo.

– Claro, mas ele achava que deveria ter sido um modelo masculino mais forte, feito coisas mais masculinas com ele, com vocês dois. Então, ele não teria sido gay, e não teria ido àquele bar.

– O fato de ele não ser um atleta não fez de Jake um gay, pelo amor de

Deus! É genético!

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Eu sei, mas acho que era o que ele pensava. Além disso, a Igreja via

a homossexualidade como um pecado. E ainda vê assim.

– A Igreja. A maldita Igreja.

Ela fez um gesto de impaciência com a mão.

– Por favor, não comece com isso. Fizemos o melhor que podíamos.

Fomos a conselheiros familiares e grupos de apoio... – Ela parou de falar.

– Em vez disso, ele se tornou um cristão renascido e sumiu da face da

Terra.

– Não adianta viver amargurado.

– É difícil não viver.

– Ele passou maus bocados – disse ela. – A absolvição dos culpados só

piorou a situação. Nem medicação ajudou. Só a religião. Goste ou não, ele

encontrou consolo nela.

– Sim, abandonando a esposa e o filho para se tornar um monge.

Belos valores religiosos.

– Acho que foi melhor do que uma vida de luto e acessos de ira.

– Mas é exatamente o tipo de hipocrisia que me exaspera nas pessoas religiosas. Elas se fortalecem com abstrações piedosas, mas não estão presentes para fazer as coisas importantes.

– Vamos mudar de assunto, por favor.

Mas Zack não deu ouvidos à mãe.

– Será que os pais dele lhe deram uma criação religiosa?

– Sim.

– E quando vocês se casaram?

– Por que está tão interessado na formação religiosa de seu pai?

– Porque estou. Porque eu nunca o conheci realmente bem. Porque eu estou me perguntando por que diabos ele desistiu da família por um maldito mosteiro.

Porque alguma coisa aconteceu naquela cabine do laboratório na outra noite.

Zack pôde sentir a mãe escolhendo as palavras com cuidado.

– Ele era uma pessoa muito espiritualizada. Eu não era, então, acho que não tínhamos como nos identificar. Aos domingos, ele ia à Igreja de

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Santa Agnes, e eu ia para a Igreja Unitarista no centro. Ele não gostava

dela, por causa da mentalidade secularista-humanista. Eles não falavam de

Deus.

– Quer dizer que ele estava mais interessado no céu do que na Terra.

– Será que podemos mudar de assunto?

Ficaram em silêncio por alguns instantes, enquanto Zack olhava para

as fotos dele com Jake.

– Eles ainda estão respirando e vivendo a vida deles – disse ela.

– Quem?

– Aqueles malditos filhos da mãe. Volker é vendedor de tapetes em

Waltham. O outro se mudou para Connecticut. Não posso nem dirigir

para aqueles lados, que o meu estômago começa a doer. – Ela começou a

chorar. Zack andou até ela e abraçou-a. – Sinto muito – disse Maggie, com

os lábios trêmulos. – É tão injusto. Tão injusto.

Ele a beijou na testa.

– Eu sei. – E ele sentiu o calor da raiva subir nele, como sempre

acontecia quando pensava sobre os assassinos de Jake. Eles tinham batido

nele com uma chave de roda.

– Ele não tinha feito nada a eles.

Enquanto Zack a consolava, seus olhos pousaram sobre a urna.

Quando o monge a entregou, disse que o irmão Nicholas morrera

dormindo, segurando seu crucifixo. Poucas semanas depois, os cheques do

seguro começaram a chegar regularmente pelo correio.

– Ele escolheu a saída dos covardes.

A mãe sobressaltou-se.

– Quem?

– O papai. É como dizia uma daquelas manchetes dos tabloides:

HOMEM PERDE FILHO GAY ASSASSINADO, DEIXA FAMÍLIA,

ENTRA PARA O MOSTEIRO, ENCONTRA DEUS E MORRE.

Eles assistiram ao noticiário da noite até que Zack se cansou e

anunciou que estava indo para a cama. Deu um abraço e um beijo de boa-

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

noite na mãe, depois tomou um banho e se deitou. Havia lido em algum

lugar que um adulto leva em média cerca de oito minutos para adormecer.

Ele caiu no sono provavelmente em menos de dois. Dormiu profundamente e sem sonhos até pouco depois da meia-noite, quando acordou. Por alguma razão, seu quarto estava totalmente escuro: nenhuma luz penetrava através das cortinas da janela, seu rádio-relógio não brilhava. Não havia nem mesmo a faixa de luz debaixo da porta produzida pela lâmpada que a mãe ainda deixava acesa no hall durante a noite. Mais estranho ainda, ele podia sentir o ar salgado e carregado do oceano. Dava até para ouvir o suave ruído das ondas na praia no escuro.

Tentou se mover, mas seus braços e suas pernas não respondiam. Fez um grande esforço retesando os músculos para empurrar o cobertor, mas não conseguiu. O que há de errado? Então, um pensamento lhe ocorreu: tive um derrame... ou um aneurisma. Achou que seu cérebro estivesse tão ferrado que, enquanto dormia, tivesse sofrido algum tipo de colapso neurológico que o houvesse deixado cego e paralítico. Tentou chamar a mãe, mas apenas um fraco grasnado lhe escapou. Que diabos está acontecendo comigo?

Esperou um pouco e, então, tentou gritar, mas não conseguiu fazer seus pulmões responderem. Tudo que saiu foi um patético estalo. Tentou novamente e dessa vez não conseguiu inspirar. Não conseguiu encher os pulmões.

Um pensamento cortou a sua mente como uma navalha: estou morto.

Não. Se você estivesse morto, como poderia formular este

pensamento? Estar morto era o completo nada. Pior do que o coma, no

qual ainda podia ouvir vozes distantes. Estar morto excluiria aquela

consciência que se tem, no sono, de estar dormindo. Ele não estava morto,

porque, de repente, as coisas mudaram.

E não era um sonho.

Frio. Calafrios. O núcleo de seu corpo transformara-se em gelo. Um

cheiro de peixe no ar da noite que enchia o seu peito. Ventosas de

eletrodos. Mas aquela não era uma realidade que ele reconhecia. Uma

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

umidade que lhe era completamente estranha o preenchia.

De repente, o total silêncio no qual se encontrava imerso foi quebrado

por uma intensa explosão.

Mãos sobre ele. Mãos o carregando. Deitando-o. Em um buraco.

Então, algo cobriu o seu rosto.

Areia.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda

n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

28

Zack acordou cuspindo areia.

O quarto estava escuro, afora o brilho do rádio-relógio, que marcava 2h17. Ele estava gelado, mas afastou a manta e sentou-se. Baixou os pés até o tapete e cuspiu mais areia. Ela salpicava sua pele e enchia seu couro cabeludo. Ele se levantou, acendeu o abajur e puxou a manta, esperando que o lençol estivesse coberto de areia da praia. Não estava. Ele havia cuspido apenas ar.

Mas sentia tudo girando à sua volta, e seu coração acelerado. Então, deixou-se cair para trás deitado, sentindo-se frio e suado. Após vários minutos, sua cabeça parou de rodar e ele se levantou, vestiu uma camiseta e saiu do quarto. O topo da escada só não estava às escuras graças à luzinha que a mãe sempre deixava acesa à noite desde que ele e o irmão eram crianças. Abriu delicadamente a porta do quarto da mãe. Ela dormia profundamente. Ele fechou a porta e desceu a escada, apoiando-se no corrimão. Por dentro, estava tremendo.

Foi para a cozinha, acendeu a luz, serviu-se de um copo de leite e aqueceu-o no micro-ondas – algo que seu pai havia lhe ensinado, quando não conseguia dormir.

Seu pai.

Desde aquele dia na cabine, quando lhe haviam estimulado

profundamente algum lobo do cérebro, Zack não conseguia parar de

pensar no pai, revivendo as doces memórias de um tempo antes de tudo

ficar horrível – os dias em que jogara bola, pescara no canal, ficara

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

enterrado na areia...

Lá fora, o poste de iluminação se transformou em um farol piscando

em vermelho através da água. Ao longe, ouviu o gemido de uma sirene de

nevoeiro.

Olhou de volta para a cozinha, procurando sair daquele sonho. O

nevoeiro desapareceu, e ele estava encostado no balcão de granito polido,

tentando se concentrar no fogão de aço inoxidável, na geladeira e nos

outros eletrodomésticos. Funcionou. Olhou para fora, e a luz vermelha era

o velho poste de iluminação novamente.

Ele se inclinou sobre a pia e respirou fundo várias vezes, até sentir

suas entranhas se acomodarem no lugar. Então, engoliu um grande gole de

leite. Instantaneamente, cuspiu-o no ralo, engasgando. Parecia sal puro.

Ele cheirou o leite. Como água do mar. Jogou o resto na pia e abriu a

geladeira. Pegou a caixinha de suco de laranja. Cheirava normal. Ele despejou um pouco em um copo e experimentou um pouquinho. Suco de laranja. Ele se esbaldou com um copo inteiro para lavar o gosto do oceano. Subiu novamente e engoliu a seco dois comprimidos de Lunesta, esperando que eles o derrubassem em um sono sem sonhos. Fechou a porta e enfiou-se na cama – deitado no escuro, com o corpo preparado para um súbito ataque de visões.

Mas não houve nenhum, e logo ele foi tomado por uma sensação de alívio.

Limpou a mente e tentou se concentrar no embotamento em que seu cérebro estava mergulhando. Pensou em Sarah Wyman e se perguntou se ela estaria namorando alguém.

Ajeitou-se no travesseiro de penas de ganso; o enchimento macio formava um aconchegante berço para a sua cabeça. Ele puxou a manta até o queixo e, em seguida, deu um pequeno chute no vazio. Iria dormir sossegado, disse a si mesmo, sentindo os membros cada vez mais pesados e o conforto daquele casulo escuro em torno dele.

A última coisa de que teve consciência antes de desmaiar foi de uma pá de areia caindo em seu rosto.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

29

Depois de fechar as portas de sua oficina, Roman retirou-se para o escritório

nos fundos, onde se conectou à Internet e digitou no Google os nomes LeAnn Cola e Thomas Pomeroy.

Eles tinham sido coautores de vários artigos sobre neurofisiologia, com longos e complicados títulos que ele pouco compreendeu. Eram altamente técnicos, e Roman teve de pesquisar o sentido de várias frases para ter uma noção geral.

Pelo que entendera, a pesquisa deles visava aperfeiçoar maneiras de detectar micromudanças na atividade elétrica do cérebro com o uso de um dispositivo para o crânio que lembrava um capacete. O seu objetivo era ajudar os cientistas a compreender melhor a função de diferentes regiões do cérebro para diagnosticar e monitorar doenças como a epilepsia e a demência, mas as mesmas técnicas podiam ser usadas para identificação pessoal. Assinaturas. O artigo prosseguia sugerindo aplicações na área de

segurança.

Então, o que aquilo tinha a ver com Deus ou Satanás?

Não fazia a menor ideia. E isso realmente não importava, já que ele

estava 35 mil dólares mais rico e não precisava mais se preocupar.

E Deus estava no céu e tudo estava certo no mundo.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

30

O cérebro de Zack ainda estava sensível por causa do pesadelo, quando ele acordou na manhã seguinte. Eram sete e meia, e sua mãe havia saído para cuidar de seus afazeres, mas lhe preparara o café da manhã com panquecas de batata, salsichas de peru, compota de fruta e uma xícara de café expresso, que o ajudou a clarear a mente. Ele lavou a louça e deixou um bilhetinho de agradecimento, pensando em como ela havia segurado as pontas em vez de fugir para um convento. Ele tomou o transporte público na cidade e passou o restante do dia na biblioteca da universidade,

trabalhando em sua dissertação.

Naquela noite, recebeu um telefonema da doutora Luria. Ela gostaria de fazer outro teste com ele na terça-feira seguinte, à noite, e queria saber se ele estaria livre. Sim, estaria. Antes disso, pediu-lhe que enviasse por e-mail fotografias de seus familiares, amigos, animais de estimação, sua casa e seus lugares favoritos. Sua explicação era a de que eles iriam usá-los para estabelecer uma base para as varreduras do cérebro. Zack não sabia o que aquilo significava, mas obedeceu.

Ele também entrou na Internet e pesquisou no Google os nomes de todas as pessoas-chave no laboratório.

Elizabeth Luria era uma emérita professora de microbiologia da Escola de Medicina de Harvard, com uma longa lista de artigos sobre neuroplasticidade e neuroimagem em prestigiosas publicações como The National Review of Neuroscience, Neuron, The Journal of Neuroscience. Alguns eram sobre IRM funcional, com títulos sem sentido como

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

,Explosões do lobo temporal' ou ,Experiências transcendentais' ou ,Total

desaferentação
do
lóbulo
parietal
posterossuperior
LPPS
e
autotranscendência'. As palavras transcendentais e parietal saltaram-lhe aos olhos.

Morris Stern era descrito como professor de neurociência comportamental do Departamento de Ciências Cerebrais e Cognitivas da Escola de Medicina da Tufts University. Era es- pecialista em neuroimagem e dirigia um laboratório de pesquisas sobre as bases neurais da aprendizagem e da memória. Tinha uma longa lista de publicações na revista Neuroimage and Neurobiology.

Byron Cates era professor de neurociência computacional e de ciências da saúde e da tecnologia no MIT. Pelo que Zack conseguiu apurar, ele era um especialista em ,gravações neuropsicológicas' e ,modelos matemáticos para estabelecer definições de estados anestésicos'. Zack não entendeu nada, mas achou impressionante a lista de títulos publicados pelo cientista.

Todos eles tinham seus empregos regulares na área de pesquisa e/ou ensino, de modo que aquele estudo do sono era algo que faziam paralelamente, à noite.

A página da Web sobre Sarah Wyman dizia que ela era solteira e ex-enfermeira e fazia pós-doutorado na Tufts. Na lista de suas publicações estava um artigo acadêmico chamado ,O papel dos receptores de serotonina 5-HT (1A) na espiritualidade', para o The American Journal of Psychiatry.

Espiritualidade? Aquilo não parecia ser tema para uma tese de doutorado em neurofisiologia. Mas ele estava muito sonolento – por causa do Lunesta que tomara – para especular, e foi para a cama pensando nela.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

31

Às seis horas da tarde, na terça-feira, o mesmo Bruce antipático apanhou Zack

na esquina das avenidas Huntington e Massachusetts. Mesma viagem para o laboratório. Mesma música ambiente. Mas, dessa vez, Zack estava sozinho. Damian não passara na triagem. Ele disse que não se importava. Também não estava afogado em dívidas.

Zack chegou um pouco antes das sete, dessa vez, preparado para dormir. Mais uma vez os doutores Luria, Stern e Cates e Sarah Wyman o receberam no mesmo escritório. A doutora Luria explicou como era o plano para aquela noite.

– Este vai ser um tipo diferente de procedimento. Vamos estabelecer um padrão de reconhecimento inicial de várias imagens, mas vamos fazê-lo em uma máquina de ressonância magnética funcional. Você já fez uma ressonância magnética?

– Só no meu ombro, há alguns anos.

– E na cabeça?

Consciente, não.

– Não.

– Você é claustrofóbico?

– Não que eu saiba.

– Ótimo, porque nós iremos posicionar sua cabeça e seus ombros na máquina de RM com um monitor visível que irá projetar uma série de imagens selecionadas aleatoriamente. Tudo que você tem de fazer é

simplesmente olhar para elas. Ok?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Quanto tempo eu vou ficar dentro do tubo?

– Uns quarenta minutos.

– Tudo bem.

– Se você se sentir um pouco desconfortável, avise-nos – disse Sarah.

– O que estamos fazendo é tentar determinar assinaturas neuroelétricas de

seus estados emocionais.

– Para quê?

– Bem – disse a doutora Luria –, em nossa próxima sessão, se estiver

de acordo, daremos a você algo para dormir e, em seguida, faremos uma

varredura de sua atividade cerebral.

Ela continuou com uma linguagem mais técnica, que não esclareceu

muito. A principal preocupação de Zack era receber mais 250 dólares.

– Tudo bem – disse ele, e seguiu-os para outra sala.

Zack se assustou com o tamanho da máquina de IRM – um cubo

branco gigante com um eletroímã tubular e uma ma- ca acoplada, que

deslizava para dentro dele através de uma abertura.

– Deve ter sido necessário um bocado de engenharia criativa para colocar esse troço aqui dentro.

Atrás de um pequeno biombo, ele tirou a roupa e vestiu a parte de baixo de um pijama folgado e, em seguida, deitou-se sobre a maca, na abertura do tubo de ressonância magnética. Um monitor de computador fora posicionado à boca do tubo, de modo que ele pudesse vê-lo do interior do equipamento.

– As imagens vão mudar a cada cinco segundos – explicou Sarah. – Tudo o que você tem a fazer é olhar para elas. Não diga nada, não se mexa, basta olhar para elas. Ok?

– Tranquilo.

Antes que a maca fosse movida para o interior do tubo, Sarah e Byron Cates colaram eletrodos no peito, no queixo e no couro cabeludo de Zack. Um sensor foi preso ao seu lábio superior para medir a temperatura e o fluxo de ar pela boca e pelo nariz. Outros sensores mediam as funções do corpo, bem como os níveis de oxigênio e de dióxido de carbono no sangue, a frequência cardíaca, a frequência respiratória e a pressão arterial.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Percintas elásticas foram colocadas em torno do peito e da barriga para medir a respiração. E um clipe no lóbulo da orelha media o nível de oxigenação.

Sarah posicionou uma câmera de vídeo em um tripé.

– Como fazemos com todos os voluntários, iremos gravar o procedimento. Novamente, se você sentir qualquer desconforto, é só dizer. Estaremos logo ali.

– Ok.

– Só mais uma coisa – disse Sarah. – Colocaremos protetores com um silenciador em seus ouvidos para que os sons da máquina não o distraiam.

Ele concordou, e quando Sarah terminou, todo o som ambiente desapareceu. Em seguida, Zack sinalizou que estava pronto, e ela apertou um botão, movendo-o para dentro do tubo até a altura do peito. Eles ajustaram o monitor para que ele pudesse visualizá-lo.

Em seguida, por vários minutos, imagens vivamente coloridas sucederam-se no monitor: crepúsculos, gatos, praias, montanhas, paisagens urbanas, uma perturbadora cena de guerra, logotipos de produtos, carros, e assim por diante. Havia também algumas das fotos que

ele havia enviado para Luria – de si mesmo, de seus pais, de seu cachorro Coco, um cocker spaniel que morreu quando Zack tinha 7 anos. A ordem parecia totalmente aleatória. E depois de alguns incontáveis minutos ele começou a se sentir entediado e sonolento, embora mantivesse os olhos abertos conforme fora instruído.

Quase no fim, algumas fotos de seu pai apareceram, inclusive algumas que haviam sido recortadas de fotos em que toda a família aparecia, isolando apenas ele. E também aquela foto do pai com Zack e o robalo, tirada um ano antes de seu pai desaparecer. Onze anos antes de ele morrer de verdade. Em seguida, mais fotos de crepúsculos, golfinhos, flores, igrejas, carros esportivos. Mas foram as fotos do pai que mexeram com ele.

Quando a sessão terminou, moveram a maca para fora da máquina e removeram o espelho e o laptop.

– Como você está se sentindo? – perguntou Sarah.

– Um pouco cansado. – Mas seus olhos se encheram d’água, o que,

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

disse a si mesmo, era ridículo, já que para começo de conversa fora ele

quem fornecera as fotos.

Ela colocou a mão em seu ombro para confortá-lo, notando claramente que Zack estava fazendo força para conter as lágrimas. Então, para não constrangê-lo, tudo o que ela disse foi:

– Você se saiu bem – e, em seguida, acompanhou-o até o biombo, para ele se trocar.

Quando ele já estava vestido, a doutora Luria foi vê-lo.

– Nós vamos precisar de algum tempo para analisar os dados. Mas, se não for problema para você, gostaríamos de fazer outra sessão.

Ele assentiu, odiando ter de lutar para não chorar ali na frente de todo mundo. Mentalmente, recitou o valor de pi até vinte casas decimais, sabendo que, se alguém tentasse confortá-lo, ele desabaria.

– Na próxima quinta-feira, à noite, está bom para você?

Ele assentiu e respondeu, com voz estrangulada:

– Está.

Luria lhe entregou um cheque.

Ele agradeceu, e Sarah acompanhou-o até a porta, onde Bruce o esperava.

– Até breve.

– Até.

Ele entrou no carro e se acomodou na escuridão reconfortante do

assento traseiro vazio. Enquanto rodavam em silêncio, Zack sentiu uma profunda raiva. Sarah sabia que aquelas fotos do pai recortadas e ampliadas acabariam com ele. A jogada fora calculada para conseguirem os picos que estavam procurando. Talvez tenha sido aquele capacete do outro dia. Talvez eles tivessem sensibilizado alguma região do cérebro relacionada ao sentimento de nostalgia, deixando-o vulnerável. Fosse como fosse, Zack estava certo de que naquela noite haviam cutucado a zona vermelha da dor.

Então, o que diabos aquilo tinha a ver com insônia?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

32

Um pouco depois das sete da manhã seguinte, Sarah telefonou a Zack para dizer que ela iria se encontrar com uma amiga enfermeira no Beth Israel Deaconess Medical Center, na mesma rua em que ele morava, e queria saber se os dois podiam tomar um café antes.

Zack concordou, e eles se encontraram no My Place, um pequeno café na Gainsborough. Cada um deles pediu um café com bolinho e sentaram-se a uma mesa de canto. Sarah tinha um belo rosto aveludado, com grandes olhos castanhos dourados e um nariz fino e delicado. Usava o cabelo curto, expondo o pescoço longo e branco. Naquela luz oblíqua da manhã, parecia uma santa de uma pintura medieval.

– Eu só queria pedir desculpas pela noite passada. Às vezes, essas sessões podem despertar emoções.

– Acho que fui apanhado de surpresa.

– Eu entendo.

Ele tomou um gole de café.

– Entende? Achei que a intenção fosse justamente me abalar.

– Abalar você?

– As únicas fotos que foram recortadas e ampliadas foram as minhas com meu pai.

Ela pareceu surpresa.

– Não eram as fotos que você enviou para a doutora Luria?

– Sim, mas elas foram alteradas para concentrar o foco apenas nele, e foram repetidas várias vezes na sequência.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Eu não sabia disso. – Ela ficou em silêncio por um momento,

enquanto mordiscava seu bolinho. Então, perguntou: – Por que você diz

que a intenção era abalá-lo?

– No outro dia, com o teste do capacete, vocês encontraram um ponto

fraco. – Ele tinha completa noção de que pronunciara ‚papai' como se

ainda fosse aquele garotinho de 10 anos no alto da escada. – E usaram

esse ponto para baixar minha guarda e confirmar uma ‚assinatura de

tristeza'?

– Estávamos tentando obter um perfil amplo.

– Bem, vocês acabaram comigo, sem dó nem piedade.

– Sinto muito por isso, realmente.

Ficaram em silêncio por um momento enquanto ele tomava mais café.

– A verdade é que a experiência na cabine foi estranha, era tão real...

Eu juro que senti a presença do meu pai.

– Esse é o efeito do capacete. A estimulação tem como alvo os centros

de emoção do hemisfério direito, e para dar sentido a eles o lobo parietal

esquerdo cria essas sensações.

Lobo parietal. Onde ele sofreu a concussão que o deixou em coma por

doze semanas.

– Então, você está dizendo que os impulsos elétricos criaram a ilusão

de ele estar lá.

– Sim. Alguma coisa fez você pensar em seu pai, e os impulsos

elétricos simularam uma ilusão da presença dele.

– O fantasma na máquina[12].

[12]. A expressão originalmente foi cunhada pelo filósofo britânico Gilbert Ryle em sua análise crítica do dualismo ‚mente-corpo' cartesiano.

(N. da T.)

– Por assim dizer.

Ficaram em silêncio por alguns momentos. – Isso é um tanto

decepcionante.

– Entendo muito bem o que você quer dizer – disse ela.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Você se preocupa com o que estão fazendo?

– Como assim me preocupo?

– Eu não sou do tipo espiritualizado, mas acho que ainda carrego alguma noção distorcida de Deus desde a infância. Só estou querendo saber algo sobre as pessoas que são religiosas, que afirmam ter experiências espirituais. – Como aqueles que acorreram à minha cama esperando milagres. – Ou até mesmo sobre as pessoas não tão comuns, sabe? Os xamãs, os místicos, os sacerdotes, os santos... Joana d'Arc.

– Eu não sei onde você está querendo chegar.

– Você está dizendo que, quando essas pessoas afirmam sentir Deus ou ver Jesus ou sei lá o quê, não são mais do que descargas elétricas em seus cérebros?

Ela bancou a desentendida novamente.

– Os neurocientistas estão interessados em compreender a base neurológica da experiência humana.

– ‚O papel dos receptores de serotonina (…) na espiritualidade.'

As sobrancelhas dela se arquearam.

– Você andou me investigando.

– Isso mesmo. – Ele havia encontrado uma cópia completa do artigo acadêmico da moça na Internet. – Só estou querendo saber se a sua teoria não a faz sentir-se um pouco culpada.

– Culpada por quê?

– Não sou religioso, mas eu conheço pessoas que são. E eu respeito a

fé delas. Também acho que, para algumas pessoas, a religião preenche uma necessidade humana. Ela as ajuda a atravessarem crises.

– Tudo bem – disse ela.

– O que estou querendo dizer é que, se eu estivesse fazendo o que você e seus colegas estão, acho que me sentiria mal.

– Por quê?

– Porque o objeto da pesquisa de vocês parece ser eliminar o divino do universo, reduzindo-o à química do cérebro.

Por um microssegundo, Zack sentiu a emocionante consciência de estar na cabeça de Winston Song, lendo suas cartas.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– É uma acusação e tanto.

– Mas não é isso que você está fazendo? Reduzindo enlevações espirituais e êxtases religiosos a um aumento de endorfina?

O rosto dela corou, e ele não saberia dizer se ela estava prestes a romper em lágrimas ou atirar o café nele. Ela não fez nenhuma das duas coisas, mas tomou um gole para ganhar tempo e elaborar uma resposta.

– Esse, decididamente, não é o meu objetivo. Na verdade, em outros lugares, aplicamos o mesmo diagnóstico a autoproclamados místicos: pessoas com relatos de intensas experiências religiosas, incluindo freiras carmelitas. Elas alegremente assinam embaixo e saem com a sensação de que a intensificação das experiências só confirma a sua fé. Quando mostramos a freiras imagens religiosas, pinturas medievais de Jesus, a Pietà de Michelangelo, o Vaticano, entre outras coisas, quase todas elas disseram que sentiram a presença de Deus na cabine.

– Então, qual é sua conclusão?

– Que o fato de as experiências místicas poderem ser associadas a uma atividade neurológica específica não significa que essas experiências sejam ilusões. Da mesma forma, ninguém pode dizer que a atividade neurológica que você está experimentando ao comer o bolinho tenha feito o bolinho deixar de existir.

Ele balançou a cabeça, concordando. O argumento dela era válido.

Então, ela consultou o relógio e bebeu o restante do café.

– Preciso ir. – Ela se levantou e colocou a bolsa no ombro. – Vejo você na quinta-feira.

Ele se levantou e observou-a sair pela porta, querendo entender o que significara aquele encontro.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda

n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

33

Zack soube que algo estava diferente no momento em que chegou ao laboratório na quinta-feira. Não conseguia definir exatamente o que era, mas uma sensação de grande expectativa pairava no ar. Sarah olhava-o com um ligeiro brilho nos olhos, e a marca de nascença da doutora Luria flamejava. Os rostos de Stern e Cates aparentavam uma neutralidade forçada, mas ele percebeu uma diferença no comportamento deles quando se reuniram no escritório da doutora Luria.

– Zack, os dados de IRMf do outro dia foram analisados, e estamos bastante impressionados.

– Porque eu me emocionei com algumas fotos antigas?

– De fato, sim. Na semana passada, você perguntou sobre a natureza desses testes, e dissemos que parte de nossa investigação era relativa à neurobiologia dos sonhos. Bem, a verdade é que você cumpriu os

requisitos para avançar para o próximo nível. Nossa preocupação não é tanto com sonhos ou o sono em si, mas com a experiência subjetiva que uma pessoa pode ter em um estado de sono muito profundo.

Zack sentiu a formulação cuidadosa, mas as três últimas palavras pairavam no ar como gaivotas.

– Nós pedimos a você que voltasse, porque a atividade elétrica em seu lobo temporal é bastante elevada, tornando-o um candidato ideal para a nossa pesquisa.

– Então, tudo o que aconteceu antes foi apenas uma triagem.

– Sim, na qual a maioria dos indivíduos é eliminada – disse Luria. – Com o seu consentimento, poderíamos passar para a próxima fase.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Gostaríamos de diminuir sua atividade metabólica para que seu cérebro entre em um estado de repouso total, no qual a atividade elétrica é mínima.

– Mínima até que ponto?

Ninguém respondeu por um momento. Em seguida, a doutora Luria

disse:

– Iremos administrar um composto anestésico que irá cortar temporariamente a atividade elétrica dos axônios das células... os circuitos entre as células cerebrais. As células individuais permanecerão vivas e saudáveis, é claro. Ainda teriam suas enzimas, metabolismos ATP, adenosina trifosfato, que fornece energia às células. Mas, enquanto você estiver anestesiado, os neurônios individuais deixarão de se comunicar uns com os outros.

– Vocês irão interromper a atividade elétrica no meu cérebro?

– A atividade intercelular, e apenas por um curto espaço de tempo. E, assim que terminarmos e você for reavivado, a comunicação celular será restabelecida.

Foi como se os seus ouvidos de repente se abrissem, pois, então, ele compreendeu:

– Você está falando sobre uma experiência de quase morte.

– Essa é a terminologia popular.

– Como no filme Linha Mortal[13].

[13]. Flatliners (1990), do diretor Joel Schumacher, com Kiefer Sutherland, Kevin Bacon, Julia Roberts, William Baldwin e Oliver Platt.

(N. da T.)

– Mas com resultados muito melhores – disse Sarah.

A doutora Luria continuou:

– Estamos investigando os poucos momentos que separam a

proximidade da morte da morte real, que é quando as células cerebrais

começam a morrer. Mas, como nós vamos acompanhar de perto a

atividade das células, sabemos exatamente quando parar antes que isso

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

aconteça. Portanto, é perfeitamente seguro. Podemos lhe garantir isso.

Todos tinham os olhos fixos nele: quatro grandes cientistas, altamente

qualificados, cercados por equipamentos sofisticados e pilhas de literatura

especializada. Ele não podia acreditar no que estavam dizendo.

– Vocês querem me deixar à beira da morte e depois me trazer de

volta? Como podem garantir isso?

– Porque já fizemos isso muitas vezes antes. E porque a nossa

metodologia passou por ensaios rigorosos, primeiro, com ratos, depois,

com primatas superiores. E, claro, seres humanos.

Stern acrescentou:

– Nós estaremos monitorando sua pressão arterial, frequência

cardíaca, todos os seus sinais vitais atentamente, e podemos reanimá-lo quase instantaneamente. É perfeitamente seguro, acredite em mim.

– Isso tudo foi aprovado pelo FDA ou por outro órgão qualquer?

Luria confirmou com um movimento de cabeça.

– Tem a autorização do Conselho Estadual de Medicina.

– Então, por que encobrir a coisa toda chamando-a de ,estudo do sono'?

– Porque não queremos que o público saiba o que estamos fazendo aqui. Na verdade, se você concordar em continuar, nós lhe pediremos para assinar um termo de confidencialidade.

– Mas por quê? – Zack perguntou.

– Por causa dos nossos objetivos.

– E quais são eles?

– Descobrir se há alguma verdade nas alegações de experiências de quase morte.

– Como o quê?

– Como vida após a morte.

As medidas da sala pareciam se alterar.

– E eu que estava esperando que vocês curassem a minha insônia.

– Isso você consegue em qualquer farmácia – disse Sarah. – O que estamos fazendo é tentar descobrir se há algo além da vida ou se todas as

reivindicações podem ser explicadas pela neurobiologia.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Mas vocês estão pedindo o meu consentimento para me matar.

– Nada disso – disse Stern. – Zack, nós desenvolvemos um sedativo maravilhoso que simula com segurança a morte cerebral. Em outras palavras, vamos enganar a eletroquímica do seu cérebro para pensar que é terminal. Você vai efetivamente entrar em um estado de ‚morte' por alguns minutos e, então, nós vamos lhe dar um estimulante que acionará imediatamente a plena atividade do cérebro de novo.

Ele olhou para Luria.

– Será?

– Sem dúvida. De modo algum colocaríamos sua vida em risco.

– Mas e se meu cérebro realmente pensar que está morrendo e começar a desligar o restante de mim?

– Isso não vai acontecer – disse Sarah. – Nós o estaremos monitorando ininterruptamente.

– E se tiverem uma falha de energia?

– Temos geradores que se ligam instantaneamente nesse caso – disse ela. – Acredite em mim, você vai ficar bem.

Ele se refugiou na promessa daqueles olhos cor de mel.

– E quanto aos efeitos colaterais, a minha memória, a minha capacidade de pensar...?

– Não há nenhum efeito colateral – disse Luria. – Sua memória irá retornar. Você vai se lembrar da família, dos amigos, de seu próprio nome, seu idioma. Sua capacidade cognitiva será normal. Pense nisso como uma dose de Novocaína. Uma hora depois, todas as sensações estarão de volta.

– Mas, enquanto isso, eu terei morte cerebral.

– Não. Enquanto isso, você poderá passar por morte cerebral. Suas células cerebrais ainda estarão saudáveis e vivas, apenas em silêncio.

– E depois?

– Então, vamos acordá-lo e perguntar sobre qualquer experiência que você possa ter tido.

– Quer dizer: caminhar por um túnel em direção a uma luz, anjos ou qualquer outra coisa assim.

– Essa é a noção generalizada, mas a experiência pode ser

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

completamente diferente.

– Mas, estando morto, como poderei me lembrar de ter

experimentado alguma coisa?

– Excelente pergunta – disse a doutora Luria. – Se você tem uma

EQM[14], essas áreas do cérebro onde a atividade neuroelétrica ocorre informarão outras áreas do seu cérebro quando você estiver acordado. Em

outras palavras, sua experiência será uma espécie de memória residual,

assim que todo o seu cérebro estiver em sincronia novamente.

[14]. Experiência de quase morte. (N. da T.)

Se não fosse o comportamento deles, tão sóbrio e sério, Zack teria

pensado que estavam brincando.

– Isso nem parece com algo que cientistas investiguem.

– Você está certo – disse Luria. – Apesar de todos os fascinantes

testemunhos em livros e na imprensa popular, ninguém jamais

demonstrou que o fenômeno é real ou fantasia. E uma das razões para isso

é que todos esses testemunhos de EQM não puderam ser testados ou

comprovados, são apenas relatos de pessoas que sobreviveram a ataques

cardíacos e acidentes et cetera. Mas aqui realizamos experimentos de

EQM em condições científicas controladas.

– Claro que – Stern interveio – podemos acabar descobrindo que tudo se passa apenas na cabeça, como alguns de nós acreditamos.

– Ou que a morte não existe – disse Luria, com os olhos brilhando. – É apenas uma mudança no estado, do físico para o espiritual, por falta de um termo melhor. Pense em como isso seria extraordinário.

A mente de Zack estava girando.

– Ok. Digamos que eu concorde e vá para um túnel ou seja lá o que for. Como vocês saberão que é realmente vida após a morte e não um sonho?

– Porque, quando você estiver anestesiado, as células do seu cérebro não poderão produzir a atividade elétrica necessária. Em resumo, você não será capaz de sonhar.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Então, o que vocês vão procurar?

– Atividade neuroelétrica anômala – disse Stern. – A principal razão para isso não ter sido feito antes é que o diagnóstico não existia. O aparelho de ressonância magnética que utilizamos em você no outro dia é

o único do gênero. Seu poder de resolução pode distinguir células cerebrais individuais.

– Temos também o software para fazer sofisticadas análises matemáticas de qualquer atividade elétrica – Cates acrescentou.

– Mas eu ainda não entendo como pode haver qualquer atividade elétrica se eu estarei anestesiado.

– O que o anestésico faz é desligar a atividade intercelular, as conexões longas entre os axônios – disse a doutora Luria. – Entretanto, ainda pode haver atividade microelétrica nos canais entre as células individuais, a que nos referimos como comunicação analógica, impulsionada pelas propriedades do próprio corpo das células. Isso é o que nós vamos procurar. E se houver, vamos precisar analisar e explicar essa estimulação.

– Como o quê?

– Como a consciência humana separada do cérebro – respondeu Luria. – A mente transcendendo o corpo. Para alguns, seria uma evidência de que a vida após a morte é real.

Zack ficou quieto por um momento enquanto tentava processar o que eles estavam dizendo.

– E o que seria prova disso?

– Essa é a pergunta de 64 milhões de dólares – disse Luria. – Acho

que a prova inquestionável seria alguém voltar de uma EQM com segredos

que só os mortos possuem.

– No entanto – Stern acrescentou –, as pessoas mais céticas, grupo no

qual me incluo, acreditam que o fenômeno é pura neurobiologia, isto é, o

cérebro criando reações eletroquímicas para impedir a morte.

– Religião versus ciência – disse Zack.

– Sim – confirmou o doutor Stern. – Há evidências de que o cérebro

humano é propenso a incentivar crenças religiosas, alguns mais do que

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

outros. Os céticos afirmam que é só biologia. Outros dizem que Deus nos

fez assim, para que o descobríssemos.

– É por isso que o questionário perguntava sobre crenças religiosas ou

ocultismo.

– Sim – disse Luria. – Não queremos indivíduos que sejam suscetíveis

a fenômenos paranormais, porque estão propensos a confabular sobre

EQMs de algo que leram em um livro.

Ou pessoas que pensam que leem mentes ao jogar Texas Hold’em. E o

que dizer de citar Jesus na própria língua de Jesus, em coma?

– Se eu concordar – disse Zack –, quanto tempo ficarei ‚morto'?

– Não mais do que três minutos.

– E aí vocês me revivem.

– Sim, desligando a infusão – disse Sarah. – Além dis- so, vamos lhe dar uma pequena injeção de norepinefrina, que instantaneamente aumenta a frequência cardíaca e a pressão arterial.

– Quais são os riscos de algo dar errado?

– Nenhum. Zero.

– Com quantos vocês já fizeram isso?

– Com muitos – Luria disse.

– E todos eles foram revividos – Cates acrescentou.

– E voltaram a ser exatamente como eles eram antes de ‚morrer'?

– Sim, sem problemas ou efeitos colaterais – respondeu Luria.

Zack ficou em silêncio por um momento, enquanto processava tudo.

Então, perguntou:

– Por que eu e não o meu amigo Damian?

A marca de nascença da doutora Luria escureceu.

– Bem, como Morris disse, algumas pessoas são geneticamente predispostas a EQM, e é por isso que fizemos aquele teste do capacete em você. Seu lobo temporal é altamente sensível a experiências dissociativas.

Damian não era. Na verdade, a maioria das pessoas não é.

Experiências dissociativas. Foi isso o que aconteceu naquela mesa de

jogo?

– Posso perguntar como vocês estão sendo financiados?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Pela iniciativa privada.

Mas ela não entrou em detalhes. E aquilo com certeza não era o tipo

de pesquisa patrocinado por universidades ou pelo governo.

– Há a possibilidade de eu checar referências... sabe? Conversar com

outros voluntários que passaram pelo teste?

– Não, por causa dos acordos de confidencialidade – Luria disse. –

Mas, para tranquilizá-lo, temos alguns vídeos de EQM de outros

indivíduos em suspensão e depois sendo reavivados.

Ela virou o monitor e clicou em um vídeo, que durou cerca de meia

hora. Havia três experiências separadas, dois homens e uma mulher. Seus

rostos haviam sido borrados, mas Luria afirmou que todos estavam na casa

dos 20 ou 30 anos e eram saudáveis. Separadamente, apareciam deitados

em uma maca e falavam com Luria e os outros, enquanto técnicos aplicavam o acesso intravenoso e os eletrodos em sua cabeça e no peito. Quando eles diziam que estavam prontos, um técnico administrava algo pelo acesso intravenoso e, quase instantaneamente, eles mergulhavam em sono profundo. Dava para ver claramente um desfibrilador elétrico. O vídeo correu por alguns minutos, mostrando Luria e outros observando os monitores. Em seguida, os participantes eram despertados, parecendo muito grogues. Um homem pareceu ter uma recaída e foi-lhe dada uma segunda injeção de norepinefrina. Então, após um salto no tempo, a doutora Luria era mostrada entrevistando cada um deles, perguntando como se sentiam. Todos diziam se sentir normais. Em seguida, uma pequena lista de perguntas para avaliar a memória: em que data eles estavam, qual era o atual presidente, em que estado se encontravam e qual a sua capital, e assim por diante. Luria desligou o som, enquanto a entrevista continuava.

– O restante envolve as experiências de cada um, que estamos mantendo em sigilo. Também não queremos prejudicar suas próprias respostas, no caso de você concordar. Alguma pergunta?

Ele não acreditava seriamente naquela história de EQM. Sua principal preocupação era voltar do coquetel químico.

– Qual é a droga, a propósito?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Ela é chamada tetrodotoxina.

Zack continuou na mesma.

– É um ingrediente natural e perfeitamente seguro – disse Sarah. Ela

lhe deu um tapinha no braço. – Eu prometo que você vai ficar bem.

– Devo acrescentar que, se você concordar em ser voluntário, será

pago um adicional de 250 dólares pela sessão, perfazendo um total de 500

dólares.

Zack podia sentir linhas de expectativa convergindo para ele. Olhou

para os termos de confidencialidade e consentimento. Então, seus olhos

voltaram para a imagem do computador dos voluntários anteriores,

congelados no ponto em que diziam que se sentiam perfeitamente bem.

– Vocês estão me pedindo para que eu os autorize a me enviar às

portas da morte, então, eu gostaria de pensar melhor sobre isso, se não se

importam.

A intensidade no rosto de Luria afrouxou.

– Claro, mas é perfeitamente seguro.

Ele fez um movimento em direção à porta.

– Tenho certeza que sim, mas não posso simplesmente assinar um documento arriscando a minha vida.

– Mas não estaria arriscando – disse ela, lutando para não ser insistente demais.

– Voltarei a entrar em contato com vocês.

– Ótimo. Esperamos que você nos informe sua decisão em breve. – Luria foi até a mesa e chamou Bruce. Quando terminou, puxou Zack de lado e, em voz baixa, disse: – Enquanto você pensa a respeito, saiba que este projeto está à beira de uma grande descoberta científica. Talvez a maior. E você pode ser parte dela.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

34

Dois dias depois, eles começaram a pressionar Zack. A doutora Luria enviou a

ele uma carta agradecendo sua participação inicial nos ‚testes' e afirmando que ela entendia a sua preocupação. Sarah também lhe enviou um bilhete dizendo que esperava que eles pudessem continuar trabalhando juntos. Para tranquilizá-lo, enviou-lhe também um link para um site seguro em que havia mais entrevistas em vídeo de voluntários que tinham retornado da EQM. Suas identidades tinham sido bloqueadas, os rostos foram borrados, mas, com toda certeza, estavam no laboratório do projeto Proteu, sendo entrevistados pela doutora Luria e por Sarah Wyman.

Todos eles se identificaram como estudantes universitários ou jovens profissionais, na casa dos 20 ou 30 anos. Não obstante a seleção dos vídeos, a meia dúzia de cobaias foi unânime em afirmar que não experimentaram efeitos colaterais, fora uma ligeira lerdeza. Depois que passava completamente o efeito do sedativo, eles alegavam se sentir perfeitamente normais. Dois lamentaram a volta ao mundo real. Um deles chegou a comparar o retorno com a volta de Dorothy ao preto e branco do Kansas após deixar a deslumbrante terra de Oz.

O que interessou particularmente Zack foram suas descrições do estado anestésico real. Enquanto um não se lembrava de coisa alguma, a maioria dos outros afirmou que em suas EQMs havia experimentado sentimentos marcantes de paz, unidade e amor incondicional:

– Eu vi uma luz, não ofuscante, mas maravilhosamente reconfortante

e tranquila.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Não me lembro exatamente do ambiente, mas recordo-me que era

muito pacífico e belo. Estava ciente das cores, mais puras do que todas as

cores que eu já tinha visto na vida. Também senti que emanava uma luz de

mim, uma luz quente e brilhante que acompanhava um profundo

sentimento de paz, segurança e amor.

– Eu tive uma grande sensação de unidade com todas as coisas. Além

disso, eu me lembro de uma presença muito forte e profunda.

No dia seguinte, Luria ligou para perguntar se ele tinha visto os

vídeos.

– Sim, são fascinantes – disse ele.

– E todos os relatos são muito positivos, como você deve ter reparado.

– Sim.

– E tudo muito seguro, obviamente.

– Ao que parece, sim. – Ele sabia que estava bancando o tímido.

– Então – disse ela –, espero que você concorde em passar pela

experiência conosco.

– Eu ainda estou pensando sobre isso – respondeu Zack.

– Bem, saiba que eu me reuni com os outros e que foi aprovada, por unanimidade, uma elevação da sua remuneração para 750 dólares.

Um aumento de 250 dólares.

– Isso é ótimo – disse ele. – Mas por qual razão?

– Bem, para ser franca, porque, em termos neurológicos, você é muito especial. Como eu disse no outro dia, a estrutura de atividade de seu cérebro parece ser especialmente sensível.

Zack se perguntou se era o caso de se sentir lisonjeado ou apreensivo.

– Só uma pergunta – disse ele. – Como é que ninguém em nenhum dos vídeos alegou ter encontrado parentes mortos?

– Bem, quem sabe se você não será o primeiro?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

—
—
—
—
—
—
—
—

a

Zack tentou reprimir a ansiedade enquanto Bruce o levava para o laboratório,

na noite de terça-feira. Tentou perder-se no CD com música de Vivaldi, pensando naquelas pessoas que tinham passado pela EQM e testemunharam sobre transportes espirituais de luz reconfortante e tranquilidade.

Quando chegou, a equipe principal o recebeu, e Sarah lhe deu um caloroso abraço, desejando-lhe um feliz aniversário atrasado. No dia anterior, ele havia completado 25 anos. Aquilo fez com que ele se sentisse melhor. Zack assinou os termos de confidencialidade e consentimento. Então, eles o levaram para a sala de ressonância magnética, onde ele vestiu a calça do pijama e deitou-se na maca. Colocaram nele o acesso intravenoso e vários dispositivos eletrônicos de monitoramento. Ao longo de uma parede havia uma janela de observação, atrás da qual estavam os computadores nos quais as varreduras de seu cérebro seriam projetadas. Sarah posicionou uma câmera de vídeo em um tripé.

– Mais uma vez, iremos gravar todo o processo e capturar quaisquer movimentos.

– Se eu começar a cantar ‚Aleluia'. Entendi.

Ela riu.

– Isso seria algo relevante, sem dúvida. – Então, ela colocou uma

máscara em sua testa, que depois seria baixada para os olhos, quando tudo

estivesse pronto. Ele sentiu uma onda de nervosismo percorrer o seu peito.

Quando terminaram, a doutora Luria foi falar com ele. Estava radiante

com a expectativa.

– Preparado?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Acho que sim.

– Como você se sente? – Sarah perguntou.

Ele olhou para os rostos, as luzes, o acesso intravenoso, os fios ligados

a ele, pensando que só o que o separava da morte era uma injeção.

– Nervoso.

Ela deu um tapinha em seu braço.

– Claro, mas você estará perfeitamente seguro. Você só vai dormir.

– Para você é fácil dizer.

– Vou monitorar cada segundo de sua EQM. Então, em uma hora,

vamos trazer você de volta.

– Você já fez isso antes?

– Sim, claro.

– E todo mundo voltou?

– Claro, todo mundo.

– E normais?

– Normais e com saúde. – Ela bateu em seu braço de novo. – Tudo pronto?

– Quer vir comigo? Eu posso estar indo para o paraíso.

Ela riu.

– Adoraria, mas eu não tenho o seu cérebro.

Ela baixou a máscara e ajustou os tampões de ouvido com o silenciador, isolando-o do mundo exterior. A maca deslizou para dentro do tubo, a cabeça em primeiro lugar, e ele sentiu uma pontada de claustrofobia.

– Quanto tempo vai levar para eu cair no sono? – Se alguém respondeu, ele nem ouviu. Seu cérebro apagou imediatamente.

– Ei, Zack, você está acordando.

Uma voz feminina.

– Zack, consegue me ouvir?

Ele resmungou. Fragmentos de sono iam caindo enquanto a consciência retornava gradualmente.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda

n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Ele está acordando.

Uma voz masculina.

– Vamos, Zack, acorde.

Ele se esforçou para abrir um olho.

– É isso aí, Zack, abra os olhos.

Em seguida, o outro.

– Bem-vindo de volta. Como você se sente? – perguntou uma mulher

bonita com cabelo curto.

Ele lambeu os lábios.

– Se sua boca e sua língua estiverem formigando, isso é normal. Você

consegue me dizer o seu nome?

Olhou para ela com ar apalermado, sem responder.

– Ok, você ainda está um pouco confuso.

– Você pode nos dizer o seu nome? – uma mulher mais velha

perguntou.

Ele balançou a cabeça.

– Não? Claro que pode. É Zack. Qual é o seu sobrenome?

Ele hesitou por um momento. Em seguida, murmurou:

– Kashian.

– O quê?

– Kashian.

– Certo. Muito bem. E você sabe onde está?

– Magog Woods?

– Onde?

– Magog Woods.

– A voz dele está diferente – disse alguém.

– Onde é Magog Woods?

– Onde eu moro.

– E onde é isso?

– No Maine.

– Maine? Não, você está em Massachusetts. Você se lembra.

Zack balançou a cabeça.

– Sim, você está em Massachusetts, não no Maine. E você vive em

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Boston.

Ele olhou ao redor atordoado. Então, sua mente lentamente começou a desanuviar, e as árvores desapareceram; tudo clareou, e ele viu pessoas ao seu redor, em uma grande sala branca, e todos os equipamentos eletrônicos e tubos e fios ligados à sua cabeça e aos seus braços.

– Você sabe por que está aqui?

– Huum. Acho que eu estava sonhando. Para um teste de sono.

– Ótimo. Você pode me dizer seu nome?

– Zack Kashian.

– Ótimo. E que dia é hoje?

Ele pensou por um momento e, então, lembrou-se da data.

– Muito bom. E em que Estado estamos?

– Massachusetts.

– Assim é melhor. E a capital?

– Boston.

– Você se lembra do meu nome? – perguntou uma jovem bonita.

Então ele sentiu que estava voltando para o presente. Sarah Wyman, a neurocientista de rosto bonito e cabelo curto.

– Joana d’Arc.

– Joana d’Arc?

– Parece com ela. Do pintor Paul Delaroche.

– Uau. Você estudou história da arte.

– História da França. – Ele falou pausadamente, tentando clarear as

ideias. Sua boca estava seca.

– Onde? – Ela ainda o estava testando.

– Na Northeastern University.

– Acho que ele está bem. Zack, sou eu, a doutora Luria. – Ela se

sentou ao lado dele com uma prancheta, havia uma câmera de vídeo

focada nele. – Eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre a sua

experiência. Você se lembra de alguma coisa de quando esteve dormindo?

Pessoas, lugares, atividades de qualquer tipo?

– Não, nada. Apenas um branco.

– Nenhuma lembrança de onde você estava? Não se lembra com

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

quem você estava ou se estava com alguém?

Zack balançou a cabeça.

– Quaisquer sensações residuais ou emoções?

– Apenas um branco.

– Noção do seu eu físico?

– Não.

A doutora Luria fez mais algumas perguntas e, em seguida, desistiu, parecendo desapontada por ele não conseguir se lembrar de coisa alguma.

Eles o ajudaram a ir até o biombo, onde Zack vestiu suas roupas.

– Que tal um café para ajudar você a acordar? – Sarah perguntou.

– Algo gelado. Minha boca está seca – disse ele, por trás do biombo.

– Temos água mineral na geladeira.

Ele puxou as calças e colocou a camisa. – Tem mais algu- ma coisa?

– Como o quê?

– Uma root beer[15]. ..

[15]. Cerveja de raiz: é uma bebida gaseificada e doce, de origem norte-americana, com sabor que lembra cânfora e mentol, comercializada como refrigerante, mas também em uma versão levemente alcoólica. (N. da T.)

– Uma root beer?

Ele calçou os sapatos e, em seguida, saiu de trás do biombo. Estavam todos olhando para ele.

– Você disse root beer? – Sarah parecia congelada no lugar.

– Se vocês tiverem...

– Alguma marca em particular? – a doutora Luria perguntou.

Por quê? Será que eles estocavam uma grande variedade na geladeira?

– Não sei... A&W.

– Você costuma beber root beer A&W?

– Não. Qualquer marca para mim está bom. Qual é o problema?

Luria aproximou-se dele.

– Zack, por favor, tenha paciência comigo. Quando foi a última vez

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

que você bebeu uma root beer A&W?

A cabeça de Zack ainda estava um pouco confusa, como se insetos

infestassem seu crânio.

– Hein?

– Por favor, basta responder à pergunta. Quando foi a última vez que

você tomou uma root beer A&W?

– Não sei... – Zack começou a dizer. – Não consigo me lembrar de

quando foi a última vez. Talvez quando eu era criança... Há quinze anos...

ou pode ser que eu nunca tenha tomado. Por quê? O que significa isso?

– Você mora perto de lojas, outdoors, lanchonetes com cartazes visíveis da A&W?

– Não.

– Você consegue se lembrar de alguém, num passado recente, que tenha mencionado a root beer A&W ou encomendado uma em qualquer lugar?

– Não.

Luria virou o laptop em sua direção.

– O logotipo da A&W é uma imagem familiar para você?

– Acho que sim, mas não consigo descrever exatamente como é.

– Mas provavelmente você o reconheceria, certo?

– Acho que sim.

– Mas não está fresco na sua cabeça.

– Não. – A sombria expectativa nos olhos de Luria deixou Zack um pouco desconfiado. – O que significa isso tudo?

Luria acenou para Sarah. Mas, em vez de ir buscar a bebida, ela apareceu com uma escada e deslocou-a para um armário alto que cobria uma parede. Ela subiu e puxou de cima dele um laptop completamente aberto, como um livro. Quando ela desceu, virou a tela para ele, que mostrava a foto de uma caneca espumante de root beer A&W.

– Eu não entendo – disse Zack.

Todos ainda estavam olhando para ele. Então, a doutora Luria disse:

– Eu acho, meu amigo, que você teve uma experiência extracorpórea.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

36

– Uma o quê?

– Uma experiência extracorpórea. Sabe o que é isso?

– Como quando as pessoas sofrem acidentes e assistem do alto os paramédicos executarem as manobras de ressuscitamento em seu corpo?

– Precisamente. Ou quando, em uma sala de cirurgia, alguns pacientes relatam que flutuaram sobre a cena.

– O que isso tem a ver com a root beer?

– Fizemos um teste enquanto você estava sedado – disse Luria. – Você não podia ver o laptop de onde estava, nem nós podíamos. Mas nós o colocamos em cima do armário, com a tela aberta para o teto. Nele havia uma imagem selecionada aleatoriamente dentre centenas. Não tínhamos

ideia do que era até você acordar. Seu primeiro pedido foi uma root beer, de preferência, A&W... Precisamente a imagem que o computador havia selecionado, visível somente de cima.

O armário tinha cerca de 2m15 de altura, e não era possível ver o que havia em cima dele de onde estavam. O teto, cerca de noventa centímetros acima do topo do armário, era feito de painéis não refletores; então, não havia maneira de ele ter visto o que havia lá, mesmo se enfiasse a cabeça para fora do tubo de ressonância magnética.

– Não poderia ser apenas uma coincidência?

– Estatisticamente, muito improvável, já que você disse que não consegue se lembrar de quando foi a última vez em que tomou uma bebida dessa marca – disse Luria.

– E aquelas imagens do outro dia? Talvez essa fosse uma delas e tenha

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

ficado registrado em meu cérebro. Eu acordei com sede, e foi a primeira coisa que me veio à mente.

– Só que, sedado como você estava, as células do cérebro ficaram

impedidas de se comunicar umas com as outras. Seu banco de memória estava adormecido.

– Você quer dizer que, mesmo que o logo estivesse na minha cabeça, eu não teria me lembrado dele?

– Isso mesmo.

A pele no couro cabeludo de Zack se contraiu.

– Outra coisa – disse Luria. – O poder de resolução desta máquina pode registrar minúsculas variações no padrão de atividade das células a partir de estímulos visuais. Aquela varredura cerebral que fizemos no outro dia nos permitiu identificar neuropadrões distintos com imagens específicas. Você está conseguindo me acompanhar?

– Mais ou menos.

– Em outras palavras, a máquina correlacionou determinadas imagens: de gatinhos, crepúsculos, carros exóticos, logotipos de root beer, fotos de família, com atividade neuroelétrica no nível celular.

– Pense nisso como uma impressão digital neurostática – disse Sarah.

– O que vimos em seus padrões de atividade cerebral se correlaciona especificamente com o padrão de quando o logotipo da A&W foi mostrado para você no outro dia.

– Então, vocês podem reconhecer determinados estados emocionais das pessoas?

– Sim, estados de alegria, raiva, tristeza, todo um espectro de estados emocionais.

– Mas as imagens de aves ou crepúsculos não criam variações emocionais.

– Você pensaria que não – disse Stern –, mas, na verdade, criam, só que em um nível micro. O cérebro cria diferenças muito sutis, reações microemocionais a estímulos específicos. Com imagens mais pessoais, como a do seu animal de estimação, de sua namorada, de um membro da família ou do seu local de férias favorito, há neurorreações mais

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

pronunciadas. Com o tempo, podemos desenvolver assinaturas neuroelétricas completas dos vários estados dos voluntários do teste, e que nos ajudam a interpretar o que se passa durante uma EQM.

– Além disso, alguns desses padrões de assinaturas individuais coincidem com os de outros voluntários do teste. Na verdade, alguns desses padrões são típicos e nos dão um código-clichê.

– Mas, pelo que vocês disseram, eu achei que o anestésico houvesse

interrompido a atividade elétrica no meu cérebro.

– É isso mesmo.

– Então, como vocês detectaram padrões elétricos nos exames?

– Essa é a pergunta-chave – disse Stern. – Há uma explicação bioquímica. Parte de seu cérebro não respondeu ao anestésico. Possivelmente, há um canal de sódio desconhecido que não reagiu à tetrodotoxina, mas, ainda assim, manteve-o em estado de quase morte.

– Eu não estou conseguindo acompanhar você.

– Bem, esse padrão neuroelétrico específico, relativo ao logotipo da root beer, só poderia estar lá se você tivesse acordado, e saído da ressonância magnética e subido na escada para espiar em cima do armário.

– Mas isso não aconteceu – disse Zack.

– Com certeza, não – disse a doutora Luria. – A outra explicação é que, no estado de quase morte, a sua consciência transcendeu seu cérebro. Ou, se preferir, seu espírito deixou o seu corpo.

Zack sentiu-se atordoado.

– Mas como...?

Sarah aproximou-se dele com uma garrafa de água.

– Você está bem?

– Eu não sei. Estou tendo problemas com o que vocês estão me dizendo.

– Claro. É um pouco incrível para mim também.

– Mas como vocês explicam isso?

O rosto da doutora Luria parecia uma maçã polida, reluzente com a

empolgação que ela estava tentando conter.

– É o que nós também estamos tentando determinar e, por essa razão,

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

gostaríamos de executar outro teste em você, se você não se importar.

– Querem me deixar quase morto outra vez?

– Em outra ocasião. Você precisa descansar e esperar que o sedativo

seja eliminado do seu organismo. Nós também precisamos de um tempo

para analisar todos os dados. Mas, se você estiver disposto a fazer outra

sessão, nós lhe pagaremos mais 750 dólares.

Os cientistas olharam para ele cheios de expectativa. Ele sentiu o gene

de comerciante armênio dentro dele tomar as rédeas.

– Que tal um bônus por bom comportamento?

Luria sorriu.

– Será que oitocentos fariam você se sentir melhor?

– Não tanto quanto mil. – Ele prendeu a respiração enquanto a doutora Luria pensava no assunto.

– Você sabe negociar – disse Luria. – Ok, mil. E nós vamos combinar uma data conveniente para todos.

Sim!

Então, Luria pegou o braço de Zack.

– Zack, eu quero lembrá-lo de que nada do que aconteceu aqui esta noite pode ser compartilhado com ninguém. Isso tudo é ainda muito confidencial.

– É claro – disse Zack, imaginando como e quando eles revelariam seus resultados. – Como exatamente as experiências extracorpóreas se relacionam com as experiências de quase morte?

– Mais de cinquenta por cento daqueles que têm EQMs afirmam ter experiências extracorpóreas. As duas fazem parte do mesmo fenômeno.

– E se isso acontecer na próxima vez?

– Então, concluiremos que pode ser tudo, menos coincidência – disse ela. – E isso confirmaria que você adquiriu informações enquanto estava quase morto, e que sua mente inconsciente deixou seu corpo.

Zack fez um movimento para seguir Sarah até a saída. Mas Luria o deteve:

– Zack, você pode se interessar em saber que a neuroatividade

aumentada que registramos está localizada em um setor muito associado a

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

experiências espirituais e religiosas. É conhecido como o lobo de Deus.

– O lobo de Deus? Mas eu nem sou religioso.

– E é isso que é tão interessante.

Zack juntou suas coisas. Então, Sarah acompanhou-o até a porta.

– Como você está? – Os olhos dela brilhavam de forma calorosa, e ele

gostava da sensação de sua mão conduzindo-o até a porta. Ele ainda estava

com as pernas um pouco bambas.

– Um tanto maravilhado.

– Claro. É muito emocionante – disse ela. – Oh, ia me esquecendo...

– acrescentou ela, e entregou-lhe um cheque.

Ele o meteu no bolso e seguiu Bruce até o carro. O motorista sentou-

se no banco da frente e fechou a porta. Antes de Zack entrar, ele se virou

para Sarah:

– Quando você não está pesquisando sobre vida após a morte, você

costuma sair para beber uma cerveja e comer uma pizza?

– Você está me convidando?

– Sim.

– Eu adoraria.

– Que tal sexta à noite?

– Para mim está ótimo.

Ele entrou no carro. Se aquela era a sua ultravida pós-coma, estava

começando a gostar dela.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

37

Roman entrou no restaurante La Dolce Vita sentindo-se um pouco tonto.

Pelo que supunha, Cola, Pomeroy e companhia estavam conduzindo experiências pelas quais os teriam condenado à morte na fogueira, alguns séculos atrás. Hoje, contrataram Roman.

Ele pediu um risoto de frutos do mar e um copo de Chianti. Sua próxima missão era eliminar um tal de Roger Devereux, pesquisador e

neurocientista da Escola de Medicina da Boston University. De acordo com a escassa informação sobre ele, o homem também era um cliente habitual daquele restaurante; aparecia por lá umas duas noites por mês, sempre às segundas-feiras. Geralmente, reservava uma mesa para as sete da noite, ao lado da janela. Eram 18h45, e Roman ocupava uma mesa nos fundos do salão principal, de onde podia ver perfeitamente a mesa reservada pelo cientista, ainda vazia.

Quando olhou pelas janelas, seu olhar se dirigiu à grande igreja gótica em tijolo vermelho do outro lado da avenida. Que diferença da acanhada estrutura de tijolo amarelo da Igreja de São Lucas, em uma transversal da Franklin Avenue, em Hartford. Ele ainda se lembrava dos violentos sermões do padre Infantino sobre o que aconteceria com os pecadores quando morressem: ressuscitariam em corpo e alma e seriam lançados ao inferno, para sofrerem o terrível castigo para sempre, sem o alívio da morte. O bom padre afirmava que havia um castigo feito na medida certa para cada tipo de pecador. Aqueles que blasfemassem contra Deus seriam enforcados por suas línguas. Os adúlteros teriam ferro derretido derramado sobre seus genitais. Os mentirosos seriam obrigados a mastigar a própria

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

língua enquanto abutres bicariam os seus olhos. As mulheres que praticassem abortos seriam obrigadas a chafurdar em excrementos até o queixo. Os assassinos seriam jogados em poços de cobras venenosas. Aqueles que virassem as costas para Deus seriam empalados em espetos e assados em fogueiras ardentes. E esses tormentos durariam toda a eternidade.

– E quanto tempo dura a eternidade? – padre Infantino uivava. – Imaginem uma montanha de 10 mil metros de altura e que, a cada 10 mil anos, um pássaro gigante voasse até o topo dela e raspasse seu bico, uma única vez, no pico rochoso. Quanto tempo levaria até que desbastasse a montanha até a base? Isso não seria sequer um bilionésimo do tempo que você queimará no inferno. E a terrível magia do inferno é que você não morre. Você não se queima, apenas sofre para sempre e sempre, num tormento sem fim.

Mesmo quando era menino, Roman não entendia como alguém poderia acreditar em um Deus que torturava seus filhos desobedientes por toda a eternidade. Deus não deveria ser bom, amoroso e todo misericordioso? Ou seria ele um sádico furioso? Se assim fosse, seria difícil

não questionar sua integridade moral. Além do mais, como o padre Infantino sabia que o inferno era assim? Aquelas coisas estavam realmente na Bíblia? E a Bíblia não havia sido escrita por um bando de velhos, milhares de anos atrás? Mesmo que o inferno fosse realmente assim, para que se preocupar? Por que não acabar com tudo isso? Tudo muito complicado. Se você está morto, está morto. Nada de segunda chance, nada de fogo do inferno. O inferno era só não ir para o céu, para onde iam os bons.

Alguns anos mais tarde, Roman disse a si mesmo que aqueles discursos inflamados do padre Infantino eram produto de um cara de meia-idade frustrado sexualmente, que não conseguira encontrar um emprego de verdade e saía assustando criancinhas. E, provavelmente, ,faturava' algumas atrás do altar.

Mas, ao longo das últimas semanas, Roman começara a reexaminar as possibilidades por trás de toda aquela cólera. E o que ele concluiu foi que

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

havia um Deus, afinal. Não tinha certeza de que no céu havia uma cidade

de ouro e pedras preciosas, ou de que Deus assentava-se em um trono de luz, ou de que teremos de passar toda a eternidade ao lado dos parentes mortos, dos santos e do próprio Jesus. Mas ele passou a acreditar que a vida continua. E, por alguma razão, aqueles cientistas estavam em aliança com Satanás. Então, o que ele tinha a perder eliminando-os? Nada. E talvez tivesse uma eternidade a ganhar.

Um pouco antes das sete horas, entrou no restaurante um sujeito que se parecia com o da foto de celular de Roger Devereux. Parecia menos um professor de neurologia da Boston University do que alguém por trás do balcão em uma loja de material de construção e bricolagem. Era baixo, gordinho e careca e estava espremido em um blazer azul muito apertado com uma camisa também azul. Entrou sozinho e foi conduzido à mesa ao lado da janela. Cerca de dez minutos depois, uma mulher apareceu na entrada do restaurante e juntou-se a ele. A esposa de Devereux, que também já havia trabalhado no laboratório.

Roman estava em uma mesa onde não podia ser visto pelo casal Devereux, que nem ficava próxima aos banheiros, caso eles precisassem de um. Ele comeu lentamente e tomou uma segunda xícara de café descafeinado, enquanto o casal terminava sua refeição e saía. Roman pagou a conta e seguiu os Devereux, que moravam em um condomínio de prédios altos, a poucos quarteirões do restaurante. Manteve distância e

esperou que eles tomassem o elevador até o 14o andar. Então, quinze minutos depois, tocou o interfone para o apartamento 1404. Quando uma voz masculina respondeu, ele disse:

– Doutor Devereux?

– Sim.

– Meu nome é John Farley. Sou do escritório do FBI de Boston, e eu gostaria de lhe fazer algumas perguntas.

– FBI? Do que se trata?

– Bem, prefiro explicar pessoalmente. Se o senhor qui- ser, podemos conversar aqui ou ir para outro lugar, ou eu poderia subir.

– Estou descendo.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Ótimo. – O cara era inteligente. Um minuto depois, ele desceu, ainda vestido com calças cáqui e camisa azul. Abriu a porta de segurança e entrou no saguão. Roman sorriu e mostrou um crachá falso usado alguns anos antes, em outro serviço. – Sinto muito incomodá-lo, mas gostaríamos de falar com o senhor sobre uma ex-colega sua, LeAnn Cola.

– LeAnn? O que tem ela?

Roman olhou ao redor do saguão escuro.

– É uma questão bastante delicada, e eu prefiro não conversar aqui.

Nós poderíamos procurar uma cafeteria, se quiser.

Devereux estudou os sinceros olhos azuis de Roman.

– Não, vamos subir.

– De fato, não há nenhuma necessidade de perturbarmos a sua família.

– Não, tudo bem – E ele destrancou a porta de segurança e caminhou com Roman até o elevador.

Anzol, linha e chumbada, pensou Roman, enquanto eles entravam no elevador.

Nada foi dito até chegarem ao andar de Devereux, que destrancou sua porta:

– Ruth, temos visita! – ele gritou.

A mulher apareceu, e Devereux apresentou Roman, que mostrou o crachá de novo e pediu desculpas pela invasão.

– Nosso escritório está investigando a morte da doutora LeAnn Cola – disse Roman, e então prestou condolências pela morte da amiga deles.

A senhora Devereux perguntou se ele gostaria de tomar um café ou outra coisa, e Roman, polidamente, recusou. Então, ela desapareceu no

interior do apartamento, deixando Roman e o marido sentados nas poltronas, um de frente para o outro. À direita de Roman havia uma estante embutida, de madeira escura, com livros e fotografias, incluindo uma grande, que mostrava uma mulher e dois filhos pequenos. Roman apontou para a foto:

– Crianças bonitas.

– Obrigado. É a minha filha e os filhos dela.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Mais uma vez, queria dizer que sinto muito pela morte de sua colega. – Devereux agradeceu, e Roman remexeu na pasta a seus pés e tirou dali uma prancheta acolchoada. – O nome de Thomas Pomeroy significa alguma coisa para o senhor?

O rosto de Devereux nublou-se.

– Sim, Tom era um amigo e um colega.

– O senhor sabe que ele morreu recentemente, também.

– Sim.

– Como os conhecia?

Devereux hesitou por um momento.

– Eu trabalhei com eles.

– Bem, temos razões para acreditar que seus colegas não morreram por acidente ou de causas naturais, conforme relatado, mas foram assassinados.

– Assassinados?

– Sim. E que suas mortes foram encenadas para parecerem um ataque cardíaco e um vazamento de gás.

– Isso é terrível. Quem faria uma coisa dessas? E por quê?

– Isso é o que esperamos descobrir – Então, com uma expressão compungida, Roman acrescentou: – Achamos que as mortes estão ligadas a alguma pesquisa em que estavam envolvidos. Lamento dizer que descobrimos que a sua cabeça também está a prêmio.

– O quê?

– Sim, alguém o quer morto, e espero que o senhor me forneça informações que possam nos ajudar a evitar isso.

Devereux estava boquiaberto.

– O quê?

– Nossas fontes nos dizem que essas mortes foram encomendadas por alguém de dentro da Igreja Católica, acredite ou não.

– Da Igreja Católica?

Ouvindo o tom espantado na voz de Devereux, a mulher dele surgiu

na sala metida em um roupão de banho.

– Está tudo bem?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Tom Pomeroy e LeAnn Cola foram assassinados – anunciou

Devereux.

– O quê?

– Senhora Devereux, receio que isso seja verdade e que a vida de seu

marido esteja em perigo, talvez também a sua. E achamos que tem a ver

com a pesquisa em que todos vocês trabalharam. – Antes que qualquer

dos dois pudesse recuperar o fôlego, Roman virou-se para Devereux e

disse: – Estou querendo saber se o senhor poderia me falar a respeito

desse projeto, porque acho que isso ajudaria a evitar mais mortes. – Então,

virou-se para a esposa. – E, senhora Devereux, por favor, junte-se a nós, já

que a senhora colaborou na pesquisa.

Em estado de choque, a mulher sentou-se devagar no sofá.

– Nós estávamos fazendo uma pesquisa sobre o sono, a respeito do

que acontece no cérebro em vários estados – disse Devereux.

– Sono?

– O projeto era confidencial por contrato, mas nós trabalhamos em um software de imagem.

– Você pode me dizer um pouco mais? Por exemplo, qual seria o motivo que levaria alguém a querer detê-lo?

Devereux fitou-o por um longo momento.

– Eu acho que pode ser uma boa ideia eu entrar em contato com meu advogado antes de continuar. Estamos entrando em áreas delicadas. E também gostaria de avisar a polícia local, se for verdade que minha vida está em perigo.

– Você não precisa da polícia. Você tem o FBI. Estamos trabalhando para protegê-lo.

– Você continua dizendo nós, mas só você está aqui.

– Não estou gostando disso – disse a senhora Devereux. – Eu estou com medo. – Ela se levantou do sofá e começou a se afastar.

– Aonde vai? – Roman perguntou.

– Chamar a polícia. – E dirigiu-se ao telefone sobre uma mesinha de canto.

– Isso não é uma boa ideia – disse Roman. Mas ela não parou. Então, Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda

n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Roman puxou uma pistola com silenciador de sua pasta e atirou duas vezes

nas costas da mulher. Ela desabou no mesmo lugar. Mas, antes que o

marido pudesse se mover, Roman baixou a arma para o rosto dele.

– Mexa-se e você morre.

Um ganido de dor subiu de sua garganta, enquanto olhava para o

corpo da esposa.

– Diga-me o que vocês estavam fazendo nesse projeto.

Por um longo momento, Devereux lutou para se controlar, olhando de

Roman para a esposa, e da esposa para a arma apontada para a sua cabeça.

– Quem... Quem é você? Por que você a matou? – sua voz tremia de

horror e incredulidade.

Ele começou a se levantar, mas Roman agitou a arma na direção dele:

– Eu vou matar você.

Devereux sossegou no lugar.

– Diga-me no que você, Cola e Pomeroy estavam trabalhando, e não

me venha mais com essa baboseira de pesquisa do sono, porque eu sei

onde sua filha e seus netos moram. E, se você me der qualquer evasiva, vou matá-lo e visitá-los, capice?

Devereux balançou a cabeça, seu rosto parecia um saco vazio de pele flácida e sem sangue. Sua voz ficou embargada quando olhou para o corpo sem vida de sua esposa; o sangue se espalhava pelo roupão.

– Experiências de quase morte.

– Experiências de quase morte?

– Eles estavam levando pessoas ao estado de quase morte, de parada cardíaca, para detectar atividade elétrica.

– Continue.

– Para ver se há alguma verdade nas afirmações de que ocorrem encontros com parentes mortos, de que existe o céu, seja o que for.

Caramba, Roman pensou.

Devereux continuou ofegante:

– Ou se isso pode ser explicado simplesmente pela neurobiologia.

– O que isso tem a ver com Satanás?

– Satanás? N… não sei do que você está falando.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Por que a Igreja é contra a sua pesquisa?

– A Igreja? Eu não sabia que era.

– Vocês estavam tentando descobrir se a vida após a morte é real ou se ocorre apenas no cérebro, não é?

Devereux assentiu.

– E o que vocês concluíram?

– Eu não sei. A pesquisa ainda está em curso.

– Onde a pesquisa é feita?

– Eu não sei. Era tudo serviço freelance. Não sei mais nada sobre isso, juro pela minha vida.

– Quanto eles lhe pagam pelo seu trabalho?

– Cinco mil.

– Eles ainda estão fazendo os experimentos?

– Acho que sim.

Roman observou Devereux se contorcendo na cadeira. Parecia que ele estava dizendo a verdade.

– Por que a Igreja Católica quer você morto?

Por reflexo, Devereux respirou fundo.

– Eu não sei. Por favor, me deixe em paz.

– Pense.

– Eu não sei. Talvez porque estávamos tentando provar que a

experiência religiosa é apenas a química do cérebro.

Roman sentiu como se houvesse levado um pequeno murro em seu

plexo solar.

– Você acha que eles conseguiram alguma coisa?

– Eu não sei. Por favor, não me mate.

– O que mais você sabe? Quem mais trabalhou com você?

– Tudo que sei é que eles estão com um voluntário com resultados

positivos.

– O que quer dizer?

– Ele é neurossensível. Eu não sei. Eu só trabalhei no software de

imagem. O nome dele estava no jornal, um tempo atrás. Ele acordou de

um coma e as pessoas pensavam que Jesus estava falando por intermédio

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

dele ou algo assim.

– Você sabe o nome dele?

– Não. Um garoto de faculdade. Isso é tudo que eu sei.

– O que aconteceu com ele? – Roman ajoelhou-se e aproximou o silenciador da boca de Devereux. – Fale a verdade. Diga-me o nome dos outros ou onde posso encontrá-los, e eu deixo você viver.

– N… não sei o nome dos outros. Eu trabalhei isoladamente e entreguei os resultados ao Morris.

– Que Morris?

– Morris Stern. Isso é tudo que eu sei. Juro que não sei mais nada. Juro.

– Mais alguma coisa sobre esse garoto?

– Não.

Roman analisou-o por um momento, enquanto Devereux tremia sentado na poltrona, com o rosto descorado, a boca ofegante, espremendo os olhos. Depois, Roman meteu o silenciador na boca de Devereux e puxou o gatilho. A bala saiu pela parte de trás do crânio, espirrando sangue e massa encefálica por todo o encosto da poltrona e na parede atrás dela.

Roman teve o cuidado de não tocar em nada. Calçou um par de luvas cirúrgicas, retirou o silenciador e limpou suas impressões digitais na pistola. Então, apertou a arma na mão de Devereux e deixou-a cair, como se ele tivesse cometido suicídio depois de atirar na esposa.

Antes de sair do apartamento e descer pelas escadas de emergência e ganhar as ruas, olhou a cena do casal Devereux morto.

Mais perto de ti, meu Deus, pensou ele, e fugiu.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

38

– Está indo bem. Eu durmo e eles pagam o meu cartão de crédito, graças a você.

– Ainda bem que está funcionando – disse Damian.

– Então, a boa notícia é que este jantar é por minha conta.

Damian olhou para o seu burrito de frango.

– Que droga, se eu soubesse disso, poderíamos ter ido ao Davio’s.

– Fica pra próxima.

Zack tinha ido se encontrar com Damian no Qdoba, um restaurante mexicano perto do campus da Northeastern University, na mesma esquina da Huntington Avenue onde, cinco meses antes, ele passara com a bicicleta por um buraco, caíra e entrara em coma.

– Então, o que eles estão testando? – Damian perguntou.

– Eles conectam minha cabeça a monitores e medem a atividade enquanto estou sonhando. – Zack não apreciava o fato de estar sendo vago, especialmente porque fora Damian que tinha arranjado aquele lance para ele. Mas ele havia assinado os termos de confidencialidade, e a doutora Luria insistiu em afirmar que o que eles faziam no laboratório tinha de permanecer no laboratório.

– E tem tido algum sonho interessante?

Sim, sem conseguir respirar e mastigando areia.

– Apenas fantasias com uma atraente neurobióloga do projeto.

– Isso lhe dá motivação para continuar voltando lá.

– Sim – Zack disse, pensando no turbilhão de emoções que rodopiara nele desde o episódio do capacete. Sem dúvida, pela sequela da estimulação, lembranças doces e adormecidas de seu pai emergiram por

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

meio das camadas de ressentimento que se acumularam ao longo dos anos. Como naquela manhã em que ele estava na biblioteca. Trabalhava na dissertação quando sua mente ,clicou' de volta a uma brincadeira boba

que costumavam fazer quando tinha cerca de 4 anos. Ele se escondia debaixo de seu cobertor infantil, decorado com figuras de gatos patetas, e quando dizia ‚Pronto!' seu pai entrava no quarto: ‚Onde está o Zack? Oh, onde pode estar o pequeno Zack?' E ele ouvia o pai abrindo o armário, olhando debaixo da cama, procurando dentro das gavetas e repetindo enquanto isso ‚Onde está o meu Zack? Ele tem de estar aqui em algum lugar'. E aquilo prosseguia até Zack já não conseguir segurar as risadas, afastar o cobertor e anunciar: ‚Aqui está o seu Zack!' E seu pai batia no peito demonstrando surpresa e dizia: ‚Aí está o meu Zack!' E pulava na cama, sufocando-o com beijos que se transformavam em um ataque de cócegas, que deixava Zack tonto de tanto rir. A memória era tão nítida que parecia que aquilo havia acontecido no dia anterior, deixando-o com uma sensação de vazio e uma enorme saudade.

Quando acabaram de comer, Damian se ofereceu para dar uma carona a Zack até em casa.

– Obrigado, de qualquer maneira. Vão me buscar de carro daqui a pouco.

– Mais testes de sono?

– Algo do gênero. Por falar nisso, você pode me emprestar seu carro neste fim de semana?

– Um encontro com a neurobióloga atraente?

– Se Deus existe...

– Ele existe – disse Damian, e sorriu beatificamente. – Infelizmente, eu vou usar o carro, irei para um retiro em Vermont. Mas, em qualquer outra ocasião, sem problemas. A previsão é de que terá um clima maravilhoso neste fim de semana, então, dê uma caminhada com ela. – Depois, ele acrescentou: – Viva na luz e vá com fé.

Era uma de suas pequenas saudações, nascidas mais do hábito do que das teimosas tentativas de convertê-lo.

– Obrigado, vou tentar.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Às seis horas, Bruce apareceu e levou-o para o laboratório, ao som da Terceira Sinfonia de Beethoven. Lá pelas sete e meia, ele já havia trocado de roupa, estava na maca, com o escalpe e ligado aos monitores. Em seguida, deslizaram-no para o interior da máquina de IRMf. Quando Sarah perguntou se ele estava pronto, Zack fez que sim com a cabeça. E a última coisa da qual teve consciência foi a imagem de Sarah injetando-lhe o anestésico pelo escalpe.

– Zack, você consegue me ouvir? – Uma voz feminina.

Ele acordou com a boca cheia de areia.

– Está recobrando a consciência.

Ele não conseguia recuperar o fôlego. Sua garganta estava entupida.

Os pulmões eram sacos de concreto.

– Vamos, Zack, acorde.

Lutou para se desvencilhar daquele peso, tentando libertar as mãos.

Com muito esforço, soltou-as e escavou seu caminho para fora. O frio da noite castigava a sua pele. Rolou sobre os joelhos, com seu diafragma desesperado por ar, babando areia.

– É isso aí, abra os olhos.

Os olhos. Eram fendas inchadas e forradas com areia. A boca, as narinas e os ouvidos estavam obstruídos. Seu cabelo, areia pura. E pequenos parasitas o devoravam vivo.

– Força, Zack. Você consegue.

Através da escuridão, ele podia adivinhar a linha d’água – negras ondas castigando a costa. Como um caranguejo, rastejou em direção ao murmúrio do mar e mergulhou. A água salgada ardeu-lhe os olhos e a pele, mas ele se forçou a ficar ali imerso até lavar todos os insetos e a areia.

Então, lá estava ele, deitado de costas, enchendo seus pulmões com ar doce e fresco.

– É isso aí. Esforce-se um pouco mais. Abra os olhos.

Luz. A Lua havia rompido o véu de nuvens e colocara o céu em

movimento.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Como você está? – Uma mulher olhava para ele.

Depois, outros.

Não tinha ideia de quem eles eram. Seu corpo tremia. Não tinha ideia

de quem ele era.

– Bem-vindo de volta.

Seus lábios e sua língua estavam dormentes. Seus olhos queimavam.

Aqueles rostos debruçados sobre ele eram borrões mal percebidos por seus

olhos lacrimejantes.

– Zack? Você está bem?

– O que vocês estão fazendo? – O medo sacudia seu corpo. Tentou se

levantar, mas seus membros eram blocos de madeira. E os braços e o peito

estavam presos em alguma coisa.

– Não tenha medo – disse a mulher mais jovem. – Você está indo

bem.

– Quem é você?

– Zack, sou eu, Sarah Wyman. – A mulher aproximou o rosto. – Você se lembra de mim. E estes são a doutora Luria e o doutor Cates.

Ele tentou se sentar, mas estava pesado com tanta areia molhada e algas. E a sua cabeça estava pesada como se estivesse cheia de lama. Caiu para trás na areia e olhou para as pessoas. Aquela mulher e dois homens, um mais velho, o outro, um jovem negro. Não tinha ideia de quem eles eram. Não sabia por que eles o estavam chamando de Zack.

Com a ajuda da mulher mais jovem, ele se sentou e o sangue escoou de sua cabeça.

– Não se lembra? – a mulher mais velha perguntou.

Ele balançou a cabeça. Não se lembrava de coisa alguma.

– Diga-me o seu nome – disse ela, o rosto parecendo firme e pálido, menos no trecho cor de sangue em sua bochecha. Ela lhe pareceu vagamente familiar.

Por um longo momento, ele olhou nos olhos dela. Seu nome. Seu nome.

– Eu não sei. – Ele olhou ao redor, mas não viu a praia nem a água. E o céu tinha sido substituído por um teto, e a Lua era um painel de luzes

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda

n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

fluorescentes.

Seu nome. Ele sabia que tinha um. Uma história. Uma presença. No

entanto, isso tudo se encontrava um pouco além do seu alcance.

– Você dormiu por uma hora, não se lembra? Estes são Elizabeth

Luria, Morris Stern e Cates Byron. E eu, Sarah. Estávamos fazendo testes

em você.

A praia noturna havia se transformado em uma grande sala branca

com equipamentos eletrônicos ligados à sua cabeça e aos seus braços por

fios, onde antes estavam as algas. Atrás dele havia uma grande máquina

com uma abertura circular. E três pessoas. Então, como uma imagem de

Polaroid vai sendo revelada, tudo voltou para ele. – Zack... Kashian.

– Muito bem – disse Sarah, parecendo aliviada. – Você sabe por que

está aqui?

– Sim. – E fizeram-lhe as perguntas habituais para testar o estado de

sua memória.

Em seguida, a doutora Luria começou uma bateria de outras questões:

– Você se lembra de alguma coisa que tenha acontecido enquanto

estava apagado? Imagens, experiências, lugares, outras pessoas?

Apagado? Ele não estava apagado. Não estava dormindo.

– Eu acho que estava em uma praia.

– Uma praia? – repetiu Luria.

A mente dele estava confusa, e a recordação desvaneceu-se

rapidamente.

– Tinha areia no meu rosto.

– Você estava tentando cuspir quando acordou – disse Sarah.

– Você se lembra do que estava fazendo na praia? – Luria perguntou;

seu rosto estava rígido de preocupação.

– Não.

– Qualquer movimento de qualquer tipo... caminhar, pular, nadar,

interagir com as pessoas?

– Não me lembro de nada.

– E da presença de outras pessoas?

Zack balançou a cabeça negativamente.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Eu estava sozinho.

Byron Cates voltou do computador.

– Zack, você pode caracterizar o seu estado emocional, enquanto estava na praia?

– Meu estado emocional? – Ele pensou por um momento, tentando se lembrar da experiência. Então, balançou a cabeça novamente. – Não, mesmo. Apenas um branco.

Cates olhou para Luria por um momento.

– Nenhum sentimento de ansiedade ou medo?

– Não.

– Você tem certeza?

– Sim, tenho certeza. Por que você está perguntando isso?

– Porque a química de sangue registrou um alto nível de cortisol, que é um hormônio do stress secretado pela glândula adrenal.

O doutor Stern entrou na conversa. Estava estudando o feedback do monitor do computador em que estava.

– Zack, temos feito testes deste tipo há algum tempo, combinando a avaliação do sangue e a atividade neuroelétrica com relatos subjetivos. Há todas as indicações de que sua experiência inconsciente foi violenta ao extremo.

– Mas eu não me lembro de nada.

– Ainda bem – disse Stern. – Porque parece que você estava lutando

para sobreviver.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

39

– Zachary Kashian – Roman Pace sussurrou para si mesmo. – Descobri o nome dele!

Na manhã seguinte à sua visita ao casal Devereux, Roman foi até a Biblioteca Pública de Providence, na Empire Street, onde procurou no Google pelas palavras ‚coma', ‚acordou' e ‚Jesus'. Retornaram mais de 277 mil resultados. Ele refinou a pesquisa, adicionando ‚Massachusetts', reduzindo-a a 5 mil resultados. No topo apareciam matérias recentes sobre um estudante de pós-graduação da Northeastern University que tinha sofrido um acidente de bicicleta em janeiro último e acabou em coma por quase três meses, acordando no Domingo de Páscoa.

O que prendeu a atenção de Roman foi que, durante o coma, o rapaz havia misteriosamente murmurado frases de Jesus, inclusive o pai-nosso, na língua original. Isso e também o fato de um monte de fanáticos religiosos ter invadido o seu quarto no hospital em busca de milagres e

depois ter sido removido por seguranças.

Um dos médicos afirmara que ,devido à gravidade de seu trauma e ao nível do coma', suas chances de recuperação eram ,muito pequenas', precisaria praticamente de um milagre. Outros não tinham dúvida de que Kashian estava canalizando Jesus Cristo. Segundo todos os relatos, o rapaz nunca havia tido contato com o aramaico. Ele também era membro de um círculo ateu da faculdade.

O que fez o coração de Roman disparar foi o fato de uma auxiliar de enfermagem, de tão impressionada com o ,milagre', ter capturado os murmúrios em aramaico em um vídeo de celular. Posteriormente, ela acabou sendo demitida por quebra de sigilo. Mas o vídeo foi postado no

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

YouTube, e Roman assistiu à cena várias vezes seguidas.

É claro que o rapaz estava abatido e sua cabeça tinha sido raspada, e havia fios saindo dela. E, com os olhos fechados, parecia mais um cadáver. Roman não saberia dizer qual seria sua real aparência, mas congelou o vídeo e imprimiu um quadro.

A imagem, muito granulada, não facilitaria muito o reconhecimento.

Mas teria que servir.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

40

Sarah morava perto da Harvard Square, em um apartamento no segundo andar, na Harvard Street, em frente ao dormitório Pennypacker. Ela se encontrou com Zack na porta, sexta-feira à noite, e eles desceram a rua em direção ao Grafton Street Pub & Grill, na Massachusetts Avenue, onde sentaram a uma mesa diante do bar.

Ela estava vestida com jeans, uma camisa creme e uma jaqueta combinando. Com seu cabelo castanho curto, mais parecia uma modelo francesa do que uma neurocientista. Um garçom correu para a mesa deles e anotou as bebidas. Zack quis uma Guinness, e Sarah, um sauvignon blanc.

– Então, o que é que uma garota legal como você está fazendo em

experiências de quase morte? – Zack perguntou.

Ela riu.

– Isso é que é pegar um clichê e torná-lo original... Bem, o meu trabalho de pós-graduação foi com Morris Stern em seu laboratório de neurobiologia na Tufts. Ele estava trabalhando no aprimoramento de imagem por ressonância magnética molecular e acabou como meu orientador de tese. Ele começou a trabalhar com a doutora Luria e depois me convidou para me juntar ao grupo.

– Qual foi o tema de sua tese?

– Neuroteologia.

– Ah, sim: ,O papel dos receptores de serotonina... na espiritualidade'.

Ela assentiu com a cabeça.

– Os mecanismos neurológicos ativos em experiências espirituais e

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

religiosas.

– Mais ou menos o que você está fazendo com a doutora Luria...

vendo se estamos predispostos a crer em Deus.

– Sim. Sabemos que as experiências místicas se originam dos mesmos mecanismos que produzem alucinações, sabe? Pessoas que afirmam ver a Virgem Maria, avós mortas, até mesmo alienígenas. Quando o lobo parietal é estimulado, essa região produz a sensação de uma presença.

– O que aconteceu comigo na cabine.

– Sim. Estimulamos o lobo parietal, e você sentiu a presença de seu pai.

– Mas parecia tão real...

– Como sabíamos que seria. O desafio era encontrar um meio de diagnóstico para distinguir essas experiências das reais.

O garçom voltou com as bebidas.

– Antes de conseguir o protótipo de IRMf, Elizabeth estava limitada a entrevistar pacientes de hospital que diziam ter tido EQMs. Agora, podemos fazer isso em laboratório em condições controladas.

– Então, faz quanto tempo que você vem ‚quase matando' pessoas?

– Apenas três meses, mas o projeto já existe há alguns anos.

– Quantos vocês apagaram?

– Os dados são confidenciais, mas alguns.

– Pode dizer o que vocês determinaram até agora?

– Nada conclusivo, mas Elizabeth está muito animada com o seu

teste.

– Porque eu tenho um lobo de Deus muito ativo.

Ela tomou um gole de vinho.

– É.

– Então, como é que eu volto com desejo de tomar root beer em vez

de voltar com uma história de um túnel para os portões do Céu?

– Quem sabe... da próxima vez.

E como é que eu tenho flashes de estar lutando para me desenterrar

da areia?,interrompeu uma vozinha interior. Mas ele a sufocou, e o garçom

veio anotar seus pedidos. Sarah quis risoto de camarão, e Zack, atum à

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

moda creole.

– Uma das dificuldades – disse ela – é tentar separar experiências de

quase morte reais de confabulações. As pessoas fazem todo tipo de

declarações; algumas, como resultado da autossugestão, o que elas acham

que deveriam experimentar: deslocar-se por túneis, rever a vida como um

filme, encontros com seres de luz. Declarações que não correspondem às

atividades neurais e metabólicas.

– Então, é mais fácil verificar experiências extracorpóreas, porque ou eles identificam imagens ou não.

– Sim, e os relatos de EQMs praticamente não podem ser comprovados. Tudo o que podemos observar é a atividade e a química do sangue, que nos dizem algo sobre as emoções da experiência.

– As pessoas também relatam EQMs ruins, algo diferente de luz e paz?

– Às vezes. Por quê?

– Só pra saber. Só ouvimos falar de experiências felizes.

– A literatura cita alguns casos de experiências desagradáveis. Mas eu mesma nunca presenciei nada assim.

Zack tomou um gole de cerveja. – Você é cientista, então, qual é a sua posição em relação a tudo isso? Você acha que minha mente realmente se separou do meu cérebro e flutuou até o teto?

– A resposta curta é ‚talvez'. Mas esta é a grande pergunta, a questão central de todo o debate ciência versus fé: será a mente redutível a redes neurais ou há algo além da fisicalidade do cérebro? E, se assim for, ela continuaria em outro reino, no céu, no nirvana, no além?

– Sim, entendo.

– Bem, eu também cresci como católica romana convicta. Costumava

acreditar que a religião era um salto de fé, intocada pelo racionalismo.

Mas, quanto mais eu estudava, mais me distanciava da fé. – Ela tomou

outro gole de vinho. – No entanto, esse projeto levanta outras

possibilidades.

– Como o quê?

– De que talvez o mundo espiritual exista, embora não no sentido

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

bíblico.

– Então, você acredita em Deus, mas não acredita.

Ela sorriu.

– Eu gosto de como você coloca as coisas.

– Um dos poucos benefícios de ser formado em língua inglesa: saber

dizer as coisas para impressionar uma garota num encontro.

– E eu estou impressionada. Então, digamos que eu ainda seja cética,

mas, se há uma senciência espiritual, eu não acredito que seja a figura

paternal judaico-cristã-muçulmana que cuida de todas as vidas e responde

às orações.

– Então, a EQM não chegou a convencê-la a recuperar a fé.

– Não, eu ainda estou presa na escola materialista, sabe? Ou seja, a consciência é uma função do cérebro vivo, e uma vez que o cérebro está morto, a senciência também está. Portanto, uma EQM é um mecanismo de desligamento do cérebro dizendo ao corpo para morrer.

– Então, como você explica todos os relatos de luz celestial e grande paz?

– Possivelmente, estratégias evolutivas para tornar a morte mais fácil de aceitar; ‚amortecedores' para o horror da própria morte.

– Pura neurobiologia – disse ele, usando a frase de Stern.

– Sim. Para uma EQM ser real, seria preciso demonstrar cientificamente que a consciência sobrevive à morte clínica. E só conseguiríamos fazer isso por intermédio de alguém que obtivesse informações no caso de sua mente inconsciente deixar seu corpo.

– Como ocorreu no dia em que tive vontade de beber root beer.

– Talvez.

– Mas isso também poderia ser uma coincidência ou lembrança do teste com as fotografias.

– Só que você não poderia ter se lembrado dele. Além disso, vimos outras experiências extracorpóreas antes.

– Talvez mais coincidências.

– Ou talvez evidência de que a mente pode se separar do corpo.

– Você acredita nisso?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Estou aberta à possibilidade, mas ainda não cheguei lá. – Então, ela

se inclinou para a frente; seu rosto estava radiante como se uma luz

houvesse sido acesa lá dentro. – Mas, se for verdade, que incrível

possibilidade: a de que, no final, passamos por uma transformação de

estados, do físico para a senciência não física. Em resumo, não há tal coisa

como a morte. E que, quando morremos, nossa mente se funde com uma

senciência cósmica: a supermente[16].

[16].

No

original,

‚Overmind',

do

livro O

Fim

da

Infância (Childhood’s End, 1953), de Arthur C. Clarke. (N. da T.)

A intensidade com que Sarah disse aquilo reverberou nele.

– A supermente?

– Outro termo da ficção científica. Alguns pensam que a telepatia é um vislumbre da supermente. E também que alguns de nós somos geneticamente programados para isso.

Por um assustador momento, veio-lhe à mente o rosto de Winston encarando-o na mesa de pôquer.

– E que as pessoas telepáticas são evidência de que todos nós nos fundimos com a supermente, que é o que todas as religiões falam. Se isso puder ser demonstrado, um enorme ‚se...', poderá ser a maior descoberta de todos os tempos. Como diz Elizabeth, o que precisamos são segredos do túmulo.

– Tais como?

– Informações que são do conhecimento apenas do falecido, e não do voluntário.

– Como encontrar sua falecida avó, que diz que há um tesouro enterrado no quintal. Aí, você pega uma pá e voilà.

– Isso serviria.

Zack estava curtindo a flexibilidade da mente de Sarah e o vigoroso

entusiasmo que lhe iluminava os olhos e fazia seu belo rosto resplandecer.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Ele também sentia que ela estava gostando de estar com ele, e isso dava a

Zack o alívio de saber que havia vida após Amanda. Quando os dois se

separaram no ano anterior, Zack quase se convencera de que suas

melhores opções haviam ficado para trás, e que ele não estava destinado a

encontrar uma mulher que fosse tão fascinante, inteligente e atraente.

– Tenho a impressão de que a doutora Luria é mais aberta às

possibilidades espirituais...

– Sim.

– E o doutor Stern é pura neurobiologia, um pouco como você

mesma.

Ela sorriu com carinho à menção daquele nome, como se ele fosse

mais do que um mentor, talvez uma figura paterna.

– Ele é um racionalista linha-dura, um geneticista por formação, que

tem um interesse evolutivo nesses fenômenos. Ele acredita que um

pequeno número de pessoas tem uma tendência para a espiritualidade,

mas isso é o mais longe que ele vai.

– Que estamos programados para acreditar em Deus – disse Zack.

– Sim, o que traz a vantagem evolutiva de criar comunidades baseadas em sistemas de crenças, e no centro delas encontram-se os xamãs, sacerdotes e outras pessoas especialmente predispostas.

– Mas isso não é o mesmo que dizer que existe um Deus.

– Não, apenas que alguns têm anseios neurológicos por um Deus.

– E visões de túneis de luz e parentes mortos são a maneira que o cérebro tem de ‚amaciar' a morte.

– Sim. Curiosamente, quando o cérebro morre, o centro óptico cria ilusões de deslocamento dentro de um túnel em direção à luz.

– Posso entender por que alguns considerariam isso um sacrilégio.

O garçom chegou com os pratos, e eles comeram em silêncio por alguns momentos. Zack não conseguia se lembrar da última vez que tivera um primeiro encontro tão agradável como aquele. Se é que aquilo era um encontro. – Quando eu era criança, costumava pedir a Deus que me enviasse um sinal, provocasse um barulho estranho, fizesse um animal sair da floresta, um meteorito cruzar o céu. Algo fora do comum. Mas nunca

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

tive um. – E quando o pai morreu, Zack rezava para que ele aparecesse, sussurrasse alguma coisa para ele ou fizesse um carinho em seu rosto. Mas também não obteve resposta.

– Todos nós fazemos isso. Toda vez que eu pego um avião, sussurro uma prece para não acontecer um acidente. Quando minha mãe teve câncer, eu orei para salvá-la. Mas se Deus interviesse sempre que fosse solicitado, não haveria ciência. Na verdade, o mundo seria um lugar assustador, nada seria previsível.

O garçom passou. Sarah pediu um segundo copo de vinho. Zack, outra cerveja. Ele olhou ao redor do restaurante. A maior parte da clientela era formada de jovens, estudantes universitários e profissionais em início de carreira. – Eu tenho a sensação de que não há muita gente por aqui discutindo se existe vida após a morte.

– Provavelmente, estão mais preocupados com o Red Sox.

– Isso, sim, é importante. – Nos monitores do bar, o Sox estava perdendo para o Toronto por 6 a 2. Enquanto Zack examinava o bar, ele reparou em um homem sentado sozinho, lendo um jornal. Seus olhos se cruzaram e, então, o homem voltou para a sua leitura. Zack inclinou-se

para Sarah. – Aquele cara ali com o jornal e o boné do Patriots, ele parece familiar para você?

Sarah olhou por cima do ombro.

– Na verdade, não. É alguém famoso?

O homem era branco, estava na casa dos 50 anos, e tinha um rosto oval parcialmente escondido pelo boné e pelos óculos.

– Eu não sei, mas ele está de olho em nós desde que entrou.

– Ninguém que eu tenha visto antes.

– Talvez ele esteja de olho nas mulheres bonitas.

– Ou nos homens de boa aparência.

– Ele se daria melhor com a opção número um.

Zack pagou a conta, e os dois se levantaram para sair. Enquanto isso, o cara por trás do jornal não prestou atenção neles enquanto caminhavam para a saída.

A noite estava agradável, e a praça, movimentada. Caminharam até a

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Brattle Street e, em seguida, voltaram para a Massachusetts Avenue. Zack

gostava da praça, apesar de ela ter perdido o seu charme rebelde; suas lojinhas e os restaurantes mixurucas haviam cedido lugar para convencionais shopping centers. Eles cortaram caminho pelo Harvard Yard, que os levou de volta para a Harvard Street e o edifício de Sarah, diante do qual ele havia deixado sua bicicleta presa com cadeado.

Zack esperava que ela o convidasse para subir, mas ela não fez isso. Talvez aquele encontro houvesse sido apenas profissional e não um encontro pra valer. Passou-lhe pela cabeça a ideia de beijá-la, mas ele não queria forçar as coisas. Assim sendo, agradeceu pela noite agradável e estendeu a mão para ela. Sarah segurou sua mão e, surpreendentemente, deu-lhe um abraço. – Vejo você na terça-feira.

Zack sentiu-se tão feliz por aquele gesto que, distraído enquanto soltava a bicicleta de um poste próximo, não percebeu um homem de camisa azul e boné do Patriots observando-o de um SUV prata do outro lado da rua.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

41

Bruce deixou Zack no laboratório por volta das sete horas, na terça-feira

seguinte, e Sarah o recebeu na entrada e acompanhou-o até o escritório do

laboratório.

– Onde vocês acharam esse cara?

– Bruce?

– Sim. Não é exatamente o Hoke Colburn.

– Quem é Hoke Colburn?

– Morgan Freeman em Conduzindo Miss Daisy. Ele tem tanta

personalidade quanto um trecho de asfalto.

Sarah riu.

– Vou ver o que posso fazer.

– Além disso, veja se consegue me arranjar um autêntico túnel de luz.

– Vamos trabalhar nisso também.

– Com a minha sorte, vou acabar um Ted Williams[17], sem dinheiro, e fazendo pedágio nas estradas, meio doido.

[17]. Locutor americano, conhecido como ‚Voz de Ouro', descoberto quando era um sem-teto mendigando nas estradas, segurando um curioso

cartaz de papelão que dizia: ‚Uma ótima voz que é um dom de Deus'. O

pequeno vídeo com uma demonstração de sua habilidade foi parar no

YouTube e ele se tornou uma celebridade, recebendo ofertas de emprego e

dando entrevistas na TV. Mesmo após o sucesso, seu vício em drogas e bebida, que o levou às ruas, continua sendo uma ameaça em sua vida. (N. da T.)

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Você está de bom humor – disse ela.

– Para um cara que vai morrer...

– Você não vai morrer – disse ela. – E obrigada novamente por sexta à noite. Eu me diverti.

– O suficiente para repetir a dose?

– Claro!

Ela abriu a porta para a sala de ressonância magnética, onde os doutores Luria, Stern e Cates o cumprimentaram. Ele, então, trocou de roupa e deitou-se na maca, onde Sarah e Cates o conectaram aos monitores e colocaram o escalpe. Ele podia sentir seu coração batendo de expectativa. Enquanto Sarah ajustava uma conexão, ele sussurrou:

– No caso de eu não voltar, saiba que você é linda.

– Você também é lindo – disse ela. – Vejo você em breve.

Zack sorriu e apagou.

Sua primeira percepção foi a de estar se deslocando através de um túnel em direção à luz. Não, não um túnel. Um buraco acima dele com uma nesga de luz fraca brilhando por meio da abertura. As paredes eram de areia, e ele foi abrindo caminho para o alto. Mas não tinha ideia de quem ele era ou de onde estava. No céu, uma Lua leitosa projetava seu brilho desbotado, e ele estava coberto de areia, gelado até os ossos, e torturado por agulhadas pinicando toda a sua carne. Sua boca estava dormente e os dedos estavam duros, como se o seu sangue houvesse se transformado em cera.

Arrastou-se para fora do buraco e cambaleou pela areia em direção à água, guiado por um instinto primitivo. Seus pés estavam descalços e semidormentes, mal sentindo as rochas e conchas que iam pisando, descuidados demais com o gélido ar.

– E aí, atleta, quer jogar?

Ele parou e olhou para trás, e na direção dele, caminhando pelo banco de areia aquecido pelo sol, vinha o seu pai, com um reluzente bastão de beisebol amarelo e um balde de bolas. Na praia, sua mãe estava recostada em uma espreguiçadeira, e Jake estava sentado em um cobertor junto com o garoto da casa alugada vizinha à deles.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda

n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Imediatamente, o mundo tornara-se ensolarado e bom.

– Claro.

Seu pai tinha 1m77 de altura, mas aparentava o dobro parado ali em

pé diante de Zack, com seu corpo forte e rijo brilhando de protetor solar, e

o crucifixo de ouro pendurado na correntinha em torno do pescoço

piscando para ele.

– E o Jake? Ele pode jogar também.

– Ele disse que prefere pegar um sol.

– Você perguntou a ele?

– Sim, mas ele não é do tipo que curte beisebol. Mas você é, atleta. E

também é um rebatedor dos bons, certo?

– Certo.

Com o bastão, o pai riscou na areia a última base, a home plate, e em

seguida se deslocou alguns metros e fez o montinho do lançador. Quando

Zack disse que estava pronto, o pai lançou uma bola baixa. Zack tentou

rebater com força, mas errou.

– Tudo bem. Vai acertar da próxima vez. – O pai fez mais três lançamentos, e ele errou todos.

– Você está balançando o bastão como uma menina. Não é para agitá-lo. Faça um balanço firme e em linha reta.

Mortificado, Zack tentou novamente, e novamente perdeu.

O pai caminhou até ele e se agachou.

– Eu acho que você anda observando o seu irmão demais. O segredo de rebater a bola está em como você segura o bastão. – Enquanto Zack segurava o taco com as duas mãos, o pai posicionou seus pés e ensinou-lhe o movimento correto para o balanço. – E mantenha a parte superior de seu braço paralela ao chão. Sabe o que significa paralelo?

– Claro. – Ele podia sentir o cheiro do protetor solar do pai, um perfume que ele adorava e que sempre associou a ele. – Assim? – Zack ergueu o braço, o bastão em ângulo firme acima do ombro.

– Perfeito.

O pai sorriu e deu um tapinha em seu ombro. E uma onda de prazer

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

passou por ele agora que estava pronto para se exibir para o pai.

– Ok, agora se mantenha assim. – Ele voltou para a linha de lançamento. – Pronto?

– Pronto. – Quando a bola seguinte foi lançada, Zack balançou, mas errou novamente. E ele bateu na areia com o bastão. – Sou um lixo.

– Não, não é. Você balançou muito cedo. Mantenha os olhos na bola.

Mais uma bola foi lançada, e ele a acertou.

– Agora você está pegando o jeito. – Antes de lançar a bola seguinte, o pai disse: – Você é um rebatedor dos bons, Zack.

E ele rebateu a bola seguinte, mandando-a muito acima da cabeça do pai.

– É isso aí, garoto! – O pai gritou, e ele comemorou dando um soco no ar.

Rebateu várias outras.

Então, eles foram caminhando pela parte plana do banco de areia, que brilhava ao sol do final da manhã como se o mar a tivesse polvilhado com pó de diamante. Gaivotas voavam em círculos lá no alto, às vezes, pousando no banco de areia, grasnando histericamente atrás de um peixe morto.

– Papai, você gosta do Jake, certo?

– Claro que sim. Por que pergunta?

– Só pra saber. Sabe de uma coisa?

– O quê?

– Eu queria que você nunca mais tivesse que voltar a trabalhar e que

fosse verão o tempo todo.

– Eu também. – E o pai colocou o braço ao redor de seus ombros e

beijou-o na cabeça.

Eles pegaram conchas enormes, mariscos do tamanho de um cinzeiro,

clareados pelo sol. Eles saltaram pedras. Saltaram conchas de mariscos. E

o mar faiscava com frenética alegria.

Foi o momento mais feliz do verão.

Eles continuaram a caminhar pelo banco de areia aquecido pelo sol

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

mais alguns minutos e, depois, o pai se deteve. Ele olhou para trás, em

direção à praia, para onde a casa deles se debruçava sobre as dunas.

Nuvens cinzentas se aproximavam, vindas do continente.

– Eu tenho de lhe dizer uma coisa – disse o pai. – É importante.

O pai o segurava pelos ombros, e seu rosto estava sério.

– O quê?

– Hora de acordar.

– É isso aí, Zack. Abra os olhos. Como você se sente?

Levou alguns instantes para ele se dar conta de que estava despertando. Olhou em torno do brilhante laboratório e viu Sarah, que estava parada ali, segurando uma prancheta. Ao lado dela, a doutora Luria, e os doutores Stern e Cates estavam diante dos monitores de seus respectivos computadores. Dois técnicos, em outra sala, acompanhavam tudo através de janelas.

– Você está bem? – Sarah perguntou, entregando-lhe um copo d'água.

Sua voz soava como se viesse do outro lado de um túnel de quilômetros de extensão. Ele fez que sim com a cabeça.

– A menos que você prefira cerveja.

Ele balançou a cabeça negativamente e tomou um gole da água.

– Você se lembra de alguma coisa? – Luria perguntou.

Zack sentiu-se ajustar ao momento.

– Apenas de algumas partes soltas.

– Como o quê?

– O banco de areia de uma praia. Acho que era Sagamore.

– Sagamore Beach?– Luria perguntou.

– É tudo meio vago – disse ele. – Estava com meu pai, rebatendo

arremessos.

– Prossiga – disse Luria.

Ele lutava para encontrar as palavras. Pelo que se lembrava, era uma

estranha visão dupla, e não sabia explicar como podia se ver como criança

através de seus próprios olhos e, em seguida, através dos olhos de outra

pessoa, alternando o ponto de vista estranhamente. Lembrou-se de ver o

pai falando com ele e, depois, a distância, viu-se com largos calções verdes

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

balançando o bastão.

– Eu estava rebatendo bolas, mas não me lembro de mais nada.

– Como você caracterizaria o seu estado emocional?

– Feliz. – Instantaneamente, sentiu um nó na garganta de emoção.

Controlou-se recitando mentalmente o número pi.

Sentindo seu conflito, Sarah interveio:

– Zack, você tinha a noção da presença de outras pessoas?

Queria agradecer a ela por mudar de assunto. Fez que não com a

cabeça.

– Não havia mais ninguém na praia? – Luria perguntou.

– Algumas pessoas ao longe, no banco de areia. Acho que minha mãe e meu irmão estavam na praia.

– Mas você se lembra de jogar bola com seu pai.

Ele sentiu que tinha o controle sobre si mesmo novamente.

– Sim, e pareceu muito real, não como um sonho, mas como se eu realmente estivesse lá, naquele banco de areia. – Ele ainda podia sentir o calor do sol em sua pele quando o doutor Cates começou a descolar os eletrodos. Ainda podia sentir a areia suave e fina sob os pés, a mão de seu pai na sua enquanto caminhavam.

– Você se sentiu separado do seu corpo? – a doutora Luria perguntou.

– Não, eu estava em minha própria cabeça – Zack disse, tentando se recordar. Mas a experiência foi desaparecendo rapidamente, como se ele estivesse se afastando da cena.

– Mais alguma coisa aconteceu na experiência? – Luria perguntou. – Quero dizer, além de rebater arremessos com o seu pai e depois caminhar pelo banco de areia... Ele disse alguma coisa?

– Ele falou que queria me dizer algo.

– O que exatamente ele disse?

– Só isso. Então, eu acordei. – Ele ainda podia ver a expressão séria de seu pai, era hora de terem uma ‚conversa de gente grande'. A expressão

lhe veio do nada. Conversa de gente grande.

– Só isso?

– Só.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Eles continuaram a entrevistá-lo, repisando o mesmo terreno. Dava

para ver a decepção neles, especialmente na doutora Luria.

– O que a varredura cerebral e o sangue mostraram? – perguntou ele.

– Ainda temos de analisá-los – disse Stern, de seu computador. – Mas

as secreções mostram que você teve uma experiência agradável, ao

contrário da última vez.

– Se estiver tudo bem para você – Luria disse –, gostaríamos de fazer

outra sessão na próxima sexta-feira, se você puder.

A ideia ainda o enchia de enorme ansiedade, mas ele concordou.

Contudo, dessa vez, não foi pela remuneração de mil dólares. Sentia um

desejo atroz de voltar àquele banco de areia com o pai.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

42

Warren Gladstone amava o Senhor. Ele amava o Senhor com toda a sua alma,

seu coração e sua mente. Amava o Senhor mais do que tudo em sua vida, porque sabia que Deus o amava. E com o amor de Deus todas as coisas eram possíveis.

Warren orou ao Senhor Deus por água, e o Senhor Deus lhe deu um rio. Ele orou ao Senhor Deus por luz, e o Senhor Deus lhe deu o Sol. Ele orou ao Senhor Deus por uma flor, e o Senhor Deus lhe deu um jardim. Ele orou ao Senhor Deus para lhe mostrar o caminho para derrotar o inimigo da ciência ateísta, e o Senhor lhe mandou aquele vídeo.

– Quem é ele?

– Seu nome é Zachary Kashian – disse Elizabeth. – Ele é estudante de pós-graduação na Northeastern University, aqui na cidade.

– Bem, isso certamente é muito melhor do que um bando de viciados em drogas e imigrantes ilegais.

– Tínhamos de começar por algum lugar – disse Elizabeth Luria.

– Só que eles encontraram o inferno em vez do paraíso.

Estavam em uma elegante suíte no décimo andar do Taj Boston, na esquina da Arlington com Newbury. Em virtude da impressionante vista, aquele era o local preferido de Warren para as reuniões em que Elizabeth e Morris Stern informavam-no de seu progresso. Por muito tempo, falar em progresso havia sido um exagero, pois obtinham resultados no máximo medíocres, às vezes, com falhas escandalosas, como deficiência mental ou morte das cobaias humanas. Algumas haviam cometido suicídio, outras sofreram recaídas e voltaram a ,apagar' por causa de dosagens excessivas de tetrodotoxina. Somente nos últimos meses um verdadeiro progresso

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

havia sido conseguido, e Elizabeth convocara aquela reunião para recapitular a reviravolta.

– Então, expliquem-me o que estou vendo. – Stern e Byron Cates haviam levado seus laptops.

– Estamos olhando para as imagens da máquina de ressonância

magnética funcional cujo poder de resolução é diferente de qualquer outra máquina no planeta, graças à sua generosidade, reverendo.

Warren se encolheu quando Morris Stern se dirigiu a ele como ‚reverendo', porque tudo o que ele ouviu foi sarcasmo. Stern era um cientista obstinado que só integrara o projeto graças à sua enorme experiência. Não tinha crenças espirituais: vivia em um universo no qual nada era sagrado. Costumava dizer que a religião era inimiga da liberdade de pensamento, e que girava mais em torno da morte do que da paz. Afirmou certa vez que todo conflito religioso poderia ser resumido assim: ‚Meu amigo imaginário é melhor do que o seu amigo imaginário'. Sua postura antirreligiosa era enraizada em sua criação secular judaica. Assim sendo, colocá-lo para fazer os diagnósticos era como contratar um cego para inventar uma lâmpada melhor. Mas ele sabia que Stern em breve teria a comprovação de estar completamente errado e que acabaria cantando Amazing Grace[18]. Warren só vivia para ver esse dia chegar.

[18]. Tradicional hino protestante. (N. da T.) Stern exibiu imagens em dois monitores separadamente.

– À esquerda, temos a atividade interaxonal do cérebro de Zack enquanto se encontra em situação de quase morte. À direita, imagens do cérebro de outras pessoas durante o mesmo estado. Você pode perceber as diferenças claras. – Ele mostrou várias imagens diferentes. – Todos esses

indivíduos realizaram tal teste. Quando acordaram, afirmaram não ter tido

experiências de quase morte.

– Você está dizendo que nenhum dos outros teve experiências de

quase morte?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Correto – disse Elizabeth. – Este é especial. Muito. A eletricidade

em seu cérebro é extraordinária. – Fez um sinal com a cabeça para Morris

Stern continuar.

– A primeira vez que o submetemos ao teste, ele afirmou não ter tido

uma EQM distinta. Stern moveu o mouse, e uma imagem de vídeo da

ressonância magnética do cérebro de Zack Kashian apareceu com

manchas em movimento. – Poucos dias depois, repetimos o teste, e você

pode perceber os diferentes padrões ao passar da inatividade a uma

completa experiência extracorpórea. O que quer que estivesse

acontecendo, sua mente parecia estar funcionando independentemente de

seu cérebro. Claro, precisamos trabalhar mais com ele, antes de podermos

tirar quaisquer conclusões.

Warren assentiu. O filho da mãe sem Deus não cedera um centímetro sequer. Procurou Elizabeth com os olhos, para uma interpretação mais esclarecida.

– Warren, as novidades que temos para você são ótimas. Zack teve três experiências diferentes ao passar pelo teste. E a última, a mais coerente até agora, parece indicar a presença de outra mente, independente da sua própria. Temos apenas dados exteriores esparsos, e ainda precisamos fazer mais análises. Mas é a primeira vez que vemos algo que se aproxime de uma senciência externa.

– A-le-lui-a! – disse Warren, prolongando as sílabas com alegria.

– Sim, aleluia – repetiu Elizabeth, como se fizesse um juramento. – Nesta fase, ele ainda não tem lembranças nítidas de suas EQMs, mas os diagnósticos indicam grande intensidade.

– E ainda temos um monte de cálculos a fazer antes de tirarmos qualquer conclusão – murmurou Stern, para ninguém em particular.

Warren ignorou-o como um mosquito e olhou para as manchas coloridas no esquema do cérebro de Zack Kashian.

– Esse rapaz pode ser uma dádiva de Deus... literalmente.

– Sim – disse Elizabeth. – Ele tem o lobo de Deus mais ativo que já vimos. Na semana passada, identificou positivamente um logotipo de cerveja que estava fora de seu campo de visão. Depois, teve mais duas

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

EQMs que não conseguiu recordar, mas que mostrou alta atividade. O que distinguiu a última foi o perfil emocional. A análise de seu sangue revelou secreções de substâncias químicas associadas ao medo, seguindo-se tranquilidade provocada por serotonina.

– Seria muito audacioso sugerir que ele cruzou as portas do céu? – Warren podia ver Stern esfregar o nariz com desdém pela sugestão. O homem era um ateu tolo, trancado em seu próprio túnel revestido de aço, com a fria luz da razão queimando numa extremidade e um túmulo selado na outra.

– Um pensamento lindo – Elizabeth disse – e talvez verdadeiro. Mas ele não relatou nenhuma das experiências clássicas: nada de túnel, nada de luzes brilhantes, nenhuma sensação de tranquilidade. Só jogou bola com o pai.

– E o pai dele está morto, certo?

– Está – respondeu Elizabeth.

– Então, talvez ele estivesse interagindo com o espírito de seu pai.

Antes que ela pudesse responder, Stern se meteu:

– Ou talvez fosse um sonho-relâmpago pouco antes de ele acordar.

Warren quase cuspiu em Stern.

– Nós ainda temos mais testes a fazer antes que possamos tirar

conclusões – disse Elizabeth.

Stern continuou:

– A questão é que não temos dados suficientes para determinar se

sentir um ente querido morto é uma experiência espiritual ou uma

memória de longo prazo provocada pela estimulação do lobo temporal, que

é o mais provável.

– Você não cede um centímetro, não é?

– Se eu visse a prova, cederia.

– Ainda assim, é muito encorajador – disse Elizabeth, tentando acabar

com aquilo.

Warren assentiu.

– Ok, então, o que sabemos sobre ele?

– Ele precisa do dinheiro.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Isso dificilmente o distingue – disse Warren.

– Não, mas o pai abandonou a ele e a mãe quando ele tinha uns 10 anos, e o rapaz afirma ter percebido a sua presença no teste da cabine. Não disse isso em muitas palavras, mas acho que quer fazer contato.

– Não queremos todos? – disse Warren.

– Elizabeth quis dizer que ele quer entrar em contato com o pai biológico – disse Stern.

– Todos nós faríamos bem em buscar nosso Pai Celestial, incluindo você – disse Warren. Depois, virou-se para Elizabeth: – Então, qual é o próximo passo?

– Repetir a experiência. Está programada para a próxima sexta-feira.

– Eu gostaria de conhecer esse jovem. – Warren consultou o relógio. Tinha uma reunião com seu contador em uma hora. Mas havia algo no rosto de Elizabeth.

– Odeio ser portadora de más notícias – disse ela –, mas perdemos um dos nossos colegas, Roger Devereux. Ele e sua esposa, Ruth, foram encontrados mortos a tiros: um caso de assassinato seguido de suicídio, de acordo com a polícia.

– Santo Deus, que horror!

– Sim. Desconhecíamos qualquer problema entre o casal – disse

Elizabeth.

– Roger era um homem bom – Stern interveio. – Ele ajudou a projetar o software de imagem. Sua esposa também era neurologista e trabalhava com ele. É uma terrível perda.

– A polícia não encontrou a motivação para a tragédia até agora. Não sabemos o que deu errado – disse Elizabeth.

– É a terceira pessoa associada ao projeto que morreu no mês passado.

– Receio que sim.

Apesar de ter financiado o projeto e reunir-se regularmente com os diretores, Warren não conhecia os outros, que haviam sido contratados apenas para executar tarefas específicas. E apenas os diretores e uns poucos técnicos conheciam o objetivo final da coisa toda. Era a maneira que tinham de manter a segurança até que tivessem provas conclusivas,

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

que ele pudesse anunciar para o mundo.

– Pode ser uma infeliz coincidência – disse Warren. – Mas vocês ainda podem continuar sem ele, certo?

– Sim, claro – disse Stern. – Sarah Wyman é muito competente.

– A outra possibilidade é de que essas mortes tenham sido encomendadas – disse Warren.

– Encomendadas? Tom Pomeroy morreu de um ataque cardíaco, e LeAnn Cola, por causa de um vazamento de gás.

– Sim, mas tais mortes poderiam ter sido habilmente encenadas, como essas últimas.

– Mas por quê?

– Avisos, para que desistamos.

– Mas quem faria isso?

– Eu não tenho certeza – disse Warren. – Mas há malucos fundamentalistas suficientes lá fora, que se opõem ao que estamos fazendo. – Como todos os televangelistas, vez ou outra ele recebia uma carta desagradável, chamadas telefônicas e e-mails; em sua maioria, de ignorantes que se queixavam de que haviam contribuído e que suas vidas continuavam miseráveis. Mas, desde que Warren começou a transmitir sua mensagem sobre o Dia do Júbilo, ele havia recebido mensagens contundentes que sugeriam o conhecimento do teor de sua pesquisa. Possivelmente, alguns haviam tirado conclusões das exortações on-line de Warren para que os cristãos abraçassem a ciência, em vez de temê-la; que, enquanto os ateus olham para o universo racional e enxergam o acaso, o

olhar iluminado enxerga no universo a obra de um criador racional. Talvez alguém tivesse ligado os apelos aos seus livros sobre EQM.

– Apenas por precaução, acho que devemos tomar providências em relação à segurança. Não preciso lembrá-los de quanto está em jogo.

– Temos câmeras em todo o complexo. E ninguém pode entrar sem se identificar.

– Então, talvez seja hora de contratarmos um serviço de segurança... guardas armados, o que for necessário.

– Ok.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Se essas mortes são avisos deliberados – disse Stern –, é aconselhável interromper as transmissões. Mais sermões sobre o Dia do Júbilo poderiam alimentar o fogo.

Warren olhou para Stern, imaginando que o homem era um lobo em pele de cordeiro. Ele fingia ser um judeu racionalista, mas poderia ser um daqueles malucos da Opus Dei ou da Fraternidade de Jesus que mantinham blogs ameaçadores e veementes contra seus livros sobre EQM.

A verdadeira questão era: como eles sabiam?

– Isso, provavelmente, faz sentido. Quando alcançarmos o nosso objetivo, seguiremos em frente com pleno vigor.

– Enquanto isso, vamos contratar seguranças – disse Elizabeth.

– Ótimo – disse Warren, percebendo que Elizabeth começara a ficar preocupada.

– Claro que isso significa que vamos precisar de mais recursos – disse ela.

– Você é tão sutil quanto um acidente de trem, Elizabeth. Mande a conta para mim. Em troca, quero saber quem vazou informações sobre o projeto.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

43

Zack estava novamente de volta àquela praia, mas a maré havia subido, o ar

estava frio e havia um nevoeiro cerrado. Além disso, a perspectiva estava errada. Em vez de passear pelo banco de areia, ele olhava para baixo do alto de uma escadaria de madeira, na outra extremidade da praia, que ia dar no topo do penhasco. Conhecia a área, mas a escadaria parecia muito mais alta do que ele se lembrava. E a praia era tão comprida que parecia não ter fim. Em algum lugar ao longe estava a casa de veraneio alugada por seus pais, mas não conseguia enxergá-la naquele momento. E mais longe ainda avistava os vagos contornos do canal. Através da névoa, dava para ouvir o gemido abafado da sirene de alerta de neblina e ver o olho vermelho piscante da boia do canal. Logo abaixo, a baía se esparramava sob o nevoeiro como uma chapa ondulada de ferro.

– Quase lá.

Ele olhou para cima. Seu pai. Estava cerca de dez degraus acima dele, subindo até o topo.

– Papai, espere.

Mas o pai continuou subindo sem olhar para trás.

– Venha, por aqui.

As pernas de Zack estavam cansadas, mas ele tinha de continuar subindo, porque o pai queria lhe dizer alguma coisa.

– Mais devagar, papai.

Mas seu pai não parecia ouvi-lo. Ou talvez fosse a brisa do mar em

seus ouvidos. Sem fôlego, Zack lutava contra o peso nas pernas e fazia

força para continuar subindo. Quando olhou para cima novamente, só

faltava uma dúzia de degraus até o topo. Mas algo estava diferente. As

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

roupas de seu pai haviam mudado: em vez de estar com calção de banho e

as costas nuas, estava usando uma veste marrom. De onde teria vindo

aquilo?

Mais estranho ainda, o topo não era uma clareira com casas com vista

para o mar, como ele se lembrava das falésias Manomet, mas uma floresta

densa. A cabeça de seu pai estava coberta com um capuz, que lhe dava

uma aparência perturbadora. Ele se virou, mas seu rosto estava

obscurecido pelas sombras.

– Venha, por aqui. – E se embrenhou por entre as árvores.

Zack não ouvia de fato a voz do pai, apenas na sua cabeça. Mas estava

sem fôlego em consequência da longa subida e parou por um momento:

– Espere!

Mas o pai continuou adentrando a vegetação escura.

– Papai, espere, eu vou me perder de você. – Ofegante, saiu tropeçando atrás dele, tentando não perder de vista a figura, tentando não enroscar os pés no mato.

– Papai, não me deixe.

Mas o pai continuou desaparecendo na floresta.

– Papai? Sou eu, Zack.

A figura marrom desaparecia por trás das árvores, depois, surgia novamente, embrenhando-se mais fundo. Chocado, Zack se perguntou se o seu pai não o ouvia de propósito. Se, na verdade, não queria dizer-lhe algo, mas, sim, tentar fazê-lo se perder.

– Eu sou seu filho, também! – De repente, ele se encheu de ardente raiva. Eles haviam matado Jake e transformado seu pai em uma casca vazia, sem amor. – Por que você não espera por mim?

Deslocava-se o melhor que podia por sobre galhos caídos e tocos de árvores, tentando acompanhá-lo, sem saber onde estavam e como aquela floresta sem fim se erguera nas falésias Manomet e onde tinham ido parar todas as casas de luxo. Ele continuava a perder de vista a figura que se movia silenciosamente por entre as árvores.

Zack chamou por ele várias vezes, mas o pai não parou nem respondeu. E o horror tomou conta de Zack; jamais o alcançaria nem

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda

n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

acharia o caminho para fora da floresta com o céu escurecendo.

Então, Zack perdeu o pai de vista definitivamente. Ele parou; não

ouvia coisa alguma além da própria respiração ofegante. Nenhum som de

pássaros ou de insetos. Nada além da agitação do vento na copa das

árvores.

Por um longo tempo ele ficou parado ali, esfregando os braços para se

proteger do ar gelado.

De repente, um grande pássaro arremeteu do alto, por entre as

árvores. Algum tipo de falcão. Zack o seguiu até uma pequena clareira,

onde ele avistou a figura encapuzada. Ele estava imóvel, com o rosto

escondido na sombra opaca, os braços cruzados por baixo das mangas.

Atrás dele, um alto afloramento de granito.

– Papai?

– Como você está?

– O quê?

– Como você se sente?

Zack espremeu os olhos contra as brilhantes luzes do laboratório de ressonância magnética. De uma distância abafada, Sarah falava alguma coisa. Ele tentou sentar-se, mas sua cabeça latejou dolorosamente.

– Não se mova até o efeito sedativo diminuir um pouco – disse ela, descolando os eletrodos do seu peito. Os doutores Stern e Cates estavam diante dos terminais de computador, próximos a eles.

– Bem-vindo de volta. – O rosto da doutora Luria apareceu acima de Zack. Atrás dela, uma câmera de vídeo sobre um tripé gravava tudo.

Depois de alguns instantes, a cabeça dele clareou um pouco e ela começou a fazer as perguntas habituais, para lhe testar a consciência: qual o nome dele, onde estava. Ele respondeu a tudo, o que os deixou satisfeitos.

Então, ela disse:

– Nós registramos alguma atividade neural enquanto você estava apagado. Lembra-se de alguma coisa?

– Eu estava em uma escadaria de madeira. – Ele queria fazer o registro enquanto a lembrança ainda estava fresca em sua mente.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Você reconheceu o local?

– Sagamore Beach. A escadaria no final da praia, que leva às falésias Manomet.

– Você estava sozinho? – Luria perguntou.

– Não. Meu pai estava lá. Estava à minha frente, subindo. – Sarah terminou de remover os contatos e afastou o cabelo dos olhos de Zack. Ele gostou da sensação de sua mão quente. – Então, tudo mudou.

– Mudou? Como assim?

– O topo da falésia virou uma floresta densa. – Ele descreveu a área o melhor que podia.

– Você reconheceu o lugar?

– Não, era apenas mata fechada. Mas não há uma floresta nos penhascos.

– Então, não era um lugar que você reconheceu.

– Não sei, mas não era a falésia.

– Pareceu-lhe uma experiência extracorpórea?

– Não, via tudo do meu ponto de vista normal. Mas não parecia um sonho, sabe? As coisas não eram fragmentadas nem desordenadas. Parecia real, como se eu estivesse naquela floresta.

– Seguindo o seu pai.

– Sim.

– Ele disse alguma coisa?

– Não, mas eu acho que ele queria que eu o seguisse.

– Como você sabe? – Luria perguntou.

– Não sei como eu sei. É apenas uma sensação. – Então, Zack virou-

se para o doutor Stern, que estava no seu termi- nal de computador,

ouvindo-o atentamente. – Foi uma verdadeira EQM?

– Não sei ao certo – disse Stern. – Houve atividade nos lobos

temporal e parietal, sugerindo estímulo de fora.

– Então, foi uma EQM? Nada daquilo de sonho-relâmpago?

– Neste ponto, parece que você não estava sonhando – disse a doutora

Luria. – Os centros de sonho de seu cérebro estavam adormecidos,

embora houvesse estímulos elétricos que pareciam vir de fora de seu

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

cérebro.

– Com licença, mas eu discordo – disse Stern. – Pode muito bem ter

sido um sonho-relâmpago, como quando você estava para acordar. A maior

parte da atividade ocorreu bem no finalzinho da sessão.

Zack pôde perceber Luria fulminando Stern com os olhos.

– Vamos ter de fazer outra sessão.

– Vão me apagar outra vez? – Zack perguntou.

– Sim. Mas em outra ocasião. Leva 24 horas para o sedativo ser eliminado do organismo. Você estaria disposto a repetir a experiência daqui a poucos dias?

Se houvesse algum fluxo narrativo naquelas visões, elas estavam se tornando mais sombrias. Zack podia sentir a própria hesitação, apesar de estarem em jogo outros mil dólares.

– Acho que sim.

– Ótimo. Assim que fizermos a análise, nós o chamaremos.

Depois que ele se vestiu, Sarah o acompanhou até o carro. Enquanto subiam as escadas, Zack parou e disse:

– Eu estava lá, Sarah. Aquilo não foi um sonho-relâmpago, nem nada parecido.

– Tenho certeza de que a sensação é mesmo essa.

– Só que os sonhos reais sempre têm alguma margem de consciência.

Não aquilo. Eu podia sentir o cheiro dos pinheiros, podia sentir a areia nos meus pés. E ainda estou gelado de frio. Era uma coisa totalmente sensorial, não um sonho.

– Os dados preliminares mostram uma grande quantidade de atividade sensorial.

– Mas?

– Mas a mesma coisa aconteceu com outros voluntários, e depois de todas as análises chegamos à conclusão de que foram mesmo sonhos-relâmpago.

– Então, quando saberão?

– Em um ou dois dias.

Bruce estava no carro, esperando por ele no estacionamento ao lado

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

do prédio.

– Ela fica me perguntando se eu estava sozinho nessas visões de sonho ou seja lá o que forem. É algo que vocês podem determinar?

– Isso é o que esperamos. O que significa separar a assinatura neuroelétrica de sua própria mente de outros dados que recolhemos. Se os outros neurodados puderem ser identificados como uma senciência externa, será um grande salto. Você está bem para outra sessão?

Ele realmente não sabia. Estar naquela floresta diante daquela figura encapuzada e muda não era algo que ele estivesse ansioso para repetir. Entretanto, sentia-se compelido pela estranha sensação de que aquelas sessões haviam produzido uma narrativa, mas que pareciam estar se desenvolvendo para algo mais obscuro, mais secreto.

Segredos do túmulo. As palavras de Luria arremeteram em sua mente como aquele falcão.

– Acho que sim.

– Vejo você em breve. – Ela lhe deu um abraço, e ele foi embora com o motorista.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

44

A arma preferida de Roman para executar os serviços era a Beretta 92FS

Parabellum 9mm. Seu nome deriva do latim, Si vis pacem, para bellum,

que significa ‚Se procura a paz, prepare-se para a guerra' – que poderia

bem ser o lema do próprio Roman naqueles dias.

O que ele apreciava na Beretta era sua precisão em grandes distâncias. O fabricante garantia uma trajetória plana em uma centena de metros, mas Roman não precisava de tudo isso em seu ramo de negócios, uma vez que a maioria das execuções era à queima-roupa. E a 9mm tem poder de parada[19] letal. O cano longo é especialmente importante, o que aumenta a supressão de ruído que um silenciador pode proporcionar.

Silenciadores na verdade não silenciam da maneira que é mostrada nos filmes, eles apenas reduzem o barulho do tiro em cerca de cem decibéis. Como o silencioso do carro, eles retêm e dissipam os gases quentes dos propulsores explodindo, suprimindo uma explosão de escape muito mais alta. Portanto, quanto maior o cano da arma, melhor a supressão.

[19]. Capacidade que uma arma de fogo tem de tirar de combate um oponente com apenas um disparo. (N. da T.)

A cada duas semanas, Roman levava sua Beretta para o Clube Pawtucket de Rifle e Pistola para umas rodadas de tiro. Fazia isso havia anos, mesmo depois de se aposentar oficialmente. Adoraria poder usar um de seus silenciadores na arma, só que a posse deles por civis era ilegal em

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Rhode Island ou Massachusetts. Somente militares ou policiais podiam usá-los. Então, ele usava seus protetores de ouvido e disparava a todo vapor a várias distâncias. Ele, entretanto, levava os seus próprios alvos de papel, encomendados especialmente, que vinham em grande variedade, de alvo de dardos a silhuetas de veado ou humanas. Naquele dia, estava atirando em um crânio enegrecido ligeiramente demoníaco, com a ‚mosca' bem no meio da testa. Gostava de atirar naquele modelo porque lhe fazia lembrar o diabo. Não importava o alvo, uma sessão de tiros era uma grande terapia: pura coordenação olho-mão e uma chance de esvaziar sua mente das preocupações costumeiras.

Mas seus pensamentos naquele dia teimavam em voltar para aquele maldito garoto Kashian.

O que ele descobrira o confundiu. O tal garoto citava o pai-nosso no original enquanto estava meio morto. Um monte de pessoas acorre a ele em busca de milagres, alguns sentem a presença de Jesus no quarto, outros, o cheiro das rosas da Virgem Maria. No entanto, Devereux afirmou que eles o estavam testando, esperando confirmar que o mundo espiritual era real – e talvez essa fosse a razão pela qual Roman havia sido contratado para liquidar os cientistas. Não fazia sentido.

Ele entrou na Internet e pesquisou ‚experiência de quase morte', e

encontrou centenas de relatos. A maioria deles era de depoimentos em primeira mão de pessoas que quase morreram em hospitais ou em acidentes e, depois, atravessaram túneis para um paraíso brilhante e feliz onde se encontraram com os espíritos dos entes queridos falecidos e as santas almas.

Também descobriu sites cristãos que tratam das EQMs – websites que decididamente condenam tentativas de contato com familiares mortos ou santos, afirmando que grandes perigos espirituais aguardavam aqueles que fizessem tentativas nesse sentido. Aparentemente, essas interações não ocorriam com entes queridos falecidos ou Jesus, mas, sim, com demônios – ou com o próprio Satanás, esperando levar as vítimas para longe da dependência de Deus. Os piores delinquentes eram os charlatães que usavam a EQM para explorar o sofrimento das vítimas. Um blogueiro

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

afirmava que a morte de um ente querido deve conduzir-nos aos braços amorosos de Deus, e não aos livros da Nova Era, cheios de mentiras e falsas esperanças.

A completa disparidade entre as afirmações não apenas aguçou a

curiosidade de Roman, como turvou sua missão teológica. Ele mirou o alvo

e fez cinco buracos na testa da caveira, pensando que era melhor checar

aquele garoto de perto.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

45

– Temos uma pequena surpresa para você – disse a doutora Luria por telefone

na terça-feira seguinte. – Nada de sessões esta noite, e, por favor, venha bem arrumado.

Isso foi tudo o que ela adiantou a Zack, além de lhe dizer que esperasse para ser apanhado no local de costume, perto do Symphony Hall.

O ,guarda-roupa elegante' de Zack consistia unicamente em um blazer azul, um par de calças cáqui e uma camisa azul. A solitária

gravata estava enrolada junto a um par de meias sociais. Ele a passou a ferro e, às seis em ponto, estava na esquina das avenidas Huntington e Massachusetts, onde um Lincoln Town Car o apanhou, não Bruce no SUV. E o motorista tinha personalidade.

– Para onde estamos indo? – Zack disse, entrando no carro.

– Para o Taj Boston.

Já tinha ouvido falar dele e sabia que não era exatamente um ponto de encontro de estudantes de pós-graduação.

– Parece legal.

– Acho que você não é daqui.

Não queria parecer idiota, já que nascera e fora criado a apenas dezesseis quilômetros da cidade.

– Não, acabei de chegar.

– De onde você é?

– Do Maine. – Nem sabia por que havia dito aquilo.

Poucos minutos depois, o motorista estacionou na esquina da Arlington com Newbury, diante do hotel mais elegante em que Zack já

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

estivera. Quando o motorista abriu a porta para ele, Zack se atrapalhou todo com o dinheiro, mas o homem disse que já haviam cuidado dessa parte.

– Décimo andar – disse o motorista, entregando-lhe um cartão onde estava escrito ‚Suíte Commonwealth'. – Aproveite a sua estada em Boston.

Zack agradeceu e entrou, sentindo-se instantaneamente um peixe fora d’água naquele ambiente luxuoso. O saguão estava movimentado, com pessoas bem-vestidas, parecendo saídas de anúncios de viagens. Ao longo do saguão havia lojas brilhantes e vitrines de roupas de grife e joias, além de um café chique. O interior do elevador parecia uma caixa de joias. No décimo andar, Sarah recebeu-o, trajando um vestido verde-esmeralda justo, na altura dos joelhos e praticamente sem ornamentos, que deixou Zack quase sem fôlego:

– Deslumbrante – ele sussurrou.

Ela sorriu e lhe deu um abraço caloroso.

– E você também está muito elegante.

Ela pegou o braço dele e levou-o através de uma ostentosa porta para uma suíte elegante, com janelas do piso ao teto, com vista para o Boston Public Garden. Várias pessoas bem-vestidas estavam sentadas em sofás

com estampa floral ou circulavam com coquetéis. Ele reconheceu alguns rostos do laboratório, incluindo Morris Stern, de blazer azul, e Byron Cates, em um alinhado terno cinza. Um estafe uniformizado passeava pelos convidados servindo-lhes bebidas e canapés. Ao longo de uma parede havia um suntuoso bufê arrumado de forma elaborada.

Quando a doutora Luria o viu, acenou efusivamente para que eles se reunissem ao seu pequeno grupinho.

– Aí está ele – ela riu e deu-lhe um abraço como se Zack fosse seu sobrinho favorito. – Eu quero que você conheça uma pessoa muito especial. Zack Kashian, este é o doutor Warren Gladstone.

Gladstone era alto e magro, com um rosto liso e juvenil que contrastava com a pele flácida do pescoço, fazendo Zack achar que ele havia feito uma cirurgia plástica. O cabelo castanho, cor de chocolate,

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

perfeitamente penteado e repartido com precisão óptica, parecia artificialmente colorido contra as costeletas grisalhas. Um sorriso brilhante e largo iluminava-lhe o rosto. Passaria por um artista de cinema.

– Nem posso dizer como estou satisfeito em conhecê-lo – disse ele, apertando a mão de Zack. – Você tem sido muito valioso para o nosso programa. E, a propósito, não sou médico. Sou doutor em teologia.

– É um prazer conhecê-lo – disse Zack. Teologia?

Elizabeth colocou a mão no braço de Gladstone. Radiante, ela disse:

– Warren é televangelista e um escritor muito talentoso. Ele tem apoiado a nossa pesquisa generosamente. Na verdade, não sei o que faríamos sem ele.

– O prazer é meu, e as recompensas são grandes – disse ele. – Então, você está na Northwestern.

– Northeastern.

– Claro. E o que faz lá?

– Estou trabalhando em minha dissertação de pós-graduação em Inglês.

– Maravilha. Inglês era minha matéria favorita na Universidade do Tennessee, em Chattanooga. Foi lá que eu descobri Shakespeare, um homem de inspiração divina, por assim dizer.

Zack concordou educadamente, enquanto Gladstone prosseguiu sem parar, contando sobre os cursos que fez e as montagens teatrais em que esteve, citando várias falas.

– Minha favorita foi Hamlet, é claro. Interpretei Polônio.

– É claro – disse Zack, pensando: o papel lhe cabe como uma

luva[20]. Polônio talvez fosse o maior falastrão da literatura ocidental.

[20]. Polônio é considerado por alguns um perfeito exemplo da loquacidade entediante. (N. da T.)

– Terminei em segundo lugar na minha classe de estudos da língua

inglesa. Queria ser poeta e me especializar em Inglês, mas decidi ir para o

seminário.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Um garçom se aproximou com uma bandeja de champanhe e vinho.

Felizmente, Elizabeth o viu.

– Warren, por que não deixamos Zack pegar uma bebida e, então,

conversamos um pouco mais?

– Claro. ,Nada o faz sorrir; mas isso não admira; não bebe vinho.'

Reconhece isso?

– Parece uma fala de Falstaff[21] – disse Zack.

[21]. Personagem da peça Henrique IV, de Shakespeare. (N. da T.) Ele deu um tapinha nas costas de Zack:

– Muito bem. Henrique IV, Parte 2. Agora vá molhar a garganta e

conversaremos mais depois.

Sarah se juntou a ele para pegar outra bebida. Enquanto caminhavam

na direção do garçom, ele sussurrou:

– Segundo lugar em sua classe por falar sem parar.

– Imagine quem deve ter ficado em primeiro...

– Algum garoto chamado Tourette[22].

[22]. Alusão à síndrome de Tourette, caracterizada por tiques nervosos, espasmos e vocalizações que ocorrem sempre da mesma

maneira, com considerável frequência. (N. da T.)

Ela riu. Pegaram as bebidas e encontraram um canto discreto, perto

da janela.

– Seja agradável – disse ela. – Ele é o queridinho de Elizabeth. Essa

máquina de IRMf só existe graças a ele.

Aquilo fazia sentido, já que nenhuma universidade, agência

governamental ou instituição científica legítima iria patrocinar pesquisas

sobre EQM.

– E todas essas pessoas, quem são?

– Amigos e colaboradores dele.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí

culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Ele deve ter um baita ministério.

– Mais alguns best-sellers.

– Sobre o quê?

– Experiências de quase morte.

Então, a ficha caiu. Reverendo W. G. Gladstone.

– Ele é o autor de Túnel para o Céu?

– Ele mesmo.

– Caramba... – Ele tinha lido sobre EQMs, e o livro de Gladstone era um dos poucos que tinha atingido a lista dos campeões de vendagem do New York Times. Zack se lembrava de que o livro incluía vários relatos, inclusive o do próprio Gladstone, que alegava ter morrido durante uma crise de asma alguns anos antes: uma experiência que o levou ao seu ministério. Ele também havia registrado relatos de EQMs de pessoas cegas, ateus e até mesmo de crianças, cujos breves encontros com a morte desencadearam experiências paranormais. O que distinguia o livro de Gladstone era uma interpretação para a EQM e a vida após a morte que não privilegiava nenhuma religião. E também a celebração dos poderes de cura amorosa de uma entidade, igualmente não ligada a nenhuma religião específica, que ele chamava de Ser de Luz.

Zack também se lembrava de comentários mordazes condenando o uso da autoridade ministerial de Gladstone para vender livros com noções anticristãs: a de que ninguém precisa temer a morte; que Deus não julgava ninguém – o que faria dele um fraco; e que o céu era uma porta aberta. Um crítico comentou: ‚No céu de Gladstone, você pode ter uma festa no jardim na mesma mesa com Madre Teresa e Adolf Hitler'. Como era de se esperar, a maior parte das críticas viera dos religiosos conservadores.

Enquanto os dois conversavam, um homem grande e careca sussurrou no ouvido de Gladstone. Quando ele se inclinou, Zack notou um volume em seu paletó.

– Quem é o cara de terno cinza?

– Acho que ele é um assistente de Gladstone – disse Sarah. – Por quê?

– Só curiosidade. O cara estava armado.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

O bufê consistia de cauda de lagosta, camarão Newburg, vieiras e um monte de outros pratos sofisticados. Ele e Sarah comeram em uma das

mesas bistrô espalhadas por toda a suíte. Zack repetiu a lagosta. Mais tarde, Gladstone passou por eles e pediu a Zack que o acompanhasse até a janela, onde poderiam conversar. O homem careca e outro foram atrás, formando um biombo humano. Do outro lado da sala, Sarah deu de ombros.

– Eu só queria uma chance de conversar em particular. – Ele entregou a Zack um cartão com feixes de luz saindo de uma nuvem. Gravado em ouro lia-se ‚Luz Divina'; embaixo, telefones para contato e o endereço de um site com os sermões de Gladstone. No verso, uma inscrição:

‚O NOSSO PROPÓSITO EM COMUNHÃO COM O SENHOR DEUS TODO-PODEROSO É DIFUNDIR O EVANGELHO DO MESSIAS PARA O MUNDO INTEIRO, POR MEIO DA COMUNICAÇÃO EM MASSA.'

– Elizabeth contou-me tudo sobre os seus resultados notáveis.

– Acho que ela está satisfeita.

A pelanca debaixo do queixo não combinava com a cara lisa.

– Como você deve saber, pesquisei sobre EQMs durante anos e ouvi toda sorte de testemunhos inspiradores, na esperança de encontrar provas para substanciá-los.

Zack balançou a cabeça, sabendo bem onde aquilo ia dar.

– Zack, eu gostaria de ouvir diretamente da fonte. – Ele se inclinou,

aproximando-se mais. – Como você explica o fato de ter recitado as

palavras de Jesus em aramaico?

Não era o que Zack esperava.

– Na verdade, não posso.

– Alguém ensinou a você?

– Não.

– Você aprendeu isso na escola ou na escola dominical?

– Não que eu me lembre.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Gladstone encarou-o com admiração.

– Você pode imaginar qual é a minha interpretação – disse ele. – Você

está fazendo história de forma fenomenal em neurologia, biologia, teologia

e em qualquer outra ‚ologia'. Graças a você, nós, Elizabeth e sua equipe,

podemos estar à beira da maior descoberta já feita pela humanidade. Pode

imaginar a dimensão disso?

– Provavelmente, não.

– Bem, quem de fato pode? Mas se os testes subsequentes forem tão

animadores quanto os primeiros, temos a obrigação de compartilhar isso com o mundo. Concorda comigo? Para que o mundo saiba que a ciência confirmou a continuação do espírito...

Zack estava começando a se sentir desconfortável.

– Acho que sim.

– Você acha? Zack, estamos falando de evidência singular para a existência de vida após a morte e, por extensão, da existência do Senhor Deus Todo-Poderoso.

Zack pressentiu que lá vinha um sermão.

– Zack, a Bíblia nos diz que a fé é a certeza das coisas que se esperam, a convicção de fatos que não se veem. Mas a realidade é que, há milhares de anos, as pessoas acreditaram no Senhor, colocando fé não em coisas invisíveis, mas confiando nos outros, em pessoas que dizem conhecer Deus: família, amigos, ministros, padres, rabinos, imãs, e por aí vai. Para os cristãos, é a confiança na figura e nos ensinamentos de Jesus Cristo. Mas isso não é o mesmo que a crença baseada em provas concretas. E esse é o bicho-papão, a razão pela qual a fé é considerada não racional. O centro dos debates seculares entre ciência e religião. E também a razão pela qual os ateus vociferam contra a religião: não há nada para se crer a não ser na fé dos fiéis.

O rosto de Gladstone inchou:

– Mas você está mudando tudo isso. Você está nos dando provas

concretas de que sua mente transcende seu corpo e atravessa o túnel para

o reino espiritual.

Zack viu-se arrastar para fora de um poço de areia no meio da noite e

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

acabar em um banco de areia iluminado pelo sol. Mas ele tinha certeza

absoluta de que era algum tipo de sonho induzido, resultante de toda a

estimulação elétrica e química em seu cérebro.

– Tudo bem – disse ele, para agradar o cara.

Gladstone bateu-lhe no ombro.

– Ótimo. Depois da fanfarra introdutória, eu imagino entrevistas em

vídeo de pessoas testemunhando como a passagem delas para a luz de

Deus transformou suas vidas para sempre. Um testemunho após o outro,

tudo culminando com as imagens da sua própria jornada extraordinária.

Zack havia se esquecido do acordo que assinara, relativo à liberação da

gravação de suas sessões.

– Entretanto, vídeos por si só não podem transmitir a dimensão da

verdade. Quero lhe dizer que eu gostaria que você prestasse testemunho pessoal diante da congregação da Luz Divina, ou melhor, do mundo.

– Quer dizer que você quer que eu vá ao seu programa?

– Exatamente, e eu ficaria honrado de compartilhar o púlpito com você.

Zack sentiu um agudo desconforto. Gladstone havia investido milhões de dólares para provar a existência da vida após a morte e agora queria Zack como seu garoto-propaganda.

– Mas eu não tenho nada a dizer.

– Ainda não, mas terá. – Então, Gladstone tomou o braço de Zack, aproximando o rosto de uma maneira que deu para ele sentir-lhe o hálito de uísque. – Estou apenas preparando o terreno.

Zack não gostou daquilo nem um pouco. Uma suspeita de experiência extracorpórea e Gladstone já estava pensando em usá-lo para vender livros, seu ministério e a si mesmo como um novo messias.

– Vou pensar sobre isso.

– Ótimo, e lembre-se de que isso é mais do que um privilégio. É uma obrigação moral compartilhar nosso sucesso com um mundo que já sofreu milhares de anos pela incerteza de crer em coisas invisíveis.

Zack fez outro movimento não comprometedor com a cabeça, pensando que a única coisa invisível em que ele acreditava era o próximo

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

cheque de mil dólares.

– Nesse meio-tempo, viva na luz e vá com fé – disse Gladstone.

Zack afastou-se para se juntar a Sarah, pensando que já tinha ouvido

aquelas palavras antes, mas não conseguia se lembrar de onde. Nem se

deu ao trabalho de vasculhar a mente para descobrir, porque Sarah estava

lhe oferecendo mais uma taça de champanhe; e, parada ali, de costas para

o brilho remanescente do crepúsculo, em seu vestido cor de esmeralda

que a envolvia como a primavera, ela lhe pareceu uma visão beatífica.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

O rapaz estava galgando a escada social. Uma parada de duas horas no Taj e

uma limusine com motorista. Roman não se formara na faculdade, mas até ele sabia que os alunos não se encontram com seus professores no hotel mais luxuoso da cidade.

Nem o rapaz lhe parecia ter bala na agulha. Usava roupas normais, morava em um apartamento da universidade e usava sua bicicleta ou os transportes públicos para se locomover.

A menos que aquilo estivesse sendo bancado pela namorada gostosa.

Ela havia chegado sozinha, mas saíra do hotel com ele, toda produzida num vestido verde brilhante. O Town Car estava esperando por eles.

Talvez fosse um casamento. Talvez algum outro tipo de celebração. Mas não parecia um encontro, chegando separados daquela maneira.

Como Roman havia estacionado na Arlington Street, foi fácil seguir o Town Car para a Storrow Drive e na direção oeste até atravessar a ponte Larz Anderson para a Harvard Square. A limusine parou diante da residência da garota, na Harvard Street, e os dois desceram do carro e entraram no prédio baixo, de três andares.

Roman conferiu a hora no seu celular. Cinco horas de vigilância, e tudo o que havia descoberto era que o rapaz e a garota haviam participado de algum evento chique e, em seguida, iam transar na casa dela. Um

maldito desperdício de tempo, ele pensou, enquanto olhava para o

pequeno visor.

Ou talvez não.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

47

O apartamento de Sarah ficava no segundo andar. Eles entraram na sala de estar, que era toda em branco e bege com toques de cor aqui e ali, e nada estava fora do lugar. Contra as janelas com vista para a Harvard Street, um sofá macio e almofadado e, diante dele, uma mesa de centro com um vaso de tulipas frescas. Nas mesinhas laterais, duas luminárias em branco e dourado emprestavam ao ambiente uma luminosidade suave e aconchegante. Do outro lado do sofá, duas poltronas Luís XV brancas. Na parede oposta, cartazes de cafés franceses. O lugar era a cara de Sarah.

– Como é que o seu apartamento parece saído de uma matéria da Architectural Digest e o meu parece que sofreu um bombardeio?

– Talvez porque eu estivesse esperando companhia esta noite.

– Diga-me que era eu.

Ela sorriu.

– Além disso, você é um homem.

– E eu nunca estive tão grato por isso.

Sobre a lareira, retratos dos pais dela e uma foto da moça de beca e capelo em sua formatura, ao lado de um sorridente Morris Stern. Zack seguiu Sarah até a cozinha, seu corpo sensual fazia com que o vestido cor de esmeralda parecesse líquido enquanto caminhava.

– Tinto ou branco? – Ela apontou um pequeno rack de vinhos em cima da geladeira.

Ele puxou uma garrafa de cabernet sauvignon e abriu-a, enquanto ela tirava os copos de um armário. Em seguida, ele os encheu e os dois brindaram.

– Adorável, escuro e profundo.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– O vinho?

– Seu olhar.

– Você é um doce. – Ela pegou o braço dele e acompanhou-o até o sofá.

– Então, o que você achou do reverendo Gladstone?

Zack sentou-se ao lado dela.

– Além de sua capacidade de falar pelos cotovelos, ele me pareceu muito sobrecarregado.

– Sem ele, não haveria laboratório.

– Ele também acredita que está prestes a encontrar a Terra Prometida.

– Acho que é o televangelista nele falando.

– Só que ele espera que eu aponte o caminho – disse Zack. – Que tipo de EQM ele espera que eu tenha?

– Não creio que seja nada em particular.

– Quero dizer, fui colocado em estado de quase morte quatro vezes, e tudo que consigo me lembrar é de estar rastejando para fora de um buraco de areia, rebater bolas com meu pai e, depois, segui-lo numa floresta. Não é exatamente rever a vida inteira como um filme e anjos de luz.

– Só que cada sessão gera novos dados sobre o que se passa na EQM.

– Mas esta é a questão: se eu tive de fato autênticas EQMs. Quero dizer, eu não me senti separado do meu corpo, olhando para mim mesmo

do alto, como uma gaivota. E eu não atravessei nenhum túnel em direção à luz divina.

– Você também disse que essas experiências não pareciam sonhos normais.

– Sim, mas eu não diria que foram sobrenaturais. Apenas sonhos muito realistas.

– Elizabeth acha que você experimentou transcendência.

– Mas tudo que li, incluindo o livro de Gladstone, fala sobre amor incondicional e tranquilidade. Não senti isso. Além do mais, eu era mais jovem e meu pai também, e ele não era nenhum ser de luz.

– Então, o que você está querendo dizer?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Que talvez o doutor Stern tenha razão. Talvez tudo tenha se passado dentro da minha própria cabeça, e nada mais. – Sua única explicação para o negócio do logotipo da root beer era: pura coincidência. A imagem ficara guardada em seu subconsciente e durante a sessão viera à tona, de modo que, ao acordar sedento, ansiou por uma A&W gelada. Quanto aos

pesadelos de estar enterrado na areia, colocou a culpa no anestésico – nele e no fato de seu cérebro ter sofrido trauma no acidente de bicicleta, seguido por semanas em coma induzido quimicamente.

– Isso é perfeitamente possível, é por isso que ela quer mais testes, se você ainda estiver disposto.

– Estou afogado em dívidas, então, estou disposto. – Mas ele ainda se sentia dividido. Apesar das assombrosas especulações sobre uma senciência cósmica e vida após a morte, não conseguia deixar de pensar que ele estava tomando parte em um exercício muito caro de pseudociência. Lembrou-se daqueles programas do Discovery Channel sobre visitas alienígenas, com o endosso entusiasmado e prolixo de cientistas. Claro que ele não disse isso a Sarah. Também não disse como ele gostaria de voltar àquela floresta e descobrir o que aquele ‚pai' do sonho queria dizer a ele.

– Vamos ver como você se sai na quinta-feira.

Depois de um segundo copo de vinho, Sarah baixou a cabeça no ombro dele. Não demorou muito e estavam se beijando e se acariciando. Após um tempinho, ela começou a desabotoar a camisa de Zack e a beijar-lhe o peito.

– Sabe de uma coisa? – ele sussurrou.

– O quê?

– Estou começando a acreditar em transcendência.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

48

Às seis horas da tarde na quinta-feira, Sarah parou em frente ao prédio de Zack para levá-lo para o laboratório.

– Bruce, você nunca esteve tão bonito – disse ele, entrando no carro.

Sarah sorriu.

– Ele tirou a noite de folga.

Ela desceu a Huntington em direção à MassPike. Mas, em vez de pegar a saída habitual, Sarah continuou e virou na próxima à direita e mais uma vez depois, passando por trás do prédio do laboratório onde uma obra estava em andamento. Devido às árvores altas, Zack não havia notado antes a grande igreja branca do outro lado das árvores por trás do laboratório. Uma placa diante dela dizia: Tabernáculo da Luz Divina. Ao passarem pela igreja, os operários estavam terminando uma cerca de

segurança ao redor do laboratório.

– O laboratório fica no mesmo terreno da igreja.

– Sim. Gladstone é proprietário de toda esta área aqui, incluindo o laboratório.

Conforme ela prosseguia, passaram por uma casa paroquial branca e por mais árvores até chegarem a um novo portão de segurança na entrada do laboratório. Por causa das árvores, a cerca, encimada por arame farpado, não era visível da igreja. Outra novidade era uma guarita com um homem armado e uniformizado. Sarah mostrou sua identificação e o passe de visitante de Zack. O guarda olhou para Zack e deixou-os passar.

– Existe algo que eu deveria saber?

– Só que um monte de malucos não gosta do que estamos fazendo.

– Alguma ameaça real?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Apenas algumas mensagens desagradáveis – disse ela. – Como você pode ver, os guardas são novidade.

– Guardas, no plural?

– Há outros ao redor do complexo.

Eles estacionaram ao lado do prédio e, em seguida, encaminharam-se para a entrada principal, onde uma barricada havia sido construída e um técnico passou-lhes um detector de metais e verificou o conteúdo da mochila de Zack. Todas aquelas mudanças em apenas alguns dias.

– Qual a gravidade das mensagens? – perguntou ele, enquanto caminhavam pelo corredor até o escritório de laboratório.

– Tudo isso é mais precaução do que defesa.

A doutora Luria estava conversando com o doutor Stern e um técnico quando eles entraram em seu escritório. Cumprimentaram Zack e, então, levaram-no pelo corredor para a sala de ressonância magnética, onde ele se trocou e foi conectado, como de hábito, sobre a maca.

Sarah deu-lhe um tapinha no braço.

– Pronto?

– Se você não me trouxer de volta, o pessoal do cartão de crédito vai ficar muito chateado.

Ela sorriu.

– Então, eu vou trazê-lo.

– ‚Sossega, coração!' – Focando no sorriso de Sarah, ele fechou os olhos, enquanto ela o preparava para a ressonância magnética.

O último pensamento de Zack antes de Sarah comprimir o êmbolo

foi: Pai, esteja lá.

Zack não reconheceu o carro. Ou a rua. Nada no local significava coisa alguma para ele. Nem o fato de que estava dirigindo em algum lugar do país com poucas casas e florestas cerradas até a estrada. Nada tinha qualquer significado, exceto a figura lá longe na estrada. Uma mulher fazendo cooper com um conjunto de malha cor-de-rosa.

Ela usava fones de ouvido e corria num ritmo acelerado, do mesmo

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

lado da estrada. A luz do sol era filtrada pela copa das árvores. Ele diminuiu a velocidade para emparelhar com a atleta, que estava absorta demais em sua música e na corrida para notar que ele já a estava acompanhando por uns trinta metros.

Dois carros passaram por ele no sentido contrário e desapareceram no espelho retrovisor. À sua frente, a estrada era um corte em linha reta por entre as árvores, sem casas ou carros por perto. Ele parou ao lado da mulher. Sem alterar seu ritmo, ela virou o rosto na direção dele. Ela usava óculos escuros com uma grande armação branca. Ele baixou a janela do

passageiro, como se fosse pedir uma informação.

Demorou alguns instantes, mas o rosto dela registrou medo e ela parou de repente.

Rápido como um raio, ele passou à marcha a ré e, em seguida, arrancou para a frente. Antes que ela pudesse se mexer, ele virou o volante abruptamente e jogou o carro contra ela. A mulher gritou ao cair no acostamento. Quando o viu retroceder e partir novamente em sua direção, ela soltou um berro de pavor, que foi interrompido quando ele passou por cima de seu corpo, sentindo o esmagamento dos ossos sob as rodas.

Ele acordou com o som de seu próprio grito.

Mas ninguém no laboratório ouviu.

Algum tempo depois, ele estava em uma cadeira no escritório do laboratório, bebendo café puro. Sarah, Luria, Stern, Cates e um técnico na câmera de vídeo o escutavam.

– Você conhecia a mulher? – Luria perguntou.

– Nunca a tinha visto.

– Conhecia o lugar onde estava?

– Não.

– Sabe por que a atropelou?

– Não. Nem sequer senti que era eu ao volante.

– O que você quer dizer?

– Não consigo explicar. Simplesmente não eram minhas emoções. – O

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

silêncio pairou sobre a sala como névoa. – Foi como estar no pesadelo de

outra pessoa.

Nos monitores de computador, manchas coloridas dançavam através

do esquema de seu cérebro. Após um momento, a doutora Luria disse:

– Zack, você não teve um sonho ou pesadelo. Seu cérebro estava

incapaz de sonhar, em consequência do anestésico.

Ele olhou para ela sem resposta.

– Tudo indica que foi uma transcendência. Os dados ainda não foram

analisados, mas em nível intercelular os centros sensoriais do cérebro

experimentaram estímulos externos: visão, audição, tato, manobras

espaciais.

– Ainda temos horas de análise pela frente – disse Stern.

– Mas você acha que foi uma transcendência? – Zack perguntou.

– Eu ainda não estou pronto para tirar conclusões.

Sarah não disse coisa alguma, mas Zack suspeitava que ela concordava

com Stern. Luria fez um gesto de pouco caso com a mão e foi para outro monitor, ao lado de Cates Byron.

– Seu perfil sanguíneo mostra um aumento dramático de epinefrina, outro nome para a adrenalina. E isso significa que seu cérebro experimentou uma situação de confronto e enviou sinais para que seu coração bombeasse com mais força e que sua pressão arterial se elevasse. Você se lembra de sentir medo?

– Não. Nem um pouco.

– E raiva ou ódio?

Ele se levantou.

– Eu acho que já chega, para mim. – Ele olhou para Sarah. – Estou pronto para ir.

– Zack, eu entendo como isso pode ser perturbador – disse a doutora Luria. – Talvez da próxima vez...

Mas ele a cortou:

– Eu não acho que haverá uma próxima vez.

– O quê? Por quê?

– Não tenho certeza de que quero fazer isso de novo.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Por que não? – Luria perguntou. – Estamos fazendo um grande

progresso a cada sessão.

Zack balançou a cabeça.

– Sinto muito.

– Se é o dinheiro, nós podemos pagar mais.

– Não é o dinheiro. – Zack pegou as coisas dele e foi em direção à

porta.

– Zack, por favor, não vá – Luria choramingou.

Mas ele saiu pela porta e foi atravessando a área de segurança do

saguão. Sarah estava logo atrás dele. E também Byron Cates, que correu

para alcançá-lo e lhe entregou um papel.

– No caso de precisar – disse ele. Era uma receita de Haldol[23].

[23]. Medicamento antipsicótico usado na prevenção de delírios. (N.

da T.)

Sarah pegara suas próprias coisas e estava pronta para levá-lo para

casa. Bem atrás dela vinha a doutora Luria.

– Zack, me escute. Você pode ter experimentado transcendência total.

– Ela o segurou pelo braço. – Você não entende? Você pode ter

vislumbrado a vida após a morte e ter voltado. Você deve isso a nós... ao

mundo – ela gaguejou de incredulidade e raiva. Seus olhos estavam

arregalados, o rosto, apoplético.

– Se há vida após a morte, eu vou descobrir da maneira tradicional.

E saiu pela porta, com Sarah atrás dele.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

49

– Não sei o que dizer – Sarah falou enquanto dirigia para levá-lo em casa.

– A sua experiência foi a primeira que chegou perto de uma possível transcendência.

– E quanto a todos os outros voluntários?

– Eu só estou no projeto há poucos meses.

– Mas você deve ter visto os registros.

– Pouca coisa, e nada muito promissor. Apenas uma ou duas eram possíveis experiências extracorpóreas. Mas incidentes isolados, sem repetições como no seu caso.

O que estava longe de ser reconfortante.

– Então, você está me dizendo que a minha mente se separou do meu corpo e eu experimentei o atropelamento daquela mulher.

– Eu estou dizendo que os dados brutos mostram uma experiência muito intensa. Quanto ao cenário de atropelamento e fuga, poderia ser algo criado na sua própria cabeça, um sonho-relâmpago.

– E sobre a possibilidade de essas experiências estarem destruindo o meu cérebro? Alguém se preocupa com isso? – retrucou. – Que tanta toxina e tantas paradas cardíacas estejam me deixando maluco?

– Você já teve pesadelos ruins antes, todos nós temos. Mas você não perdeu a cabeça por causa deles, não é?

– Então, você está me dizendo que aquilo pode ter sido um pesadelo estranho.

– Estou repetindo Morris aqui, mas, sim. Coisas em seu inconsciente foram ativadas assim que deixou o estado de quase morte.

Ele não saberia dizer se ela realmente acreditava naquilo ou estava

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

apenas tentando acalmá-lo.

– Mas você disse que os estímulos foram registrados em tempo real, enquanto eu estava apagado.

– Sim. – Ela ficou em silêncio por um momento. – Zack, eu realmente não tenho uma boa resposta.

– Mas, no meu lugar, você se submeteria a outra sessão de quase morte?

– Não posso responder a essa pergunta. Depende de quanto essa experiência foi perturbadora para você e de quanto risco está disposto a correr para passar por outra.

Em um flash, ele viu o pai com sua veste monástica, parado na floresta, diante de uma grande rocha. Hora de uma conversa de gente grande.

– Vou pensar sobre isso.

Quando ela o deixou em casa, ele já estava se sentindo mais estável. Antes de ele descer do carro, ela lhe deu um abraço.

– Quer subir?

– Hoje, não. Tenho uma tonelada de trabalho.

Ele lhe deu um beijo de despedida e subiu para o seu apartamento. Tomou dois comprimidos para dormir e, antes de mergulhar em uma noite inteira de sono sem sonhos, novamente viu o pai com a longa veste marrom parado diante de um afloramento de rocha de grandes

dimensões. Conversa de gente grande.

No dia seguinte, sexta-feira, ele telefonou à Sarah para dizer que se submeteria a outra sessão na próxima terça-feira. Como ela estava livre naquela noite, e Damian não precisaria do carro no fim de semana, Zack levou Sarah até a orla marítima e fizeram um passeio de balsa no Boston Harbor.

No fim de semana, Zack trabalhou em sua dissertação. Por sugestão de Byron Cates, ele usou a receita e comprou o antipsicótico Haldol, que aparentemente funcionou: nada de sonhos sobre rastejar na areia. Nada de visões psicóticas de passar com o carro por cima de alguém. Nada de flashes repentinos.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Na terça-feira à noite, Sarah o apanhou e o levou para o laboratório.

Todos estavam encantados, especialmente a doutora Luria, que mal podia conter seu alívio.

Ele foi preparado e estava pronto para deslizar para dentro da máquina de ressonância magnética. Seu último pensamento foi: Pai, por favor,

esteja lá.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

50

Aquela seria uma noite memorável para Billy – sua vida praticamente reiniciaria a partir dali. Quebraria o seu recorde pessoal.

Ele havia convertido a garagem em uma academia particular, acrescentando um rack de pesos e dois bancos, um inclinado, e outro reto. Também tinha uma máquina usada Cybex para as costas e os ombros. Ele ainda estava matriculado na academia local, mas gostava de ter o seu próprio espaço de treino onde podia executar suas séries sem um monte de outras pessoas ao redor. Na verdade, preferia se exercitar sozinho. Como sua esposa fora visitar os pais em Albany, tinha o lugar todinho para si e podia puxar ferro com toda paz e sossego. Esperava naquela noite elevar seu desempenho no banco supino a um novo patamar.

Billy estava orgulhoso com o desenvolvimento de seu tronco. Estava levantando 18 kg na rosca direta e 30 kg no encolhimento de ombros. Mas ele tinha de trabalhar seu peito. Queria peitorais maiores, esculpidos, como de alguns atletas e de estrelas de cinema. E poderia obtê-los com o supino regular, aumentando ao máximo, o que significava identificar a parte mais fraca no desenvolvimento do peito e concentrar-se nela.

Sua parte mais fraca era a elevação do peso do peito, de modo que ele se concentrava em levantar a barra não mais que quinze centímetros. Os vídeos de exercícios recomendavam ir devagar, trazendo a barra na fase negativa até o final, e não trapacear estufando os peitorais. Seu objetivo era ficar com o corpo sarado para a praia, agora que o verão estava chegando. Seu tio favorito era um advogado que tinha uma casa em Martha’s Vineyard, onde ele e sua esposa passavam uma semana todos os

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

anos, em julho.

Ele fez um aquecimento com 100 kg, completando três séries com bastante facilidade. Após um descanso e um pouco de água, fez uma série

com 118 kg, que correu bem, e ele sentia-se forte. Tão forte que colocou mais um peso em cada extremidade da barra, elevando o total para 126 kg – 8 quilos acima do seu máximo. Sim, ele estava erguendo aquele peso, mas tudo o que queria era um levantamento total para quebrar seu recorde.

Ele plantou os pés firmemente de cada lado do banco e, em seguida, levantou os braços e agarrou a barra que descansava no suporte. Era o maior peso que já havia levantado, e estava ciente do esforço para mantê-lo no alto com os braços esticados. Muito do fisiculturismo estava na cabeça, na força de vontade. O truque era focar totalmente no momento e se concentrar nos músculos específicos para chegar ao próximo nível.

Para isso, desligou o telefone celular, diminuiu as luzes e inseriu tampões de ouvido para bloquear o barulho de carros subindo a rua, cães latindo, aviões passando. Então, enquanto estava ali deitado no banco, segurando a barra, ele se concentrou como um laser nos seus peitorais, deixando de lado todo o resto até ele próprio se tornar apenas aqueles músculos.

Fechou os olhos em concentração total, sentindo os braços se estenderem, os peitorais se enrijecendo. Como os vídeos de treinamento aconselhavam, ele imaginou um Billy mais forte, mais poderoso. Imaginou-se deixando o próprio corpo e entrando em seu corpo ideal.

Enquanto mantinha os olhos bem fechados, Billy pensava: Forte.

Poderoso. E: Eu posso fazer isso. Sou todo músculos.

Ajustou o aperto de suas mãos na barra até sentir-se totalmente

confortável. Ergueu a barra do suporte sobre o rosto, sentindo o esforço

completo; depois, baixou-a para o peito, onde a deixou descansar um

pouco.

Quando estava totalmente decidido, usou toda a sua força para

levantar a barra por completo, com total extensão dos braços, onde os seus

ossos a manteriam no lugar. Seus braços tremiam enquanto o sangue

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

inchava seus braços e ombros e dilatava as artérias nas laterais do pescoço.

Assim que ele atingiu a posição almejada, uma voz atravessou seus

tampões de ouvido.

– Billy.

Seus olhos se abriram enquanto o coração quase explodia em seu

peito.

Na penumbra, viu um reflexo na parede espelhada à sua frente, um

vulto escuro parado bem atrás de sua cabeça. O qu... o qu..., foi tudo o que Billy conseguiu dizer.

Então, ouviu uma voz sussurrante murmurando algo mais.

Mas, antes que conseguisse entender, seus braços caíram para os lados, a barra desabou sobre o cavalete de seu nariz e nos olhos e, em seguida, rolou por seu rosto, indo parar na depressão macia de seu pescoço.

Tudo aconteceu numa rapidez tão violenta que ele mal conseguiu processar que a barra estava esmagando sua traqueia, pressionando-o implacavelmente na direção do chão, interrompendo de imediato o fluxo de ar para os pulmões e de sangue para o cérebro.

Billy não conseguia gritar. Não conseguia enxergar, pois o sangue inundava as órbitas oculares. Não conseguia respirar.

Debateu-se, agitando os braços e os quadris, mas era impossível lutar contra o descomunal peso da barra em sua garganta, prendendo-o ao banco. E quanto mais ele se debatia, mais seu cérebro esmaecia e a força escoava de seus músculos.

Num microssegundo de consciência, tentou ver o rosto de seu assassino, mas nem ao menos tinha certeza de que havia de fato alguém lá ou de que a figura estava apenas em sua cabeça. Não fazia diferença, porque a noite tomou conta do seu cérebro e, no momento seguinte, ele

estava morto.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

51

Demorou alguns minutos para Zack voltar.

Deram-lhe uma injeção de norepinefrina, mas ele ainda estava preso em um espaço pequeno e escuro, olhando para o rosto do homem que ele havia matado.

Podia sentir o cheiro do terror em seu hálito, como lixo queimado.

Ainda podia ouvir-se pronunciando o nome do homem. Ainda podia sentir suas mãos segurando firmemente as extremidades da barra, enquanto as mãos do homem, dobradas para trás, tentavam inutilmente afastar a barra de sua garganta.

Zack focou nos olhos do homem, saltados como ovos de galinha nas cavidades ósseas irregulares. Quanto mais o homem se esforçava, mais a pressão hidrostática do sangue fazia o sangue jorrar das órbitas e narinas,

misturando-se com catarro. Seus lábios se moviam, como se dissesse alguma coisa, mas não havia som algum, apenas o sapatear de seus pés contra o chão, enquanto se debatia nos estertores da morte.

Zack observou-o se sacudindo e chutando até que todo movimento cessou e a boca do homem afrouxou, deixando escorrer um fio de saliva vermelha que pingava no chão, enquanto a língua pendia mole por entre os dentes ensanguentados, parecendo uma lesma.

Zack fez uma compressão final com todo o peso do corpo sobre a barra e com sinistra satisfação observou o homem morrer, seu último suspiro sufocado em um gorgolejo profundo na garganta esmagada, o sangue escorrendo do sulco dos olhos e do nariz, formando uma poça no chão.

Zack, que estava deitado na maca, sentou-se de repente e olhou ao redor da sala; seus olhos se embebedaram daquela luminosidade

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

fluorescente para lavar as horríveis imagens de sua cabeça.

Quatro rostos o encaravam: Sarah, Luria, Stern e Cates.

– Você está bem? – alguém perguntou, talvez Sarah. – O que

aconteceu?

Ele olhou para as próprias mãos, ainda congeladas em forma de garras, em torno da barra de halteres que já não estava lá. Ele balançou a cabeça, mas não conseguiu responder.

– Você ainda está acordando – disse Luria.

Zack esfregou os olhos. Um horror caudaloso preenchia sua cabeça, como se tivesse acabado de voltar da cena de um assassinato. Um que ele cometera.

Deitou-se na maca. Suas mãos tremiam incontrolavelmente. Podia ver a preocupação no rosto da doutora Luria. Queria dizer que estava tudo bem, mas sentia que a qualquer momento iria desabar.

Olhou para o monitor de frequência cardíaca: 138 batimentos por minuto. Sua pressão sanguínea estava registrando 10 por 18. O aparelho de ECG oscilava como louco.

– Dê-lhe um tempo para se acalmar – disse Stern.

Zack fechou os olhos novamente e recitou as casas decimais do número pi até cinquenta e, em seguida, começou de novo. Recitou mentalmente letras de canções, o Discurso de Gettysburg, que havia memorizado na quinta série, o Juramento de Lealdade à República e à Bandeira dos Estados Unidos, estrofes de O corvo, de Edgar Allan Poe.

– Ele está desacelerando – Byron Cates anunciou, depois de alguns

minutos. – Pressão 9 por 14. Pulso 92.

Alguns minutos depois, ele se sentia mais calmo, mais centrado. Abriu

os olhos. Sarah estava ao seu lado. Ela pegou a mão dele.

– Zack, o que aconteceu?

Ele encheu os pulmões de ar e, então, deixou-o sair lentamente.

Sentou-se outra vez. Luria e Stern o encaravam do outro lado da maca.

Byron Cates o observava do computador.

– O que foi? – Sarah perguntou.

Bad trip.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Ainda estou grogue.

– Não se apresse – a doutora Luria disse. – Você consegue se lembrar

de alguma coisa?

Ele balançou a cabeça, tentando aparentar neutralidade em seu rosto,

sob o bombardeio daquelas imagens.

– Nada. Zero.

A doutora Luria aproximou-se dele.

– Zack, conte-me o que você experimentou.

Ele balançou a cabeça novamente. Não queria colocar aquilo em palavras. Não queria fixar aquilo em imagens por medo de assombrar seu cérebro permanentemente com elas. Só queria ir para casa e mergulhar em um sono profundo.

– Quero ir embora.

– Ok, tudo bem – disse Sarah.

Mas Luria se intrometeu.

– Dentro de instantes. – Lançou um olhar fulminante para Sarah e, em seguida, serviu-se de uma xícara de café puro. Tomou um gole enquanto estudava Zack e, então, clicou no monitor acima e moveu o mouse até que uma imagem do cérebro de Zack encheu a tela. Apertou algumas teclas e exibiu as imagens da atividade neural a partir do momento em que ele apagou até ser despertado.

Sarah pegou uma garrafa de água para Zack enquanto ele esperava.

Um zumbido estranho na parte frontal de seu cérebro estava lhe criando uma sensação de vertigem.

– Eu gostaria de ir embora.

– Você atravessou. – As palavras da doutora Luria foram quase inaudíveis. – Desta vez, temos certeza.

– O quê? – Ele olhou para Stern. – É mesmo?

Stern respirou fundo e deixou o ar sair lentamente.

– O que eu posso dizer é que há paridade com as últimas sessões, mas

com intensidade maior. A atividade em grupos de neurônios de seus lobos

frontal e parietal não parece relacionada com a atividade neuroelétrica

inconsciente.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– O que isso quer dizer?

– Pode ser um fato inédito – disse Stern –, mas parece que a sua

consciência separou-se do seu cérebro.

– Uma experiência de quase morte.

– Sim, mas há dados anômalos que precisamos analisar por meio dos

algoritmos.

Zack estava zonzo demais para processar por completo a informação.

– Você se lembra de algo mais específico que tenha ocorrido enquanto

você estava apagado? Qualquer noção de lugar ou de quem estava com

você ou do que você estava fazendo?

– Não. – A sensação de desconforto de Zack estava piorando. Ele

deslizou para fora da maca, foi para trás do biombo e trocou de roupa. –

Ou alguém me leva para casa ou vou chamar um táxi.

– Eu levo – disse Sarah.

Algo atravessou o rosto de Luria.

– Está certo. Vou ligar para você dentro de poucos dias, Zack.

– E enfiou um cheque no bolso da camisa dele.

A mulher era implacável, mas Zack não disse coisa alguma e saiu com

Sarah.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

52

– Eu matei um homem.

– O quê?

– Na sessão, fui parar na academia de treino de um cara e o sufoquei até a morte com uma barra de haltere.

Passava um pouco das onze da noite, e Sarah estava dirigindo pela

pista norte da Rota 128.

– Por que você não contou isso lá?

– Porque Luria teria me alugado com perguntas o resto da noite.

– Mas o objetivo é exatamente este: descobrir o que você experimentou.

– Só que eu não vou fazer mais isso.

– Foi tão ruim assim?

– Sim, e tão real como estar andando neste carro agora. O que me assusta é o que eu sentia. Uma raiva vulcânica. Eu queria espremer a vida para fora do cara. Ainda posso sentir isso. E não tenho a menor ideia de quem ele é.

– Que coisa horrível!

– E também é a segunda vez que acontece. Tampouco conhecia aquela mulher, não faço a mínima ideia de quem seja. Mas eu queria matá-la também.

– Não sei o que dizer.

– E tem outra coisa. Não foram experiências extracorpóreas ,flutuantes', com uma perspectiva aérea. Minhas mãos realmente estavam naquela maldita barra, vi o rosto do cara me olhando de cabeça para baixo porque eu estava por trás dele. Eu o vi morrer de perto e do meu ponto de Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda

n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

vista: o ponto de vista do assassino. O mesmo com a mulher. Eu olhei nos

olhos dela, depois joguei o carro sobre ela. O que diabos aconteceu?

– Eu não sei, mas agora estou ficando com medo.

– Sim, e eu atravessei túneis suficientes para o resto da minha vida –

disse Zack. – Não estou tão desesperado por dinheiro a esse ponto.

Sarah pôs a mão na perna dele.

– Eu entendo. Vou dizer a Elizabeth.

– Vou ligar e explicar eu mesmo. Sinto muito se isso estraga a sua

pesquisa, mas eu não posso continuar por aí me perguntando se eu sou um

assassino.

Ou pior.

Zack não acreditava no sobrenatural. Não acreditava em vida após a

morte. Não acreditava em espíritos, fantasmas, percepção extrassensorial

ou outros fenômenos paranormais. Para ele, milagres eram apenas boa

sorte, como a que ele teve, por acordar do coma. Tudo mais era fantasia,

impulsionada pela ignorância, incluindo bons palpites de pôquer, logotipos

de root beer e recitar frases de Jesus. Mas estava começando a se perguntar se talvez não houvesse realmente atravessado e esbarrado na psique de algum maníaco homicida.

Por favor, faça com que haja uma explicação mais racional para isso.

– Talvez seja apenas uma reação ruim à anestesia – disse ele. – Isso é possível, não é?

– Sim, é possível.

Sarah manteve os olhos na pista, mas, à luz bruxuleante do tráfego, Zack podia perceber que ela não estava convencida. Após alguns instantes, ele disse:

– Sarah, o que está passando pela sua cabeça? E, por favor, não minta para mim.

Ela continuou dirigindo sem responder. Então, disse:

– Eu não entendo, mas pela atividade neurológica e pelo exame contínuo do seu sangue, o que você experimentou aconteceu em tempo real.

– O quê?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Não foi um sonho-relâmpago, pouco antes de acordar.

– Você quer dizer uma experiência extracorpórea.

Ela assentiu com a cabeça.

– Essa é uma das possibilidades que iremos examinar... de que você tenha encontrado outra consciência.

Outra consciência. Zack sentiu um calafrio percorrer o seu corpo.

– Jesus!

– Eu sei que você não quer mesmo passar por outra sessão. Eu realmente sei disso.

– Não quero.

Ela olhou para ele.

– Mas esta pode ser a única maneira de descobrir o que está acontecendo.

– A única maneira de eu não acabar com as suas chances de publicar um artigo sobre a experiência, você quer dizer.

Sarah explodiu instantaneamente:

– Essa não é a minha motivação, Zack. Não estou nessa para ser publicada. Este é um território virgem, e é por isso que estou aqui, caramba.

Rodaram em silêncio por alguns momentos.

– Desculpe.

– Está desculpado.

Passava um pouco da meia-noite quando ele entrou em seu apartamento. Estava exausto e ansioso, e temendo ir para a cama e ser assaltado por mais flashes homicidas. Mas Luria tinha razão. Aquilo não parecia um sonho, era muito mais intenso do que as visões da praia. Era perturbadoramente real e cru, e ele temia que tudo voltasse assim que ele adormecesse. Por isso, obrigou-se a ficar acordado.

Seu cérebro estava muito cansado para que pudesse trabalhar em sua dissertação ou ler. Então, ligou a televisão e tentou se distrair com o programa do David Letterman. Mas, cada vez que a câmera focava no rosto de alguém, seu cérebro tropeçava em flashes dos olhos do cara saltando do rosto ensanguentado e destruído. Ainda podia sentir também

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

os dedos como garras em torno da barra, forçando para baixo contra a traqueia dele. Fora horrível, como se o seu cérebro tivesse sido infectado por algum miasma psíquico.

Pior foi a fúria desconhecida que o dominou enquanto o cara se debatia e esperneava. Ele havia assassinado o homem com satisfação. E ao mesmo tempo em que não fazia ideia de quem ele era, logo abaixo do limiar da consciência, sentiu uma familiaridade perturbadora. Mas nada que pudesse definir.

Vagou pelo apartamento, indo de um cômodo para o outro. Como seu quarto estava uma bagunça, catou as roupas espalhadas e arrumou a cama, caprichando para copiar a maneira como ajeitavam os cantos do lençol no hospital e esticando bem as cobertas. Quando terminou, limpou a cozinha e, em seguida, foi para o banheiro, onde lavou a banheira e dobrou as toalhas. Quando se sentiu sonolento, tomou um Haldol e uma dose dupla de Lunesta. Provavelmente, fora uma coisa idiota misturar as duas medicações, mas ele queria uma noite de esquecimento.

Começou a lavar o rosto, mas, quando olhou para o espelho, foi o rosto de outro que o encarou. Um gemido subiu em sua garganta, mas em um piscar de olhos o rosto do estranho havia ido embora e em seu lugar estava seu próprio reflexo, magro e apavorado.

– Que diabos está acontecendo comigo? – disse ele em voz alta.

O que eles colocaram naquela droga?

O que eles fizeram com o meu cérebro?

Enxugou o rosto, voltou para a sala e sentou-se diante de seu laptop

para ler seus e-mails. Havia mensagens de Damian, Anthony, de outros amigos e uma de sua mãe. Avisos da universidade e spam. Abriu o mais recente de Damian, que queria saber por onde ele andava e como o estudo do sono estava indo. Um de Sarah, desculpando-se pela sessão daquela noite. Ele apreciou isso. Luria estava obcecada com a intenção de provar suas teorias e contar ao mundo.

Mas ele não seria mais sua cobaia.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

53

Roman encontrou uma listagem para Zachary Kashian em um site dedicado a

,pessoas milagrosas'.

Leu um monte de artigos de jornal, incluindo ,Milagre? Vítima de

Coma Ressuscita dos Mortos', ,Em coma, ele falou as palavras de Jesus' e

,Médicos intrigados com o Homem Milagroso'.

Também leu blogs de pessoas que estiveram à cabeceira de Zack, uns alegavam enxergar a imagem de Jesus em manchas na parede ou sentir o perfume de rosas da Virgem Maria. Absurdos exemplos de autossugestão, é claro. Além disso, ninguém sabia qual era a aparência de Jesus nem a flor favorita de Maria. Entretanto, algumas declarações não podiam ser desprezadas.

,Acreditamos que os sinais e prodígios eram evidentes em Zack. Ele manifestou feridas inexplicáveis em seu corpo, como as de Jesus Cristo. Nas mãos e nos pés. Uma marca no flanco. Eu senti a presença de Jesus naquele quarto.'

Outro afirmava: ,São Paulo nos diz que o sofrimento é a nossa maneira de continuar o sofrimento redentor de Cristo... Eu acredito que Zachary estava fazendo isso por nós, unindo o seu sofrimento ao de Cristo, Nosso Senhor'.

,Eu vim porque minha filha tem leucemia e eu queria que Jesus a salvasse. Quando entrei no quarto de Zack, senti a presença do Senhor...'

,Creio que o Senhor falou por intermédio de Zack, dando-nos um sinal de esperança e misericórdia. E ele escolheu Zack porque ele estava debilitado no corpo e em estado de pureza total de espírito. Jesus falou por intermédio dele. Eu acredito nisso de todo coração.'

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda

n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Havia muitos outros depoimentos com o mesmo teor.

Mas na lista do Google havia outros resultados, respostas mais sombrias, avisos de que esses fiéis em busca de milagres estavam sendo brutalmente enganados, e não por ilusões ou autossugestão, mas pelo próprio Satanás.

,Lembre-se da advertência das escrituras, Segunda Epístola aos Coríntios 11:14: ‘Satanás se disfarça de anjo de luz’. E não nos esqueçamos de que Zachary Kashian é um ateu professo e membro da Sociedade Humanista Secular de sua universidade.'

,Estou lhes dizendo que as artimanhas de Satanás são como um caleidoscópio: quando o tubo é girado, os mesmos cacos de vidro colorido formam um novo desenho. Aqueles que afirmam ter visto Jesus no quarto do rapaz são marionetes do demônio. Não era Jesus ou a Santíssima Virgem, mas o próprio Satanás, o grande enganador.'

As palavras soaram familiares a Roman, mas ele considerou-as meros ataques religiosos, blá-blá-blá teológico. Da mesma forma, o nome do

blogueiro não significava coisa alguma para ele: Norman Babcock, diretor da Fraternidade de Jesus.

Mas o que lhe chamou atenção foi que o rapaz nascera no dia 6 de junho de 1986. Fosse Roman um homem supersticioso, teria se admirado do significado daqueles números: 666. O número da besta.

Por um momento, Roman também se perdeu nas possibilidades do que teria ocorrido naquele quarto de hospital: se Zachary Kashian canalizara Jesus Cristo ou o Anticristo. Fosse uma coisa ou outra, talvez estivesse na hora de conhecer aquele homem ‚milagroso'.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

54

– Achamos que ele se fundiu com outra mente.

– O quê? O quê? Quem?

– Não sabemos quem. E não há maneira de descobrirmos isso – disse Morris Stern. – Mas estamos certos de que foi uma autêntica fusão.

– Glória, Aleluia – Warren Gladstone disse. – Obrigado, bom Deus. Obrigado.

Estavam de volta à suíte de Warren no Taj. Morris Stern manobrou o mouse até uma imagem de vídeo da ressonância magnética do cérebro de Zack aparecer.

– Aqui estão as imagens da atividade elétrica em sua primeira EQM. Você pode perceber distintos padrões de assinatura consistentes com a análise matemática. Agora, olhe para isso. – A próxima tela mostrou outras manchas pulsantes em sobreposição à primeira imagem.

– Santo Deus – disse Warren.

Com uma caneta, Stern destacou as novas configurações.

– Estas atividades aqui, aqui e aqui não estavam presentes na EQM original. São marcas completamente alheias.

– Nós estamos olhando para a mente de Deus – declarou Gladstone.

– O mais provável é que seja a mente de outra pessoa.

– Mas do outro lado.

– Isso eu não sei – disse Stern.

Era o máximo que ele cederia.

– Por que não Deus?

– Porque não temos o perfil de Deus em arquivo.

– Mas você está me dizendo que o garoto estava em comunicação com

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

alguém do outro lado. Então, por que não Deus? Por que a mente dele não poderia ter se fundido com a do Senhor? – Warren mal podia se conter.

Stern balançou a cabeça.

– Eu não disse do outro lado.

Elizabeth interrompeu:

– Warren, o que captamos claramente foi uma presença elétrica intrusiva imposta à própria atividade dele. É um grande salto declarar uma fusão com Deus. O mais provável é que ele tenha se fundido com alguém já falecido, o que, ainda assim, é uma coisa notável. Inédita!

– Aleluia.

Warren assistira aos vídeos dos outros voluntários, incluindo vários jovens universitários; havia escutado seus relatos de experiências de quase morte, alguns tão cheios de detalhes e paixão que ele quase se convenceu. Ele até permitira que Luria montasse seu laboratório em uma propriedade do próprio ministro, que eles tiveram de destruir para instalar o aparelho de ressonância magnética. Ele gastara 10 milhões de dólares do dinheiro

do ministério, um investimento que havia virado alguns diretores do conselho contra ele. E, depois de todos aqueles anos de despesas e falsas esperanças, depois de tantas varreduras cerebrais e vídeos dos testes de voluntários, pela primeira vez Elizabeth Luria e companhia mostravam evidências reais de contato espiritual.

Sim, mais testes seriam necessários, como Elizabeth havia dito. Mas ele esperava extasiado o dia em que poderia pôr as mãos no Santo Graal e mostrar ao mundo que o Senhor Deus Todo-Poderoso existe.

E as possibilidades eram infinitas. Crer já não seria simplesmente um salto de fé. A morte já não seria mais definitiva. Ele teria em suas mãos a prova das coisas invisíveis. Prova essa que todo o mundo iria abraçar. Cairiam as barreiras que separavam cristãos e judeus, muçulmanos, hindus, budistas, e assim por diante. Todos seriam fundidos em um sistema de crença unificadora, no centro da qual estaria Warren Gladstone e o seu tabernáculo. Sim, alguns iriam dizer que seria um artifício, até mesmo uma heresia, talvez houvesse mesmo retrocessos temporários – a inevitável resistência e protestos contra qualquer pronunciamento do

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

cristianismo evangélico. Mas ele haveria de cruzar essas pontes quando chegasse a hora, fortalecido pela percepção de que ele estava na vanguarda da maior revelação de todos os tempos: que ele tinha encontrado Deus.

– E você disse que ele declarou não ter filiação religiosa?

– Sinto muito. Ele marcou ‚NENHUMA' no questionário.

– Sinto muito nada – Gladstone gargalhou. – Melhor assim. Ele será o nosso próprio São Tomé, que não apenas vê a luz, mas lança-a ao mundo.

– Então, ele acrescentou: – Guarde-o bem. Esse jovem é maná do céu, uma dádiva do Senhor Deus Todo-Poderoso.

– Não poderia ter acontecido sem a sua generosidade.

– Valeu cada centavo. – Warren olhou para as imagens da IRMf. – E que deliciosa ironia: Deus ex machina.

Elizabeth Luria sorriu.

– Pode ser, mas ainda temos mais cálculos a fazer antes de reivindicarmos a propriedade de nossos argumentos.

– Então, façam o que têm de fazer.

E, enquanto Warren perdia-se nas cores pulsantes do esquema do cérebro de Zack Kashian, sentia a avassaladora promessa: sabia que estava olhando para a mente do Criador, mas sabia também, no fundo de sua alma, que habitaria de fato na casa do Senhor por longos dias.

Amém.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

55

Zack havia telefonado para a doutora Luria dois dias antes para explicar que

ele não estava interessado em fazer outras sessões. Estava tomando muito do seu tempo, e ele tinha de terminar sua dissertação. Suas maneiras foram educadas, e o tom foi neutro. Não disse nada sobre os flashes de assassinato porque ela iria usar aquilo para alimentar a sua insistência para que ele voltasse e fizesse mais testes.

Como esperado, ela não aceitou de bom grado a notícia, pedindo que ele reconsiderasse, afirmando que eles estavam à beira de uma grande descoberta, et cetera, et cetera. Ela empregou seus melhores argumentos, só faltou implorar. Para suavizar o golpe, ele disse que voltaria a procurá-la, caso mudasse de ideia.

Nesse meio-tempo, trabalhou em sua dissertação, ocasionalmente folheando livros da biblioteca sobre EQM. A maioria dos relatos descrevia a experiência padrão: travessia de túneis, total serenidade, integração com o universo. E a presença típica de seres de luz, espirituais. Muitos testemunhos declaravam que a EQM mudara a vida das pessoas para melhor, tornando-as mais fiéis e mais afetuosas. Mas ninguém relatava qualquer coisa parecida com os seus shows de horror.

Como fazia na maioria das manhãs, naquela quinta-feira, Zack dirigiu-se para uma mesa isolada na lanchonete do centro estudantil. Era bom estar de volta à sua dissertação, sem distrações. Progrediu regularmente boa parte da manhã, até que uma voz o sobressaltou.

– Olá, Zack.

Ele olhou por cima da tela, e, como ele meio que pressentira que aconteceria, lá estava Elizabeth Luria. Segurando uma bandeja com dois

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

cafés e croissants.

– Eu não sei se você gosta de queijo ou de chocolate, então, trouxe um

de cada.

Zack estava acostumado a vê-la apenas com o jaleco branco do laboratório, mas, naquela manhã, ela estava vestida elegantemente, com uma blusa rosa, calça bege e blazer preto. O cabelo estava arrumado, e ela usava um medalhão de prata no pescoço.

– Posso me juntar a você?

– Claro – respondeu ele. Ele se levantou e puxou uma cadeira para ela. – Como sabia onde me encontrar? – Ele tentou não deixar transparecer a sua irritação.

– Não foi fácil. – Ela sentou-se. – Trabalhando em sua dissertação?

– Tentando.

– Bem, eu não vou me demorar muito.

– Quero dizer, é difícil recuperar o entusiasmo.

– Tenho certeza de que ele vai voltar. – Ela tomou um gole de seu café. – Você provavelmente já sabe por que estou aqui.

– Sim, e não estou interessado.

– Porque você teve uma experiência desagradável, e eu sinto muito pelo que aconteceu.

Sarah havia lhe contado? Ele não achava que ela iria traí-lo. Mas talvez o tivesse feito. Luria era a chefe dela, afinal de contas.

– Não importa. Eu simplesmente não tenho tempo.

– Eu entendo.

Ela enfiou a mão na bolsa e puxou um envelope, do qual tirou uma fotografia. Empurrou-a na direção dele. Era uma foto feita em estúdio de um bonito garoto sorrindo para a câmera. Atrás dessa estava outra foto do mesmo garoto com um labrador dourado e um homem mais velho.

– Este era o meu filho, Kevin, e o pai dele, meu marido. Eles morreram em um acidente automobilístico, há alguns anos. Ele tinha 12 anos na época.

– Sinto muito, doutora Luria. – Era a mesma criança da fotografia em sua mesa no laboratório.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Obrigada, e, por favor, pode me chamar de Elizabeth. – Então, ela continuou: – Eu vou ser direta com você. Quando comecei a trabalhar no projeto, eu considerava todos os relatos de EQM como um mecanismo de defesa do cérebro contra a investida da morte. Mas eu tenho observado evidências crescentes que apontam para a transcendência. E as suas sessões confirmam isso.

Ele podia perceber que ela estava lutando para não se emocionar.

– Zack, eu acredito que estamos no limiar de confirmar a existência de vida após a morte.

Ele balançou a cabeça, começando a sentir pena dela.

– Temos analisado todos os dados de ressonância magnética da última sessão e, como da primeira vez, tudo aponta para a conclusão de que você atravessou.

– Aham.

– Fui criada em um lar religioso, mas, desde a juventude, eu já não acreditava na existência da alma ou de Deus. Não via nenhuma evidência de que o sobrenatural existisse. Mas, agora, sim. E o meu investimento neste projeto vai além da ciência. Francamente, eu gostaria de saber que o meu filho e o meu marido estão em um bom lugar, que eles estão bem.

– Doutora Luria, o que quer que eu faça?

– Eu quero que você se submeta a outra sessão – disse ela, com o corpo empertigado, a voz firme, sem inflexão, os olhos úmidos. – Eu quero confirmar que existe vida após a morte. Eu quero a confirmação de que meu filho possa estar vivo de alguma forma.

Depois de um longo tempo, ele disse:

– Com todo o respeito, eu não sou um médium ou um swami.

– Não, mas você é a única pessoa que tecnicamente morreu e voltou

com provas de que a nossa essência continua.

– Que provas?

– Os padrões cerebrais, a atividade elétrica, o exame de sangue, tudo

atesta que a sua mente se separou ativamente de seu cérebro, que a sua

senciência continuou, mesmo em estado de quase morte. Que você teve

uma experiência de quase morte diferente de tudo que já vimos antes.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Do nada, surgiu a imagem do rosto destruído do homem, sob as mãos

de Zack.

– Esta pode ser a maior descoberta de todos os tempos: que não

morremos, mas continuamos em alguma forma consciente. Pense na

esperança que essa ideia daria às pessoas.

– Vocês não podem usar outro voluntário?

– Nenhum dos outros se aproxima de seus resultados.

– Quer dizer que eu sou o seu único voluntário?

– No momento, sim.

As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto de Elizabeth, e ela as

conteve com um guardanapo. Droga. Ele sentiu que estava começando a amolecer.

– Não tenho palavras para lhe explicar o grau de dor e culpa que eu experimentei. Nem desejo ou espero sua piedade. – Então, o rosto dela endureceu. – Você teve outra experiência desagradável na última sessão?

– Não vale a pena falarmos nisso.

Ela olhou para Zack como se estivesse tentando ler sua mente. Em seguida, abriu a bolsa e puxou um talão de cheques.

– Se você não quer conversar sobre isso, tudo bem. Mas eu estou disposta a pagar pelo seu tempo, conhecendo muito bem suas outras responsabilidades.

E, com uma bela caligrafia e tinta azul, ela preencheu um cheque e entregou a ele.

– Espero que isso o convença de como é importante que possamos testá-lo novamente.

Zack olhou incrédulo para o cheque nominal: 10 mil dólares.

Seu primeiro pensamento foi que aquele era o maior cheque que ele já tinha visto com seu nome. O segundo pensamento foi que ele poderia saldar todas as suas dívidas e teria dinheiro de sobra para dar à mãe. O terceiro pensamento foi que, por 10 mil, ele poderia arriscar outra sessão de três minutos.

– Isso é muito dinheiro.

– Você não tem de tomar uma decisão agora. Tudo que peço é que

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

você pense um pouco no assunto antes de dizer não. Você faz isso por

mim?

– O que quer que eu faça?

– Que concorde em nos deixar testá-lo mais algumas vezes.

– Para me colocarem em estado de quase morte.

– Sim.

– Quantas vezes é ‚mais algumas vezes'?

– Até obtermos certa confirmação.

– Mas você já disse que vocês têm a confirmação.

Seu rosto endureceu e ela simplesmente disse:

– Precisamos de mais dados.

– E como vocês saberão que já têm o que querem?

– A análise matemática é complicada. Tem a ver com probabilidades,

que Morris pode lhe explicar melhor.

Ela estava sendo propositadamente vaga novamente. Entretanto, ele não via sentido em deixá-la ,cozinhando' por mais tempo, sem uma resposta.

– Faço, com uma condição: eu decido quando ,mais uma sessão' for demais.

– Tudo bem – disse ela. Seus olhos caíram sobre a fotografia do filho e se encheram de água novamente. Pouco depois, as lágrimas rolavam pelo seu rosto. – Eu sei que nunca terei o meu filho ou meu marido de volta. – Ela enxugou o rosto com um guardanapo. – Mas seria um grande consolo saber que existe algo além da vida e a possibilidade de que eu possa um dia me reunir a eles novamente.

– Ok.

– Entrarei em contato – disse ela, e agradeceu. Antes de partir, acrescentou: – O nome dele era Kevin. Kevin Luria.

Então, ela se virou e foi embora, deixando Zack olhando para a fotografia e o cheque, pensando em como ela queria que ele lhe desse esperança de algo em que ele próprio não acreditava, algo que talvez devesse permanecer para sempre além do alcance humano.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

56

Roman Pace baixou o jornal estudantil e observou a mulher ir embora.

Não sabia quem ela era; talvez fosse a mãe do rapaz. Talvez, uma professora sua. Ela lhe entregara um envelope, que poderia ser uma lição de casa ou uma carta de recomendação. Qualquer coisa. Mas parecia um negócio sério. Não um bate-papo à toa.

Quando ela se levantou para sair, Roman ficou tentado a segui-la, mas decidiu ficar com o rapaz. Entretanto, tirou algumas fotos dela com seu celular.

Quanto àquela jovem bonita da Grafton Street, os dois pareciam ser mais do que amigos. Ele tinha passado a noite na casa dela, na semana anterior.

Quem quer que ela fosse, ele descobriria.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí

culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

57

Tetrodotoxina é uma potente neurotoxina encontrada no baiacu, 10 mil vezes mais letal do que o cianeto – 25 miligramas poderiam matar um homem de 75 quilos. Não existem antídotos conhecidos para a toxina, que mata por insuficiência respiratória. Para 70% das vítimas, a morte acontece dentro de quatro a 24 horas. A toxina age bloqueando a sinalização elétrica nos nervos. Doses não letais podem produzir tonturas, dores de cabeça e efeitos alucinatórios.

As duas últimas palavras saltaram aos olhos de Zack, enquanto ele pesquisava em seu laptop, mais tarde, naquela noite.

Estava contemplando três opções:

Atrás da porta número um: ele estava com uma lesão cerebral e tivera alucinações com cenas de assassinato. Porta número dois: ele era um verdadeiro assassino que matara dois estranhos enquanto estava em transe. Porta número três: ele tinha atravessado e fundira-se com uma psique homicida.

Apesar dos fundamentos de Elizabeth Luria, até mesmo da concessão

de Morris Stern de que ele pudesse ter tido experiências extracorpóreas,

Zack não acreditava no sobrenatural, não importava o que a cara máquina

de ressonância magnética houvesse gravado. Ele não acreditava em

fantasmas. E não achava que estivesse louco.

Sobrava apenas a toxina do baiacu.

E lá estava: doses não letais podem produzir tonturas, dores de cabeça

e efeitos alucinatórios.

Surgiram quase 470 mil resultados no Google quando ele digitou

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

,tetrodotoxina'. Além de todas as informações sobre a toxina ser,

provavelmente, a substância mais letal na natureza, ele descobriu que a

principal fonte, o baiacu, apesar de ser proibida na culinária americana,

era uma iguaria japonesa cobiçada chamada fugo que, quando preparada

por um chefe de sushi especializado, apresentava um efeito psicodélico

para o comensal. ,Nas mãos hábeis de um chefe perito em fugo, apenas

uma pequena quantidade de tetrodotoxina é deixada na preparação do

baiacu, suficiente apenas para deixar o cliente com uma agradável

sensação de formigamento nos lábios e uma leve alteração da mente.'

,Emoção forte sem morte', proclamava um blog sobre fugo.

Antes de desconectar, ele notou um link para o The Boston Globe.

Datada de quatro meses antes, a matéria era sobre um sem-teto assassinado por outro, com um taco de beisebol, na Ponte Harvard.

Segundo uma testemunha, o assassinato pareceu ter sido um bizarro gesto de misericórdia. O Laboratório de Criminalística de Massachusetts encontrou vestígios de tetrodotoxina em seu sangue. Ou o cara tinha gostos exóticos e um cozinheiro ruim ou uma nova droga havia chegado às ruas. No entanto, um porta-voz do Departamento de Polícia de Boston disse: ,Eu não sei como um sem-teto acabou com toxina de baiacu no fígado. É um fato inédito para nós'.

De acordo com outro site, uma dose não letal era capaz de baixar a temperatura e a pressão sanguínea a ponto de provocar um coma profundo. Em alguns casos de intoxicação alimentar acidental pelo consumo de baiacu no Japão, as vítimas se recuperaram dias depois de terem sido declaradas mortas. No Haiti, a tetrodotoxina era conhecida como a droga zumbi, usada por sacerdotes vodus para simular as mortes de vítimas que eram revividas horas mais tarde, causando impacto.

Nos Estados Unidos, a tetrodotoxina estava na lista de ,agentes biológicos' do Departamento de Saúde e Serviços Humanos, o que

significa que a droga poderia ser utilizada apenas por cientistas e

pesquisadores registrados.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

58

Mitch pegou a Interstate 84 e seguiu para o norte, para a saída de Vernon. Era

sábado à noite, e ele tinha estado no Outback em Manchester,

comemorando sua promoção a gerente na Buckland Hills Sears. E, claro,

havia bebido algumas cervejas, estava um bagaço e morrendo de vontade

de ir para a cama.

Dirigia um Mitsubishi 3000 VR-4 1992 – um dos poucos carros

esporte com tração nas quatro rodas na estrada e um dos mais bonitos. Ele

o tinha comprado usado, quatro anos antes, e o repintara e restaurara.

Agora, estava como novo, embora tivesse rodado 260 mil quilômetros. Ele

adorava o design escultural do carro, a grande distância entre os eixos, o

rebaixamento que dava ao carro uma aparência ,viril'. E, com trezentos cavalos sob o capô, o Mitsu era mesmo valente.

Ele estava a uns três quilômetros da saída quando ouviu um estrondo forte.

– Que droga! – gritou e bateu a mão no volante. Seu silencioso havia explodido. O carro seguia pela rodovia roncando, soando como se houvesse saído de uma corrida da NASCAR. Rodara uns oitocentos metros quando escutou o escapamento batendo e arrastando-se no asfalto, sem dúvida deixando um rastro de faíscas. – Merda! O carro começou a se encher de fumaça.

Ele abriu a janela e pegou a saída mais próxima, na Bolton Road, chegando a uma clareira entre as árvores. Não havia postes de iluminação naquela área, mas ele tinha uma lanterna e um pedaço de corda no porta-malas para amarrar o cano de escape. Felizmente aquilo acontecera a poucos quilômetros de casa.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Ele tirou a lanterna e uma faca de pesca do porta-luvas e desceu.

Olhou debaixo do carro. O silencioso ainda estava intacto, mas o cano estava no chão. Ele abriu o porta-malas, pegou o macaco e ergueu o carro cerca de trinta centímetros para que pudesse deslizar para baixo.

Os ganchos que seguravam o cano no silencioso haviam se soltado.

Mas o escapamento tinha arrefecido o suficiente para ser amarrado a uma abertura. Infelizmente, o cano havia oxidado e teria de ser substituído.

Assim que levasse o carro para a oficina, viriam com uma conversa para cima dele de que o melhor seria trocar todo o sistema de escape por um novo, que custaria no mínimo uns mil dólares. E, devido ao ano do carro, poderia demorar uma semana para as peças chegarem, o que significava que teria de alugar um carro. Que inferno, ele não precisava de mais aquela.

Embora fizesse frio, debaixo do carro estava quente e apertado, e seus braços se cansaram pelo esforço de amarrar a corda. Pior, estava exausto e louco para cair na cama.

Estivera trabalhando naquilo mais ou menos por uns vinte minutos quando ouviu algo. Não sabia se era o vento ou o tráfego, mas soava como se alguém estivesse se aproximando do carro. Olhou na direção dos seus pés, depois para a direita e para a esquerda. Nada. Ele se contorceu para olhar a outra extremidade do carro, manobrando a lanterna naquele espaço exíguo. De novo, nada. Apenas vegetação rasteira e sombras.

No entanto, tinha a sensação de que não estava mais sozinho.

Após alguns instantes, descartou a sensação e continuou a amarrar o

cano debaixo do carro.

Um minuto depois, novamente pensou ter ouvido algo. E novamente

olhou em volta, meio que esperando ver os pés de alguém. Nada.

Provavelmente, o som do arrefecimento do motor, a contração do metal no

ar frio da noite.

Estava terminando o último gancho improvisado com a corda quando

ouviu uma agitação à sua direita.

– Quem está aí?

Nada.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Mitch esperou até ter certeza de que havia sido só uma impressão. E

continuou a prender o cano com a corda.

– Mitchell.

Seu nome. Alguém havia sussurrado o seu nome. Mas fora tão suave

que poderia ter sido o vento nas árvores.

No momento seguinte, ouviu o macaco ceder. O som o atravessou como uma bala.

O carro havia baixado sobre ele.

Virou a lanterna para o macaco, esperando ver um par de pés, mas o facho só iluminou o macaco. Antes que conseguisse se espremer para fora, outro estalo de metal, e a parte inferior do carro desceu um centímetro mais perto de seu rosto. Podia sentir o calor do motor. Podia sentir o cheiro de óleo e ferrugem. Podia sentir o terror.

Antes que o carro baixasse mais, ele se contorceu e saiu de debaixo dele. Iluminou o entorno com a lanterna, mas não havia ninguém ali. Apenas árvores e arbustos, projetando sombras contra a luz. Pôs-se em pé e, em seguida, foi até o outro lado do carro. Pela janela do passageiro, alcançou o porta-luvas, onde mantinha uma Smith & Wesson calibre 38 carregada.

– Ok, seu filho da mãe. – Girou um círculo completo, apontando a arma para a frente.

Nada. Ninguém estava lá. Avistou faróis se aproximando pela estrada e abaixou a arma para não chamar atenção.

Os carros passaram e ele ficou parado ali, na escuridão silenciosa, com a lanterna em uma das mãos, a pistola na outra. O único som era o dos grilos. Vasculhou as árvores novamente com a luz. Nada.

Sua imaginação, disse a si mesmo. Estava nervoso e cansado de um

dia longo, dolorido e chateado por ter de rastejar na lama para consertar o

cano do escapamento.

Mas não havia imaginado que o carro tinha baixado sobre ele.

Inspecionou o macaco. Permanecia ainda no mesmo local, mas a

chave de roda havia sumido. Ele a usara para erguer o carro e achava que a

tinha deixado no chão, perto do macaco. Mas não estava lá. Talvez ele a

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

tivesse levado com ele quando deslizou para baixo do carro. Ajoelhou-se e

iluminou embaixo do carro. Nada da chave.

Ao se levantar, ouviu aquela voz sussurrante de novo:

– Mitchell.

Por reflexo, atirou na direção do som. O estampido encheu o ar da

noite, e, no clarão do tiro, ele viu uma figura encapuzada, semelhante ao

Ceifeiro que simbolizava a morte.

– Q… quem é você?

– Vá para o inferno, idiota.

Num lampejo, a sombria figura ergueu a chave de roda. Antes que

Mitch pudesse gritar, o objeto desceu violentamente sobre a sua cabeça.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

59

– Ok, hora de acordar.

– É isso aí. Abra os olhos.

– Você pode me dizer o seu nome?

Vozes sem corpo através do nevoeiro.

Ele não conseguia responder. Abriu os olhos contra as brilhantes luzes do teto. Rolou a cabeça para o lado e viu pilhas de equipamentos eletrônicos, monitores de computador, mesas, estantes de livros. Os rostos dos cientistas e dos técnicos do laboratório. Mas por sua mente passavam flashes de uma alavanca negra esmagando a cabeça de um cara sem rosto, nas sombras.

Em rajadas de imagens desconexas, viu o aço curvo atingir o topo da

cabeça do homem e, novamente, a parte de trás do pescoço, fazendo-o desabar no chão como uma marionete quebrada.

Alguém disse alguma coisa para ele, e Zack se inclinou sobre o corpo do homem e atingiu-o outra vez, no ombro e na caixa torácica, até que ele parou de se mexer.

– Zack, você está bem?

Ele não respondeu, mas chutou o homem para que rolasse; um joelho dobrado na altura do peito, a outra perna quebrada em um ângulo estranho no chão.

– Você gostaria de se sentar?

Ele balançou a cabeça e pisou no peito do cara... vezes seguidas, até sentir as costelas do homem quebrarem, perfurando-lhe os pulmões, e o sangue começar a jorrar de sua boca e de seu nariz.

– Eu acho que você ainda está um pouco confuso por causa da droga.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Ele tocou o lado do corpo por onde a bala havia entrado. A região do fígado ainda estava dolorida. Mas – o que era incrível – não havia sangue.

– Dói onde você tocou?

Ele não respondeu, mas o som do tiro ecoava em sua cabeça.

Alguém lhe deu uma garrafa de água. A mulher bonita com o cabelo castanho curto. Ele bebeu da garrafa e olhou ao redor da sala, apatetado, todos os equipamentos e as quatro pessoas o encarando.

Outra mulher perguntou-lhe o nome. Ele não conseguia se lembrar.

Estava muito concentrado na intenção de fugir.

Novamente, ele ouviu a mulher mais velha dizer:

– Você se lembra de seu nome?

E ouviu-se sussurrar:

– Eu não sei.

– Seu nome é Zachary Kashian. Lembra-se?

Zack. Zachary Kashian.

Por cerca de um minuto, em tempo real, ele ficou olhando para o vazio. As imagens da agressão estavam desaparecendo. Ele bebeu mais água, na esperança de lavar por completo a lembrança.

Então, o momento presente voltou para ele.

Sim, Zack Kashian.

A sala iluminada – as pessoas, os computadores, monitores bipando, o soro na veia, tanques de oxigênio, armários, desfibriladores, armários de medicações, estantes. Olhou para aquilo tudo, as imagens que aos poucos

desapareciam da lembrança o haviam deixado esgotado e trêmulo.

– Você estava em estado de quase morte, lembra? – disse Sarah. Sarah

Wyman.

Ele balançou a cabeça, concordando.

Eles o haviam apagado outra vez. Eles o haviam apagado e mandado

para algum lugar terrível que deixara sua mente envenenada e um lado de

seu corpo dolorido.

– Quero ir para casa. – Sua voz era um sussurro irregular.

– Claro, mas nós gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas antes. A

mulher mais velha. Doutora Luria.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Pode me chamar de Elizabeth. Aquela com o garoto morto que ela

queria que ele encontrasse. Perguntas. Ela sempre o bombardeava com

aquelas malditas perguntas.

– Somente porque a experiência ainda pode estar fresca em sua

mente.

Sarah trouxe-lhe um travesseiro, e Zack se deitou sobre ele. Sentia-se

cansado demais para protestar.

A doutora Luria puxou uma cadeira para o lado da maca, enquanto o doutor Cates ligava a câmera de vídeo.

– Zack, você se lembra de alguma coisa que aconteceu enquanto estava apagado? Qualquer coisa? Onde você estava? O que você estava fazendo? Quem estava com você?

– Não.

– Você se lembra de onde você estava? Qualquer noção de lugar?

– Não.

– Ou o que você pode ter feito?

Vá para o inferno, idiota. Ele ainda podia sentir a aspereza daquelas palavras.

Ele balançou a cabeça. Dava para ver, pela expressão no rosto da doutora Luria, que ela não estava satisfeita com as suas respostas.

– Não precisa se apressar, mas procure se lembrar. Eu sei que você ainda está um pouco atordoado. Mas relaxe e busque em sua memória.

Ele fechou os olhos como se estivesse vasculhando os bancos de sua memória. Na verdade, era a última coisa que ele queria fazer – voltar para aquela estrada à noite. Tudo o que queria era que aquilo acabasse para que pudesse sair e nunca mais voltar. Eles estavam destruindo o seu cérebro.

Sarah percebeu que Zack estava em conflito e sugeriu que ele fosse ao banheiro para trocar de roupa e refrescar-se. Ela o ajudou a se levantar da maca, e ele foi para o banheiro com as roupas.

Quando voltou, sentia-se melhor, sua mente estava mais limpa.

Decidiu bancar o bobo para que o deixassem ir. Mas Luria e Morris Stern estavam esperando por ele como abutres gêmeos em um galho de árvore.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Sarah entregou-lhe uma caneca de café.

Luria sentou-se a sua mesa, e Stern, perto dela, ao lado do monitor do computador. Os outros estavam em pé, mais afastados. Zack sentou-se em uma cadeira para enfrentá-los.

– Sente-se melhor? – Luria perguntou.

Ele apenas resmungou.

Ela assentiu com a cabeça e, em seguida, entrou no ,modo interrogatório'.

– Zack, deixe-me voltar atrás e começar de novo. Você se lembra de qualquer senso de localização?

– Não. – Algo passou pelo rosto de Luria, como se ela soubesse que ele estava mentindo.

– Você estava ao ar livre? Em uma praia? Em uma sala? Em uma floresta? Alguma noção do cenário?

Ele balançou a cabeça e sentiu uma pontada no seu lado direito.

– Ok. Qualquer noção da presença de outras pessoas?

– Não. – Ele podia ouvir o vazio de sua própria resposta.

– Não se apresse em suas respostas. Pense, tente relaxar e relembrar a experiência.

Ele olhou para Sarah, cujos olhos estavam ligeiramente arregalados e fixos nele. O mesmo acontecia com os outros. A sala toda parecia estar prendendo a respiração. Ele fez um sinal, indicando os computadores.

– O que eles mostraram?

Stern e Cates olharam para Luria, para que ela respondesse.

– Mostraram um aumento da estimulação sensorial que vem de fora.

– Como da última vez – acrescentou Stern. – A atividade na área límbica foi intensa.

– Eu não me lembro.

A sobrancelha de Luria disparou como uma agulha de polígrafo.

– Você não se lembra. Bem, francamente, acho difícil de acreditar.

Sua química do sangue estava repleta de cortisol e adrenalina. Seu cérebro

estava mobilizado para a luta ou a fuga. Como você pode não se lembrar

de nada?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

O coração de Zack batia tão forte que o seu diafragma pulsava

visivelmente. Aquilo era como um striptease psíquico. Eles sabiam que

estava mentindo.

– Vou perguntar de novo – Luria disse, com seus olhos negros e

intensos. – Você se lembra de alguma coisa da experiência? Qualquer

noção de atividade, de emoções, medo, raiva? Da presença de alguém?

A dor que sentia em um lado de seu corpo continuava a castigá-lo.

Mais uma vez, ele colocou a mão no ponto para conferir.

– Você está bem? – Sarah perguntou.

Ele balançou a cabeça. A pele não fora rompida, nada de contusões.

Mas era como se a bala estivesse alojada lá dentro.

Antes que Luria partisse para cima dele novamente, Morris Stern

limpou a garganta e disse:

– Zack, algumas semanas atrás, nós lhe explicamos como a máquina

pode detectar assinaturas neuroelétricas individuais. Você está lembrado? Bem, seu cérebro contém 100 bilhões de neurônios, por isso, é como ouvir as conversas de cada pessoa no planeta quinze vezes. De todas essas conversas, algoritmos complexos nos ajudam a eliminar aquelas que são comuns a todas as outras pessoas da sua própria e distinta assinatura. Entendeu?

Zack não respondeu, mas Stern continuou como se ele o tivesse feito. Ele virou o monitor do computador para que Zack pudesse ver padrões e cintilações multicoloridas.

– Isto pode não significar coisa alguma para você, mas esta é a atividade axonal elétrica em uma região do lobo parietal. Pouco antes de você acordar, nós gravamos uma súbita mudança de padrões. Precisamos analisar mais dados, mas os resultados preliminares indicam uma anomalia.

Os padrões piscavam e mudavam de cor, mas não significavam nada para Zack.

– Estas manchas brilhantes em todo o seu hipocampo indicam que o córtex visual e os centros sensoriais estavam sendo inundados com informações do exterior. Em suma, você não estava fabricando uma

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

experiência de quase morte, você estava tendo uma.

– Vocês disseram isso na última vez.

– Não eu, porque não estava convencido, mas agora estou. Sua mente deixou o seu cérebro e teve uma experiência própria. Há mais dados para analisarmos, mas já temos o suficiente para a confirmação.

– Confirmação de quê?

Stern endireitou os óculos no nariz e olhou diretamente para ele.

– De que você se fundiu com outra mente.

– O quê?

– Como na última vez. Terminamos aquelas análises e encontramos uma assinatura que não é a sua, que pertence a outra entidade.

Francamente, isso é fenomenal.

– Além disso – disse Elizabeth –, a análise de sangue mostra picos de adrenalina compatíveis com atividade intensa no centro de raiva do seu cérebro. O que você experimentou foi violência, como nas duas últimas vezes.

Parecia que um rato corria pelo intestino de Zack. Eu não engulo isso,

disse para ele mesmo. Fora apenas uma bad trip, um pesadelo em 3D.

Aquela porcaria da tetrodotoxina causava alucinações. Como Stern havia dito outro dia, seu cérebro unira pedaços de memória, desejos do dia, e produzira outro filme de assassino dentro de sua cabeça.

– Se eu conseguir me lembrar de alguma coisa, conto para vocês.

– Você está mentindo – disse Luria. – Você está mentindo descaradamente. Posso ver em seu rosto. Diga a verdade, que diabos! O que você experimentou?

Os outros congelaram no lugar, mas Zack podia ver uma careta de expectativa no rosto de Sarah.

– Eu matei um homem.

– O quê?

– Eu matei um homem. Eu o espanquei até a morte com uma chave de roda, enquanto ele consertava o seu carro.

Sarah parecia horrorizada. O rosto de Luria estava lívido e atônito.

– Você matou um homem?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Ele estava fazendo um conserto debaixo do carro. Esperei até que ele se arrastasse para fora e, em seguida, arrebentei-lhe o crânio. E, da última vez, estrangulei um cara que levantava pesos. E, antes disso, passei por cima de uma mulher com o carro. – Ele se levantou para sair.

– Espere, por favor – implorou Luria. – Conhecia essas pessoas ou sabe por que você as atacou?

– Não. E nem quero. Vocês arruinaram a minha cabeça, enchendo-a de coisas ruins.

– Por favor, não vá ainda – ela implorou.

– Minha senhora, eu posso estar com uma lesão cerebral permanente. Entendeu? Eu estou caindo fora, porra!

– Tudo bem, tudo bem – disse Morris Stern. – Você já aguentou muita coisa.

Sarah concordou. A doutora Luria olhou para os outros e disse:

– Ok. – Ela segurou o braço de Zack. Ele podia sentir um tremor, mas não conseguiu distinguir se era ele ou ela. – Por que você não nos disse antes?

Ele soltou o braço, mas não respondeu.

– Sinto muito. Podemos lhe receitar alguma coisa para ajudá-lo a dormir em paz. Eu prometo. Mas você fez uma descoberta extraordinária. Você...

Ele foi em direção à porta. Sarah correu para alcançá-lo.

– Sinto muito, Zack.

Ele puxou a carteira e colocou o cheque de 10 mil dólares de Luria

em sua mesa e, em seguida, saiu pela porta.

Luria correu atrás dele, implorando para que o aceitasse de volta.

– Por favor, Zack. Tire uma semana de folga para descansar. Mas, por

favor, deixe-nos continuar. Por favor. Estamos quase lá.

Ele não sabia o que ela queria dizer e não se importava.

– Me deixe em paz.

– Mas você fez contato com outra senciência.

– Fiz contato com o inferno e não vou voltar.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

60

Roman passou o vídeo de Warren Gladstone pela terceira vez.

O cara tinha um rosto de desenho animado grande e feliz, e estava

fazendo afirmações sobre o Dia do Júbilo, como se fosse a segunda vinda do Messias. E prosseguia, falando de uma nova forma de vida para o mundo, uma forma de vida que iria unir as pessoas de todas as religiões e as sem fé – um dia em que não haveria mais medo da morte. Nem medo do fogo do inferno.

Um dia de regozijo. Um dia que viverá para sempre e sempre, um mundo sem fim.

O cara parecia bastante convincente, tanto que Roman sentiu-se até um pouquinho inspirado.

Mas havia os dissidentes – blogueiros descascando-o por ,pegar leve com o pecado' e reduzir o evangelho a baboseiras de esquerda e de autoajuda.

Fazer de Deus uma extensão dos desejos da Nova Era banaliza a sua soberania divina e não permite explicar o lugar do bem e do mal em seu plano divino. Ele ensina as pessoas a acreditar que com Deus você pode conseguir o que quiser. Deus ajuda a ganhar na loteria, a conseguir um emprego, a comprar um carro novo. Mas isso banaliza Deus.

O que chamou a atenção de Roman foi o que um comentarista disse sobre as experiências de quase morte:

Alguns afirmam que se encontraram com um ser de luz que era Jesus.

Por mais atraente que isso possa parecer, esse é um falso Jesus que ensina

que a morte é boa, que o pecado não é um problema. Que não há inferno

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

com que nos preocuparmos já que todas as pessoas vão para o céu,

independentemente de a pessoa ter fé em Cristo... que todas as religiões

são igualmente válidas...

A única conclusão é que esse Jesus é o espírito de mentira contra o

qual nos adverte o Evangelho de João. E aqueles que creem são

marionetes do demônio.

Lembrem-se de que Satanás pode aparecer como um anjo de luz e

servo da justiça (II Coríntios 11:14-15). Seu objetivo é imitar Jesus e

afastar as pessoas do verdadeiro Cristo das escrituras.

Cuidado! Tais testemunhos de túneis de luz conduzindo ao além são

obra dos capangas de Satanás...

E no final de vários blogs vinha o nome da mesma organização, da

qual ele nunca tinha ouvido falar: a Fraternidade de Jesus.

Ele desconectou, mas aquelas palavras continuaram martelando em

sua cabeça: marionetes do demônio, capangas de Satanás.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

61

No momento em que Sarah deixou Zack em casa, ele tremia incontrolavelmente. Pouca coisa foi dita durante o trajeto. Ela se desculpou várias vezes, e ele aceitou as desculpas, apenas balançando a cabeça. Mas não era culpa dela.

Tampouco havia ressentimento, raiva ou decepção na mente de Zack. Ele queria dizer algo conciliador, sabendo que ela se sentia culpada. Mas não conseguiu, constrangido pela emoção singular que fazia seu peito latejar, seus ouvidos estalarem e a boca ressecar de medo. Ele murmurou um boa-noite e saltou fora do carro.

E ele sabia por quê.

E, como a força da gravidade, tal consciência puxou-o para fora do carro e o fez subir as escadas até seu apartamento.

Ele tentou protelar, bebendo um copo de leite morno e metendo-se na

cama. Ainda por cima, tateou no escuro procurando o que restava de Lunesta e de Haldol, sentindo como se o seu corpo houvesse se transformado em um órgão cardíaco gigante, pulsando descontroladamente.

Por que você está protelando? Levante-se e acabe logo com isso.

Afastou aquele pensamento e engoliu os comprimidos com o leite.

Então, ele se virou e tentou bloquear a mente.

Impossível.

Tentou se concentrar em coisas absurdas como flutuar no ar, cruzando Boston. Recorreu ao número pi, recitando mentalmente cinquenta casas decimais, duas vezes. Nada. Aquilo ainda estava lá, puxando seu cérebro como uma corda elástica. E ele sentiu que não teria sossego até saber com certeza.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Meu Deus, eu não quero isso, pensou. Eu não quero saber.

Mas seria naquele dia ou no dia seguinte, ou no outro. Ou pode ser também que acabe de uma vez com isso, disse a si mesmo. Pode até estar enganado.

Afastou as cobertas, saiu do quarto arrastando os pés, foi até a sala, onde tropeçou até a mesa e deixou-se cair na cadeira.

Anos antes, quando tirara a carteira de motorista, sua mãe lhe pedira para levá-la ao Mount Auburn Hospital para um procedimento. Ele pressionou e pressionou até que ela revelou que tinha um caroço no seio. Durante dias, ele rezou para que não fosse maligno. Sentado ali no escuro, tudo aquilo voltou.

Não permita que seja verdade, disse ele à escuridão. Então, ligou o laptop.

Tremendo, clicou no Google e digitou o nome. Retornaram umas duas dezenas de resultados. Mas logo no topo da lista apareceu um artigo no jornal Hartford Courant que ele leu como se já soubesse do que se tratava por premonição:

O corpo de Mitchell Gretch, 34 anos, de Cedar Road, Manchester, foi enterrado ontem, no Cedar Hill Cemetery, em Manchester. Espancado até a morte, foi encontrado em uma poça de sangue, quatro dias atrás, em Bolton Road. Aparentemente, foi atacado com uma chave de roda, enquanto consertava um cano de escapamento quebrado em seu automóvel...

Os pelos do corpo de Zack se arrepiaram do tórax ao couro cabeludo.

Treze anos atrás, Gretch foi acusado do assassinato de Jacob Kashian, de Carleton, MA, mas o caso foi indeferido pelo juiz por insuficiência de provas.

Coincidentemente, seu suposto cúmplice no homicídio, William Volker, morreu na semana passada em um acidente em sua casa, em Waltham, Massachusetts. A polícia local descartou a hipótese de

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

assassinato.

A polícia de Manchester acredita que Gretch foi assassinado por um assaltante desconhecido que utilizou a chave de roda do próprio carro

esporte de Gretch, um Mitsubishi 1992.

A polícia ainda não tem um suspeito, mas diz que vai continuar a

investigar as circunstâncias da morte de Gretch...

Como se estivesse no piloto automático, Zack digitou o nome William

Volker no Google. Instantaneamente, uma dúzia de resultados apareceu,

no topo dos quais se encontrava um artigo do The Boston Globe:

‚Estranho acidente de halterofilismo tira a vida de homem em Waltham'.

O cérebro de Zack mal conseguia registrar o que estava lendo. O outro

assassino de Jake. Ele não precisava pesquisar sobre a mulher atropelada.

Ele sabia quem era.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

—
—
—
—
—
—
—
—
—
—
—
—
—
'

a

62

– Volker e Gretch mataram o meu irmão. E a mulher era a prima de Gretch...

uma das testemunhas que afirmaram que não viram nada. – Zack passou para Sarah os obituários que havia imprimido.

– O quê?

Passava um pouco das duas da manhã, e ele ligara para ela pedindo que fosse ao seu apartamento, apavorado com sua descoberta.

– E estas são as mesmas pessoas que você viu em suas EQMs? – disse ela, enquanto lia.

– Sim. Incluíram fotos nos obituários. Eu os reconheci.

– Talvez sejam apenas coincidências bizarras.

– O quê? Os assassinos do meu irmão foram mortos e eu estava lá

todas as vezes? Sarah, eu os vi. Senti suas mortes. Eu estava lá. Meu Deus, ou estou enlouquecendo ou eu os matei. – Ele estava bebendo um copo de leite morno e tinha de segurar o copo com as duas mãos, de tanto que tremia.

Sarah olhou para os obituários.

– Eu não acredito em nenhuma das duas coisas.

– Mas a tetrodotoxina tem efeitos colaterais terríveis – disse ele. – E se eu desmaiei e fui atrás deles? Matei-os e não me lembro de nada?

Enquanto ela lia as folhas impressas, Zack foi até a pia para apoiar-se, olhando para o seu copo de leite e pensando que talvez tivesse perdido a cabeça, que talvez a combinação do traumatismo craniano, do coma e da anestesia zumbi houvesse criado algum dano cerebral estranho, que o havia transformado em um perseguidor insano sedento de vingança. Tivera pesadelos durante toda a sua vida como qualquer outra pessoa. Mas

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

aqueles não haviam sido como os outros: intensos, brutalmente vívidos. E pelos olhos de outra pessoa, disso ele tinha quase certeza.

A voz de Sarah trouxe-o de volta para o momento.

– Mas isto diz que Volker morreu no dia 10 de junho. Foi quando estávamos no Grafton's. Um vizinho diz que ele sempre se exercitava depois do jantar.

– Sim, e saímos do bar por volta das nove. Eu poderia ter ido lá depois de nos separarmos, matado o cara... e bloqueado da minha memória.

– Mas ele vivia em Waltham. Mesmo se você tivesse ido de metrô, levaria mais de uma hora – disse ela. – Você ao menos sabia onde ele morava?

– Sim. – Volker se mudara de Allston para Waltham após a decisão do tribunal. A mãe de Zack não quis saber para onde, mas Zack procurara descobrir. E, antes mesmo de ter tirado sua carteira de motorista, fantasiava que dirigia até a residência de Volker e a bombardeava enquanto ele dormia. Tempos depois, ele, às vezes, ia até lá e seguia Volker ao trabalho, ao supermercado ou a casa de amigos.

– Eu estava com a minha bicicleta, e a casa dele fica só a uns onze quilômetros, acompanhando o rio.

– Você se lembra de ter feito isso?

– Não.

– Não é exatamente algo de que você iria se esquecer – disse ela. – Lembra-se de pedalar de volta para casa?

– Não. Apenas de caminharmos juntos até a sua casa.

Sarah pegou o outro obituário.

– Isto diz que Gretch morreu em Vernon, Connecticut, no sábado, dia

25, oito dias atrás. Você se lembra de onde estava?

– Na biblioteca.

– Você tem como confirmar isso?

– Eu peguei um livro emprestado. – De sua escrivaninha, ele puxou

uma coletânea de ensaios sobre Mary Shelley. O comprovante dentro do

volume forneceu-lhes a data e a hora: mesmo dia da morte de Gretch.

– E a hora?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Quatro e dezoito.

– Aí está. Um motorista encontrou-o em torno de uma da manhã, a

uma centena de quilômetros daqui. Não há como você ter pedalado até lá.

– Só que eu estava com o carro de Damian naquele fim de semana.

O rosto dela enrijeceu.

– Você se lembra de ter ido até lá?

– Não.

– Então, como você pode se lembrar de ter pegado o carro emprestado?

Ele puxou a carteira do bolso e tirou dali um papel.

– O recibo de um posto em Huntington. Coloquei 43 dólares de gasolina às cinco horas daquela tarde. Nenhum recibo de pedágio da MassPike, mas a entrada ficava a um quilômetro e meio a leste pela avenida.

– E você não se lembra de onde você foi?

– Não. – O medo fez Zack tremer como se tivesse uma bola de gelo dentro do peito.

Eles ficaram em silêncio por um longo tempo, enquanto Sarah olhava para ele, provavelmente, temendo por sua própria segurança, ele pensou.

Então, ela disse:

– Mas isso significa que você precisaria ter investigado o cara, onde morava, trabalhava, o que estava fazendo naquela noite. Um monte de incógnitas.

Ele balançou a cabeça, concordando.

– Você se lembra de ter tentado descobrir qualquer uma dessas coisas?

– Não – disse ele. – Mas, às vezes, eu acordo no meio da noite diante

do computador e não me lembro de ter ido até lá.

– Sonambulismo. Você sempre foi sonâmbulo?

– Não até recentemente. – Ele tomou o resto do leite, que não surtira

efeito em acalmá-lo. – Ele trabalhava na Sears da região. Talvez eu tenha

ligado e obtido informações com um colega de trabalho. – Mesmo quando

disse isso, nada dentro dele deu um ,clique', dizendo-lhe que algo assim

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

poderia realmente ter acontecido.

Sarah não disse nada. Parecia assustada.

Ele pegou o obituário de Celia Gretch, a corredora. Fora atropelada

em uma estrada rural em Reading, a 24,5 quilômetros ao norte de Boston,

na tarde de 25 de junho, no mesmo dia em que Volker fora encontrado

morto em sua garagem.

– Damian não teria mencionado danos ao carro dele?

– Não, se ela foi derrubada.

– Mas ela morreu ao ser atropelada.

– Ela morreu ao ser esmagada debaixo das rodas.

Os olhos dela estavam arregalados de medo.

– Então, o que significa tudo isso?

– Isso significa que eu não tenho álibi para três assassinatos que eu vi

eu mesmo cometer.

Sarah retrocedeu até a pia da cozinha, com os braços cruzados sobre o

peito, em atitude defensiva.

– Você está me assustando, Zack.

– Eu estou me assustando.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

63

Roman chegou ao confessionário no começo da manhã. Havia telefonado duas

noites antes pelo celular seguro e insistira para que eles se encontrassem.

O Padre X não ficou satisfeito, mas concordou quando Roman disse que

tinha algo importante a propor.

A igreja estava vazia quando Roman sentou-se dentro da cabine. Às dez em ponto, o Padre X entrou do outro lado.

– Deus esteja com você, meu filho. Você fez um bom trabalho.

– Obrigado.

– Então, o que quer me propor?

– Quero propor-lhe cortarmos esse papo-furado de padre e filho e falarmos a verdade.

– Como disse?

Roman atravessou a treliça com o punho. Agarrou o homem e espremeu o rosto dele contra a janela.

– Você é tão padre quanto eu. Você é Norman Babcock, e eu quero saber que diabos é isso tudo.

O homem deixou escapar um grunhido involuntário, enquanto sua cabeça careca e gorda ficava vermelha como um tomate maduro.

– Não estou em uma missão para a Igreja. Você me contratou para resolver algumas coisinhas pessoais.

– O quê? Isso não é verdade.

– Então diga logo que diabos está acontecendo ou eu vou bater em você até parar de se mexer.

– Por favor, abaixe a voz.

Com a outra mão, Roman sacou sua arma e enfiou o cano com o

silenciador através da janela.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Está melhor assim?

– Meu Deus, não. Por favor.

Roman puxou com mais força a camisa de Babcock.

– Então diga-me por que você quer que essas pessoas morram.

– Ok, ok.

Roman puxou o colarinho branco da camisa de Babcock e o jogou em

cima dele.

– C… como você sabe...?

– Como eu sei que você é Babcock? ‚Capangas de Satanás',

‚marionetes do demônio'. Suas frases de estimação estão por todo o seu

site.

Norman olhou para o silenciador encostado em seu peito.

– O que você quer?

– Quero saber por que eu estou matando essas pessoas. E não me

venha com essa história para boi dormir de missão para a Igreja. – Roman

teria gostado de estrangular aquele filho da mãe gordo até a morte por pura raiva: raiva por ter sido usado por Babcock, raiva de si mesmo por quase ter sido enganado. Por querer acreditar que estava em uma missão genuína para eliminar os inimigos da cristandade e, ao fazê-lo, abrir caminho para o céu.

– Você está em uma missão para a Igreja. Para o Senhor Jesus Cristo.

– Eles são um grupo de malditos médicos e nerds de computador.

Babcock hesitou, provavelmente se perguntando quanto Roman sabia.

Ele havia sido contratado para matar, e não para questionar o motivo.

– Sim, e o que eles estão fazendo é ruim.

– Eles estão pesquisando experiências de quase morte.

– Então você descobriu. Mas você sabe o que eles estão tentando fazer?

– Eu li o seu site.

– Eles estão cometendo uma blasfêmia. Estão violando a ordem de Deus para não praticar a adivinhação. E é isso que a pesquisa deles é: violação da Palavra de Deus.

O site de Babcock na Web era um discurso sem fim contra as

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

experiências de quase morte – ‚a Grande Mentira Cósmica', outra de suas frases favoritas.

– Então, algumas pessoas dizem que veem entes queridos falecidos. Qual é o problema disso?

– Qual é o problema disso? As cobaias são inocentes. Os que conduzem os testes é que estão violando a proibição de Deus, levando as pessoas a acreditar que estão encontrando seres de luz, vislumbrando o céu. Mas isso são enganações, maquinações de Satanás...

Roman bufou.

– Tá, tá. Eu li tudo isso.

– Então você também sabe que detê-los é uma missão sagrada para o Senhor e para a Igreja.

No fundo de seu coração, Roman queria acreditar nele.

– Mas essa missão não é sancionada pela Igreja. É coisa sua e de seus Amigos de Jesus.

– Não. A Fraternidade de Jesus é dedicada à crença de que todos os membros da Igreja são chamados à santidade; uma vida de dedicação à obra de Deus. E lutar contra os inimigos de Deus é a maior das missões e

uma aspiração à santidade.

Roman riu.

– Então, se eu continuar a fazer o que estou fazendo, vão fazer de

mim um santo?

– Eu não disse isso. Seu trabalho em defesa da Igreja é uma missão

abençoada. A história vai decidir se o seu sucesso é digno de santidade.

Mas isso não é um acerto de contas pessoal.

Nada nos modos de Babcock sugeria que ele não acreditava em suas

próprias palavras. E ele havia gastado 45 mil dólares no que dizia acreditar.

Roman puxou a pistola para fora da janela arrombada entre eles.

– Qual é a sua bronca com Warren Gladstone? E não banque o idiota

comigo. Seus ataques violentos contra ele estão em toda a Internet.

– Acho que ele está por trás do projeto EQM.

– Quer dizer que ele está bancando tudo?

– Sim. E jogando seu peso moral por trás disso. Ele é um ministro

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

evangélico desgraçado que está tentando voltar para o centro das atenções.

– Por que não eliminá-lo, então?

– Ele não é importante, a menos que tenha a sua assim chamada prova. A melhor estratégia é expô-lo: ‚o rei está nu!' Além disso, se o eliminássemos, correríamos o risco de fazer dele um mártir, o que seria contraproducente.

– Tudo bem – disse Roman. – Então, por que aquele garoto milagroso é tão importante?

– Que garoto?

– Zachary Kashian.

Babcock não se esforçou para disfarçar a expressão do seu rosto ou fingir ignorância.

– O que eles estão fazendo é convertê-lo em um joguete de Satanás, para exibi-lo perante o mundo como prova de que encontraram vida após a morte. É a grande ilusão deles: a Ciência descobre Deus.

– Será que o garoto sabe o que está fazendo?

– Não, mas eles o estão condicionando a canalizar o diabo.

– Mas ele citou Jesus quando estava em coma.

– Aquilo não era Jesus. Era Satanás. É assim que funciona. Esse é o seu modus operandi: mentir – sussurrou Babcock, com o rosto todo vermelho. – Esse jovem tornou-se porta-voz de Satanás, seu canal, e ele nem ao menos sabe disso. Pelo menos, ainda não.

– O que quer dizer com ,ainda não'?

– Quando ele começar a agir por conta própria, vai cumprir sua

missão.

– Que missão?

– Trazer para a terra o Anticristo.

– Você deve estar brincando.

Babcock meteu o rosto no buraco irregular aberto pelo punho de

Roman. Sua face era redonda, carnuda e ardente.

– Eu tenho cara de quem está brincando, senhor Pace? Ele é a arma

secreta deles.

– Como você sabe de tudo isso?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Temos os nossos contatos.

A despeito de si mesmo, uma faísca elétrica no peito de Roman

originou-se em algo próximo à convicção. Talvez fosse uma ilusão, mas

Roman começou a se contentar com aquele estranho consolo.

– Vocês vão querer que eu vá atrás dele?

– Ainda não. Eles podem se autodestruir antes de se chegar a isso.

– Como assim?

– Só os mais próximos do projeto sabem quem está sendo eliminado.

Ou eles entendem a mensagem e param ou vão em frente. De qualquer maneira, falharão. E será um caminho sem volta.

Como Roman não entendeu o que ele quis dizer, ele permaneceu em silêncio.

– Mas você terá notícias nossas no devido tempo.

– Enquanto isso...?

– Enquanto isso, não faça nada além de orar por sua alma.

Roman guardou a arma no coldre de ombro e puxou sua jaqueta para a frente. Fez um sinal de aquiescência para Babcock e deixou a cabine. A igreja ainda estava vazia.

Em vez de sair, parou no final da nave e olhou para dentro da igreja.

Como o dia estava parcialmente nublado, os vitrais coloridos filtravam a luz de modo disperso, salpicando o chão de vermelho, verde, azul e dourado.

Ergueu os olhos do chão de pedra e seguiu a direção induzida pela arquitetura: o círculo de luz colorida sobre o altar e dali para o alto, o teto abobadado. As pessoas que projetavam aquelas igrejas sabiam o que estavam fazendo, Roman pensou. Os olhos eram atraídos do chão de pedra

– da fria e mortal terra – para o céu.

Roman admirou as cores e a arte, mas não sentia a presença de Deus.

Nem estava certo de como seria isso. Mas, estando lá, podia sentir algo

superior a si mesmo. E isso o fez sentir-se bem. Como também o fizera

sentir-se bem a reafirmação de que estava em uma missão. Sabia que não

estava nele se tornar um paroquiano assíduo. Não gostava de multidões.

Não gostava de pessoas. Era divorciado, sem filhos e tinha poucos amigos.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Assim, não podia se imaginar sentado em bancos lotados com alguém no

púlpito falando em latim. Aquilo nada tinha a ver com ele. Seu

relacionamento com Deus era estritamente particular.

Molhou os dedos na água benta e benzeu-se.

Obrigado.

Então, saiu da igreja, para a incerta luz do sol, remoendo dois

pensamentos em seu cérebro.

Primeiro, que o reverendo Warren Gladstone era um financiador.

Segundo, que um simples garoto de faculdade podia estar atiçando o

céu contra o inferno.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

64

Eram quase três da manhã, e Zack e Sarah ainda estavam sentados no apartamento dele, os obituários empilhados em cima da mesa da cozinha entre os dois.

– Há outra possibilidade – disse ele.

– Qual?

– Que eu tenha atravessado e me ligado a algo mau do outro lado.

– Mau? Sobrenatural?

Ele balançou a cabeça, confirmando.

– Sarah, minha mente parece que foi violada, como se eu estivesse fisicamente ligado a um assassino psicopata.

– Mas isso é impossível.

– É? Vocês todos disseram que experimentei transcendência, não foi?

– Sim, clinicamente. Mas...

– E o meu sangue mostrou picos de raiva?

– Bem, a adrenalina...

– E que eu me fundi com outra mente?

– Possivelmente.

– E se a outra mente for o meu pai morto?

– O quê?

– Eu sei que parece loucura – disse ele. – Mas e se eu tiver

atravessado e liberado o espírito dele, sedento de vingança, e ele tiver ido

atrás daqueles filhos da mãe? E, de alguma forma, nossas mentes podem

ter se unido. Venho sentindo a presença dele desde o primeiro dia no

laboratório.

– Você quer dizer que o fantasma dele pode ter voltado e matado

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

aquelas pessoas?

– Tem uma explicação melhor?

– Não. Mas eu não acredito em fantasmas.

– Nem eu acreditava, mas, agora, estou com medo deles.

– Zack, mesmo que os fantasmas existam, eu duvido que eles possam dominar um levantador de peso ou dirigir um carro.

– Se não fui eu mesmo quem fez isso, então, que diabos eu estou sintonizando?

– Eu não sei, mas não acredito que você tenha matado alguém.

– Isso é um alívio. – Ela não quis nada, mas Zack foi até a geladeira pegar mais um copo de leite. Leite, pensou, enquanto olhava para o vidro. Tão inocente e comum. Não fazia muito tempo, sua própria vida também era inocente e comum. – Então, se não era eu, caramba, como foi que eu vi esses assassinatos?

– Eu não sei. Nem ao menos posso explicar a transcendência, e todas as medições dizem que sua mente deixou seu cérebro. Mas não consigo explicar como.

Zack tomou um gole de leite.

– Eu me sinto como aquele menino de O sexto sentido. Ele via gente morta. Eu vejo gente morrer. Seria engraçado se não fosse tão trágico e real.

Ela pensou por um instante, depois olhou para ele.

– Talvez você tenha tido de fato uma experiência paranormal. De verdade.

– Isso funciona em livros e filmes, mas como você explicaria a telepatia ou a projeção astral ou seja lá que diabos for em termos racionais?

– Isso é algo em que eu estive pensando desde que comecei. Mas se você captou a senciência de outra pessoa, teria de ser por meio de um dos quatro campos de força conhecidos: nuclear, atômico, gravitacional ou eletromagnético. Os dois primeiros não contam, o alcance deles é muito pequeno. E até onde nós sabemos a gravidade não transporta informações. Só nos restam, então, as ondas eletromagnéticas.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Como as ondas de luz e de rádio.

– Sim, mas, para captar os pensamentos de alguém a oito quilômetros de distância, você precisaria de uma fonte de energia que cozinharia o seu cérebro. E Gretch estava em Connecticut.

– Então, como você explica isso?

– Eu não posso, mas Elizabeth diria que você experimentou o sobrenatural.

– Mas o que você acha?

Ela balançou a cabeça negativamente.

– Eu ainda sou uma cética. Ou se trata de um meio desconhecido, algo que nunca vimos antes, ou estamos falhando em alguma coisa no diagnóstico. Não fique animado, mas só conseguiríamos saber com certeza realizando mais sessões.

– Bem, isso não vai acontecer.

– Não posso culpá-lo por isso.

– Mas e se ela estiver certa? E se houver outro nível de consciência do qual os místicos sempre falaram? Algum tipo de lago mental do qual bebi... – Ele terminou o leite e caminhou até a pia. – Minha cabeça parece assombrada. E tem sido assim desde que comecei esses malditos testes.

– Você já teve... hum... experiências psíquicas antes?

Ele podia perceber o tom de cautela na voz dela.

– Uma vez. – E Zack contou a ela sobre a noite no Foxwoods Resort Casino.

– Por que você nunca me contou isso?

– Porque pensei que não fosse nada mais do que uma coincidência estranha.

– Eu não sei. Talvez você tenha feito uma conexão anormal ou algo assim. Isso é algo que você deveria ter dito a Elizabeth e Morris.

– Elizabeth e Morris já causaram bastante dano. – Ele foi até a mesa, apanhou alguns papéis e entregou-os a ela. – Três moradores de rua foram encontrados mortos com tetrodotoxina na corrente sanguínea, ao longo dos últimos dois anos. – Ele se serviu de outro copo de leite e aqueceu-o no micro-ondas, enquanto ela lia os artigos. – Todos eles tiveram mortes

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

bizarras. Um cara foi morto misericordiosamente com um taco de beisebol. Outro atirou-se debaixo de um caminhão. Uma mulher martelou uma chave de fenda em seu cérebro através do ouvido.

– O quê?

– De acordo com amigos, todos eles se queixavam de dores de cabeça e de ter visões ruins. Um rapaz afirmou que estava possuído por demônios. Outro disse que insetos estavam comendo o seu cérebro. Seja como for, foram torturados até a morte por causa de suas sessões.

Sarah continuou a ler.

– O elemento de ligação é que todos tinham tetrodotoxina no corpo.

Nada que a polícia já tivesse visto.

– Porque é uma droga experimental.

– Aí é que está.

O rosto dela se anuviou.

– Todos os nossos medicamentos estão guardados a sete chaves, e nunca tivemos um arrombamento. Ao menos, não desde que estou lá.

– Acho que eles eram os voluntários dos testes antes de você chegar.

– De jeito nenhum. Se os voluntários tivessem se queixado de algum efeito colateral, eles teriam parado os testes. Além disso, os voluntários vinham de faculdades locais, não de abrigos.

– Mas você só está lá há alguns meses.

– E daí?

Ele virou um dos artigos para ela.

– O cara que se jogou debaixo de um caminhão tinha um amigo que disse que ele começou a se queixar do ruído de besouros e de uma terrível dor de cabeça depois que um cientista se ofereceu para pagar por testes do sono.

Sarah leu o que ele apontou.

– Isso não quer dizer que tenha sido nós.

– Quantos laboratórios você acha que existem fazendo testes do sono usando tetrodotoxina?

Ela olhou para o papel.

– Não acredito nisso.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Diga-me uma coisa. Desde que você começou, quantos voluntários

você apagou?

– Não sei, talvez quinze de cada cem entrevistados.

– Você sabe quantos foram desde que começaram?

– Nunca verifiquei os registros.

– Você deveria, porque acho que vai encontrar um monte de

estrangeiros ilegais e nomes falsos.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Sarah saiu, dizendo que a primeira coisa que iria fazer pela manhã seria ir até

o laboratório para verificar os registros.

Enquanto isso, Zack tomou dois comprimidos para dormir e apagou a luz, esperando forçar a mente a parar de especular sobre as hediondas opções. Como Sarah, ele não acreditava em fantasmas. E se recusava a aceitar a insanidade ou a possibilidade de que houvesse assassinado três pessoas e reprimido os atos da memória consciente. Tirando isso, restava, então, ter cruzado com alguma percepção psíquica – alguma senciência alheia à sua que havia deixado em sua mente a sensação de ter sido contaminada.

Após vários minutos, deslizou para um crepúsculo sonolento, sentindo-se desvanecendo em um vazio sem sonhos. Não sabia se, no início, estava imaginando, mas pensou ter ouvido alguma coisa do lado de fora do quarto.

Seu primeiro pensamento foi Sarah. Talvez ela houvesse esquecido alguma coisa. Ou, talvez, o carro dela não estivesse pegando. Ele chamou o nome dela. Nada. Então, ao estender a mão para acender a luz, um flashbrilhante passou em seus olhos e uma mão comprimiu firmemente uma toalha branca contra o seu rosto.

Enquanto se debatia contra a pressão, vapores químicos agressivos encheram a sua cabeça. Clorofórmio. Reconheceu o odor. Ele também reconheceu o homem careca que pressionava o corpo contra o dele, com a toalha sufocando seu rosto.

Mas, antes que pudesse associar a imagem à pessoa, sua mente mergulhou na escuridão.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Ele está acordando. – Uma voz masculina.

Zack apertou os olhos contra a luz brilhante. O céu, pensou ele. Céu branco brilhante.

Mas, então, o painel texturizado e translúcido que recobria as luzes fluorescentes no teto do laboratório tomou forma. Ele tentou se mover, mas suas mãos e seus pés estavam presos, e ele tinha eletrodos no peito e um escalpe no braço.

Ao lado de Elizabeth Luria, em roupas normais, sem o jaleco, havia dois homens. Um tinha a cabeça calva e arredondada e um rosto gordo rosado. Um cara que ele já tinha visto. O outro era magro, de óculos e

cabelo escuro.

– Sinto muito, Zack – disse ela. Estava parada do outro lado da maca.

Ele tentou dizer algo, mas ela comprimiu o êmbolo, e ele apagou.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.



a

TERCEIRA PARTE

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

—
—
—
—
—
—

a

– Você sabia sobre essas mortes. Você estava lá.

Morris Stern estava em sua mesa, em seu escritório, na escola de medicina da Tufts University, debruçado sobre uma xícara de café que estivera bebendo antes de Sarah ter entrado sem avisar. Mas, se não fossem pelos espasmos de seu olho esquerdo, ele aparentaria indiferença ao olhar para as fotocópias dos artigos sobre os moradores de rua encontrados mortos.

– Eles podem ter sido voluntários em qualquer um dentre inúmeros outros laboratórios.

– De qual deles? Do Centro de Pesquisa Zumbi?

– Isso não é particularmente engraçado.

– Nem a sua obstrução, Morris.

A agressividade de suas palavras surpreendeu até ela própria. Morris havia sido seu professor favorito e orientador de sua tese. Além disso, ela o respeitava como uma figura paterna, alguém em quem ela podia confiar. Quando a mãe dela morreu, dois anos antes, foi Morris quem a amparou, quem a ajudou a tomar as providências para o funeral.

– Fiquei lisonjeada quando você me convidou para fazer parte da equipe. Senti-me privilegiada em estar trabalhando em um grande projeto de vanguarda. Mas você usou essas pessoas, Morris. Você fez sessões com

elas e as deixou em algum banco de parque. Sem acompanhamento. Sem a verificação de efeitos colaterais ruins. Você usou-as como ratos de laboratório.

– Essas pessoas eram moradores de rua – disse ele, espetando o dedo sobre o artigo e espremendo os olhos para ela, num simulacro de

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

indignação. – Você sabe tão bem quanto eu que todos os nossos voluntários são estudantes universitários, monitorados de perto durante e depois.

– Agora, eles são. Antes, eram pessoas que você comprava nas ruas. Gente de quem ninguém sentiria falta.

Ele não conseguiu sustentar o olhar e baixou a vista para os recortes.

– Eles poderiam ter obtido a droga em qualquer lugar, em outro laboratório, no mercado negro, o que quer que seja. Então, não venha me acusar de práticas antiéticas antes de ter certeza de que diabos você está falando.

– Aqui diz que cientistas lhes pagaram para participar de testes de

sono. Foi o mesmo chamariz que você espalhou em quadros de avisos de estudantes por toda a cidade. E eu verifiquei junto a agências de saúde do Estado: há anos que nenhuma outra instituição de pesquisa usa tetrodotoxina. Apenas o projeto Proteu.

– Já ouvi o suficiente de você. – Ele se levantou. – Esta conversa acabou.

– Você nem ao menos se importa, não é? Dois cometeram suicídio, outro implorou ao amigo que lhe arrebentasse a cabeça. E quem sabe quantos mais? Foram atormentados com visões horríveis, e vocês nem se importaram.

– Sarah, isto se transformou em um interrogatório, e isso me magoa.

– Você prefere a polícia?

Seu olho esquerdo estremeceu.

– É uma ameaça?

– O que vocês fizeram é crime.

– Você não tem prova alguma e nenhum direito de me acusar. Agora, dê o fora daqui.

Sarah mal podia acreditar que aquele era o mesmo homem que ela um dia idolatrara: um homem de ideais nobres, um homem que aparentemente dedicara sua ciência para melhorar a qualidade de vida das pessoas, que prestara o juramento de Hipócrates. De repente, ele era um

covarde, um velho patético negando ser um assassino. Antes de partir, ela

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

tirou uma grossa pasta de sua bolsa e largou-a diante dele.

– O que é isso?

– Um de seus segredinhos.

Ele não tocou na pasta.

– Eu lhe disse para sair daqui.

Sarah abriu a pasta e revelou imagens neuroelétricas que ela baixara

dos arquivos do laboratório.

– Parecem familiares? – ela perguntou.

Ele olhou para as imagens e o nome em negrito na etiqueta.

– Você o usou, também – disse ela. – Então, girou nos calcanhares,

em direção à porta. – Talvez você esteja certo, afinal. Não existe Deus,

apenas homens.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

67

George Megrichian adorava pescar na praia. Fizera isso a maior parte de seus

56 anos.

Já havia pescado por toda parte, mas aquele era o seu local preferido, porque não tinha ninguém por perto e pelo volume de areia. Na verdade, aquela era a única praia na Baía de Massachusetts que vinha crescendo em volume, porque Lower Cape estava erodindo e toda a sua areia estava indo parar naquele local. Vinte anos antes, a praia era segmentada a cada cem metros por molhes de pedra tão elevados que, na maré alta, as crianças mergulhavam de suas extremidades em águas profundas. Agora, nem um só granito era visível no trecho de oito quilômetros. Por duas décadas, milhões de toneladas de areia haviam sido arrastadas para a costa, aterrando o quebra-mar e aumentando a faixa de areia cerca de quatrocentos metros. Ele costumava brincar dizendo que, se vivesse mais mil anos, seria capaz de ir andando por ali até Portugal.

Como aquela era uma praia particular, nunca se encontrava mais de

vinte pessoas na faixa de areia, mesmo que fosse a semana do feriado de Quatro de Julho. Claro que, mais de um quilômetro e meio para o leste, ficava Scusset Beach, que era pública e lotava nos fins de semana de verão. Mas ali não. E não importava o lado para que se olhasse, não se avistava vivalma.

A maré estava cheia e o sol tinha acabado de romper o banco de nuvens que pairavam no horizonte.

Ele lançou sua linha na água e enfiou o cabo da vara no suporte enterrado na areia. Então, sentou-se em sua cadeira dobrável com uma caneca de café e estendeu as pernas nuas para os raios do sol da manhã.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Em alto mar, veleiros cruzavam o horizonte, com as suas bujarronas infladas contra o vento e brilhando contra o azul-celeste. Não podia ser melhor, George pensou. O céu deve ser assim.

De repente, com o canto do olho, ele viu passar alguma coisa. Olhou para a direita. Fora um pouquinho acima da linha deixada pela tempestade, onde havia um acúmulo contínuo de algas empurradas

durante os temporais de inverno, agora negras, ressecadas pelo sol.

A primeira coisa que pensou foi que a luz do sol nascente havia lhe pregado uma peça. Mas a superfície da areia parecia estar em movimento. Caranguejos. Só que os caranguejos não vivem na areia alta e seca, apenas na área molhada.

Quando ele endireitou o corpo para ver melhor, uma mão ergueu-se da areia.

– Santo Deus! – George exclamou. Levantou-se de qualquer jeito da cadeira, derrubando a caneca de café. Logo depois, uma segunda mão abriu caminho para fora da areia. Então, apareceram braços. De repente, a metade superior de um homem levantou-se da areia, esfregando o rosto e cuspindo os grãos.

Por alguns segundos, George estava muito congelado pelo horror para se mexer – atordoado demais com o que os seus olhos estavam registrando. O homem rolou para o lado, para liberar as pernas e, em seguida, pôs-se de quatro, cuspindo areia e engolindo ar. Estava vestindo shorts, mas nada de camisa ou sapatos. George observava a cena boquiaberto.

O buraco tinha cerca de sessenta centímetros de profundidade, muito profundo para que a areia o houvesse coberto naturalmente, como se tivesse bebido demais na noite anterior e deitado por ali mesmo. Ele havia sido enterrado.

O cara se esforçou para se colocar em pé, cambaleando e babando,

parecendo um daqueles zumbis de filmes. A certa altura, apertou o lado do

corpo com a mão e gemeu, enquanto quase se dobrou de dor. Então, olhou

para a mão, como se estivesse procurando o sangue.

Nesse momento, antes que George percebesse, o cara começou a

caminhar vacilante em sua direção. George gritou e agarrou a vara para se

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

defender, segurando-a como se fosse um bastão de beisebol. Mas o cara

passou por ele se arrastando, esfregando o rosto e as mãos, movendo-se

estranhamente inclinado, como se tivesse pontadas de dor em seu lado

esquerdo.

Ia em direção à escadaria de madeira que levava ao topo das falésias

Manomet. Não disse nada, não olhou para trás, apenas subiu os degraus

um a um até o alto e depois desapareceu, deixando George se perguntando

como ele iria explicar aquilo para sua esposa.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

– Foram premonições – disse Zack. – Eu ficava vendo a mim mesmo sendo enterrado vivo.

Sarah olhou para ele.

– Mas como você poderia ver alguma coisa no futuro? Isso é impossível.

– Eu não sei como. Não entendo nada disso, só que aqueles filhos da mãe me deixaram em estado de quase morte e depois me largaram em um buraco naquela praia.

Era quase meio-dia, e ele havia cambaleado até o complexo de condomínios e campos de golfe White Cliffs. Com suas cuecas samba-canção estampadas, parecia que ele havia acabado de chegar de um banho de sol. No topo, ele encontrou um jardineiro e perguntou se ele poderia lhe emprestar o celular. Duas horas depois, Sarah o pegou na Rota 3A. Seu cérebro ainda estava confuso e lento, e um lado de seu corpo

doía, embora não houvesse nenhum ferimento ou hematoma.

– E quanto a Stern?

– Ele negou tudo. Apenas ficou parado lá e mentiu na cara dura.

Ainda não consigo acreditar.

– Porque é a verdade e ele está se borrando de medo.

– Mas ele não estava no laboratório na noite passada, estava?

– Eu não o vi. Apenas Luria e os capangas de Gladstone. Mas ele

poderia estar sabendo que eles iam atrás de mim. Sem dúvida, telefonou

para Luria e contou sobre a sua visita, o que significa que, provavelmente,

ela está no laboratório apagando as provas.

– Ou em seu escritório na escola – disse Sarah. – Temos de ir à

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

polícia.

– É a nossa palavra contra a deles – disse ele, pensando em como ele

queria pegar Elizabeth Luria sozinho.

– Talvez não... – disse ela.

Sarah contou-lhe que, depois de ter deixado o escritório de Morris

Stern, havia ligado para vários hospitais locais para obter informações sobre quaisquer pacientes cujos exames de sangue houvessem mostrado sinais de tetrodotoxina. Ela inventou uma história de que parte do estoque da substância fora roubada do laboratório após um arrombamento e que ela estava trabalhando com autoridades do Conselho Estadual de Medicina para ajudar a localizar vítimas. Claire Driscoll, uma velha amiga da escola de enfermagem, que trabalhava no Jordan Hospital, ligara para ela de volta, dizendo que uma colega enfermeira poderia ter algumas informações relativas a isso. Sarah, em seguida, telefonou para a mulher, que disse que estaria à disposição para conversar naquele dia mesmo, em qualquer horário. Seu nome era Karen Wells.

– Acho que talvez tenhamos algo para mostrar à polícia. Mas, primeiro, temos de pegar umas roupas para você.

Dirigiram até o Independence Mall, em Plymouth, onde Sarah correu para a Sears e comprou para Zack uma calça jeans, uma camisa e sapatos. E também bolos, suco e café. Ele comeu e se vestiu no carro. Sua cabeça ainda estava zonza, e ele se sentia lento e pesado. Estava ansioso para registrar um boletim de ocorrência contra Elizabeth Luria, mas concordou em ir com Sarah, que estava convencida de que isso poderia ser mais uma evidência para formar um caso. E o Jordan Hospital ficava no caminho.

Eles encontraram a enfermeira Wells no balcão da sala de

emergência. Era uma mulher de aparência agradável, em torno dos 50

anos, com olhos azuis vivos e inteligentes, segura e proativa. Sarah se

apresentou e a Zack e reiterou o que dissera ao telefone.

A enfermeira Wells tinha uma pasta do desconhecido em questão.

– Devo dizer que foi um fato inédito – disse ela. – Trabalho aqui há

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

quase vinte anos, e nunca tivemos uma morte diagnosticada

erroneamente. Tínhamos toda uma equipe de triagem em cima dele e,

mesmo assim, o cara foi declarado morto.

– Então, você está dizendo que ele foi de fato diagnosticado

erroneamente como morto – disse Zack.

– Ou isso ou o cara era um zumbi.

– Então, como foi que ele apareceu aqui?

Ela checou a pasta.

– Uma ambulância o trouxe por volta das três da manhã.

– Quando aconteceu isso?

– Em 9 de maio de 2008. Eles atenderam a uma chamada feita para o

911. Acho que algumas pessoas que voltavam de uma festa o encontraram debaixo de uns arbustos.

– Onde foi isso?

– Plymouth County, ao sul de White Cliffs, em Manomet.

– Manomet. Isso é perto de Sagamore Beach.

– Sim.

– Qual era a condição dele quando o trouxeram? – Sarah perguntou.

– Morto. Sem batimento cardíaco, sem pulso, temperatura 27,7 graus. Mas os paramédicos disseram que ele tinha pulso quando o encontraram. Nós tentamos reanimá-lo com massagem cardiorrespiratória e desfibrilador, mas não funcionou. Em seguida, injetamos nele drogas de ressuscitação, mas isso também não adiantou. Então, nós o declaramos oficialmente morto.

– Como você explica o fato de ele se levantar e sair do hospital por conta própria?

– Sei lá... De uma coisa, eu tenho certeza: não falhamos em nosso diagnóstico. Tínhamos todos os monitores ligados e seu eletrocardiograma deu linha reta.

– Seria possível assistirmos ao vídeo de segurança? – perguntou Zack.

– Na verdade, já o deixei separado – disse ela. – Porque, como não conseguimos identificá-lo, não há violação da confidencialidade do

paciente. Além disso, o vídeo é muito granulado e não se distingue o rosto

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

dele.

Ela os levou a um pequeno escritório com equipamentos de vídeo e

fechou a porta.

– Como eu disse, é totalmente assustador – continuou Karen. – O

cara estava morto ao chegar. – De uma caixa de plástico, ela retirou um

DVD e inseriu-o no computador. Fez alguns ajustes e, em seguida,

afastou-se para que Zack e Sarah pudessem ver o monitor.

Na tela, uma enfermeira com uma prancheta caminhava por um

corredor silencioso. Karen avançou rapidamente até o ponto em que os

paramédicos irromperam por uma porta empurrando a maca com um

homem até uma das baias.

– Ok, eu vou pular algumas horas – disse Karen.

O mesmo ângulo de visão, a partir do teto, mostrando todo o corredor

ao longo dos cubículos do paciente. Nenhum movimento, a não ser por

um faxineiro empurrando um carrinho. Após alguns segundos, um homem

emerge de um dos cubículos. Seu rosto é mostrado obliquamente pela câmera, e ele está nu da cintura para cima. Há eletrodos redondos colados aos seus ombros e ao seu peito. Ele se move sem firmeza com os pés descalços pelo corredor e desaparece pela saída.

– Eu realmente não posso explicar, mas aí está – disse Karen.

– Vocês pediram um exame toxicológico?

– Sim, mas, como ele foi mal diagnosticado, não houve a preocupação de se fazer um acompanhamento. – Ela puxou um bloco do bolso. – O que descobriram foi que ele não tinha álcool nem drogas-padrão no organismo, mas apresentou traços de quetamina e de tetrodotoxina, a droga sobre a qual você perguntou.

Sarah lançou um olhar para Zack, que ainda estava olhando para o monitor.

– A quetamina nós usamos o tempo todo. É um sedativo para pacientes submetidos à cirurgia. Reduz o trauma e os ajuda a esquecer da penosa experiência. Mas, francamente, não estou familiarizada com tetrodotoxina, pelo menos não até você ligar.

– É a chamada droga zumbi – disse Sarah. – O que os sacerdotes de

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

vodu no Haiti usam para simular a morte das pessoas e, em seguida,

reavivá-las horas depois.

– O que pode explicar o fato de não termos conseguido registrar o

pulso e o batimento cardíaco.

– A dose certa baixa a temperatura do corpo e reduz o pulso, a

frequência cardíaca e a pressão arterial a um mínimo, provavelmente

abaixo do que as máquinas conseguem detectar.

– Ao que parece, foi o que aconteceu, pois ele saiu daqui tropeçando,

como se estivesse se movendo graças apenas a impulsos do tronco cerebral

– disse Karen. – Então, onde diabos ele conseguiu toxina de baiacu?

Certamente, não é coisa que se estoque por aí.

– Porque não tem nenhum benefício medicinal. É uma substância

empregada estritamente em pesquisa.

– Então, você acha que ele invadiu o seu laboratório?

– Possivelmente.

– Você poderia exibir o vídeo novamente? – Os olhos de Zack ainda

estavam fixos no monitor.

– Claro – disse Karen, reiniciando o vídeo.

Quando chegou ao ponto onde o homem surgia saindo da baia, Zack apertou o botão de pausa.

O vídeo congelou em um quadro que mostrava o homem de perfil, enquanto descia o corredor vazio em direção à saída. A imagem estava granulada, pouco nítida.

– E vocês nunca conseguiram identificá-lo?

– Ele não tinha documentos. Apenas a calça e a camiseta. Sem carteira, sem identificação. Sem sapatos ou meias. Seus pés estavam sangrando. Ele também estava coberto com picadas de insetos e areia.

– Areia? – disse Zack.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

69

O primeiro impulso de Roman foi seguir a mulher que saía do prédio do Centro de Pesquisa de Neurociência. Ela era bonita e bem feita de corpo, e seria divertido ficar olhando o seu traseiro. Só que ele sabia quem ela

era: Sarah Wyman, assistente de pesquisa que fazia pós-doutorado na Tufts. E que também trabalhava meio período em um laboratório que, de acordo com Norman Babcock, conduzia o projeto de EQM em uma residência pastoral adaptada, no terreno da igreja de Gladstone, em Medfield.

Era o velho no escritório do segundo andar que o interessava. O nome na porta dizia: ‚Dr. Morris J. Stern'. Não sabia a natureza do relacionamento dos dois, mas, a julgar pela forma como ela saiu, parecia que haviam tido uma briga.

Seja como for, Roman tinha tempo livre, e ficar de olho em Stern lhe pareceu uma boa ideia. Então, voltou para o saguão, onde se escondeu atrás de um livro sobre experiências de quase morte. Nunca experimentara uma, mas queria saber se havia algo de verdade naquilo. O que ele leu lhe pareceu muito bobo: pessoas flutuando, olhando para baixo e vendo seus corpos quase mortos, sentindo-se plenas de amor e felicidade. Todos os testemunhos pareciam iguais e muito sinceros. Quase todos afirmavam que a morte não havia sido horrível, mas, sim, maravilhosa, usando expressões e termos como ‚intensamente feliz', ‚doce', ‚suave', ‚sensorial', ‚tranquila' – como se fosse algo tão bom que não quisessem voltar à vida.

Mas Roman estava confuso. Embora houvesse aceitado a grana de

Babcock com prazer, não conseguia entender a indignação dele. Quase

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

todos os relatos eram sobre encontros gloriosos com seres de luz,

comunicação mente a mente com ,uma presença amorosa onisciente', que

alguns chamavam Deus e outros, Jesus. E todos afirmavam que as

experiências transformaram suas vidas para melhor: tornaram-se mais

espiritualizados, amorosos, bondosos, mais sintonizados com o universo.

Alguns agnósticos e ateus até viraram crentes depois das suas EQMs.

Então, onde estava a blasfêmia? Onde estava o velho Satã em tudo

aquilo?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

70

Eles não podiam ir à polícia sem antes reunir evidências ligando as vítimas dos testes ao laboratório. Também precisavam de uma prova de que Sarah havia se juntado ao projeto Proteu após pararem de usar moradores de rua como cobaias. Mas isso levaria mais tempo do que eles dispunham. Então, Zack sugeriu à Sarah que fossem para o apartamento dele, onde tomou banho, se trocou e colocou uma muda de roupa em uma sacola. Depois, seguiram de carro até a Commonwealth Avenue, onde Zack alugou um Nissan Murano em uma locadora de carros perto do câmpus da Boston University, e foram até um estacionamento em Longwood.

Enquanto Sarah esperava no carro, ele subiu ao terceiro andar do Goldenson Building no câmpus da Escola de Medicina de Harvard. E, exatamente como a secretária havia dito quando ele ligou, ela estava em seu escritório. Sem bater, Zack abriu a porta.

Elizabeth Luria estremeceu visivelmente em sua cadeira, o rosto empalidecendo em torno de sua marca de nascença.

– Parece que você viu um fantasma. – Ele fechou a porta atrás de si.

Ela soltou um pequeno guincho enquanto sua boca tremia, buscando palavras.

Ele caminhou até sua mesa, que estava coberta com uma papelada.

– Retornando dos mortos, e mais quente do que nunca.

– Eu posso explicar.

– Explicar o quê? Como você me sequestrou e depois me enterrou

vivo? Eu realmente gostaria de ouvir isso, Elizabeth.

– N… nós precisávamos de só mais uma sessão para confirmar a

fusão, apenas uma, mas você se recusou. Estávamos tão perto, eu... eu

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

simplesmente fiquei desesperada.

– Então, você me pôs à força em estado de quase morte e me

abandonou para que eu morresse de verdade. Mas eu aposto que você tem

seus dados.

O rosto dela se iluminou:

– Sim, sim. É notável. Realmente. Confirma...

– Blá, blá, blá... Então, você me enterrou vivo.

– Isso foi um acidente, eu juro. Nós não conseguimos reviver você.

Alguma coisa deu errado. Talvez fosse cedo demais para outra sessão.

Talvez o sedativo ainda estivesse em seu organismo. Eu não sei.

– Mas você tentou, claro.

Seu rosto exibiu uma expressão exagerada.

– Oh, meu Deus, nós tentamos. Claro! Claro, injetamos epinefrina em você. Usamos o desfibrilador várias vezes. Nada funcionou, eu juro. Você não tinha batimentos cardíacos, mesmo depois de tudo o que fizemos.

– Então, o que eu estou querendo saber é como brilhantes neurocientistas com a máquina de ressonância magnética mais sofisticada do planeta não notaram que o meu cérebro ainda estava vivo.

– Nós não conseguimos obter uma leitura. Algo deu errado.

– Mas você confirmou que eu transcendi e me fundi com outra senciência.

– Sim. – Gotas de suor haviam se formado nas bolsas sob os olhos dela.

– E você me enterrou em Sagamore Beach.

– Por ser o local em que você disse que se sentiu mais espiritualizado.

– Um pouco de déjà-vu, de novo.

– Como disse?

– Exatamente como o meu pai. – Assim que ele disse isso, sentiu uma forte pontada na lateral do seu corpo.

– O quê? – Ela congelou por um momento. Em seguida, estendeu a mão para o telefone sobre a mesa. Mas ele se aproximou e arrancou o fio

da parede.

– Se gritar por socorro, eu mato você.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– O que você quer?

– Eu quero que me diga por que você matou meu pai.

Mais uma vez ela hesitou, tentando recuperar o auto- controle.

– Nós não o matamos. Ele morreu na maca.

– Ele ainda estava vivo quando o sepultaram.

– O quê?

– Ele escavou seu caminho para fora da areia – disse ele. –

Paramédicos o levaram ao Jordan Hospital com tetrodotoxina no sangue.

A boca de Elizabeth tremia quando ele descreveu o vídeo de

segurança.

– Nós não sabíamos.

– Como você também não sabia quando fez o mesmo comigo.

Ela não respondeu; parecia arrasada.

Ele pegou um troféu de bronze em formato de cérebro. De acordo

com a gravura no pedestal, era um prêmio do Departamento de Neurologia para Luria, por excelência de ensino. Ele sentiu seu peso sólido, batendo-o contra a palma da mão e pensando qual seria a sensação de esmagar o rosto dela, se ela gritasse.

– Faz três anos que isso aconteceu, antes de termos o aparelho de ressonância magnética. Não tínhamos ideia de que seu cérebro ainda estava vivo. E essa é a verdade. – Em uma prateleira atrás dela havia outra foto de seu filho sobre um pônei, com Elizabeth de pé ao lado dele, sorrindo.

– Então, você simplesmente o levou para Sagamore Beach e enterrou-o na areia.

– Porque era isso que ele queria. Escreveu o mesmo lugar no questionário.

A despeito de si mesmo, Zack sentiu um nó na garganta. Onde eles se sentiam mais conectados com o universo. O lugar em que haviam sido mais felizes como uma família. – Só que ele escavou a areia e saiu. – E Zack havia revivido tudo em sua cabeça e, depois, na noite anterior, de verdade. – Isso tudo foi uma armação desde o início. Você tinha os padrões cerebrais de meu pai no registro e, quando ele morreu, você foi

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s prepararam um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

atrás de mim, esperando que, se eu atravessasse, eu fizesse contato com

ele. Tudo porque você queria segredos dos mortos. Bem, você conseguiu –

disse ele. – E o segredo é que ele não estava morto.

Elizabeth olhou para ele sem expressão e não disse nada.

– De quem são as cinzas sobre a lareira da minha mãe?

– De ninguém.

– De ninguém? Então, quem era o irmão Albani?

– Bruce.

– Bruce? Então, você enterrou o meu pai vivo, depois enviou aquela

maldita aberração vestida de monge para contar para a minha mãe uma

história idiota de como ele morreu dormindo, segurando seu crucifixo. E

por três anos nós pensamos que aqueles eram os seus restos mortais, mas,

provavelmente, é de um dos coitados de quem você fritou o cérebro no

laboratório, reduzindo a carvão.

– Eu não mereço isso.

– Não, senhora, você merece algo muito pior. Você destruiu a vida de

pessoas em busca de reles glória.

– Não foi por glória. A atividade no cérebro de seu pai era extraordinária. E a sua também, com circuitos idênticos. Esperávamos que você transcendesse e fizesse contato com ele.

– Eu fiz – disse ele. Mas ele não era o pai que eu esperava. Novamente, a dor aguda em seu lado esquerdo. Ele estremeceu e endireitou-se. – Como foi que você acabou colocando-o nos testes?

– Ele se ofereceu.

– Chega de mentir.

– Eu não estou mentindo. Começamos a fazer varreduras cerebrais em pessoas que afirmavam ser espiritualizadas. Isso nos levou a grupos religiosos, incluindo freiras carmelitas e monges beneditinos do mosteiro de seu pai. Quando lhe dissemos o que estávamos fazendo, ele se ofereceu para ser testado.

– Por quê?

– Porque queria entrar em contato com seu irmão.

Zack não conseguia definir exatamente o sentimento, mas seu coração

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

se apertou em um reflexo primitivo de ciúme. Seu pai sempre preferira Jake. O delicado, inteligente, confiante Jake, pensou com amargura.

– Nós nunca conseguimos descobrir se ele conseguiu – continuou Luria. – Quando lemos sobre você, vimos uma oportunidade de testar as possibilidades genéticas, esperando que você se fundisse com ele.

– E eu fiz isso. – E ele é um assassino psicopata.

– E isso foi incrível. – Os olhos dela se iluminaram de novo. – Zack, a nossa intenção não era prejudicar as pessoas. Não estávamos realizando algum tipo de experimentação nazista.

– Então, o que me diz disto, mein Führer? – Ele tirou do bolso fotocópias dos artigos sobre as pessoas que se suicidaram ou morreram; todas com tetrodotoxina no sangue.

Ela examinou os artigos.

– Estas mortes não foram intencionais. Eu juro.

– Certo. – Ele sentiu outro golpe em seu lado. Ele tinha de sair. O tempo estava se esgotando. – Como é que o bom reverendo concilia essas mortes com a Palavra de Deus?

– Esses foram acidentes técnicos.

– Isso não responde à minha pergunta.

– Ele não ficou satisfeito.

– E quanto à noite passada?

– Ele não faz ideia.

– Mas foram os homens dele que me sequestraram.

– Eles são guardas de segurança que trabalham para o laboratório.

Liguei para eles.

– Como foi que vocês transformaram Damian em um maldito Judas?

Trinta moedas de prata?

– Não lhe pagamos nada. Lemos sobre você nos jornais, e ele

concordou em nos colocar em contato com você. Tudo o que ele sabia é

que estávamos à procura de pessoas com poderes espirituais para nossos

testes. E essa é a verdade.

– Como você o encontrou?

– Em um dos sermões do reverendo Gladstone.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

As peças foram se encaixando no lugar como se fossem magnetizadas.

De certo modo, Zack não estava surpreso. Desde o primeiro dia, sentira

que estava participando do plano de jogo de outra pessoa.

– Alguma vez lhe ocorreu que o que você fazia naquele laboratório era

errado? Que talvez estivesse indo atrás do fruto proibido? Que você estava brincando de Deus?

– Eu estava brincando de Deus. Eu queria encontrar o que todas as pessoas que já passaram pela face da Terra sempre desejaram: a esperança de continuar. Esperança de que exista algo além desta vida. Esperança de juntar-se aos entes queridos novamente. E ontem à noite você nos deu provas conclusivas de que seu pai ainda existe em algum plano. Que nada deixa de existir. Nada! Eu creio nisso agora de todo coração.

– E você não deixou que coisas como sequestro e assassinato a detivessem.

– Mas eles morreram apenas no corpo.

– Então, ainda por cima, você é uma salvadora.

Ele colocou o prêmio de volta na mesa e saiu.

Nada deixa de existir. Nada!

As palavras dela ressoavam em sua cabeça como um órgão de igreja quando ele saiu do escritório e caminhou pelo corredor até as escadas que levavam à área de estacionamento.

Sarah ainda estava no carro, atrás do volante do Murano. Quando o viu, mudou-se para o banco do passageiro, e ele ficou na direção.

– Nós temos de ir – disse ele, consultando o relógio.

– Aonde?

– Eu conto quando chegarmos lá.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

71

Naquela mesma manhã, Roman teve notícias de Norman Babcock, com sua próxima missão. Dessa vez, o endereço de entrega do pacote era o estacionamento do Fresh Pond Mall, perto da Whole Foods, às sete da manhã. No pacote, além dos habituais 15 mil dólares, separados em maços de notas de cem, havia outro telefone celular seguro. E o alvo seguinte vivia com a esposa em uma fazenda histórica em Arlington, Massachusetts, que tinha um cartaz que dizia: ‚Aproximadamente 1706'. Encontrou o homem duas horas mais tarde, de joelhos, do outro lado de um muro de pedra, cuidando de um canteiro de flores.

– Doutor Morris Stern?

O homem olhou para cima.

– Sim. – Ele se levantou. Vestia um moletom vermelho da Tufts e

jeans velhos, sujos nos joelhos de grama e lama.

– Meu nome é John Farley, eu trabalho no escritório de Boston do FBI. – Ele se inclinou sobre o muro de pedra para mostrar a identidade falsa. – Estamos investigando a morte de Roger e Ruth Devereux. Gostaria de lhe fazer algumas perguntas, tudo bem? – Ele tirou da pasta cópias dos obituários e artigos sobre o casal Devereux e entregou-os a Stern. A brisa agitava as folhas de papel.

– Sim, com certeza. – Ele tirou suas luvas de trabalho.

– Podemos fazer isso aqui mesmo ou em outro lugar. – E ele deu uma rápida olhada em direção à casa.

Stern parecia cauteloso e disse:

– Aqui fora está bom.

– Não tem problema. – Roman puxou um laptop pequeno e colocou-o

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

sobre o muro. Clicou em alguns botões e moveu seu dedo pelo teclado. – Não sei se consegue enxergar com esta luminosidade, mas é uma foto de Roger Devereux. É alguém que você reconhece?

Stern olhou para a tela muito brilhante, tentando protegê-la da luz com as mãos. Então, Roman tentou fazer um toldo com as fotocópias dos obituários, mas eles sacudiam na brisa e foi inútil. Finalmente, Stern disse:

– Talvez seja melhor entrarmos.

– Tem certeza? Podemos sentar no meu carro.

– Não, está mais fresco em casa.

– Ótimo. E eu poderia tomar um copo d'água, se não for incômodo?

– Claro. – Stern mostrou o caminho e entrou por uma porta lateral na cozinha, onde serviu a Roman um copo d'água e depois o convidou a se sentar a uma mesa numa pequena área de estar com uma antiga lareira de pedra.

– Esplêndido lugar. Notei o cartaz que diz que está no registro de casas históricas.

– A mais antiga da cidade. Alguns dizem que esta lareira remonta à década de 1690.

Roman podia ver os detalhes em ferro forjado embutidos na pedra.

– Uau. Década de 1690. Não foi a época dos julgamentos das bruxas de Salem?

– Acho que sim.

– Incrível. Os habitantes originais deste lugar podem ter testemunhado as bruxas sendo queimadas na fogueira.

A expressão de Stern mudou um pouco.

– Possivelmente, embora não queimassem bruxas. Acho que a maioria

foi enforcada.

– Não me diga! – Roman estava sentado em uma poltrona vermelha

diante de Stern, separados por uma mesinha de centro. – História nunca

foi o meu forte. Você mora sozinho?

– Minha esposa está visitando os nossos netos. Então, o que

exatamente você está investigando?

– Bem, a polícia local qualificou as mortes como assassinato seguido

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

de suicídio. Mas estamos investigando a possibilidade de o casal Devereux

ter sido assassinado. – Ele tirou um pequeno bloco do bolso do paletó

esporte e, só para compor o personagem, apertou os olhos para ler. – Os

nomes Thomas Pomeroy e LeAnn Cola significam alguma coisa para você?

– Você não perguntaria a menos que já soubesse a resposta.

– Tem razão. Então, eles trabalhavam com você.

– Sim. E talvez você possa me dizer o que significa tudo isso.

– É claro – disse Roman. – O nosso escritório de Boston recebeu a informação de que o casal Devereux, Pomeroy e a doutora Cola foram assassinados por causa de um projeto secreto científico no qual trabalhavam. Infelizmente, o seu nome surgiu como um colaborador. Não quero assustá-lo, mas achamos que sua própria vida pode estar em perigo.

– O quê?

Roman, em seguida, abriu sua maleta 007.

– E há uma evidência bastante sólida. – Ele sacou a pistola com silenciador e apontou-a para o torso de Stern.

– Q… quem é você?

– Quem faz as perguntas aqui sou eu, e você as responde. Seja sincero comigo, e eu facilito as coisas para você. Minta, e este será um dia muito ruim. Capice?

Stern concordou com a cabeça, atordoado em sua poltrona.

– O que há de tão especial em Zachary Kashian?

– Como você sabe sobre ele?

– Ele era o objeto de estudo principal de vocês. Conte-me o que sabe sobre ele e por que ele é tão especial.

– Para quem você está trabalhando?

Para o Senhor.

– Eu quero saber tudo sobre ele. Quero ver os arquivos e vídeos das

sessões.

– Como você sabe dessas coisas?

– Isso não importa. Sei que você gravou as experiências com ele. Eu

quero assistir às gravações.

– Eu não as tenho.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Roman mirou um ponto entre os pés de Stern e atirou.

– A próxima bala será entre os olhos.

Stern olhou para o buraco entre os pés.

– Ok, ok. Mas, por favor, eu tenho filhos e netos.

– Um trato: você me mostra as coisas, e eu deixo você viver. Jure por

sua vida.

– Eu juro.

Stern olhou para Roman por um longo momento.

– Estão em meu laptop. Ele se levantou, levou Roman para a cozinha

e subiu uma escada estreita que levava ao segundo andar. Em um pequeno

escritório de canto com uma janela havia uma mesa com um monitor de

computador e pilhas de papéis.

– Mostre.

Stern clicou o mouse e exibiu o primeiro vídeo de Zachary Kashian em uma câmara à prova de som usando um capacete de motocicleta com fios. Stern explicou como eles haviam estimulado partes de seu cérebro e como ele depois afirmou que sentira a presença do pai que havia morrido. O próximo vídeo mostrava Zack anestesiado, imagens de vários monitores e imagens computadorizadas de seu cérebro. Depois, o vídeo de Zack acordando e pedindo root beer, o que comprovava que o rapaz tivera uma experiência extracorpórea. Em seguida, clipes de Zack saindo das experiências de quase morte, afirmando que havia matado pessoas. Stern explicou que os outros cientistas acreditavam que o espírito de Kashian havia se fundido com o de seu pai falecido.

– É algo em que você acredita?

– Eu acho que é algum tipo de percepção extrassensorial. Mas não estou convencido disso.

– Então, você não acredita que o espírito dele se fundiu com o do falecido pai.

– Não.

– Mesmo que os outros afirmem que ele tem o lobo de Deus ativo.

Stern confirmou com a cabeça.

Depois de assistir a mais vídeos, Roman guardou o laptop de Stern em

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

uma bolsa e pendurou-a no ombro.

– O que você vai fazer?

– Você vem comigo.

– Para onde?

– Para o porão.

– O porão? Para quê?

– Para evitar que você ligue para o 911 assim que eu sair daqui.

– Ele encostou a pistola nas costas de Stern.

– Já pra baixo.

Stern levou-os até uma porta que dava para o porão, um lugar

pequeno e escuro com uma parede de blocos de granito bruto que

constituía parte das fundações. As outras paredes tinham acabamento. O

teto tinha cerca de dois metros de altura, com vigas aparentes e reboco.

Algumas vigas pareciam originais, com ganchos outrora usados para secar

carne.

Roman tirou da pasta um pedaço de corda.

– Vire-se. – Ele enrolou a corda frouxamente em torno de suas mãos.

Em seguida, pegou uma máscara de dormir. – E onde fica exatamente o

laboratório?

Stern explicou o caminho, enquanto Roman anotava.

– Quem mais trabalha lá?

Ele forneceu nomes, começando com Sarah Wyman.

– Ela e Kashian têm um caso?

– Não que eu saiba.

– E Elizabeth Luria está no comando?

– Sim.

– Voltando para Zachary Kashian... Ele é especial?

– O que você quer dizer com especial?

– Ele é divino?

– Divino? – Stern lançou-lhe um olhar perplexo. – Não. Ele é uma

anomalia neurológica, na melhor das hipóteses, talvez médium. Mas é tão

mortal quanto você e eu.

– Então, como você explica a canalização de Jesus?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Eu não sei. Talvez tenha sido uma experiência paranormal. Talvez

ele tenha memorizado as frases quando era criança.

– Há qualquer razão para acreditar que ele estivesse mentindo sobre

suas experiências?

– Não.

O homem havia se acomodado e seu corpo relaxara. E isso era bom.

– Você diria que ele é do mal?

– Do mal? Não, ele não é mau.

Roman deslizou a máscara sobre olhos de Stern.

– Mais duas perguntas e, então, terminamos. Você acredita em Deus?

Houve um momento de hesitação, e seu corpo pareceu enrijecer.

– Não. Não acredito.

– Bem, você está errado. Deus existe.

Stern não disse nada.

– E o diabo? Você acredita em Satanás?

– Não.

Em um átimo, Roman passou uma corda de varal sobre o gancho de

uma viga e amarrou a outra extremidade ao redor do pescoço de Stern.

Com todo o peso do próprio corpo, Roman puxou a corda, fazendo o corpo de Stern quase se levantar do chão. O homem se debateu e se contorceu enquanto a corda apertava-lhe o pescoço, cortando o fluxo de sangue para o cérebro. Em menos de um minuto, ele parou de se agitar e seu corpo ficou flácido. Com algumas torções rápidas da ponta solta ao redor do gancho, o peso do corpo de Stern fez o resto.

– Bem, você também está errado quanto a isso – disse Roman, e saiu.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

72

– Você nem sabe se ele está vivo – disse Sarah.

– Acho que ele está – disse Zack enquanto dirigia. – E eu acho que ele está morrendo.

– Com base em quê?

– Na última EQM. Gretch acertou-lhe um tiro. E eu senti. E continuo sentindo. Ele levantou a camisa e mostrou a pele clara e íntegra.

– Mas dói, e eu acho que ele precisa de ajuda. – Ele desceu a Huntington Avenue e virou à esquerda, na Forsyth, e de lá pegou a Storrow Drive, rumo ao leste, sentindo um leve zumbido na mente, um pouco acima do limiar da consciência.

– Isso é loucura. Você mesmo disse que a toxina cria ilusões.

– Era ele no vídeo.

– Mas estava granulado. Você não podia ver seu rosto. Além disso, aquilo aconteceu há três anos.

Zack perdeu a paciência, pois sabia bem o que estava falando:

– Sarah, eu reconheci o formato da cabeça. E também o vi escavar para fora da areia – disse ele. – E eu o vi matar aquelas pessoas. – No final da Storrow Drive, perto do Mass General Hospital, ele pegou a pista para a Rota 93 Norte. – Eu senti a bala atingi-lo, como se fosse em mim mesmo.

– Você ouviu o que Morris disse. Essas coisas poderiam ser apenas reminiscências no seu inconsciente, coisas que você juntou. Coisas como sonhos-relâmpago.

– Ele também disse que minha mente se fundiu com outra.

– Mas isso não foi confirmado.

O fato de Sarah insistir em afirmar que ele talvez estivesse cedendo a

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

algum instinto místico o estava deixando nervoso.

– Então, me diga: como eu sabia daquelas mortes?

– Suas sessões aconteceram depois que aquelas pessoas morreram.

Então, talvez você tenha lido sobre as mortes e depois esquecido, e talvez tenha pensado que as experimentou na sessão.

Pouco antes do desvio para a 93 Norte, o trânsito ficou lento, congestionado. À direita deles estava o Massachusetts General Hospital. Com exceção da época em que esteve em coma, a única outra vez em que Zack havia estado em um hospital fora no seu nascimento, 25 anos antes. Sua mãe lhe contara que ele havia nascido com uma coifa. Ela também dissera que, segundo a lenda, as pessoas nascidas com coifas eram destinadas a ser místicas, a ter poderes especiais.

– Talvez.

Não fazia muito tempo que Sarah estivera sentada diante dele no Grafton Street Pub & Grill falando sobre as maravilhosas possibilidades de se transcender o mundo físico, de não haver morte. E, agora, estava lhe dizendo que provavelmente o que ele havia experimentado eram ilusões. E

que, fosse qual fosse o instinto que estivesse seguindo, era apenas sua imaginação.

– Então, como você explica a afirmação de Luria? Ela disse que tinham identificado o perfil neurológico dele e que eu me fundi com ele na noite passada.

– Eu não estava lá. Não vi com os meus próprios olhos.

– Então, ela também tem delírios?

– Não, mas é possível que esteja distorcendo as coisas para se encaixarem em uma conclusão predeterminada. – Então, acrescentou: – Olhe, Elizabeth Luria entrou neste projeto na esperança de provar que há vida após a morte, e conta com o enorme apoio de um televangelista. Assim sendo, a objetividade científica pode não ser o forte dela, ok? Sim, eles tinham os padrões neurológicos de seu pai. Mas o que eles encontraram também poderia ser uma anomalia.

– Então, se uma árvore cai na floresta e Sarah não está lá, ela não caiu.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Eu não disse isso e, sinceramente, não gosto do seu tom.

– E, sinceramente, não gosto de seu descarte automático de qualquer outra possibilidade. Estou sentindo pontadas doloridíssimas aqui do lado. Como explica isso?

Ela olhou pela janela por um momento, para os ânimos se acalmarem. Então, disse:

– Uma vez que não há evidências de que você se machucou, eu diria que você está enfrentando algum tipo de efeito psicossomático. Você imaginou ou sonhou que seu pai foi morto, e esse é apenas um caso de autossugestão ou ilusão solidária.

Autossugestão.

Ilusão

solidária. Palavras

cuidadosamente

escolhidas, raciocínio lógico impecável, ele pensou. Depois de toda aquela conversa sobre telepatia e supermente. Agora, não passam de bobagens da Nova Era.

– Você tem uma explicação racional para tudo, não é mesmo?

– Assim como você também tinha antes.

– Bem, talvez este reducionista de carteirinha aqui esteja começando a admitir outras possibilidades. – Ele sentiu outra pontada no lado e

acelerou pelo túnel em direção à rampa norte da 93, e seguiu direto até a Zakim Bridge.

– Você vai me dizer para onde estamos indo?

– Eu acho que vou saber quando chegar lá. – À frente, Zack avistou o sinal de retorno. – Ainda quer vir?

– Só se você me disser para onde.

– Chame isso de percepção extrassensorial, de telepatia, de maldita senciência cósmica, mas eu quero encontrá-lo antes que ele morra de verdade. Se eu estiver errado, então, sou um idiota. Se não, poderei vê-lo mais uma vez. Ele diminuiu a velocidade e passou para a faixa da direita, para pegar o desvio. Sarah viu a saída se aproximar.

– Aonde vamos chegar se continuarmos na 93?

– No Maine.

– No Maine? Zack, por favor, pode me dizer alguma coisa definida?

– Tudo bem – disse ele, tentando eliminar a purulenta irritação e

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

admitir que ela talvez estivesse certa; que ele estava querendo iludir-se de

que seu pai o estava chamando. – Quando meu pai era jovem, o pai dele comprou uma gleba de terra na floresta do sudoeste do Maine. Ele construiu uma pequena cabana de caça e pesca na propriedade e levava meu pai para lá quando ele era criança. Quando ficou mais velho, ele se enfurnava lá por semanas a fio.

– Sozinho?

A saída estava alguns metros à frente:

– Pego o retorno?

– Não.

Ele voltou para a pista e continuou na 93, rumando para o norte.

– Há outra saída a dois minutos. – Então, ele continuou. – Sim, sozinho. Era um solitário, amava o deserto, aprendeu técnicas de sobrevivência. Depois da faculdade, ele morou lá por um ano sem ver outra pessoa. Era seu refúgio.

– Você já esteve lá?

– Uma vez, mas eu tinha 4 ou 5 anos. Só me lembro de árvores e de uma pequena cabana. Minha mãe não gostava de lá, porque era muito isolada e primitiva, não tinha eletricidade nem água, só de poço.

– Sabe onde fica?

– Fora da 95, em algum lugar nas proximidades da fronteira de New Hampshire.

– Puxa, isso reduz bastante as possibilidades.

Ele deixou passar a tirada sarcástica de Sarah.

– Acho que vou saber aonde ir quando chegarmos lá. – Eles

continuaram por mais alguns quilômetros sem dizer nada. Então, Zack

virou a cabeça na direção dela e disse: – Há mais uma saída antes de

chegarmos a 95. Eu ainda posso levá-la para casa.

– Você quer que eu vá?

– Sim, eu quero. Se eu não estiver delirando, ele vai precisar de

cuidados médicos.

– Fui enfermeira por apenas dez meses, há cinco anos.

– Supera a minha experiência.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– E esse lugar tem um nome?

– Magog Woods.

– Magog Woods? Parece vagamente familiar.

– Esse era o nome na época. Pode até não ser chamado mais assim,

ou o nome não estar nos mapas.

– Então, faz vinte anos. É possível que os marcos antigos tenham desaparecido.

– Provavelmente.

– Então, como você vai conseguir encontrá-lo?

– Não tenho certeza – disse ele. – Espero que eu consiga.

– Eu me sinto como um personagem em Contatos Imediatos do Terceiro Grau. – Ela olhou para o espaço de carga, onde Zack havia colocado sacos de dormir para eles e uma sacola de roupas. – Tudo que eu tenho é o que estou vestindo.

– Você pode comprar o que precisar lá perto. Há shoppings por toda parte. – Eles estavam se aproximando da saída 36, Montvale Ave./Stoneham. – Ainda dá para eu levá-la de volta.

Quase na boca do desvio, Sarah disse:

– Continue.

Zack sentiu-se aliviado.

– Obrigado – disse ele, pensando ‚Ah, mais uma coisa...'. No dia anterior, seguindo um palpite, ele havia encontrado na Internet o obituário de Raymond Perkins, o advogado figurão que conseguira a absolvição de Volker e Gretch. Na verdade, o próprio tio de Billy Volker. Ele fora encontrado quatro semanas antes com um machado afundado na parte de trás da cabeça.

Zack guardou isso para si e acelerou na pista expressa.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

73

O garoto Kashian havia sumido.

Depois de despachar Morris Stern, Roman dirigiu até o apartamento de Kashian, na Hemenway Street, em Boston, um edifício de tijolinhos vermelhos de quatro andares para estudantes universitários. Como ninguém atendeu, ele apertou os botões do interfone dos outros andares até que alguém cegamente deixou-o entrar. Antes que descessem para investigar, Roman já havia subido e estava arrombando a fechadura de Kashian.

O apartamento estava escuro e parecia que o rapaz o deixara às pressas. Gavetas abertas, cuecas e camisetas espalhadas. Seu laptop estava sobre a mesa. Nada de escova de dentes ou creme dental no banheiro. O rapaz estava planejando dormir fora.

Roman saiu e dirigiu até a Harvard Street, em Cambridge. Sarah Wyman também não pôde ser encontrada, e a vizinha do andar de baixo disse que a vira sair do edifício antes das oito da manhã.

Uma hora depois, Roman estava no endereço dado a ele por Stern. A Igreja Tabernáculo da Luz Divina ficava na frente de um complexo arborizado nos subúrbios de Medfield, cerca de uma hora a sudoeste de Boston. Um amplo estacionamento vazio separava a igreja da estrada. Roman entrou com o carro e foi até a parte traseira da estrutura. Por

trás de uma reluzente cerca de tela de arame nova em folha encontrava-se uma mansão branca com um anexo nos fundos. Sua insipidez mascarava o tipo de pesquisa que, aparentemente, estava sendo desenvolvida ali – o Projeto Manhattan particular de Warren Gladstone. Isso explicaria a guarita e o arame farpado em cima do muro.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

A guarita estava vazia, e o portão, fechado e trancado com cadeado.

Por causa do fim de semana, o local estava abandonado, com exceção de um único Volvo azul estacionado ao lado do edifício.

Como Roman havia alugado um Ford Explorer com grade dianteira, poderia ter aberto caminho arremetendo o carro contra a cerca. Mas isso poderia fazer disparar um alarme. Ele havia levado uma parafernália variada, incluindo lanternas, corda, fita adesiva do tipo silver tape e uma variedade de ferramentas, incluindo um cortador de cabo longo capaz de cortar cabos de aço de meia polegada. Levou apenas alguns segundos para cortar o cadeado.

Atravessou o portão e estacionou ao lado do Volvo, que estava

destrancado. No canto superior do para-brisa havia adesivos de estacionamento para professores da Escola de Medicina de Harvard. Ele entrou pela entrada principal, que, para sua surpresa, estava destrancada, embora ele fosse capaz de entrar de qualquer maneira se não estivesse. A porta dava para uma bancada e um portão de segurança, mas não havia ninguém de serviço. Além dele, uma porta se abria para um corredor que conduzia a outra entrada que levava ao porão.

Com a pistola na mão, ele desceu a escada.

Na metade do caminho, detectou um som eletrônico agudo e fraco.

No final da escada havia um corredor iluminado por uma série de lâmpadas fluorescentes. Dos dois lados do corredor havia salas, algumas com janelas. Mas a única que estava acesa – e de onde provinha o guincho eletrônico – ficava no final do corredor.

À medida que ele se aproximava da tal sala, com a pistola em punho, o som ia ficando mais alto.

O som estridente e penetrante era algum tipo de alarme e estava deixando Roman nervoso.

Ele alcançou a maçaneta da porta, girou-a e, segurando a pistola, escancarou-a com um chute.

O alarme procedia de um rack de equipamentos eletrônicos ao lado de uma maca em que jazia o corpo de uma mulher. Ela tinha um escalpe na

veia e estava conectada a vários monitores, cujas luzes de alarme pulsavam

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

com o guincho. Segurava em suas mãos a fotografia de um menino.

Das imagens dos diversos vídeos que assistira, ele pôde reconhecer

Elizabeth Luria.

E, como o garoto Kashian nas gravações, ela estava ligada ao soro com

a anestesia. Mas, ao contrário do que mostravam os vídeos de Kashian, os

monitores piscavam em vermelho e guinchavam porque todas as linhas das

funções vitais nas telas mostravam-se totalmente planas.

A mulher escolhera se matar numa sessão de EQM.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

74

Uma hora depois, Zack e Sarah estavam passando por Portsmouth, New Hampshire. A irritação anterior havia arrefecido, deixando-o agradecido por ela estar com ele.

Quando eles mudaram para a faixa da direita, Zack apontou a base de submarinos a distância, onde seu pai o levara quando ele tinha cerca de 7 anos.

– Do que você se lembra sobre ele?

– De quase nada. Ele não ficava por perto muito tempo – disse Zack.

– Era engenheiro projetista e estava sempre trabalhando. Eu o via principalmente nos fins de semana. Então, meus pais se separaram após a morte de Jake. Algum tempo depois, ele sumiu de vista.

– Deve ter sido difícil.

– Foi.

– Mas você tem algumas boas lembranças dele.

– Até os meus 10 anos, mais ou menos. Depois que ele foi embora, eu o vi em algumas ocasiões; basicamente, eu contava o que estava fazendo, ao passo que ele não falava quase nada a seu respeito. O engraçado é que, quando fiquei mais velho, pensava em mim como não tendo pai, apenas mãe.

– Isso é triste.

– Para compensar, eu inventava histórias sobre ele. Ele gostava de tirar fotos, então, eu dizia para as outras crianças que meu pai estava trabalhando para a National Geographic, cobrindo as migrações dos animais no Quênia, por isso estava fora. Ou ajudando a construir um campo de refugiados em Biafra. Certa vez, falei que ele me levou para o

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Havaí, onde me salvou de um ataque de tubarão. Muito patético.

– Eu acho que foi a forma que você encontrou de lidar com a ausência dele.

– E enquanto isso ele era um monge beneditino orando e fazendo geleias para os turistas.

Eles cruzaram a Ponte Piscataqua. Embora tivesse passado por ali quinze anos antes – ou mais –, não sentiu nada evidente – apenas uma vaga sensação de que estava seguindo algum tipo de instrução. Ou, talvez, fosse apenas autossugestão, no final das contas. E só de imaginar que essa pudesse ser, de fato, a verdade, sentia-se arrasado.

– Se ele realmente ainda estiver vivo, o que você dirá a ele?

– Perguntarei por que ele deixou a mim e a minha mãe. E se Deus

está nele e fala comigo.

Eles logo passaram por um cartaz que dizia ,Bem-vindo ao Maine. Do

jeito que a vida deve ser'.

– E agora?

– Continuamos indo.

– Até?

– Até eu encontrar a saída certa à direita.

– Você sabe qual é?

– Ainda não.

Por favor, dê-me um sinal, ele sussurrou mentalmente. Eu

acredito. Por favor, dê-me um sinal.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Por vários minutos, Roman não soube o que fazer. Elizabeth Luria estava morta. Assim como Stern e os outros que haviam montado aquele laboratório. Ele nem se preocupava com os que não havia conhecido. O projeto estava acabado.

E o garoto Kashian havia sumido.

Roman havia passado a noite anterior e aquela manhã debruçado sobre o laptop de Morris Stern verificando as informações contidas nele. Os dados matemáticos não significavam coisa alguma para ele. Mas os vídeos e as explicações sobre as neuroimagens de Kashian não saíam da cabeça de Roman. E, enquanto dirigia de volta a Boston, uma ideia começou a crescer. Uma ideia muito boa. Não mais do que isto: uma ideia brilhante. Na verdade, uma epifania.

Epifania.

O termo lhe ocorrera do nada, saído dos recessos de sua memória. De seus detestáveis dias na Igreja de São Lucas. Epifania. Como no Dia da Epifania. Uma revelação. Uma visão. Uma súbita introvisão milagrosa.

De quando ele era pequeno e sofria ouvindo aqueles sermões; ele se lembrou de um domingo em janeiro, em que o padre Infantino começou a explicar o significado do Dia da Epifania, quando a divindade de Cristo foi revelada aos Três Reis Magos. Ele discorrera sobre a maneira como cada um de nós deve encontrar sentido na vida e ouvir os anseios de nossa

alma, a exemplo de tantas pessoas famosas que fizeram a diferença no

mundo: madre Teresa, presidente Kennedy, Martin Luther King. Ele

martelou sobre o modo como cada um deles havia experimentado a

revelação sobre como deveriam dedicar suas vidas; de como foram

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

conduzidos por missões mais elevadas do que o restante de nós. Mas a

única diferença entre eles e as pessoas comuns é que eles haviam

descoberto um propósito claro, que abraçaram com determinação feroz.

Naquela ocasião, a única coisa que Roman desejava era que o padre

Infantino parasse de falar para ele ir para o Goodwin Park jogar bola com

as outras crianças.

Mas enquanto rumava para o norte na 95, em direção a Watertown,

Roman experimentou sua própria epifaniazinha, e ela cintilou em sua

cabeça como uma vela votiva.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

76

A sensação voltara.

Haviam entrado no Maine poucos quilômetros antes, na direção norte. Passaram por um longo trecho de baixada que deu lugar a florestas de pinheiros e árvores caducifólias. Talvez tenham sido aquelas claustrofóbicas florestas espessas que provocaram alguma recordação ou premonição, porque uma consciência estranha dançou na frente de seu cérebro. E foi mais forte.

Ele pensou em contar para Sarah, mas decidiu se calar. Ele próprio não chegava a entender o que estava sentindo: se era real, alguma peculiaridade de sua imaginação ou se resvalara para outra vala neurológica. Mas, quanto mais longe iam, mais ele sentia que estava seguindo uma luz invisível projetada para ele por uma fonte desconhecida.

Ele manteve as mãos no volante, movendo-se com as curvas da estrada, meio convencido de que, se ele se deixasse levar, o carro iria continuar a se deslocar comandado por algum estranho controle remoto.

Ele também estava convencido de que, fosse o que fosse que o estava puxando, não era uma lembrança. Nenhuma das paisagens parecia-lhe vagamente familiar. Nem era uma espécie de déjà-vu. Na verdade, parecia um déjà-vu ao contrário. Em vez de ser conduzido por coisas familiares, Zack se sentia impelido por uma certeza profética. Uma consciência presciente talvez como a que outrora inspirara santos em suas missões espirituais, em peregrinações a lugares sagrados.

– Zack! – Sarah gritou.

– O quê? Qual é o problema? – Ele olhou para a frente, esperando ver um carro em seu caminho ou um animal. Mas a estrada estava livre. – Por

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

que você gritou?

– Você estava dirigindo com os olhos fechados.

– O quê?

– Eu olhei, e seus olhos estavam fechados. Você cochilou.

– Não.

– Você cochilou – ela insistiu. – Quer que eu dirija?

– Não, eu estou bem – disse ele. – Cochilou? Será que eu realmente saí do ar?

– Eu acho que talvez seja melhor fazermos uma pausa. A placa dizia que há uma parada na próxima saída. Eu preciso usar o banheiro, e talvez você possa tomar um café. Também vou comprar umas coisas para passar a noite.

Ele não gostou da ideia, mas, poucos quilômetros adiante, ele desviou e pegou a Rota 1. Eles encontraram uma pequena galeria com diversas lojas de roupas, e ele parou o carro e desligou o motor.

– Você não vem?

– Eu acho que vou descansar um pouco. – E ele baixou o banco e deitou a cabeça.

– Tem certeza de que vai ficar bem?

– Só estou um pouco cansado. – Ele observou-a saindo do carro.

– Não vou demorar muito.

– Está bem. – Ela não faz ideia, pensou ele, e seguiu-a com os olhos até a entrada de uma L.L. Bean. Aquilo não era um passeio ao país da serotonina. Era uma missão de salvamento. Algo que beirava uma peregrinação religiosa. Ele fechou os olhos. Uma penetrante pontada em seu lado esquerdo o fez gemer em voz alta.

Um sinal.

Abriu os olhos, seu coração havia disparado. Ele não tinha muito

tempo. Onde diabos ela está?,pensou. Comprando roupas enquanto o pai

dele estava mais perto da morte a cada minuto.

Santo Deus, por que ele a trouxera?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

77

Roman Pace estava sentado em seu carro alugado, do outro lado da rua, diante de uma casa vitoriana bem conservada e pintada de branco, na Mt. Auburn Street, em Watertown. Pela fachada, bem poderia ser apenas uma residência particular do final do século XIX, com um gramado bem cuidado, um bordo japonês vermelho e uma variedade de rododendros e hortênsias. O único sinal de que não era uma residência particular era uma placa na porta da frente: ‚Fraternidade de Jesus Cristo – Segundo Andar'.

Roman havia ligado no caminho para lá, quando deixara Medfield,

dizendo que tinha uma grande novidade para compartilhar. Babcock disse que o receberia em seu escritório, às 11h30. Roman chegou cedo. Já que não tinha para onde ir, ficou sentado em seu carro alugado e entrou na Internet para pesquisar alguns mapas no Google.

Por volta das 11h15, uma Mercedes S550 preta parou na entrada da garagem. Dois homens desceram – Babcock, com uma camisa polo vermelha e calças de sarja, parecendo que havia sido chamado no meio de um jogo de golfe. O outro homem era desconhecido, mas usava uma camisa branca com blazer preto e calças combinando. Ele deixou Babcock e levou a Mercedes para trás da casa; então, saiu um minuto depois em um sedã BMW 328i prata e foi embora. Babcock entrou pela frente do prédio e desapareceu no andar de cima.

Às 11h25, Roman atravessou a rua. O escritório de um contador ocupava o primeiro andar, e tinha uma entrada separada. Como a porta que conduzia à sede da Fraternidade de Jesus estava trancada, ele apertou o botão. Instantes depois, um secretário abriu a porta. Roman se

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

apresentou, o sujeito assentiu e o levou ao andar de cima, para um escritório de frente para a rua. Ele pegou o telefone de mesa e anunciou a chegada do visitante. Então, conduziu Roman por um corredor até um escritório que, obviamente, costumava ser o quarto principal da casa antes de o local ser adaptado.

Babcock estava atrás de uma escrivaninha de mogno, o rosto pálido contrastando com o vermelho vivo da camisa. Apertaram-se as mãos e ele convidou Roman a tomar o assento à sua frente. Em uma placa de bronze sobre a mesa lia-se: ‚O Senhor esteja convosco'.

– Bonito escritório – disse Roman.

Em uma mesinha de apoio lateral havia um monitor de computador. Sobre a escrivaninha, fotos de sua família e um crucifixo de ouro montado em uma base de mármore. Das paredes pendiam imagens religiosas, bem como fotografias de Babcock com outras pessoas, incluindo clérigos em vestes sacerdotais.

– É pequeno, mas confortável. Então, o que temos?

– Vamos precisar do seu computador – disse Roman.

Babcock concordou, e Roman contornou a escrivaninha. Durante os minutos seguintes, ele mostrou a Babcock alguns dos vídeos das sessões de Zack Kashian e os dados de imagem.

– Eles afirmam que ele teve uma experiência de quase morte e

fundiu-se com o pai morto.

Babcock estudou os vídeos em silêncio, com o rosto congestionado.

– Tenho de reconhecer que os vídeos são bem impressionantes – disse Roman.

– Charlatães geralmente são.

– Bem, quero dizer, algumas dessas pessoas estão convencidas de que ele atravessou para o outro lado.

– Senhor Pace, essas pessoas são necromantes, que se arrastaram para fora dos esgotos da ciência para seduzir as massas e enriquecer de maneira obscena. Estão trabalhando voluntariamente para o diabo, fazem o proselitismo do mal. Ele puxou a Bíblia de couro preto de cima da mesa e a folheou até determinado ponto, espetando uma passagem com o dedo:

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

,E o Senhor disse: ‘Não praticareis adivinhação nem a magia... Não vos dirijais aos espíritos nem aos adivinhos: não os consulteis, para que não sejais contaminados por eles’.' Levítico 19:31.

Roman olhou para a página. Não demorou muito para Babcock se

inflamar, como lhe era natural. Seu rosto apoplético parecia uma extensão da camisa de golfe.

– E é isso que eles estão fazendo. É isso o que aquele desgraçado escreve em seus livros, sobre lobos de Deus e manchas de Deus e túneis de luz. É o que estão fazendo naquele maldito laboratório deles. – Babcock continuou a todo vapor, virando as páginas vigorosamente até outra passagem.

– Aqui está! Segunda Epístola aos Tessalonicenses 1:8,9: ‚De fato, justo é que Deus dê em paga aflição àqueles que vos afligem; Ele descerá do céu com os mensageiros do seu poder, por entre chamas de fogo, para fazer justiça àqueles que não reconhecem a Deus e aos que não obedecem ao Evangelho de nosso Senhor Jesus. Eles sofrerão como castigo a perdição eterna, longe da face do Senhor, e da sua suprema glória'. – Ele virou a Bíblia para que Roman pudesse ler. – Este é o nosso papel. O seu papel. Vingança. Precisa de mais provas?

Babcock estava em fanática ira contra Gladstone e seus cientistas.

Mas Roman não queria que o cara tivesse uma parada cardíaca antes que ele completasse o seu propósito ali.

– Entendi. Mas o rapaz estava citando Jesus, recitando o pai-nosso na própria língua de Deus. Não são exatamente palavras de um demônio chifrudo.

Babcock esfregou o rosto como se estivesse cansado da burrice de

Roman.

– Não, mas é como o demônio chifrudo chama a atenção das pessoas.

Então, assim que ele consegue seguidores, ele espalha o seu mal. É assim

que Satanás opera: por meio do engano. Aqui, ele se disfarça como um

pobre garoto e cita passagens bíblicas. E essa é a arma mais mortífera em

seu arsenal, a que ele usa desde que seduziu Eva no Jardim do Éden. O

que estamos vendo nesses vídeos é Lúcifer disfarçado como um seguidor

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

de Jesus. Você entendeu? Lúcifer, que um dia foi o portador da luz de

Deus. Isso é o maldito diabo disfarçado.

O rosto de Babcock parecia que ia explodir.

– Veja bem, eu expliquei isso para você várias vezes. As chamadas

EQMs são supostamente túneis para a vida após a morte: todo mundo vai

para o céu e não há inferno, o que significa que mesmo o desgraçado do

Osama bin Laden e todos os filhos da mãe como ele viveriam para sempre.

O inferno é o outro alicerce da Igreja Católica, ok?

– Deixe-me lhe perguntar uma coisa – disse Roman. – Eu ainda estou tentando compreender as coisas, e eu tenho lido muito. Você tem esta grande organização...

– Nós não somos uma grande organização – Babcock interveio. – Somos um grupo pequeno, de uns poucos eleitos.

– Bem, você tem este escritório e não sei quantos membros, mas você tem recursos.

– Aonde quer chegar?

– O próprio papa não se posicionou em relação às EQMs. Com todo o respeito, parece-me que é você quem tem uma posição radical quanto a Gladstone e ao que eles estão fazendo com esse rapaz. O que a arquidiocese diz sobre isso, ou o bispo local e o cardeal? Eles o acusam de blasfêmia, também?

Babcock respirou fundo e balançou para trás em sua cadeira.

– Senhor Pace, vamos apenas dizer que a nossa é uma teologia radical, que não é aprovada pela diocese ou pelo cardeal local ou pela chamada Santa Sé. E esta é a culpa fundamental deles. Nossa fraternidade está firmemente apoiada nos verdadeiros ensinamentos do Senhor e no verdadeiro catolicismo romano. E se os outros não nos aprovam ou nos perseguem, então, só confirmam que nós somos os eleitos, os verdadeiros defensores da Igreja. E ponto final.

– Você sabia que o pai do garoto Kashian era uma das cobaias deles?

– O quê?

– Alguns anos atrás, eles o submeteram aos mesmos testes. Parece

que ele era uma espécie de irmão leigo. Acho que ele tinha o mesmo lobo

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

de Deus ativo que o rapaz tem.

– E daí?

– Bem, se eles colocam o rapaz na TV dizendo que ele se fundiu com

o pai morto, canalizando-o ou o que quer que seja, e mostram todas as

suas sofisticadas neuroimagens e outras coisas, e as imagens cerebrais

sobrepostas e tudo mais, lado a lado com o vídeo do rapaz citando Jesus, o

rapaz vai ser mais conhecido do que o papa e todos os santos juntos.

Parecia que alguém havia enfiado os dedos de Babcock em uma

tomada. Ele olhou para o monitor do computador com a tela dividida: de

um lado, o cérebro de Zack; do outro, o logotipo da root beer A&W. Ele

murmurou algo para si mesmo. Então, ele se virou para Roman e disse:

– O que você está sugerindo?

– Devemos cuidar dele. Liquidar o garoto Kashian.

Babcock assentiu com a cabeça enfaticamente.

– Sim. Só que ele desapareceu da face da Terra.

– Eu tenho uma ideia de onde ele está.

– Como você sabe?

Roman não respondeu, apenas olhou para Babcock.

Quando Babcock captou a mensagem, ele disse:

– Tem certeza de que pode fazer isso?

– Já o desapontei alguma vez?

– Não, mas o quero morto e sem rastros.

– Não tem problema.

– Mas quero provas concretas.

– Que tal a cabeça dele?

Babcock piscou algumas vezes e, então, disse:

– Isso serve.

– Ok. O que traz à tona a questão de quanto isso é desejável.

– Quanto você está pedindo para executar o serviço?

– Um milhão de dólares.

– O quê? Isso é um absurdo.

– É? Estou lhe oferecendo a trindade.

– Que trindade?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– O pai, o filho e o espírito profano.

Babcock colocou a mão na cabeça, confuso.

– Eu não posso tomar sozinho uma decisão que envolva tanto dinheiro

assim. Preciso falar com as pessoas.

Roman olhou para os móveis caros e as estátuas ao redor da sala. Só o

prédio devia valer 3 ou 4 milhões.

– Ótimo. Mas quanto mais você demorar, mais escondido o rapaz vai

estar. E mais dura será a nossa negociação.

– O que isso quer dizer?

– Quer dizer que você tem quatro horas para conversar com seus

associados e levantar a quantia em dinheiro.

– Dinheiro vivo?

– Quero 500 mil adiantados, 500 mil pela cabeça.

Babcock se recostou na cadeira. Após uma longa pausa, ele disse:

– Ligo para você amanhã.

– Não, esta tarde, às 15h45.

– Não posso levantar todo esse dinheiro em quatro horas.

– Você é o verdadeiro defensor da Igreja. Aposto que pode.

Babcock ficou sem fala.

Mas Roman podia perceber que os pensamentos estavam rodando a

mil em sua cabeça. Ele olhou para o relógio.

– Às 15h45, eu ligo e marco o local do encontro.

Babcock se levantou. A reunião havia terminado.

Roman estendeu-lhe a mão. Babcock hesitou no começo, depois

estendeu a sua, gorda e úmida.

– O Senhor esteja convosco.

Quinze minutos depois, Roman cruzava a Storrow Drive em direção a

Boston. Estava um dia bonito, e dezenas de veleiros cortavam o rio com

suas brilhantes velas brancas. Do outro lado do rio, a silhueta de

Cambridge parecia destacar-se em alta definição.

Dependendo do ponto de vista, o garoto Kashian era divino ou o

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Anticristo. De qualquer maneira, Roman saía ganhando. Se, como

afirmara Babcock, o rapaz fosse uma espécie de porta-voz do diabo, matá-lo não só engordaria a conta bancária de Roman, mas também ajudaria a conquistar as boas graças de Deus. Fora assim que os guerreiros de Deus haviam sido recompensados, certo? Por outro lado, se o garoto fosse divino, protegê-lo, então, seria o serviço que Roman prestaria a Deus.

Tudo era uma questão de fé. Mas a fé podia oscilar nas duas direções.

O mesmo acontecia com o serviço a Deus.

O que Luria, Stern e os companheiros haviam criado era uma espécie de Projeto Manhattan religioso. O projeto estava acabado. Mas Roman queria aquela bomba.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

78

– Que diabos você estava fazendo lá? – Zack disse quando Sarah saiu da loja.

Ela jogou duas sacolas no banco de trás e entregou-lhe um café.

– Qual é o problema?

Ele colocou o café no suporte e tirou o carro da vaga com um tranco.

– O problema é que estamos correndo contra o tempo.

– Estava lotado. E tinha uma fila para o café. – Ela virou o rosto para a janela.

Ele voltou pela Rota 1, pensando que ela provavelmente estava lamentando ter ido com ele.

– Obrigado pelo café – disse ele, na esperança de melhorar as coisas.

– O que você comprou?

– Uma muda de roupa. – Ela olhou por cima do ombro. – Você trouxe sacos de dormir. Eu não vou passar a noite na floresta.

– Nós vamos ficar bem. – Prosseguiram a viagem sem dizer mais nada, mas um silêncio espinhoso enchia o carro. Ele voltou para a estrada principal.

– Você tem uma bússola? – ela perguntou.

– Para quê?

– Se vamos caminhar na mata, vamos precisar de uma.

– Sim, eu tenho uma bússola.

Ela olhou na direção da sacola de lona dele.

– Tem certeza?

– Sim, tenho certeza. – Ela não acredita em você, ele pensou. Ela não

acredita em nada disso. Mas é bom que seja assim. Será pega de surpresa.

Ele se misturou ao tráfego, que era intenso devido ao volume de carros

que se deslocava para a praia no final de semana.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

O sol ainda estava alto no céu. Não começara a declinar, escondendo-

se por trás da linha das árvores, a oeste. Mas não demoraria a fazê-lo.

Então, a noite cairia.

Que dê tempo, ele sussurrou em sua cabeça. Que assim seja.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Um pouco depois das 12h30, Warren Gladstone entrou no bar do Taj, e Roman reconheceu-o instantaneamente. Só que ele usava um blazer cinza sobre uma camisa branca em vez da veste azul-celeste de suas transmissões.

Mais cedo, Roman deixara uma mensagem para Gladstone na recepção do Taj, para que ligasse para ele a fim de obter informações importantes sobre o paradeiro de Zachary Kashian. Como era de se esperar, Gladstone seguiu as instruções e disse para se encontrarem no bar, e não em sua suíte particular, por questão de segurança.

Roman se apresentou como John Farley, mostrando sua carteira de identidade falsa. Gladstone tinha um rosto brilhante e rosado, com sinceros olhos azuis. Ele pediu um uísque e uma água, e Roman quis uma água mineral gasosa com gelo.

– Então, qual é exatamente o interesse do FBI em Zachary Kashian?

– Deixe-me começar dizendo que nós dois sabemos que Zachary Kashian está desaparecido, e você quer ele de volta, correto?

Gladstone tomou um gole de seu uísque.

– O que faz você pensar que estou interessado nele?

Roman abriu sua maleta e tirou uma pasta com várias imagens baixadas do site de Gladstone na Internet, bem como imagens do cérebro de Zack e alguns dados matemáticos do computador de Morris Stern.

– Ele faz parte do seu grande Dia do Júbilo, e sem ele você não terá

nada.

Gladstone folheou as páginas, que também incluíam fotos de Zack

chegando ao Taj em uma limusine e, depois, saindo de lá com Sarah

Wyman. E, também, fotos da igreja de Gladstone e do laboratório por trás

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

de seu tabernáculo.

Quando terminou de ver tudo, ele fechou a pasta.

– Vocês sabem muito. Quem mais viu isso?

– Ninguém.

– E você diz que sabe onde ele está?

– Estou dizendo que eu posso trazê-lo de volta para você.

– Por que acha que nós o queremos?

– Porque ele é o seu ingresso para o céu e porque os outros querem a

cabeça dele.

– Quem?

– Reverendo, por favor, vamos cortar o papo-furado, ok? Você tem

mobilizado a atenção das pessoas para você e sua Luz Divina desde que as suas promessas sobre o Dia do Júbilo começaram. Está por toda a Internet. A questão é que você se comprometeu, e ele está foragido. Eu sou o único que pode trazê-lo de volta para você vivo, capice?

Gladstone folheou a pasta novamente.

– Como você conseguiu tudo isso?

– Nosso escritório vem investigando as mortes de três outros cientistas que haviam trabalhado neste projeto de vocês. – Roman tirou de sua pasta os obituários de Thomas Pomeroy, LeAnn Cola e Roger Devereux.

Gladstone olhou para os papéis.

– Então, o seu escritório sabe sobre Kashian.

– Eles nunca ouviram falar dele. Nunca ouviram falar sobre as EQMs ou sobre o seu laboratório. Apenas sabem dessas mortes.

– Então, você está aqui por conta própria.

– É isso mesmo. E se você está pensando em entrar em contato com o escritório local, saiba que eles não ouviram falar de Zachary Kashian. E ele terá o próprio obituário dentro das próximas 24 horas. E eu vou negar que o conheci.

– E quem está a fim de prejudicá-lo?

– Prejudicá-lo, não. Matá-lo. As mesmas pessoas que pensam que ele é o Anticristo e que vai derrubar a Igreja Católica se você colocá-lo em seu

programa.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Gladstone engoliu mais um gole de seu uísque e pediu um segundo.

Ele ficou em silêncio por alguns minutos, processando as informações de

Roman e folheando o material da pasta outra vez. Finalmente, sussurrou:

– Nada pode acontecer com ele. Ele é muito especial.

Roman recostou-se e tomou um gole de sua água borbulhante.

Gladstone estava começando a ver a luz.

– Deixe-me lhe perguntar uma coisa, reverendo. Você realmente acha

que ele fez contato com o pai morto?

– Todas as evidências apontam para isso.

– Então, você diria que ele é divino?

As sobrancelhas de Gladstone se arquearam como uma janela de

igreja.

– Divino? Não, ele é mortal, mas acredito que ele tenha entrado em

contato com o espírito do pai e vislumbrado o além. Ele é a prova viva.

– E os cientistas? Será que eles acham que ele teve uma experiência

espiritual? Sabe... Que foi para o céu e voltou?

– Por que você está tão interessado?

– Só pra saber.

– Você é um homem religioso, senhor Farley?

– Sim.

Gladstone abriu um sorriso de aprovação.

– Bem, alguns preferem chamar a experiência de ‚paranormal', e não

de espiritual.

– Qual é a diferença?

– A diferença é que, chamando de ‚paranormal', evita-se a

interpretação religiosa: não se reconhece Deus.

– Quer dizer... assim como esse papo de Nova Era sobre projeção

astral?

– Sim. Talvez algum tipo de telepatia. Essencialmente, o céu para

agnósticos e ateus.

– E você não engole isso.

– Não.

– Então, você não acredita que alguém possa ter uma alma sem que

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

haja um Deus?

– Eu estou dizendo que todos nós temos uma alma dada por Deus,

que é o que nos faz seus filhos, e que, se você crer no Senhor Jesus Cristo,

você terá a vida eterna no céu.

– Alguns de seus inimigos dizem que as alegadas experiências de

quase morte são blasfêmia, pois é o mesmo que dizer que qualquer pessoa

pode entrar no céu, qualquer pecador e não crente. Que são truques de

Satanás.

– Isso é ridículo. Ter uma experiência de quase morte não significa

que automaticamente vão para o céu quando morrer. Deus ainda é o juiz

final. O fato de você conseguir ver a Lua não significa que você possa voar

para lá à vontade.

– Mas e quanto à acusação de que vocês estão praticando feitiçaria?

– Isso é teologia seletiva. Você não ouve essas mesmas pessoas

chamando as visões de Santa Teresa ou Nossa Senhora de Fátima de

feitiçaria. Não, são reverenciadas como coisas santas. – Gladstone tomou

outro gole de seu uísque. – Na verdade, o próprio Jesus foi acusado de

realizar os seus milagres pelo poder de Satanás, milagres que envolvem

visões de seres celestiais e os sentimentos de paz e amor. Ele mesmo advertiu do perigo de se atribuírem a Satanás as obras do Espírito Santo. Os mesmos críticos que afirmam que as EQMs são obras de Satanás estão blasfemando contra o Espírito Santo, um pecado que Jesus afirma ser o único que não pode ser perdoado.

Roman ficou ainda mais confuso. Não importa o que se acredita, sempre se pode encontrar passagens na Bíblia que legitimem a sua opinião.

– Ok, voltando ao que interessa – disse Gladstone. – Você diz que sabe onde ele está?

– Sim, e eu posso trazê-lo para você.

– Por uma taxa, eu presumo.

– Diga-me se você trabalha de graça.

Gladstone deu-lhe um amplo sorriso.

– Ok, vamos às coisas feias.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Roman terminou sua água gasosa e inclinou-se para a frente, de modo

que seu rosto ficou a centímetros de distância de Gladstone.

– Um milhão de dólares em dinheiro, cinquenta por cento adiantado.

Gladstone não se abalou.

– E você vai trazê-lo vivo e bem?

– Vivo e bem – disse Roman, pensando que poderia ter pedido mais.

– Quanto tempo eu tenho para pensar sobre isso?

Roman consultou o relógio.

– Duas horas, dinheiro na mão.

– Isso não é muito tempo, senhor Farley.

– Há bancos em todo canto por aqui onde você pode fazer transferências de dinheiro. E, enquanto isso, essas pessoas estão fazendo de tudo para encontrar o rapaz e fincar uma estaca em seu coração. Se conseguirem, nós dois perdemos. Você mais do que eu.

– E como eu posso ter a garantia de que você não vai pegar o dinheiro e fugir?

Roman descansou a mão sobre a pasta.

– Em primeiro lugar, eu sou o único que sabe o quanto esse rapaz vale. Em segundo, eu quero a outra metade do milhão.

Gladstone concordou, balançando a cabeça, e em segui- da puxou seu iPhone do bolso e disse a quem atendeu do outro lado:

– Bruce, traga o carro.

– Eu o encontrarei do outro lado da rua, dentro de duas horas, debaixo

da estátua de George Washington. Às 14h45 em ponto.

– É melhor às 15 horas. Preciso comprar uma valise.

Às 15 horas, Gladstone subiu o caminho ladeado de flores da

Arlington Street, carregando uma bolsa de couro na mão. Estava sozinho.

Ele entregou a bolsa para Roman, que a colocou sobre um banco

perto da estátua para inspecionar o conteúdo. Quando a área ficou livre

dos carrinhos de bebê e transeuntes, Roman afastou-se e pediu para

Gladstone abrir ele mesmo a bolsa e incliná-la em sua direção, para ver o

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

que tinha dentro.

Gladstone inclinou a cabeça na direção dele.

– Você está achando que eu tenho uma bomba aqui dentro?

– Se você se recusar a abrir, sim.

Gladstone abriu a bolsa e inclinou-a para ele. Estava recheada de

maços de notas de cem dólares. Roman se aproximou e mexeu

aleatoriamente dentro da bolsa para verificar os pacotes. Todos os

Franklins acondicionados em pacotes de 10 mil. Nem precisava contá-los.

Ele fechou a bolsa.

– Quando terei notícias suas? – Gladstone perguntou.

– Nas próximas 24 horas.

Roman, em seguida, viu Gladstone trilhar o mesmo caminho ladeado de flores até a Arlington Street. Para se certificar de que Gladstone fora embora, ele cortou caminho pela grama até o local em que o Lincoln Town Car esperava na calçada. Enquanto Roman espiava atrás de alguns arbustos, viu o motorista sair e abrir a porta traseira para Gladstone. Com um choque, Roman reconheceu o rosto do motorista. Era o mesmo cara que havia levado Babcock para a Fraternidade de Jesus.

– Filho da mãe! – Roman pensou. – Bruce também estava acendendo uma vela para Deus e outra para o diabo.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

—
—
—
—
—
—
—
—

a

Cerca de duas horas após a parada, Zack aproximava-se da saída

Biddeford/Rota 5. Nada parecia familiar, mas ele virou ali.

– É aqui?

– Sim.

– Você tem certeza?

– Sim, eu tenho certeza.

Havia um complexo hoteleiro novo logo na rampa de saída que ainda tinha andaimes em uma das fachadas e equipamento pesado de construção em frente.

– Mas isso é tudo novo, e você não vem aqui há vinte anos.

– Acredite em mim, este é o caminho certo.

– Estou tentando.

Havia um conjunto de restaurantes fast-food na estrada de acesso.

– Talvez devêssemos parar para pedir informações e comprar algo para comer.

– Vamos encontrar um lugar para comer quando chegarmos mais perto.

– Mais perto de quê?

Ele não disse nada porque não queria assustá-la. Mas a sensação agora era elétrica. Ela não entenderia, e ele não poderia colocar a sensação em palavras que fizessem sentido.

Mas ele realmente estava grato à Sarah por tê-lo ajudado a sair do

túnel para a luz. Se não fossem aqueles testes, ele ainda estaria preso ao

cinzento mundo materialista. Embora houvesse negado muito tempo,

alguma coisa tinha ficado em sua cabeça naquele primeiro dia, com o

capacete de estimulação; depois, como uma chama piloto ardendo ao

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

longo de todas as desagradáveis sessões de quase morte; e, agora, a coisa

era uma luz claramente distinguível, como um farol.

Ironicamente, a única pessoa naquele laboratório que tinha visão era a

mesma que tentou matá-lo. Engraçado como ele já estava começando a

respeitar aquela mulher. Ela estava de olho no prêmio. E o prêmio estava

logo ali, à frente.

Ele pegou a Rota 5.

Apenas mais alguns quilômetros.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

81

Às 15h15, Roman telefonou para Norman Babcock pedindo que o encontrasse em meia hora e combinando o ponto de encontro. Babcock concordou.

Às 15h45, de seu carro alugado, Roman viu Babcock dirigir sua Mercedes até um canto deserto do Watertown Mall. Roman deixou a vaga escondida onde esperara e parou a quinze metros de Babcock, que, conforme as instruções, estava diante de seu carro com uma sacola de viagem. Quando teve certeza de que nenhum outro carro havia acompanhado Babcock, Roman ligou para seu telefone celular, instruindo-o a se aproximar do seu carro. Quando Babcock se aproximou, Roman baixou a janela do lado do motorista.

Mas Babcock não lhe entregou a sacola.

– Como posso ter certeza de que você não vai simplesmente desaparecer?

– Eu não fiz isso nos últimos quatro serviços, fiz?

– Sim, mas agora tem meio milhão em jogo.

– E eu quero a outra metade.

– E quando eu verei os resultados?

– Em 24 horas – disse ele, puxando uma mochila vazia do banco do

passageiro.

– Para que é isso?

– Hoje, o dinheiro, amanhã, a cabeça dele.

Babcock assentiu. Ele entregou a sacola para Roman. Mas Roman fez

que não com a cabeça. Não havia carros nas proximidades.

– Dê dez passos para trás, abra a sacola e mostre-me o conteúdo.

– O quê? Por quê?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Faça como estou mandando.

Babcock congelou por um momento quando Roman mostrou-lhe a

arma e subiu o vidro da janela para assistir.

Então, Babcock abriu o zíper da sacola e inclinou-a na direção da

janela de Roman. Ele até tirou um maço de notas de cem e folheou-o com

o polegar.

Quando Roman estava satisfeito, baixou o vidro e permitiu que

Babcock lhe passasse a sacola. Descarregou todos os maços e transferiu-os

para a mochila, deixando Babcock com a sacola esportiva original, para o

caso de haver um dispositivo caseiro nela.

– Vinte e quatro horas – disse Babcock, parecendo ainda duvidar.

– ‚Crede em mim, diz o Senhor'.

– Mas você não é o Senhor.

– Não, mas sou o melhor guerreiro que ele tem.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

82

Roman dirigiu do Watertown Mall até o Bank of America em Watertown

Square para depositar o dinheiro de Babcock e Gladstone em um cofre de segurança.

O estacionamento estava praticamente vazio porque era quase a hora

de o banco fechar. Ele tinha alguns minutos e estacionou nos fundos do edifício. Antes de sair do carro, ele colocou o DVD da primeira sessão de Zack Kashian em seu laptop. Algo naquela primeira entrevista havia ficado preso em sua mente como um espinho. E pela terceira vez ele assistiu ao despertar do rapaz.

– Ei, Zack, você está acordando. – A voz era de uma mulher em off. – Zack, consegue me ouvir?

Ele resmungou.

– Ele está acordando. – disse um homem que não podia ser visto.

– Vamos, Zack, acorde.

O rapaz abriu um olho.

– É isso aí, Zack, abra os olhos.

– Bem-vindo de volta. Como você se sente?

– Se sua boca e sua língua estiverem formigando, isso é normal. Você consegue me dizer o seu nome?

Kashian olhou sem expressão para a mulher e nada disse.

– Ok, você ainda está um pouco confuso.

– Você pode nos dizer o seu nome?

Ele balançou a cabeça.

– Não? Claro que pode. É Zack. Qual é o seu sobrenome?

Após um tempo, ele disse:

– Kashian.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– O quê?

– Kashian.

– Certo. Muito bem. E você sabe onde está?

Naquele momento, Roman pausou o vídeo. Na entrada ao longe, ele avistou uma BMW sedã prata com Bruce ao volante e um cara que ele não reconheceu. Antes que pudessem bloqueá-lo lá dentro, ele girou o carro e saiu na rua.

Disparou pela Mt. Auburn, com a BMW bem atrás dele. Roman empurrou a mochila de dinheiro para o chão e subiu a colina com a BMW ainda em seu encalço. Os malditos o haviam seguido desde o ponto de encontro. Fora uma armação desde o início.

À sua frente, avistou a Watertown High School, virou na rua lateral e entrou na grande área de estacionamento. Como era fim de semana, o local estava vazio.

Fez um semicírculo, colocando o carro diante da entrada da rua.

Um segundo depois, a BMW entrou no estacionamento. Antes que virasse um alvo para Bruce, Roman jogou o carro abruptamente para a esquerda e, em seguida, para a direita. Ele podia ver o passageiro apontando uma arma para ele. Mas Roman ziguezagueou o carro, pisou fundo no acelerador e atingiu violentamente a lateral da BMW com a grade dianteira de seu carro, esmagando a porta do passageiro e forçando o veículo a uma parada brusca.

Roman saltou do carro empunhando a pistola com silenciador e deu a volta correndo pela traseira da BMW. Antes que Bruce pudesse se recuperar, arrebentou a janela do lado do motorista, matou o passageiro e encostou a arma na garganta de Bruce.

– Não, por favor. Eu não tinha intenção.

– Sim, você tinha. – E Roman puxou o gatilho.

Dez minutos depois, estava de volta ao estacionamento do banco, mas ele tinha acabado de fechar. Furioso, tirou o celular do bolso e ligou para Babcock.

– Mande mais um de seus meninos da fraternidade atrás de mim, e você morre. Entendeu?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Roman, eu juro que não tive nada a ver com isso. Eles devem ter me

seguido. Eu juro. Eles estavam agindo por conta própria.

– Bem, isso não vai acontecer outra vez. Eles se encontram em uma

‚experiência de morte permanente'. E, se você quiser esse rapaz

eliminado, não se meta mais comigo.

Ele desligou.

Todos os bancos estavam fechados e ele tinha 1 milhão de dólares em

dinheiro vivo com ele. Teria de ir para casa e deixá-lo lá.

Enquanto isso, voltou para o laptop e ligou o DVD novamente.

– Ok, você ainda está um pouco confuso.

– Você pode nos dizer o seu nome?

– Não? Claro que pode. É Zack. Qual é o seu sobrenome?

– Kashian.

– O quê?

– Kashian.

– Certo. Muito bem. E você sabe onde está?

O rapaz respondeu.

Roman pausou, voltou o vídeo e exibiu essa parte novamente. Então,

folheou uma pasta de dados que tinha pegado de Morris Stern. Após vários

minutos, encontrou o que estava procurando.

– Caramba! – disse ele em voz alta.

Ligou o GPS. Não havia tempo para passar em casa. De repente, isso

se transformou em uma peregrinação religiosa, pensou. Ele saiu para a rua

e pegou a pista rápida.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

83

Passava um pouco das seis da tarde quando Zack saiu da Rota 5 e pegou a 202, uma estrada asfaltada de duas pistas que cortava uma floresta densa. O indefinível instinto que Zack seguia era como ter um GPS no interior de seu crânio. Eles entraram no centro de Farrington: uma fileira de casas, um corpo de bombeiros voluntários e um pequeno posto de gasolina com uma loja de conveniência. Zack parou ao lado de uma bomba de gasolina. Sarah desceu do carro para usar o banheiro e comprar algo

para comer.

Como ninguém foi atendê-lo, Zack saiu e retirou a mangueira.

Enquanto abastecia, um homem com uma camisa laranja e um boné preto saiu da loja.

– Segunda porta à esquerda. Não precisa de chave – disse ele para Sarah, que agradeceu e caminhou até uma entrada externa.

– Eu não sabia se era de autosserviço ou não – disse Zack.

– Sim, sinhô. Aqui não é Massachusetts. Por estas bandas, nóis dá opção, sô.

,Por estas bandas, nóis dá opção, sô.' Eles realmente falavam dessa forma. ,Sim, sinhô.' O cara tinha uma barba grisalha; uma parte do bigode curvava-se sobre o lábio. Em um bolso lateral de sua mente, Zack se perguntou por que ele não aparava aquilo e tentou não pensar no cara comendo um sanduíche de salada de ovo. Ele entregou a bomba para o homem e pediu-lhe que enchesse o tanque.

– Só por curiosidade, você já ouviu falar em Magog Woods?

O cara levantou a cabeça.

– Sim, sinhô.

– Estamos indo na direção certa?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Depende da sua direção.

Devido à localização das bombas, o carro estava apontando para oeste.

– Norte.

– Sim, sinhô, só que as placa já caiu faz uns ano.

– Tem alguma indicação?

– Árvores.

– Mas árvore é só o que tem por aqui...

– Então, ocê entendeu.

Afora aquele minivilarejo, apenas bosques impenetráveis margeavam

as estradas.

– Fica longe?

– O quê?

– Magog Woods. – Zack estava começando a achar ou que o homem

estava curtindo com a cara dele ou era apenas lerdo.

– Uns vinte... 25 quilômetros.

– Existe uma entrada?

– Que nada.

– Como vou saber que estou lá?

– Provavelmente, não vai, a meno que ocê sabe o que tá procurando.

Só um corte nas árvore, se é que ainda tá lá. Eu memo num vô muito praquelas banda. – Através da janela traseira, ele olhou para os sacos de dormir enrolados e as mochilas no espaço de carga.

Quando ele terminou de encher o tanque, Zack lhe entregou 60 dólares. O cara inspecionou as notas, como se suspeitasse de que eram falsas. Quando se deu por satisfeito, puxou um maço de notas, lambeu o polegar e o indicador e, lentamente, puxou quatro notas de um. Enquanto o homem estava naquilo, Zack notou duas pessoas no interior da loja, observando-o.

– É lá que ocê tá pensando acampar?

– Por que pergunta?

– Porque num tem lugar para montar uma barraca, a meno que ocê ande um estirão. A mata é fechada. Um lago ou dois, bem lá pra dentro,

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

mas ninguém vai lá.

– Como assim?

O cara levantou a cabeça novamente.

– Se ocê num tem o que fazer lá, mió seguir adiante.

Zack sentiu o rato em suas entranhas agarrar em alguma coisa.

– Tem muito acampamento bom pros lado de Fryeburg, Kezar

Lake. Cum água corrente, e eles são seguro.

Só então Sarah saiu da loja com uma sacola de comida e bebidas.

– Tem uns mapa de parque de campismo da região. – Ele olhou para

Sara. – A senhora que atendeu ocê terá prazer em ajudar.

Sarah olhou para Zack.

– E quanto a hotéis?

– Tem isso também, e umas pousada bacana feita na medida pra

gente de Massachusetts. É só perguntar pra Marianne.

Sarah voltou para a loja. Zack esperou até ela estar fora do alcance de

sua voz.

– Você está dizendo que há problemas em Magog?

– Principalmente pra gente que entrou lá.

– O que aconteceu?

– Nunca saiu de novo.

Zack balançou a cabeça, mostrando que havia entendido; era tudo

lenda local.

– Alguma ideia do que aconteceu com eles?

–

Difícil

dizer,

moço. Talvez

se

perderam.

Talvez

se

machucaram. Talvez caíram na lama movediça. Talvez pior.

O que poderia ser pior do que afundar em lama movediça?

– Você quer dizer... animais?

– Tem um monte deles por aí. – Ele balançou a cabeça como se

fizesse um inventário mental de todas as criaturas do lugar. Então,

acrescentou: – Mas pode ser outra coisa.

– Como o quê? – O rato começou a roer algo.

– Difícil dizer. Mas até memo os agente do DPIVS num vão lá, e eles

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

carregam mais armas do que a polícia estadual.

– DPIVS?

– Departamento de Pesca Interior e Vida Selvagem. Eles tomam

conta pra vê se os animais selvagem tá saudável, se ninguém rouba.

– Qual é o problema?

– O problema é que uma gente daqui num são como ocês, gente de Massachusetts. Elas num têm emprego fixo, nem uma vida civilizada. Vivem na floresta, vivem da terra, só saem de lá uma vez por ano, quando saem. Comem o que eles matam. Eles pega um alce, o DPIVS faz que num vê, olha pro outro lado. – Ele pegou um pano e começou a limpar as mãos. Depois, o nariz.

– Eu ainda não entendi qual é o problema.

– Bem, tem gente que acha que eles não batem muito bem da bola... vivendo muito isolado, lidando só com a natureza muito tempo. Num importa! Nóis num mexe cum eles, eles num mexe cum nóis.

– Você está dizendo que existem pessoas perigosas lá?

– Estou dizendo pra arriar suas mala em outro lugar.

Sarah saiu da loja com um guia pequeno e alguns folhetos de hotéis e pousadas. Ela agradeceu ao homem e deslizou de volta para o banco do passageiro.

A mulher correu atrás dela.

– Óia o resto de seu troco, dona. – E ela entregou a Sarah algumas moedas.

A mulher era grande e tinha o cabelo puxado para trás, preso em um rabo de cavalo. Tinha um rosto largo, masculinizado, e usava um moletom rosa choque com um trocadilho que dizia: ,Mãe Mainíaca.' Quando Sarah disse para ela ficar com o troco, a mulher disse:

– Brigada, mas nós num aceita caridade. – Ela se postou ao lado do homem na bomba de gasolina para vê-los irem embora.

Zack acenou e afivelou o cinto de segurança, enquanto os dois os acompanhavam com os olhos, sem expressão, parecendo uma versão obesa de American Gothic[24]. Justo quando Zack estava prestes a se afastar, o Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

homem fez uma arma com os dedos e apontou a 202 na direção sul. Sarah não o viu, e Zack virou o carro para o norte. No espelho retrovisor, o homem continuava lá parado ao lado da esposa, olhando o carro deles se afastar, balançando a cabeça em sinal de desaprovação.

[24]. Famoso quadro do pintor americano Grant Wood. (N. da T.) Quando haviam rodado cerca de quatrocentos metros, Sarah entregou

a Zack um sanduíche de atum, cujo recheio havia escorrido através do pão.

– Era tudo o que tinham – disse ela. – Acho que acabaram com o estoque de coisas boas do lugar.

– Ah, sim, era a meca dos gastrônomos.

Zack colocou o sanduíche no suporte entre eles. Não tinha apetite.

Tomou um gole do chá gelado e seguiu em frente, sentindo que estava indo na direção certa, apesar de o cara lá do posto se comportar como um dos aldeões do filme Drácula. Estou surpreso por ele não ter me oferecido um crucifixo, pensou ele, com sombria estupefação.

– Sua memória é espantosa – disse Sarah, mordendo o sanduíche dela. – Eu perguntei à mulher, e ela disse que Magog Woods fica a cerca de 25 quilômetros de distância.

Não é memória.

– Você deve ter estado aqui mais vezes do que se lembra.

Racional até o fim, Zack pensou.

– Talvez sim – disse ele, para agradá-la. – Logo que chegamos àquela

parada, tudo voltou.

– Mesmo assim, você tem uma excelente memória.

– Ou talvez eu não tivesse motivos para me lembrar, e agora tenho.

– Não tenho certeza de que compreendi.

– Não é importante.

Pelo canto do olho, viu-a se virar para ele.

– O que não é importante?

– Nada. – Sombras arroxeadas projetadas pelo sol poente cobriam a

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

estrada à frente.

– Zack, eu não estou gostando disto.

– Do que você não está gostando?

– De estar aqui, nesta região. Da maneira como você está se

comportando. Da maneira como você está falando. Estou ficando

assustada.

– Bem, eu sinto muito.

– Eu quero voltar, ok?

Não! Ela está tentando corrompê-lo. Desviá-lo da sua missão.

– Olha, são somente mais dezesseis quilômetros, aproximadamente.

Se não encontrarmos, vamos voltar. Eu prometo.

– Você nem mesmo sabe o que está procurando.

– Se você quiser, eu posso deixá-la naquela loja e ir sozinho.

– Fala sério.

– Então, confie em mim.

– Se você não encontrar seja lá o que for, nós voltaremos. Prometa.

– Eu prometo.

Mas no fundo de sua mente havia uma centelha de culpa

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

84

Cerca de dez quilômetros depois do posto de gasolina, Zack desacelerou o

carro. O paredão de árvores em ambos os lados da estrada formava um corredor ininterrupto, cada vez mais escuro. Desde a parada, passara um único veículo na estrada, vindo no sentido oposto.

– É isto? – Sarah perguntou. O medo era audível em sua voz.

Ele não respondeu, mas seu peito estava batendo tão forte que ele arfava. Depois de meio minuto mais, ele parou. No mato fechado havia uma pequena entrada que dava em uma estrada de terra sem marcação, quase indistinguível, apenas um corte estreito através de pinheiros altíssimos, carvalhos e mata densa. Zack entrou ali. Não havia outros carros na estrada, que desaparecia na escuridão em qualquer direção.

– O que estamos fazendo?

– Nós estamos aqui.

Zack acendeu os faróis. O trecho esburacado de terra só permitia a passagem de um carro, com as ervas daninhas que cresciam por entre os sulcos de pneus já começando a tomar todo o resto. Obviamente, aquela estradinha não era muito usada e ia se desenrolando à frente deles, para logo desaparecer na escuridão. Zack verificou se as portas estavam trancadas.

– Eu só quero prosseguir um pouco. Depois, iremos embora imediatamente.

– Não estou gostando disto.

– Nós vamos ficar bem. – O cérebro dele estava zumbindo como um

enxame de vespas. Ele avançava lentamente pelo caminho, enquanto a

vegetação ia escovando o carro e as árvores muito próximas formavam um

túnel que se fechava sobre eles quanto mais longe iam. Algo muito

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

estranho estava para acontecer.

– Zack, por favor, volte. Eu quero sair daqui.

– Ok. Vamos encontrar uma clareira para manobrar.

– É só voltar de ré.

Mas ele não lhe deu atenção e rodou alguns metros mais, até que

ficou claro que tinham chegado ao fim, os faróis bateram em um muro de

árvores sem abertura grande o suficiente para deixar passar um carro.

– Viu?

– Vi o quê? Não há espaço para manobrar.

Ele não tinha ideia de quanto haviam avançado, talvez uma centena

de metros. Mas ela estava certa. Ele tinha apenas uns sessenta ou noventa

centímetros de cada lado do carro para virar. E não seria fácil ir de ré, com

apenas as lanternas traseiras para iluminar o caminho.

Sarah fervia de raiva enquanto ele engatava a marcha a ré e tentava manobrar, avançando uns trinta centímetros de cada vez. As laterais iam sendo raspadas, e ele iria pagar uma nota para consertar os riscos. Mas, muitos minutos depois, ele conseguiu finalmente virar o carro no sentido contrário. O suor escorria por seu rosto e suas costas.

– O que foi isso? – perguntou Sarah, ofegante.

Ele se virou, pensando que ela tinha visto alguma coisa no bosque.

Mas Sarah estava olhando para a frente.

Através do para-brisa ele não conseguia ver nada, só a estrada de terra e os paredões de árvores. Então, ele acendeu os faróis altos. Algo piscou de volta para ele, e ele sentiu um nó no estômago. Cerca de trinta metros à frente, preenchendo a largura da estrada, havia uma van preta.

– Quem é? – Sarah sussurrou.

– Eu não sei.

As luzes da van se apagaram, e mesmo com os faróis altos Zack não conseguia ver ninguém por trás do para-brisa.

– Nós estamos presos.

Quem os havia seguido o fizera praticamente às escuras, porque Zack enveredara por aquele caminho com um olho na estrada e outro no espelho retrovisor. Com os faróis apagados, o motorista os seguira na

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

escuridão quase total. E, pelo tempo que Zack levara para virar o carro,

quem quer que fosse ou conhecia o caminho ou podia enxergar no escuro.

Se a van estava vazia, o motorista poderia estar em qualquer lugar,

observando-os.

– Somos presas fáceis – disse ela.

Zack soltou o cinto de segurança.

– Não, não saia – ela pediu.

– Só quero pegar uma coisa lá atrás.

– Não. – Ela estava começando a entrar em pânico e agarrou o braço

dele. – Não saia, por favor.

– Então, venha comigo. – Zack desceu, e Sarah passou para o banco

do motorista e saiu pelo lado dele. Ele foi com ela até o porta-malas, onde

pegou sua mochila e duas lanternas. Ele não as acendeu, mas entregou

uma a Sarah. Colocou a mochila nas costas, afastou o tapete, e levantou o

piso falso sobre o pneu sobressalente. Na bolsa de reparos havia um pé de

cabra de trinta centímetros. Teria de servir. Ele fechou o porta-malas,

segurando a lanterna preta em uma mão e o pé de cabra na outra. Em um flash, viu-se esmagando o crânio de Mitchell Gretch.

Sarah puxou-o para voltarem.

– Vamos entrar.

A floresta estava escura e carregada com o som de insetos. O que dava para ver do céu tinha se tornado opaco, com poucas estrelas brilhando através do espesso dossel.

– Para quê?

– Talvez a gente possa empurrá-lo para fora da estrada.

– Tem muita árvore. – Elas cresciam até a estrada, não deixando espaço para enfiar a van.

Sarah estava tremendo.

– O que vamos fazer?

Zack não tinha ideia de quem dirigira a van, nenhuma familiaridade psíquica. Seu coração estava batendo forte, mas ele não estava com medo.

Ele abriu a porta para Sarah, do lado da direção.

– Ok, entre. Tranque as portas e ligue o carro.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– O quê?

– Basta fazer o que eu digo. Por favor.

– Não, Zack. Não.

Ele a empurrou delicadamente para dentro, fechou a porta e caminhou pela estradinha de terra iluminada pelos faróis altos do Murano, segurando o pé de cabra na mão direita, a lanterna na mão esquerda. Quando se aproximou da van, ele não viu ninguém nos bancos da frente, mas não conseguia ver o banco de trás. Ele iluminou as árvores em volta com a lanterna, mas não viu ninguém.

Foi até a van, uma VW antiga e castigada, sem placa dianteira e um selo de inspeção do Maine que tinha vencido havia dois anos. O motor estava quente. Prendeu a respiração e agarrou o pé de cabra. Em seguida, encostou a lanterna no para-brisa. A van estava vazia. As portas estavam trancadas. Nada de chave na ignição. Nada no banco da frente. Na traseira, dava para ver algumas caixas e alguns jarros plásticos sem importância, nos cantos. Umas pilhas de roupas ou trapos... Não dava para distinguir. Mas o seu coração deu um pulo quando o facho de luz iluminou um rack de armas montado no teto atrás do motorista. Estava vazio.

Iluminou ao redor, sabendo que estava sendo vigiado. Quando ia

inspecionar a traseira da van, Sarah gritou.

Ele disparou como uma flecha em direção ao Murano, seus pés mal

tocaram o solo. Não via mais ninguém no veículo, apenas o rosto lívido de

Sarah. Quando chegou à porta do motorista, ela a destravou.

– Tem alguém lá fora – disse ela, mal conseguindo recuperar o fôlego.

– Eu o vi.

– Onde?

– Na minha janela.

– Você viu o rosto?

Ela balançou a cabeça negativamente.

– Só um flash.

– Você o reconheceu?

– Não. Foi muito rápido.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Como ele era?

– Eu não sei. Apenas uma forma escura.

– Ele disse alguma coisa?

– Não. O que vamos fazer?

O motor estava ronronando, e com os faróis mal se distinguia a van à frente deles.

– Provavelmente, é gente do lugar querendo assustar os ‚bacanas' de Massachusetts.

– O pessoal do posto de gasolina?

– É. A ideia caipira de uma noite de sexta-feira divertida.

– Está se movendo – disse ela.

Zack acendeu as luzes. A van estava em movimento, mas não em direção a eles. Dava ré. Com os faróis apagados, a van retrocedeu e, num instante, desapareceu na escuridão, as árvores pareciam se fechar sobre ela como uma cortina.

– Siga em frente – disse ela.

Em vez disso, ele apagou os faróis. A floresta era um breu. Não se via luz da van. Nem luzes distantes da estrada. Nada, além do irredutível negrume. Ele desligou o motor do carro.

– O que você está fazendo? – Ela gritou. – Vamos dar o fora daqui.

– Foram embora. – Ele abriu a porta.

– Zach, volte para dentro e me leve para casa.

– Não foi para isso que nós viemos. – Ele pegou as chaves e saiu.

– Entre aqui, droga!

Enquanto ela continuava protestando, ele não disse nada e andou até

o final do caminho onde ele havia virado o carro.

Lá no alto, as estrelas ainda piscavam através das copas das árvores.

Mas ele podia ver uma fina camada de nuvens começando a enevoar a luz.

Também podia sentir uma queda na temperatura, já que começara a

ventar, trazendo o cheiro de chuva.

Sarah saiu do carro e bateu a porta.

– Que diabos você está fazendo? – disse ela, andando até ele.

– Nós não terminamos. – Ele sentia o latejar do próprio pulso contra o

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

pé de cabra que apertava na mão.

De repente, um pavoroso grito, sobrenatural, ecoou na floresta,

aterrorizando Sarah e quase parando o coração de Zack.

– O que foi isso? – gritou ela.

– Apenas um mergulhão.

Em outra parte, outro mergulhão respondeu com o mesmo trinado

histérico.

Ela agarrou a frente de sua camisa.

– Eu quero sair daqui. Agora!

– Então, vá. – Ele balançou as chaves do carro diante dela. – Leve o carro e saia. Você é livre, o caminho está desimpedido. Eu não vou voltar.

– Por que você está fazendo isso?

– Diga-me, Sarah, no que exatamente você acredita, hein? Tudo se resume a serotonina e lobos de Deus?

– O quê?

– Não é possível que existam coisas invisíveis neste mundo?

– Zack, por favor...

– Estou realmente querendo saber. Não é possível que você possa estar errada? Você quer uma prova concreta? Bem, você está olhando para ela: eu.

– Mas...

– Mas o quê? Estou delirando? Sou psicótico? Louco?

– Eu não disse isso.

Ele colocou as chaves na mão dela.

– Vá para casa, Sarah. Volte para a limpa e bem iluminada Cambridge. – Então, ele se virou e afastou-se, inebriando-se com o odor de pinho, almiscarado, proveniente das árvores e folhas em decomposição. E outra coisa.

Suor humano.

E outra coisa.

Fumaça de lenha.

Zack congelou no lugar e virou a cabeça como se fosse uma antena

procurando um sinal.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Estavam cercados por um paredão contínuo de árvores formando uma

massa de vegetação em ,luz e sombra' em torno deles, contra a luz

desvanecente das estrelas. Ele meteu o pé de cabra no cinto e se dirigiu à

pequena clareira onde ele havia virado o carro.

– Eu não vou embora – disse Sarah.

Ele não disse coisa alguma, mas parou de repente. Então,

inexplicavelmente, algo no fundo de seu cérebro fez um clique. Ele se

virou para a esquerda e olhou para o chão negro.

– Eu não estou enxergando nada – ela murmurou.

Ele apontou a luz para um ponto no chão.

– Por aqui.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

85

– Como é que vamos encontrar o caminho de volta? – ela sussurrou.

– Sem problema.

– O que quer dizer com ‚sem problema'? E onde está a sua bússola?

– Estou com ela.

– Onde?

Mas ele não respondeu. Em vez disso, desligou a lanterna e prosseguiu, enquanto ela mantinha a dela iluminando o caminho à sua frente. Através das copas das árvores, a luz esmaecida das estrelas pintava um vago diorama de galhos e troncos. A visibilidade no solo era mínima. No entanto, Zack se movia através do emaranhado de arbustos e árvores como se fosse orientado por radar. E Sarah se arrastava atrás dele, sem dizer nada.

Enquanto se embrenhavam mais fundo, Zack sentiu a temperatura

cair ainda mais. Apesar de estarem se movimentando, a friagem penetrava sua jaqueta e seu moletom. Ocorreu-lhe que, se eles se perdessem, levaria anos para encontrarem seus restos mortais. Se algum dia encontrassem. A floresta estava cheia de criaturas de hábitos noturnos – coiotes, ursos, linces – que os reduziriam a ossos em um instante. E o que sobrasse seria consumido por insetos e vermes. Morte e reciclagem total.

E ele podia ouvi-los – gorjeios, trinados e chilreios, um grunhido ou resfolegar ocasional. Ao longe, os gritos histéricos dos mergulhões. E, ainda mais ao longe, coiotes uivando para o céu.

Deus, dê-me um sinal.

Quando Sarah puxou-lhe a camisa para perguntar para onde eles estavam indo, para lhe pedir que voltassem, ele simplesmente disse:

– Confie em mim.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

O caminho era estreito e coberto com brotos tenros como a esperança que crescia nele. Silenciosamente, ele conduzia Sarah. A certa altura, ela soltou um grito, quando alguns pássaros aninhados no solo se assustaram

de repente, esvoaçando no facho de luz de suas lanternas como pequenas fadas.

Mas algo mais estava lá. Algo vivo e consciente. Ele podia sentir a sua presença, ainda que ele não pudesse ouvi-lo. De vez em quando, ele parava e prestava atenção.

A floresta vibrava com o raspar metálico das asas de milhares de grilos, preenchendo o ar com uma expectativa feroz. Infelizmente, o ar também estava infestado de mosquitos que picavam e entravam-lhes nos olhos e ouvidos, e transformavam as florestas do Maine em um inferno de zumbidos. E eles não tinham repelente. Mas o vento aumentou e afugentou os insetos.

Um sinal? Talvez o vento, ele pensou.

Apesar dos protestos de Sarah, eles adentravam mais a mata.

– Sarah, estamos bem.

– Eu não estou bem, droga!

Mas ele a ignorava e movia-se pelo mato como um cão de caça. Zack gostaria de poder explicar, de encontrar as palavras. Mas aquilo estava além da linguagem. E ela era muito racional, vivia dentro dos limites da lógica cartesiana e da física newtoniana. Do jeito que ele costumava ser. Entretanto, alguma coisa havia acontecido. Algo que ela não sonhara em sua vã filosofia. Nas últimas horas – ou, pensando bem, semanas –, as

coisas se encaixaram com uma sublime inevitabilidade, como uma profecia que se cumpre, culminando naquela floresta onde as árvores se erguiam como torres de uma catedral.

Zack parou de repente.

– O que foi? – Sarah perguntou sobressaltada.

– Ouça.

Tudo ao redor deles havia se tornado absolutamente silencioso, como se alguém tivesse desligado o áudio. Nada de grilos, nenhum ruído dos animais noturnos, nem pássaros assustados ou uivos de coiote. Nem

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

mesmo o murmúrio do vento na copa das árvores. Era como se a floresta estivesse prendendo a respiração.

– O que está acontecendo? – O terror estrangulava a voz dela.

– Nada. – Zack olhou para trás. Mesmo se quisesse voltar, nunca conseguiriam, não naquele escuro labirinto. Além disso, o mato pisoteado por eles, que teria podido fazer as vezes de trilha, já estava se recuperando e voltando ao lugar. E uma garoa fria começava a cair.

– Estamos perdidos – Sarah sussurrou. – Estamos completamente perdidos, e você não tem nem uma droga de bússola. Você mentiu. – Ela estava chorando.

De repente, o coração de Zack foi tomado pela dúvida. E se ele estivesse errado? Será que ele havia se iludido? E se o instinto que o guiava fosse uma invenção de um cérebro corroído pela tetrodotoxina? E se ela tivesse razão e tudo aquilo fosse apenas coisa de sua cabeça? Será que não havia coisa alguma por trás daquilo? Nenhuma mente transcendente. Nenhuma consciência superior. Apenas a piada cósmica da esperança.

– Zack!

Ele se virou, e atrás deles o chão estava queimando com um fogo verde, como se lava alienígena estivesse brotando do solo. O caminho à frente ainda estava escuro, mas, atrás deles, suas passadas haviam deixado um rastro incandescente, como se tivessem andado sobre rádio líquido.

Ele puxou Sarah para a frente. O material estava grudado aos sapatos deles e aos fundilhos das calças como ácaros fosforescentes. Brilhando com milhões deles. Ela bateu o pé, e seu tênis de corrida iluminou-se.

– Que diabos é isso?

Um sinal. Obrigado.

Ele a segurou pelos ombros.

– Sarah, acalme-se. Chama-se bioluminescência. Uma reação química

que ocorre em fungos e madeira apodrecida. Uma fosforescência química.

Pura biologia.

– O quê? Como você sabe disso?

,Fogo das fadas', como seu pai chamava, e ele se lembrou de tudo, de

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

verdade. Na última vez em que estivera ali, seu pai levara ele e Jake pelo

mesmo caminho, à noite. Então, ele desligara a lanterna para mostrar a

eles o fenômeno.

– Meu pai...

Foram em frente. Atrás deles, a bioluminescência os seguia,

destacando a silhueta de torrões de terra, mudas, galhos caídos, e

espirrando a cada pisada, como se, logo abaixo da superfície, houvesse um

lago raso de tinta fluorescente.

– Você viu?

Ela balançou a cabeça concordando, olhando para o rastro brilhante,

desvanecendo-se lentamente no escuro.

– Você está bem?

Ela não respondeu. Ele pegou a mão dela, que estava fria e úmida, e guiou-a. A garoa estava transformando a pele de Zack em uma mousse gelatinosa e gelada. Eles caminharam mais alguns metros, e ela estancou.

– Não posso ir em frente. Não posso continuar.

– Eu sei – disse ele, abraçando-a. Ela não compreendia. Como poderia? – Estamos quase lá.

– Você só fica repetindo isso. Eu quero voltar.

– Por favor, confie em mim. Apenas cinco minutos mais. Eu juro, de verdade.

Continuaram, aos tropeções, e logo o fogo das fadas desapareceu, restando apenas a negra floresta. Ele seguia o facho de sua lanterna e o verme da dúvida deslizou novamente em seu peito.

Por favor, não me abandone.

De repente, Sarah parou. Ela estava tremendo e, na luz, seu rosto era uma máscara branca de si mesma. Lágrimas rolavam por seu rosto.

– Não.

– Só um pouco mais.

– Não, e você está me assustando pra valer.

– Fumaça.

– O quê?

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Ele girou a cabeça em volta.

– Sinto cheiro de fumaça.

– Estou me lixando para isso.

Ele andou alguns metros no escuro.

– Lá.

Ao longe, um tênue brilho alaranjado. Ele olhou para Sarah. Ela estava

em pé, com as mãos apertadas contra o peito, o cabelo emaranhado pela

chuva que caía. Parecia que havia se transformado em pedra. Zack foi até

ela e estendeu-lhe a mão.

Por um longo momento, Sarah olhou para ele e, então, aceitou a mão

estendida. Caminharam cerca de trinta metros, seguindo a luz.

– Meu Deus – ele sussurrou. – Estou em casa.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

86

– É isto?

Zack olhou para a cabana, tendo um choque de reconhecimento.

– É.

Ele mal podia acreditar no que seus olhos estavam registrando. Não ia lá desde criança, e a circunferência das árvores havia, provavelmente, aumentado, mas tudo lhe voltou. A cabana – uma caixa marrom-escura, feita de pranchas verticais de madeira, com um telhado inclinado –, a vegetação densa, emaranhada e áspera, o velho toco de carvalho para cortar lenha, um machado com cabo longo e um esporão cravado nele, uma roda de afiar, a pilha de madeira ao lado da cabana. Também tinha um poço artesiano que seu pai havia construído, tirando água de um aquífero do riacho próximo.

À direita da porta da frente havia uma pequena janela, brilhando com a luz que vinha do interior da cabana. A fumaça subia pela chaminé em algum lugar nos fundos. Enquanto ele absorvia tudo aquilo e tentava

organizar os flashes psíquicos, Sarah sussurrou o seu nome. Zack olhou, e ela estava apontando sua lanterna para alguma coisa. Ele deslocou-se até ela. No círculo de luz estava a mesma van preta.

Zack foi até a porta da frente e bateu. Nenhuma resposta. Bateu novamente.

– Pai, sou eu, Zack.

Nada.

Ele bateu novamente.

– Nick Kashian, é o seu filho, Zachary. Por favor, abra.

Em algum lugar ao longe, um mergulhão gritou.

– Está trancada – Sarah sussurrou.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Um cadeado de segredo em aço inoxidável estava pendurado no trinco. Ele passou os dedos por baixo do cadeado e levantou-o até a luz da lanterna de Sarah. Testou-o. Então, como se os seus dedos tivessem uma mente própria, ele girou o dial para a direita três vezes até 24, depois, uma vez para esquerda até 8, e depois, duas vezes para a direita até 14, e o

cadeado abriu.

– Como você sabia? – Sarah perguntou.

Ele balançou a cabeça. Os números simplesmente haviam chegado aos seus dedos. Ele removeu o trinco e abriu a porta.

O interior estava iluminado por uma única lanterna de querosene. E a impressão imediata era de desorganização. Coisas recolhidas ao longo de anos de ocupação. Recipientes plásticos de querosene vazios pendurados aos cachos em uma viga de suporte do teto, cujo pé-direito tinha cerca de três metros. De outra viga pendiam pedaços de carne e peixe secos e escuros embrulhados em gaze.

A cama improvisada estava encostada à parede da esquerda, coberta por um travesseiro cinza e roupa de cama suja e amarrotada. Havia um pequeno fogão a lenha na parede oposta. Ele podia sentir seu calor.

No ar, misturavam-se os cheiros de suor, fumaça e madeira mofada.

Na parede, prateleiras cheias de produtos enlatados, potes de comida, panelas, uns poucos utensílios e grãos e frutas secas. A velha Nikon de seu pai. Teleobjetivas guardadas em estojos cilíndricos.

Em outra parede, três suportes, dois deles apoiando espingardas. Em uma prateleira próxima, caixas de munição. Perto da porta, pendurados, facas embainhadas e um facão de mato. E, pendendo de cavilhas na parede, jaquetas com capuz, camisas e um par de botas de pescaria. Uma

bancada pequena e uma cadeira assentavam-se ao fundo, em frente à

cama. Várias ferramentas estavam alinhadas em um painel.

– Zack.

Sarah apontava sua lanterna para algumas fotografias desbotadas

pregadas na parede acima da mesa de trabalho. Fotografias dele e de Jake

ou dos quatro, o mesmo retrato de família sobre a lareira de sua mãe. Uma

delas mostrava Zack, ainda um garotinho, segurando orgulhosamente uma

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

truta de riacho quase tão grande quanto ele, a água ao fundo. Ele nunca

tinha visto aquela foto. Devia ter sido tirada em algum lugar perto dali.

Mas o que chamou a atenção de Zack encontrava-se na parede sobre a

cama. Era uma aquarela de Jesus pregando para seus seguidores; embaixo,

em um tríptico, o pai-nosso escrito em inglês, em algum idioma

estrangeiro, e uma transliteração alfabética. Zack pegou seu telefone

celular e exibiu o vídeo de seu murmúrio no coma.

Avvon d-bish-maiya, nith-qaddash shim-mukh

Tih-teh mal-chootukh. Nih-weh çiw-yanukh:

ei-chana d’bish-maiya: ap b’ar-ah.

Haw lan lakh-ma d’soonqa-nan yoo-mana.

O’shwooq lan kho-bein:

ei-chana d’ap kh’nan shwiq-qan l’khaya-ween.

Oo’la te-ellan l’niss-yoona:

il-la paç-çan min beesha.

Mid-til de-di-lukh hai mal-choota

oo khai-la oo tush-bookh-ta

l’alam al-mein. Aa-meen.

– Palavra por palavra – disse Sarah.

Zack assentiu. – Só que não é a minha voz.

Antes que Sarah pudesse responder, a porta da cabana se escancarou

e uma figura entrou cambaleando.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

—
—
—
—
—
—
—
—

a

Ele mal conseguiu reconhecê-lo por trás da espingarda.

– Pai, sou eu, Zack.

O rosto de seu pai estava meio encoberto pelo capuz da grossa capa de chuva cinza. O cabelo ensebado caía-lhe sobre a testa, e a parte inferior da face estava enterrada sob uma barba imunda. Mas aqueles olhos eram os olhos de seu pai: duas pedras preciosas verdes e penetrantes que Zack havia herdado.

Ele olhou para Zack, com a espingarda oscilando em sua direção.

– Pai, sou eu, e esta é a minha amiga Sarah. Estamos aqui para ajudá-lo.

Por um momento paralisante, Zack não pôde dizer se alguma coisa estava sendo registrada pelo brilho selvagem dos olhos de seu pai. Ele podia estar totalmente demente e atirar neles por invadir a cabana.

Tem gente que acha que eles não batem muito bem da bola: vivendo muito isolado... Num importa: nóis num mexe cum eles, eles num mexe cum nóis.

Seu pai apontou o cano da arma para Zack. Em seguida, para Sarah.

– Quem é você? – Sua voz era áspera pela falta de uso.

– Esta é Sarah Wyman. Ela é enfermeira. Nós viemos para ajudar.

Ele manteve o cano da espingarda apontado para a barriga dela. Ele se balançava e fazia caretas; sua boca se movia debaixo da barba preta com

fios grisalhos, como se estivesse conduzindo uma conversa interior.

Olhou boquiaberto para Zack, espremendo os olhos e contorcendo o

rosto, como se estivesse tentando registrar o reconhecimento. Parou de

apontar a espingarda para Sarah e mirou Zack, fazendo-o estremecer. Ele

não me reconhece, Zack pensava. Sua mente se foi e ele não tem ideia de

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

quem eu sou: apenas um intruso no meio da noite, que veio aqui para

roubá-lo. Em um momento de pavor, Zack se perguntou se ele, por meio

de algumas recordações profundas, acabara atraindo as miseráveis e

dementes reminiscências de alguém que costumava ser seu pai e que

podia transformar o momento seguinte em uma carnificina. Enquanto

observava o buraco negro do cano da arma entre eles, Zack pensou em

segurá-la. Mas, se disparasse, eles poderiam ser atingidos.

– Pai, por favor...

Antes que pudesse terminar, o pai soltou um grito doloroso e

desmoronou, caindo sobre um joelho, estremecendo e ofegante. A arma

caiu no chão de madeira. Zack pegou-o por um braço, Sarah por outro.

Lentamente, eles o levaram para a cama. Ele gemeu quando removeram a capa e ergueram seus pés sobre a cama. Gentilmente, o deitaram no colchão fino e manchado, com cheiro de azedo deixado pelos odores do corpo. Sarah pegou um velho suéter para fazer de travesseiro, e Zack o ajeitou sob a cabeça do pai.

– Santo Deus! – Zack murmurou. O lado direito do paletó do pai estava escuro de sangue.

Zack não sabia se o choque devia-se à constatação de que seu pai de fato havia sido baleado como fora pressagiado na EQM ou da ferida horrível que a bala havia deixado.

Ele tentou não reagir ao odor rançoso de podridão quando removeram o curativo feito com um trapo e silver tape. Provavelmente a bala ainda estava alojada dentro dele, e onde ela havia entrado era um buraco franzido e fétido de secreção purulenta, aureolado por um inchaço grave da carne descolorida.

A primeira coisa que passou pela cabeça de Zack foi que o ferimento havia gangrenado. A segunda foi que aquilo tinha se espalhado para o cérebro de seu pai, tornando-o delirante e incapaz de reconhecê-lo. Estava tremendo de febre e desidratação. Sem antibióticos, ele provavelmente não sobreviveria à noite.

– Nós temos de levá-lo para um hospital.

– Hospital, não. – As sílabas saíram arranhando a garganta de seu pai.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Mas a infecção se espalhou – disse Sarah.

– Não quero morrer em um hospital – disse o pai, com voz ofegante.

Fora a primeira declaração lúcida que tinha feito.

– Ok – disse Zack, aliviado. Do bolso do paletó, tirou um frasco de

Percocet, que sobrara após a alta do hospital. Colocou dois comprimidos

na boca do pai e levou a garrafa de água aos seus lábios.

– Isso vai fazer você se sentir melhor. – O pai engoliu as pílulas.

Enquanto isso, Sarah removeu os sapatos de Nick e puxou o cobertor

sobre ele. Ela colocou um pouco mais de lenha no fogão para afastar a

friagem.

Enquanto esperavam que a droga surtisse efeito, Sarah balançou a

cabeça negativamente para dizer que a condição de Nick parecia ruim.

Zack segurou a mão do pai enquanto ele fechava os olhos,

estremecendo, ocasionalmente, por causa da dor e esperando a medicação

agir.

Enquanto Zack observava seu pai, as coisas voltaram em sua memória.

A forma como a veia azul em sua testa era visível, agora pulsando com o coração sobrecarregado. A pequena falha em um dente da frente, resultado de uma queda da bicicleta, quando era criança. O dedo médio ligeiramente torto na mão direita, que ele havia quebrado na faculdade durante uma brincadeira de fraternidade. Pequenas particularidades de que ele já não se lembrava. Entretanto, os olhos verdes ainda brilhavam com um fogo que ele jamais esquecera. Afinal, eles encaravam Zack toda vez em que ele se olhava no espelho.

Também podia ver como ele tinha envelhecido: os profundos vincos em torno dos olhos, a ruga entre as sobrancelhas. As manchas senis na testa e nas costas das mãos. Vários cortes e cicatrizes em seus braços. As unhas lascadas e enegrecidas, a sujeira em seu cabelo emaranhado. A barba desgrenhada e grisalha. Ele vivia em meio à natureza, renunciando ao mundo ,civilizado' como um Thoreau dos últimos dias, subsistindo da terra que ele amava – aquele santuário de Magog.

Mas o que cortava o coração de Zack era a certeza de que aquelas eram as últimas horas que ele passaria com o pai que ele mal conhecia.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de

plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Tanta coisa para dizer, tanto para perguntar, e tão poucos batimentos cardíacos pela frente.

Em poucos minutos, a droga agiu. Nick abriu os olhos e sinalizou com a cabeça que se sentia melhor. Ele bebeu mais água.

Sarah levantou-se para lhes dar alguma privacidade. O interior da cabana era pequeno, mas ela foi para o outro lado, onde encontrou alguns guardanapos e silver tape para fazer um curativo limpo.

– Eu sabia que você iria me encontrar – falou com voz rascante. – Eu senti que você estava chegando.

– Eu também. Eu os vi enterrá-lo vivo em Sagamore. Vi você escavar a areia e sair. Eu estava com você.

Os olhos do pai se arregalaram.

– Você também tem o dom.

– O dom?

– Você vê o invisível. Você toca o espírito.

– Mas como?

Seu pai começou a falar, mas foi pego em um acesso de tosse que se transformou em uma saraivada de engasgos sibilantes. Sarah acudiu, e eles

o levantaram e seguraram até que conseguisse recuperar o fôlego. Sarah serviu-lhe uma caneca de água de um reservatório de cinco galões montado no canto mais distante. Nick tomou goles pequenos, penosos. Quando terminou, eles o recostaram em travesseiros improvisados. Por alguns minutos, ele ficou imóvel, com os olhos fechados.

De uma mesa encostada na parede oposta, Sarah voltou com uma caixa de papelão com uma tira de silver tape sobre a tampa, e ZACK escrito à mão.

Dentro havia um álbum com fotos em preto e branco; a primeira delas mostrava Zack recebendo seu diploma de graduação na área de humanidades. Ela não fora tirada pelo fotógrafo oficial da cerimônia de formatura, mas com uma teleobjetiva no meio da multidão, provavelmente a que descansava agora na prateleira ao lado da velha Nikon F.

E havia outras fotos, todas de Zack: jogando softball no campo da Columbus Avenue; de sua formatura no ensino médio, nas quais aparecia

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

recebendo do diretor o cheque referente à bolsa de estudos; Zack

dominando os adversários nas competições de luta livre do colégio; fotos da Liga Infantil, apanhando uma bola aérea muito alta. Havia dezenas delas; todos os eventos da vida do jovem Zack registrados em fotografias feitas de longe. Seu pai tinha estado lá, invisível.

– Você me deixou orgulhoso – o pai sussurrou.

– Por que não me deixou saber?

– Eu não fazia parte da sua vida.

– Isso é ridículo. Você era meu pai. Eu precisava de você. Nós precisávamos de você.

– Não fui o homem que deveria ter sido. – Lágrimas brotaram dos cantos de seus olhos. – Não consegui lidar com as coisas. A morte de seu irmão... criar você, ser casado. Eu era muito fraco. Muito fraco. Não era digno de ser seu pai.

– Você era digno.

Ele balançou a cabeça e, num sussurro falhado, murmurou:

– Não conseguia viver em um mundo que eu não entendia.

– Então, você foi para o mosteiro.

– Para que Deus me perdoasse, me ajudasse a entender... Minha penitência.

– Por quê?

– Pela morte de Jake, por ser um pai ruim, um marido ruim. Por toda

a minha fraqueza.

– Por que você não respondeu às minhas cartas, pelo menos?

– Eu respondi. – Ele apontou para uma caixa de charuto de madeira

na prateleira junto aos livros e cartuchos de espingarda. – Eu guardei todas

elas. E outras coisas.

Sarah foi até a prateleira e pegou a caixa para Zack. Seus olhos

estavam molhados.

Lá dentro estavam todas as cartas de Zack enviadas a partir do

momento em que ele soube onde o mosteiro ficava. Estavam amarradas

com barbante. Também cartas de seu pai dirigidas a ele, mas não enviadas.

Não havia selos nos envelopes. Também um pequeno diário, parecendo

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

um livro-caixa. Quando Zack o pegou, o pai sussurrou:

– Não. Depois...

Dentro também havia um envelope de papel pardo grosso endereçado

a Adam Krueger, em Boston.

– Adam Krueger. Eu conheço esse nome. Ele é um vendedor de

seguros.

Nick balançou a cabeça negativamente.

– Advogado.

– O cara que assina todos os cheques para a mamãe. Nós pensamos que era dinheiro do seguro depois que disseram que você havia morrido. – Eles recebiam pagamentos regularmente de duas fontes distintas, e sua mãe presumira que eram de duas apólices de seguro de vida diferentes. – De onde o dinheiro vem?

– Luria – o pai sussurrou. – Eu queria encontrar Jake. Eles continuaram me pagando.

– E você dava o dinheiro para a mamãe.

Ele balançou a cabeça confirmando.

– Além disso, quando eu morrer... onde me colocar. Está tudo aí. –

Ele mal conseguia falar e se encolhia de dor.

Zack se aproximou do ouvido do pai.

– Pai, eu vi a morte de Volker e Gretch.

O pai virou a cabeça um pouco, mas nada disse.

– Eu os vi sendo mortos.

Ainda nenhuma reação.

– Foi você?

Após um momento, ele confirmou com a cabeça.

– Na carta para Adam. Ele saberá o que fazer.

– Você os matou.

– A vingança é o pior dos males – ele sussurrou. – Por isso eu me

tornei um irmão.

– Você entrou para o convento por causa deles?

– Queria encontrar a paz. Perdão. Mas não pude me proteger de mim

mesmo. Talvez ele estivesse zangado por eu ter abandonado você e a

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

mamãe.

– Quem?

– Deus.

– Por que...

– Talvez eu os tenha matado como penitência por não ter sido um pai

para você. – Então, ele acrescentou: – Não estou culpando Deus. Eu

deveria tê-los perdoado. Mas não consegui. Também não pude me

perdoar... por abandoná-lo.

– Eu perdoo você.

Ele balançou a cabeça em sinal de aprovação, enquanto as lágrimas corriam dos cantos de seus olhos.

– Você é um homem melhor do que eu jamais fui. – Ele lutou para recuperar o fôlego. Com o pouco de força que lhe restava, apertou a mão de Zack.

Zack beijou-o na testa.

– Eu amo você, atleta.

– Eu amo você, papai.

– Cuide bem de sua mãe. É uma boa mulher.

Então, ele indicou a caixa de charuto no colo de Sarah. Queria que Zack fosse passando as fotografias, mostrando-as. Zack obedeceu. Quando chegou a uma determinada foto, Nick o interrompeu. Mostrava um afloramento de granito na floresta. Zack o reconheceu: um lugar que ele visitara com o irmão e o pai, havia muitos anos. O mesmo que vislumbrara na sessão de EQM.

– Quando chegar a hora, leve-me para lá.

Nick novamente sinalizou para Sarah procurar outra foto. Quando ela chegou à correta, ele pegou-a da mão dela. Era uma cópia da que estava presa à parede da cabana, em cima de sua cama; uma foto tirada na frente da casa em Carleton. Os quatro juntos, radiantes: Nick, Maggie, Jake e Zack, que devia ter uns 8 anos na ocasião – uma época feliz. Com dedos

trêmulos, ele guardou a foto no bolso da camisa para ser enterrado com

ela.

Zack beijou a testa do pai, com uma dor enorme dilacerando seu

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

coração.

Mais ou menos uma hora se passou enquanto a respiração de Nick foi

se tornando mais curta, e ele fechou os olhos pela última vez, lutando por

ar.

Sentaram-se com ele em silêncio, segurando suas mãos. Zack de um

lado, Sarah de outro. E, depois de vários minutos, ele caiu em um sono

profundo.

Cerca de uma hora antes do amanhecer, tudo estava acabado. Seu

último suspiro foi um suave Ahhhh, como se tivesse encontrado algo que

um dia perdera. Em seguida, seu peito deixou de se mover, o coração

silenciou e o pulso caiu para zero.

Zack esperou mais alguns minutos, ainda segurando a mão do pai.

Logo ele perdeu o calor, e seu corpo se tornou algo cerimonial.

Então, Sarah foi para o outro lado da sala, enquanto Zack lavava o

corpo do pai com uma toalha e água do reservatório. Eles o vestiram

novamente e o envolveram em um cobertor. Sarah leu as instruções de

enterro mais uma vez.

Depois, abriram a porta da cabana para o ar frio e cinzento.

Em algum lugar ao longe, um mergulhão gritou.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

88

Quando saíram, Zack estava entorpecido.

Não era apenas tristeza. Em algum nível inexprimível, sentia-se abandonado. Todos os vislumbres sobrenaturais pareciam ter evaporado no frio da manhã. Seu pai havia morrido, e algo havia deixado a alma de Zack: uma pequena incandescência, que havia queimado no fundo da sua consciência como um filamento.

Lá no alto, por trás da negra silhueta das árvores, uma luminosidade

cinzenta começava a se infiltrar no céu.

Zack carregava o corpo do pai, agora um fardo embrulhado, através da floresta, seguindo Sarah com a lanterna. Nick perdera tanto peso em consequência da desidratação que pareceu a Zack estar com uma criança nos braços. Provavelmente, a mesma sensação que seu pai sentira tantas vezes ao levá-lo para a cama, quando Zack adormecia no sofá da sala.

Deslocavam-se por um caminho vagamente gasto por entre o mato e os galhos de árvores caídos, guiados pela lanterna de Sarah. O ar estava pesado com a umidade da madrugada e o cheiro de mofo do solo encharcado. Da lama e do humo, nasciam novos brotos.

Após uns dez minutos de caminhada, chegaram a um enorme afloramento de granito que se erguia a uma altura de cerca de sete metros e meio do solo, terminando em um pico cônico que lembrava uma figura encapuzada debruçada para fora do matagal. Ele conhecia aquele monólito. Ele o escalara com seus tênis de criança. Pedra do tabernáculo.

O nome lhe veio do nada. Não sabia se quem batizara a rocha assim foram os primeiros colonos ou foi o seu pai. Mas ele levara Zack e Jake ali, quando eram pequenos.

Na base da rocha havia uma pilha de folhas e ramos mortos. Ao lado

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

dela, um monte de terra coberto por uma lona plástica. Zack deitou o corpo de seu pai no chão e, então, ele e Sarah removeram a cobertura. Debaixo dela estava o buraco da sepultura que seu pai havia cavado, cerca de 1m80 de comprimento, uns sessenta centímetros de largura e mais ou menos noventa de profundidade. Havia sido cavada para ser funcional: ele deixara os lados mais ou menos retos, mas não se preocupara em revesti-la com pedras nem arrancara raízes perdidas.

Zack removeu a lona de plástico, revelando a camada de terra, bem como uma pá militar de cabo curto. Com um pequeno choque, Zack percebeu que seu pai – um homem que não tinha amigos, que havia se tornado um ermitão no meio do nada – havia cavado sua própria cova com o único propósito de aliviar Zack da tarefa desagradável. Mais do que isso, seu cuidadoso planejamento antecipara a jornada de Zack até ali, talvez até mesmo o tivesse convocado. Havia tantas incógnitas, tantas coisas invisíveis.

Antes de eles baixarem o corpo no buraco, Zack afastou o cobertor do rosto do pai para contemplá-lo mais uma vez. Talvez fosse só sua

imaginação, mas ele lhe pareceu estar em paz.

Beijou-lhe a testa de novo.

– Adeus, pai.

Então, com lágrimas embaçando-lhe os olhos, cobriu-o com o cobertor novamente. Sarah puxou-o para si e deu-lhe um abraço apertado. Ambos estavam chorando agora. Por um longo momento, ajoelharam-se ao lado do corpo do pai de Zack, juntos um do outro.

Algum tempo depois, Zack pegou a pá e começou a enterrar o pai.

Sarah ficou ao lado dele, segurando a lanterna. Lá no alto, as aves despertavam para o amanhecer. Ele podia ouvir seus trinados e gorjeios enquanto cobria os pés e as pernas de seu pai, parte incrédulo, parte estranhamente pleno.

Estava quase terminando quando ele se virou para o caminho, meio que esperando ver algo emergir dentre as árvores.

– O que foi? – perguntou Sarah.

– Nada. – As árvores formavam um paredão escuro e inerte. – Só um

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

veado.

Zack voltou para a pá.

Enterrou o pai, enquanto Sarah sentou-se silenciosamente sobre a lona, com os joelhos pressionados contra o peito, observando-o. Nenhum deles disse nada. A luz cinzenta da aurora tornava-se cada vez mais brilhante.

Quando terminou, Zack cobriu o monte com pedras, fazendo um pequeno dólmen. De acordo com a vontade do pai, ele não colocou uma cruz de gravetos nele. Em vez disso, com Sarah ao seu lado, com o braço em volta dele, Zack fez uma prece silenciosa.

– Adeus, pai. Que você encontre a paz onde quer que esteja.

– Que tocante!

Sarah gritou.

Das árvores atrás deles, saiu um homem com uma arma.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

—
—
—
—
—
—

a

– Quem é você?

O homem emergiu das sombras, com uma pistola apontada para Zack.

– A verdadeira pergunta é ,Quem é você?'

Estava vestido com jaqueta, calças e chapéu camuflados. No ombro, trazia uma mochila com alguma coisa saindo dela, terminada por um cabo preto. E, apontada para o peito de Zack, uma pistola de cano longo, exagerado por aquilo que parecia ser um silenciador. Ninguém sai para caçar com um silenciador.

O homem caminhou para a clareira, com os olhos arregalados.

– Então, é você o homem milagroso.

Ele parecia vagamente familiar.

– O que você quer?

– Disseram-me que você tinha fugido. Mas Morris teve a gentileza de me mostrar seus vídeos. Que foi como eu o encontrei. Magog Woods... não é propriamente um local turístico.

– O que você fez com Morris? – perguntou Sarah.

– Morris? Você quer dizer o falecido Morris, grande capanga de Satanás? Digamos apenas que eu o aliviei de sua vida de blasfêmia.

– Seu filho da mãe!

Ele a ignorou e olhou para Zack.

– Alguns dizem que você pode fazer milagres. Outros dizem que você

é o diabo disfarçado. Eu só estou querendo saber qual é a verdade.

– Eu não sei do que você está falando.

– Você recita as palavras de Jesus na língua antiga. Você vê coisas que

não estão lá. Talvez seja Deus falando por seu intermédio. Isso é bastante

impressionante. Pode ser também que você seja o Anticristo.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

De repente, Zack se lembrou de onde tinha visto aquele rosto. O cara

no bar do Grafton Street Pub & Grill, na Harvard Square. Ele os estava

seguindo.

– O que você quer?

O homem se aproximou.

– O que eu quero é saber se você é um anjo ou um demônio.

A expressão em seu rosto dizia que sua pergunta era mortalmente

séria. Ele olhava para Zack com o mesmo olhar de expectativa maravilhada

que ele imaginava que iluminava os rostos daqueles que haviam se reunido

em torno de seu leito no hospital. Só que aquele cara tinha uma arma,

para o caso de Zack ser a coisa errada ou nenhuma das duas.

– Você vai ter que decidir isso sozinho. – Zack podia sentir que Sarah olhava para ele horrorizada, perguntando-se por que ele estava provocando o cara.

– Demônio ou anjo, você pode fazer coisas que o resto de nós não pode. Não é mesmo?

Zack não respondeu.

– Quero dizer, talvez você tenha alguns poderes extraordinários. Então, ou você trabalha para o homem lá de cima ou para o cara lá de baixo. Para qual, afinal?

– Se é dinheiro que você quer, podemos ir ao banco mais próximo.

– Você vale mais para mim do que qualquer quantia que possa tirar de um banco.

– O que isso quer dizer? – Zack perguntou.

– Quer dizer que há pessoas que vão pagar muita grana por você, vivo ou morto. – Ele chegou mais perto. – Vamos lá, mostre-me o que pode fazer. – Ele se abaixou e apanhou uma pedra do túmulo. Sopesou-a e, em seguida, atirou-a aos pés de Zack. – Transforme isso em um pedaço de pão.

Zack olhou para a pedra.

– Fala sério.

O homem se alterou e encostou a pistola em Zack.

– Eu estou falando sério. Não poderia estar falando mais sério. Se

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Jesus está em você, faça!

– Eu não posso.

– Não? – Então, ele pegou um galho do chão e jogou-o aos pés de

Zack. – Que tal uma serpente?

– Eu não faço truques de magia.

– Eu não estou pedindo truques. Eu quero coisas verdadeiras. Dizem

que você tem poderes sobrenaturais. Eu quero que você me mostre. Eu

quero ver um milagre.

Zack não disse nada.

– Vamos! – exigiu ele. – Faça o céu nublar. Faça a névoa subir. Faça

algo acontecer, um maldito pilar de fogo ou algo assim. Mostre-me o que

você é e por que todo mundo está atrás de você, disposto a pagar milhões.

– Eu não posso... – começou Zack.

O homem virou a arma para Sarah e atirou.

Ela gritou e agarrou o próprio braço. A bala atravessou seu moletom um pouco acima do cotovelo. Ela levantou a manga, revelando um filete de sangue.

– Vamos lá, homem milagroso, cure-a. Você pode fazer isso. Você tem o cérebro de Deus ou seja lá como chamam. Faça!

– Seu filho da puta – disse Zack, partindo para cima dele.

Mas o cara o parou com a arma.

– Você quer viver? Então, cure-a. Faça isso. Você canaliza os poderes de Deus, então faça, porra! Mostre-me que você é Deus.

Sarah gemia de dor enquanto o sangue escorria por entre os seus dedos. Sem dizer nada, Zack tirou a jaqueta, fez um buraco na manga de sua camisa com os dentes e rasgou-a fora do braço. Ele amassou o pano para estancar o sangue. Só havia acertado a carne, embora o sangramento fosse constante.

– Acha que isso é uma piada? – o homem gritou. – Eu quero que você faça o ferimento desaparecer, e não uma bandagem de merda.

Com o cinto, Zack fez um torniquete no braço de Sarah.

– Desculpe – ele sussurrou.

– Eu estou dizendo para você curar a porra do ferimento dela.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o

identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Eu não posso.

O homem apontou a arma para a sepultura e disparou duas vezes no

monte de terra.

– E quanto a ressuscitar os mortos, hein? Jesus fez isso com não sei

quem... Lázaro. Vamos, ressuscite o seu velho. – A intensidade em seus

olhos era feroz. – Traga-o de volta.

– Você é louco.

– Louco, eu? Sim, talvez eu seja. – Ele olhou para Sarah como se

pensasse em atirar nela para matar.

– Que diabos você quer de mim?

Ele virou a arma para Zack.

– Eu quero que me mostre que você é de verdade, não um maldito

boato. Mas isso é o que eu acho que você é: um maldito boato. – Ele

atirou em um ponto entre os pés de Zack. Sarah gritou.

– Uma maldita mentira, como todo o resto. E Deus é a maior mentira

de todas. Pode-se muito bem acreditar em Papai Noel. Porque, sabe de

uma coisa? Nada existe. – Ele ergueu a pistola para o céu e disparou. –

Não tem nada no maldito céu! – gritou, pulverizando saliva. – É tudo mentira. São todos uns malditos mentirosos: a porra do padre Infantino, os santos, o papa. Tudo mentira. A merda do céu não existe. Não existe porra nenhuma de salvação. Nem Deus, nem Jesus. Tudo não passa de uma maldita fraude.

Ele apontou a arma para Zack e disparou outro buraco no chão diante dele.

– Este é o verdadeiro inferno – continuou. – Estamos vivendo nele. Não há mais nada. E quando acabar, acabou. Um buraco negro na terra para sempre.

Com uma só mão, alcançou o ombro, agarrou o cabo preto que saía da mochila e puxou um facão. Então, apontou a arma para o peito de Zack.

– Para mim, você vale mais morto.

– Não. Não! – gritou Sarah.

O homem ergueu o facão, a lâmina longa e brilhante parecia um grande facho de luz apertado em sua mão.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Quem o contratou? – Zack disse.

– Um idiota que pensa que você é o diabo. Mas você não pode nem acender um maldito fósforo.

– Diga-me o nome dele.

O cara olhou para ele com os olhos vazios de expressão.

– Norman Babcock.

– Você matou Tom Pomeroy – disse Sarah.

– Sim, e agora você, sua maldita fraude. – Ele ergueu a arma para o peito de Zack.

– Não! – Sarah gritou.

O atirador, de repente, virou-se para o paredão de árvores. Seu rosto estava tenso, os olhos, arregalados de choque. Ele largou o facão e segurou a arma com as duas mãos, mirando alguma coisa logo atrás do paredão escuro. Moveu a arma de um lado para o outro, tentando localizar o seu alvo, apontando-a para a esquerda e depois para a direita, depois para cima, para as copas das árvores. De repente, ele congelou os braços estendidos e disparou três tiros em rápida sucessão.

Pequenos galhos e folhas explodiram em todas as direções. Mas Zack não conseguiu ver ninguém, só o mato, as árvores e passarinhos fugindo assustados. Ainda segurando a arma com as duas mãos, o homem virou para outra direção, esvaziou o pente e, em seguida, pegou outro novo em

seu bolso, para recarregar a arma.

Zack puxou Sarah para perto de si.

– No que ele está atirando? – perguntou ela.

Zack não tinha ideia. O cara estava rastreando algo invisível nas árvores, balançando para lá e para cá. Disparou mais, esvaziou o pente e recarregou a arma, em seguida. Mais galhos e folhas explodiram, e o único som era o de pássaros assustados. Se houvesse caçadores ou até mesmo a polícia, eles teriam se revelado ou revidado os tiros.

Com a última saraivada, ouviu-se um guincho. E, do nada, um grande falcão cortou o céu, com as asas abertas em toda a extensão.

Por reflexo, o atirador mirou e disparou.

A ave despencou do céu desajeitadamente e bateu no chão com um

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

baque surdo, a uns seis metros de distância. Uma asa estava esticada de maneira não natural, a outra, dobrada debaixo do corpo, talvez quebrada, a cabeça em um ângulo estranho. Zack vislumbrou uma mancha vermelha, mas não sabia se era sangue ou penas da cauda. Daquele pequeno monte

desconjuntado, um olho aberto olhava para Zack.

Sem pensar, ele ergueu as mãos em direção à ave:

– Avvon d-bish-maiya, nith-qaddash shim-mukh.

– O quê?

– Tih-teh mal-chootukh. Nih-weh çiw-yanukh...

– Que diabos ele está dizendo?

– ei-chana d’bish-maiya: ap b’ar-ah.

– Ele... ele está... – Sarah tentou falar.

– Haw lan lakh-ma d’soonqa-nan yoo-mana.

– É Jesus – ela sussurrou.

– O quê?

– É Jesus. Ele está falando por intermédio dele.

– O’shwooq lan kho-bein: ei-chana d’ap kh’nan shwiq-qan l’khaya-ween.

– Pare com essa merda!

– Oo’la te-ellan l’niss-yoona: il-la paç-çan min beesha.

– Não, é sério... – disse ela. – Jesus está falando por intermédio dele.

Essas são suas palavras. É Jesus.

Zack ouvia as sílabas saírem de sua boca, sem saber de onde vinham ou como ele poderia pronunciar os sons estranhos, mas continuou a recitar o encantamento, enquanto o atirador parou diante dele atordoado, com a

pistola na mão ainda mirando o coração de Zack.

Como as palavras continuaram fluindo de Zack, o homem olhou para

ele com os olhos arregalados de espanto, como também fazia Sarah. Talvez

para testá-lo, o atirador ergueu a arma a poucos centímetros do rosto de

Zack e cutucou o ar diante de seus olhos. Mas Zack não vacilou, não

gritou. Ele continuou a recitar a antiga prece.

– Mid-til de-di-lukh hai mal-choota.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Eu não sei se ele está em um transe ou está fingindo. – Então, ele

apontou a arma para Sarah. – Isso é algum tipo de truque mentiroso.

– Oo khai-la oo tush-bookh-ta l’alam al-mein. Aa-meen.

– Filho da puta! – Ele encostou a arma no coração de Zack.

– Não! – gritou Sarah.

De repente, saindo do chão, o gavião esvoaçou na direção do homem.

Por reflexo, ele girou na direção da ave e disparou. Ele errou, e o gavião

voou. Mas, antes que pudesse se virar para eles, Zack pulou para apanhar

o facão, ergueu-o e, com toda a sua força, golpeou-o. A lâmina amputou a

mão do homem que empunhava a arma. Sem acreditar, ele gritou, enquanto o sangue jorrava do coto; a mão decepada ficou caída no mato, ainda segurando a arma.

Zack pisou na arma e enfrentou o homem com o facão. Segurando seu coto, ele cambaleou em direção à cabana, urrando de dor.

Zack ajudou Sarah a se levantar e eles foram atrás dele. Trilharam o caminho ainda escuro. Por causa da vegetação espessa e da roupa camuflada do homem, eles não podiam ver para onde ele tinha ido. Nem podiam ouvi-lo.

E tudo era silêncio.

Logo chegaram à clareira da cabana. Nenhum vento nas árvores. Nenhum canto matinal de pássaros. Nenhum zumbido de insetos. O lugar parecia uma natureza morta. Nada se movia.

Nada além do gotejar de sangue.

Sarah gritou assustada, e demorou um pouco para a mente de Zack se dar conta do que a assustara. O atirador estava caído sobre o toco de cortar lenha do pai de Zack. Seus braços estavam esparramados pelos lados, suas pernas estavam abertas, o sangue que escorria da mão decepada formava uma poça no chão.

Ao que parecia, ele havia tropeçado no toco e ficou empalado no esporão exposto do machado do pai de Zack.

Por vários minutos, eles vasculharam a área onde ele havia

descarregado os pentes de bala. Descobriram cicatrizes brancas nas

árvores e galhos quebrados pelas balas. Mas não havia pegadas. Nem

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

brotos pisoteados. Nenhum sinal de qualquer outra presença. Pelo que

podiam perceber, o homem atirara em nada.

Nada visível.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

Sete semanas depois

– A Zack, pela aprovação de sua dissertação – Maggie disse, levantando uma

taça de champanhe. – Parabéns!

– A Zack.

E seis taças se tocaram levemente sobre a mesa.

Era uma amena noite de agosto, e eles estavam sentados a uma mesa externa no Daisy Buchanan’s, um restaurante da moda na Newbury Street. Zack havia recebido a boa notícia de seu orientador, dois dias antes. E celebrando com ele estavam sua mãe, Sarah, Anthony, Geoff e Damian.

– Então, você completa o mestrado em dezembro e depois vai fazer o quê? – Anthony perguntou.

– Depois, eu vou procurar um emprego de professor – disse Zack.

– Eu brindo a isso também – disse Maggie.

Ele sabia que iria fazê-la feliz, uma vez que ela própria dedicara-se por vinte anos ao ensino. Embora seu orientador o incentivasse a obter o doutorado, ele decidiu candidatar-se a uma vaga de professor em colégios e faculdades de Boston ou nas cercanias, para ficar perto de sua mãe e de Sarah.

Fazia quase dois meses que ele e Sarah vinham se encontrando regularmente, e nesse tempo Zack acalentou a possibilidade de tornar as coisas mais sérias entre eles. O fato de Maggie haver se afeiçoado a Sarah ajudou na decisão.

– À educação e uma vida de pobreza – disse Zack.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda

n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

– Bem, há de se levar isso em conta – disse Maggie, com uma risada.

– Pelo menos, algumas coisas não vão mudar – acrescentou Damian.

– Mas me livrei dos credores na minha cola.

– E você não precisa mais vender o seu sangue e a sua alma para pagar o cartão de crédito.

Tanta coisa havia acontecido desde os eventos em Magog Woods...

Elizabeth Luria não deixou um bilhete de suicídio formal, apenas o exame de sangue e a atividade neuroelétrica registrada durante a sua sessão autoconduzida. Embora ela jamais fosse conhecer os resultados do diagnóstico, as análises dos dados indicaram que ela experimentara transcendência momentânea. Como um ato de redenção por todo o mal feito aos outros, ela deixou a maior parte de seus bens para um abrigo de moradores de rua em Boston. Ela também destinara a Zack um cheque de 10 mil dólares. Ele esperava que ela finalmente houvesse encontrado o que buscara por tanto tempo.

Como Byron Cates e Sarah haviam se filiado ao laboratório após as

mortes dos moradores de rua, eles não foram incriminados na investigação policial que se seguiu.

Quanto a Norman Babcock, ele foi preso como cúmplice de assassinato. As evidências contra ele eram esmagadoras, pois seu matador de aluguel, Roman Pace, havia gravado as conversas em que os dois discutiram o assassinato de cientistas do projeto, como segurança contra uma possível traição. A quantia elevada encontrada no carro alugado de Pace combinava com os saques em dinheiro efetuados por Babcock.

A polícia ainda investigava a Fraternidade de Jesus para determinar se outros membros eram cúmplices no levantamento de fundos para a contratação de Pace. Essa investigação ainda estava em curso. As autoridades haviam interrogado Timothy Callahan, pastor da Igreja de São Pio, em Providence, e sobrinho de Babcock. Em entrevista à mídia local, Callahan negou saber qualquer coisa sobre as atividades criminosas de Babcock, alegando que seu tio era um solitário equivocado, cujas críticas violentas na Internet contra Warren Gladstone e cuja pesquisa sobre experiências de quase morte eram obsessões particulares, que não

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

deveriam ser levadas a sério. De acordo com o bispo da arquidiocese de Boston, a Fraternidade de Jesus era um grupo dissidente perturbadoramente reacionário de sedevacantistas que rejeitavam a política de ecumenismo e tolerância religiosa da atual Igreja, bem como dos últimos oito papas – portanto, eles não eram reconhecidos pela arquidiocese ou pelo Vaticano.

Maggie, é claro, ficara chocada ao saber que, até pouco tempo antes, Nick estava vivo e morando em Magog Woods. E duplamente chocada por ele ter matado quatro pessoas para vingar a morte de Jake. A carta em que Nick se desculpava fora enviada a ela pelo advogado, explicando que ele não conseguira derrotar as trevas e que entrara para o mosteiro em parte para resguardar Maggie e Zack de seu próprio e corrosivo desespero. Ele pedia perdão e afirmava que o seu consolo era acalentar o seu breve vínculo com Zack. Maggie não entendeu essa última declaração, e Zack não tentou explicá-la.

A garçonete e dois auxiliares chegaram com os pratos. Desde que a jovem anotara os pedidos, Zack havia percebido sua atenção. Na verdade, ele a notara assim que a hostess os levou até a mesa. Enquanto esperavam pelo champanhe, sentiu sobre si os olhos da equipe de garçons e de alguns clientes.

Quando ela o serviu, não pôde deixar de perguntar:

– Se não se importa que eu pergunte, o seu nome é Zachary Kashian?

– Sim.

Os olhos dela se iluminaram.

– Quando vi o nome na reserva, achei mesmo que fosse. Eu li sobre

você no jornal. – Ela sorriu nervosamente. – É bom ver você, e aproveite o

seu jantar.

– Obrigado – disse Zack, notando um crucifixo de ouro no pescoço da

moça. E, antes de se retirar, ela reposicionou o prato de salmão, roçando

os dedos contra as costas da mão dele. Não foi por acidente.

Durante a entrevista que havia concedido a um repórter do Boston

Phoenix, Zack admitira que ele não entendia completamente como havia

recitado as frases em aramaico enquanto estava em coma. Ele achava que

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

o pai havia ensinado a ele quando era criança e que, de algum modo,

aquilo tivesse vindo à tona quando ele bateu a cabeça no poste. Mas ele

não acreditava que estava canalizando Jesus. E não, ele ainda não poderia

dizer que acreditava em Deus, pelo menos não no Deus dos textos religiosos. Mas disse que acreditava que havia algo maior do que a humanidade, uma essência espiritual que podia ser sentida na vida humana.

Apesar dos testes de EQM, ele ainda não sabia se havia vida após a morte. Mas achava que, provavelmente, era melhor acreditar do que não acreditar. Quando lhe pediram para explicar, disse que crer não só nos ajuda a atravessar as fases difíceis da vida, mas torna mais fácil enfrentar tragédias com algo mais do que mera resignação. Se você vê a vida através de uma lente de esperança, tem menos medo das crises, menos medo da morte. Isso é o que motivava Elizabeth Luria, o assassino profissional e um monte de gente. Todos nós ansiamos pela eternidade.

Quando perguntaram se agarrar-se à esperança de uma vida após a morte tornava as pessoas mais empenhadas em ajudar os outros, ele disse que dependia da pessoa. Sua mãe não acreditava, mas ela era uma pessoa boa e amorosa que ajudava os outros por pura bondade, não pela esperança de ser recompensada na vida após a morte.

Quanto ao projeto de Luria, ele lembrou ao repórter a mensagem de Frankenstein: Não mexa com as forças naturais. Tudo bem acreditar na vida após a morte, mas tentar provar sua existência pode significar nos meter onde não devemos.

Zack não contou à imprensa que, às vezes, enquanto estava deitado na cama, ele agradecia por sua mãe, Sarah, seus amigos e sua própria vida a qualquer divindade fantasma que pudesse estar escutando. Nunca poderia dizer com certeza se o que aconteceu naquela floresta foi um acidente ou algo maior, mas ele também agradecia ao pai, por via das dúvidas.

Talvez acreditar fizesse as coisas acontecerem. Talvez querer acreditar fosse a essência da fé.

E, com esse pensamento, Zack olhou por cima da mesa para Damian, que, por um momento, fechou os olhos para dar graças. Quando olhou

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

para cima, Zack chamou sua atenção e assentiu com a cabeça:

– Eu também. – E Damian sorriu.

– Ok – Anthony disse, engolindo o resto de seu champanhe. – Os jornais e a TV já deixaram você de lado. Então, eu tenho de perguntar: o que realmente aconteceu lá no Maine?

– O que você quer dizer?

– Quero saber como você conseguiu pegar o cara. Ele era um

assassino profissional que treinava tiro ao alvo toda semana. De acordo com os jornais, o cara era Annie Oakley[25].

[25]. Nome artístico de Phoebe Ann Mosey (1860-1926), exímia atiradora do velho oeste que se apresentava exibindo sua destreza com as armas. (N. da T.)

– Não sei o que aconteceu – disse Zack. – Acho que ele apenas ‚bobeou'.

– Os policiais encontraram cartuchos por todos os lugares. Então, no que ele estava atirando?

– Eu não tenho ideia. Talvez estivesse tendo alucinações.

– Ele parecia estar drogado ou algo assim? – Anthony perguntou para Sarah.

– Não, ele parecia enlouquecido.

– Então, você está dizendo que ele se distraiu com o falcão que voava baixo.

– Mais ou menos isso.

Meio que inconscientemente, Zack tocou a corrente de prata em seu pescoço. Não era o crucifixo de seu pai. Tinha sido enterrado com ele. Havia sido adquirida em uma loja local, que executava serviços personalizados; e pendurada nela havia uma pequena pena de cauda vermelha. Apenas Sarah sabia que ele a usava. Se alguém perguntasse, era

apenas um amuleto de boa sorte.

Ele e Sarah haviam examinado longamente os acontecimentos daquela

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.

a

manhã, analisando cada momento e todos os movimentos para entender o

que realmente tinha acontecido. Mesmo depois, e apesar de sua boa

memória, Zack não conseguia recitar de cabeça mais do que as primeiras

sílabas da prece em aramaico que deixara o assassino estupefato. De onde

aquelas palavras haviam saído, ele não sabia explicar, embora o raciocínio

rápido de Sarah houvesse distraído o assassino. Tampouco sabia explicar

como aquela ave que parecia morta revivera. Nenhuma conclusão racional

que lhe ocorrera fora totalmente satisfatória.

– Eu não sei, cara – disse Anthony, balançando a cabeça. – Ou você

nasceu virado pra Lua, ou alguém lá em cima gosta de você.

Todos concordaram e voltaram para os seus pratos.

Todos menos Sarah. Ela e Zack se entreolharam. Foi um movimento

rápido, para não chamar a atenção dos demais, mas ele entendeu muito

bem o que ela estava dizendo com os olhos.

– Talvez sim – disse ele, e sentiu a mão dela deslizar por baixo da

mesa e apertar a dele. – Talvez sim.

Karen Wells e stava no comutador atrás do bal cão do pr onto -socorro do Jorda n Hospital qua ndo atende u à chama da de uma a mbulâ ncia. Era m qua se três horas da madruga da e os paramé dicos estavam traz endo um home m nã o identi ficado de cerca de 50 a nos de idade, com si nais vitais míni mos e possível parada car díaca. Ela alertou a s outras enfermeiras, o médico de plantão, o doutor Brian Ken nedy e dois residentes. Ele s preparara m um cubí culo vazi o espe cialmente eq uipado para pa cientes cardíacos.